PADRE JULIO MARIA DE LOMBAERDE

A MULHER BENDITA DIANTE DOS ATAQUES PROTESTANTES

Respostas Irrefutáveis às Objeções Protestantes contra o Culto da Santíssima Virgem Maria

PADRE JULIO MARIA DE LOMBAERDE

A MULHER BENDITA DIANTE DOS ATAQUES PROTESTANTES

Respostas Irrefutáveis às Objeções Protestantes contra o Culto da Santíssima Virgem Maria

Título: A Mulher Bendita Diante dos Ataques Protestantes - Respostas Irrefutáveis às Objeções Protestantes contra o Culto da Santíssima Virgem Maria.

Autor: Padre Julio Maria de Lombaerde, MSF (1878 – 1944).

Edição Original: O Lutador, Manhumirim - Minas Gerais, 1936.

Nova Edição: Publicação Independente, 1º Edição, Novembro de 2018.

Impressão, Distribuição: Agbook – Clube de Autores.

Selo Editorial: Primedia E-launch LLC.

EDIÇÕES CATÓLICAS INDEPENDENTES

E-mail: cesar.sim@hotmail.com

Facebook: fb.me/EdicoesCatolicasIndependentes

Edição, Transcrição, Revisão: César Augusto Simões.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L839a
Lombaerde, Julio Emílio Alberto de (1878-1944)
A Mulher Bendita diante dos Ataques Protestantes: Respostas Irrefutáveis às Objeções Protestantes contra o Culto da Santíssima Virgem Maria / Padre Julio Maria de Lombaerde – 1ª ed. – Publicação Independente, 2018.

459 p.
ISBN 978-1-68454-704-3

1. Religião. 2. Igreja Católica. 3. Apologética. 4. Virgem Maria
I. Título

CDD: 273
CDU: 27-87

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO
1. Controvérsias Doutrinárias e Heresias na História Geral da Igreja - 273

Ao ilustre e zeloso

Bispo diocesano

Sua Ex.ª Rev.mª.

D. José Maria Parreira Lara

Dedico este trabalho como expressão de veneração e de amor filial.

O AUTOR.

Imprimatur

Caratinga, 20 Decembris 1935

† Josephus Maria

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO À NOVA EDIÇÃO INDEPENDENTE

Em tempos recentes, surgiu o interesse dos católicos pelas obras antigas da catolicidade; estas obras são verdadeiras pedras preciosas, que infelizmente não ganharam novas edições na atualidade, tornando-se assim, verdadeiras Obras Raras do Catolicismo. Esta falta de interesse das grandes Editoras por essas obras nós não sabemos; porém, a iniciativa popular e pequenas Editoras, com muito custo, estão conseguindo devolver ao mercado editorial estas grandes obras esquecidas, relegadas aos sebos.

Esta Nova Edição Independente faz parte deste movimento editorial, tentando impedir que estes tesouros entrem verdadeiramente em extinção, porque estas publicações antigas estão se deteriorando e se perdendo com o tempo. É nosso desejo que aos poucos e com a graça de Deus, estes tesouros sejam republicados, não só pelas iniciativas independentes, mas também pelas grandes Editoras. Que este movimento chame a atenção delas e vejam o quão importante é isso, dando resposta ao anseio do mundo católico.

Que Nossa Senhora interceda por esses projetos, que é como se fosse uma verdadeira restauração de uma "Biblioteca de Alexandria Católica".

O AUTOR

Padre Julio Maria de Lombaerde, nascido em 7 de Janeiro de 1878, na Bélgica, foi um grande missionário. Chegou ao Brasil em 1912, fundou

as congregações Filhas do Coração Imaculado de Maria, dos Missionários de Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento e das Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora. Publicou também diversos livros defendendo com ardor a fé católica e a Virgem Maria, até mesmo de modo enérgico. Seus escritos são variados, tendo obras de espiritualidade, homilética, teologia dogmática, eucaristia, mariologia, polêmica, apologética, dentre outros. Criou também escolas, hospitais, asilos, etc.

Faleceu em 24 de Dezembro de 1944 em um acidente de carro. Em 2015 foi aberto o processo de beatificação e atualmente sua vida está sendo investigada na fase diocesana, já vários milagres e graças são atribuídos à sua intercessão. Suas últimas palavras foram: "Meu Deus, meu Deus! Nossa Senhora do Carmo! Meu Deus!"

Particularidades desta Edição

Nesta edição, a grafia das palavras foi atualizada para a norma vigente. Em alguns casos, palavras muito arcaicas foram trocadas por outras equivalentes na atualidade; quando não se tinha uma palavra equivalente, foi adicionado o significado nas Notas de Rodapé. Foi adicionado também algumas preposições, como "de", "do" ao texto para melhor compreensão; porém estas e outras intervenções no texto foram mínimas.

As Notas de Rodapés originais foram mantidas, somente as citações em Latim foram suprimidas, contudo, a fonte destas citações foi mantida. Foram adicionadas Notas que complementam o texto e atuali-

zam algum dado histórico defasado. Todas as Notas de Rodapé que foram adicionadas pelo Editor estão assinaladas com um NE.

O endereço das Citações Bíblicas foi revisado, havia, em alguns casos, erros de digitação; em outros, o próprio endereço estava errado.

Como esta Edição é uma iniciativa particular de uma só pessoa, poderá haver alguns erros. Pedimos que qualquer erro, sugestão ou crítica, nos contate por e-mail ou pela nossa página no Facebook. Agradecemos a todos vocês e pedimos que Deus nos abençoe e que Nossa Senhora nos cubra com seu Manto Protetor.

Novamente, meu muito obrigado!

O Editor

Carta Aprovativa

De Sua Ex.ª Rev.mª

D. José Maria Parreira Lara

D. D. Bispo de Caratinga

Caratinga, 10 de Janeiro de 1936

Meu caro Padre Julio Maria.

Li com imensa satisfação o seu novo livro: **A Mulher Bendita Diante dos Ataques Protestantes**, e me edifiquei muito com estas belas e fulgurantes páginas que constituem um verdadeiro monumento em honra da Santíssima Virgem Maria.

Fazia-se sentir entre nós a falta de um livro de teologia mariana, mas de uma teologia popular, ao alcance de todos, sem, entretanto, perder a profundeza e a segurança da doutrina.

V.Rev.mª produziu esta obra desejada.

Seu livro é *admirável*, tanto pelo fundo como pela forma:

O fundo é uma doutrina sólida, clara, bem provada e de uma argumentação irrefutável.

A forma é alerta, entusiasta, de uma expressão comunicativa e de um vigor irresistível.

Os dois se combinam para formar uma obra de primeiro valor. É a refutação completa, fulminante, de tudo quanto os protestantes objetam contra o culto de Maria Santíssima.

Os assuntos são tratados por mão de mestre, e creio que no Brasil nada de comparável tem sido escrito sobre o culto e as prerrogativas da Mãe de Deus.

O seu livro é daqueles que nunca morrem, porque se elevam acima das vulgaridades, dos lugares-comuns, e haurem a sua vida e o seu sucesso na elevação da doutrina, na sublimidade de suas ideias e no modo vivo de apresentar as verdades.

De todo coração lhe concedo o *imprimatur* do novo livro, que vem enriquecer a coleção já grande das obras de seu incansável apostolado, e peço a Deus que este belo livro penetre em todas as famílias, para em toda parte esclarecer e estender o culto da Mãe de Jesus...

Sou com toda a estima de V.Rev.mª.

Humilde Servo

† *José Maria*

Bispo de Caratinga

INTRODUÇÃO

Defender a honra de uma mãe querida é dever e felicidade para um filho amoroso.

É a razão de ser do presente livro. Não precisaria de outra apresentação.

Diariamente são atacados pelas blasfêmias; ora ignorantes, ora maldosas, das seitas protestantes; a dignidade, a glória, as prerrogativas, o poder da Virgem Santíssima.

Como pode um filho calar-se diante dos ataques contínuos dirigidos à sua Mãe?

Urge, pois, lhes dar uma resposta completa, fulminante, sem réplica.

Pode haver, sem dúvida, entre estes protestantes, pessoas de boa fé devido à ignorância religiosa em que vivem; seduzidos também, como o são, pela livre interpretação da Bíblia; porém da parte de seus pastores, há muita perfídia e má fé, ou então uma ignorância fenomenal.

Entre estes pastores, há muitos traficantes tristíssimos cavadores da vida, fazendo de seu ofício, não um instrumento de fazer amar a Deus; mas, sim, de ódio, de calúnia contra a Igreja Católica, vendendo as almas à troca do dinheiro que lhes vai proporcionando a sua vida de caluniadores.

É preciso desmascarar estes mercadores das almas do próximo, e refutar os erros que vão espalhando, não só na alma de seus adeptos, mas no espírito dos católicos incautos.

A Fonte dos Erros Protestantes

Escondida na relva rastejante da estrada, a serpente venenosa do erro procura morder o transeunte descuidado, seja ele quem for.

É preciso assinalar a presença da serpente, para precaver de seu contato o viandante e evitar-lhe a mordedura.

O ódio destes infelizes sectários, excitado pela serpente que já seduzira nossos primeiros pais, concentra-se de modo particular sobre a Virgem Santíssima, por saberem que, no dizer dos Santos, *um verdadeiro devoto de Maria não pode perder-se.*

Satanás, que quer perder as almas, custe o que custar, procura arrancar das mãos dos cristãos esta garantia de salvação e, para isso, suscita bandos de exploradores que ele intitula e faz chamarem-se pelo nome de *pastores*, mas que não passam de *lobos devoradores*, como diz o Mestre divino.

Estes pastores querem antes de tudo ganhar a vida, e como não pode ser bom protestante sem atacar a Igreja Católica, ei-los a repetirem a dúzia de objeções tolas, que aprenderam nos pasquins da seita, sem querer compreender a resposta católica.

A necessidade de ganhar a vida sucede o fanatismo; ao fanatismo sucede o materialismo grosseiro, e ao materialismo sucede o ateísmo completo.

Numa reunião geral de pastores na Alemanha, dizem os jornais que sobre 1000 pastores presentes, havia 800 que nem acreditavam mais na divindade de Jesus Cristo, nem na inspiração da Sagrada Escritura.

Em tais condições compreende-se o ódio que tais homens votam à Igreja Católica, onde todos são unidos na fé, na moral e no culto.

Esta explosão de ódio se concentra sobre a Virgem Imaculada sob o pretexto de que seu culto é pagão, é idolatria, abuso, excesso, etc.

Pobres cegos! Infelizes caluniadores!

A Feição Especial deste Livro

É, pois, de absoluta necessidade mostrar a *Mãe de Jesus* na auréola de sua grandeza, de seu poder, de seu amor e de sua misericórdia, e mostrá-la, não somente por considerações piedosas, entusiastas, mas com provas autênticas, tiradas diretamente da Sagrada Escritura.

É a **feição especial** deste livro.

É um livro de *doutrina.*

Um livro *evangélico.*

Um livro de *exegese,* mostrando os fundamentos do culto de Maria Santíssima, os alicerces evangélicos da sua grandeza e a fragilidade das objeções diversas.

Nenhuma tese, nenhum princípio, nenhuma conclusão, nenhum título será admitido neste livro que não tenha a sua base na Sagrada Escritura.

Deve ser um livro *revelador*... indicador... iluminador... e tudo isto não pode ser feito senão pela palavra de Deus contida na Sagrada Escritura e na Tradição ininterrupta das doutrinas apostólicas.

O Dragão de Sete Cabeças

A serpente, a mesma serpente do paraíso terrenal, procurando morder e perder as almas, está reencarnada no ódio protestante.

É mister, diante desta serpente, mostrar a *Mulher bendita,* que já uma primeira vez lhe esmagou a cabeça ao pé da cruz, no alto do Calvário, e que continua a esmagá-la por onde rastejar a serpente.

A mulher bendita esmagou a cabeça da serpente, como Deus o predisse no paraíso: *Esta te esmagará a cabeça* (Gn 3, 15); porém, a tal serpente tem inúmeras outras cabeças; *é um dragão de sete cabeças,* como viu o vidente de Patmos:

> "Eis o dragão... tendo sete cabeças. (Ap 12, 3)"

E não somente tem sete cabeças, mas cada uma delas foi se proliferando, produzindo centenas de outras cabeças.

Quando Lutero lançou ao mundo o seu brado de revolta contra a Igreja, era apenas uma *cabeça,* mas logo cresceram em redor do Luteranismo o Calvinismo, o Anglicanismo, o Presbiterianismo, o Metodismo, o Batisanismo, etc... até perfazer o número de mais ou menos 900 seitas[1].

[1] NE: Atualmente, de acordo com o *Center for the Study of Global Christianity - Gordon-Conwell Theological Seminary*, existem cerca de 47.000 denominações protestantes.

É o mesmo dragão..., mas de cabeça multiforme, só havendo de comum entre estas cabeças: o **ódio** a Igreja Católica, as **blasfêmias** contra a Virgem Santa e as **calúnias** contra os Sacerdotes.

Ódio, blasfêmia e calúnia, é o tríplice alicerce do protestantismo em geral, e de cada seita em particular.

A MULHER BENDITA

Em outros volumes já respondi ao ódio sectário contra a Igreja[2], contra os Sacerdotes[3], contra a Doutrina Católica[4]; no presente estudo quero responder às blasfêmias atiradas à puríssima Virgem, à *Mulher bendita entre todas as mulheres.*

Nada inventarei... recolherei os ataques nas revistas e livros protestantes, dando sempre a preferência aos trabalhos assinados por sumidades da seita.

Não se admire o leitor ao ver-me insistir, de modo particular, sobre o grande privilégio da Imaculada Conceição[5] de Maria, pois é ele a preparação à incomparável dignidade de Mãe de Deus e o resumo de todas as suas prerrogativas.

---

[2] O Cristo, o Papa e a Egreja, vol. De 456 pag.

[3] *Luz nas trevas*, ou respostas irrefutáveis às objeções protestantes, vol. De 324 pag.

[4] Ataques protestantes etc, vol de 334 pag.

[5] NE: Conceição é o mesmo que Concepção.

Admitido este primeiro privilégio, devem-se admitir todos os outros, pois estes brotam daquele, como o fruto brota da flor.

A **Maternidade Divina** de Maria Santíssima é o **princípio** de toda a sua grandeza.

A **Imaculada Conceição** é a **preparação** a esta grandeza.

A **Assunção ao Céu** é o seu **corolário** indispensável.

PARA QUEM ESTE LIVRO?

Para quem?

Para todos.

Leiam este livro aqueles que querem conhecer bem a Mãe de Jesus e amá-la muito.

Estas páginas abrir-lhes-ão horizontes novos na devoção mariana, e lhes mostrarão *uma Maria, que talvez desconheçam.*

Quantos aos infelizes protestantes... estes, sim, é que deviam lê-lo; e lendo-o, estou certo que reconheceriam o erro em que laboram..., mas eles têm medo da luz, não o lerão, senão por raríssimas exceções...

Os pastores não o deixarão ler!

Pobres e infelizes protestantes! Oremos por eles.... são tão infelizes!

Leiam-no, sobretudo, esta legião de Filhos e Filhas de Maria, flor e esperança da Mocidade Católica, que hoje constitui a vanguarda da

regeneração de um Brasil futuro, e esta leitura será para eles um farol e um estandarte.

Leiam-no católicos e protestantes sinceros, e verão iluminarem-se todos os recantos e esconderijos do erro e da ignorância, para mostrar-lhes a bela e incomparável fisionomia da Mãe de Jesus e Mãe dos homens.

P. Julio Maria

Ne seriam vanum,

Due, pia Virgo, manum.

1. O Culto de Maria Santíssima

É sabido que o protestantismo concentrou o seu ódio sobre a Virgem Santíssima, Mãe de Deus.

Por que este ódio?

Para poderem os seus adeptos protestar contra a Igreja Católica.

É a grande, e talvez a única razão.

A Igreja Católica, na unidade perfeita e na firmeza granítica de seu ensino, atribui a cada pessoa o culto que lhe compete.

Adora única e exclusivamente a Deus, porque só Ele é Senhor Supremo, só Ele é Deus, e somente Ele tem direito ao culto supremo da adoração:

> "*Dominus Deus noster, Dominus unus est*. (Dt 6, 4)"

Venera a Virgem Maria, por ser Mãe de Jesus Cristo e, como tal, revestida de uma dignidade acima de todas as dignidades, tendo direito a um culto acima do culto tributado aos Santos.

> "*Super modum, Mater mirabilis.* (2Mc 7, 20)"

Honra os Santos, por serem amigos de Deus e por gozarem, como tais, perto de Deus, de um poder de intercessão acima das criaturas deste mundo:

> "*Mirabilis Deus in sanctis suis* (Sl 67 (68), 36)."

Temos, deste modo, um tríplice culto, essencialmente distinto um do outro, numa gradação harmoniosa e lógica.

1. O culto de **adoração** (latria) devido a Deus.
2. O culto de **superveneração** (hiperdulia) devido à Maria Santíssima.
3. O culto de **veneração** (dulia) devido aos Santos.

Tal é a base do culto católico, e basta compreender estas noções, para compreender a injustiça e o ridículo das objeções protestantes, acusando os católicos de *Mariólatras,* de adorarem a Mãe de Jesus.

Vamos examinar tais objeções neste primeiro capítulo, dando-lhes a resposta que merecem.

A MARIOLATRIA

Não quero inventar nenhuma objeção, os amigos protestantes se encarregam da fabricação e da propaganda.

Vou tirar literalmente de seus escritos as tais objeções, para eles não me poderem acusar de exagero ou de má interpretação.

Eis a acusação de Mariolatria, tal qual a transcrevo de um jornal protestante.

Chama-se de *Mariolatria,* a adoração de Maria Santíssima.

Diz o articulista:

"Indiscutivelmente, e não há quem ouse negar, no catolicismo Maria ocupa o lugar de destaque, é o *factótum*[6] da corte celeste. Todas as invocações, todas as adorações são dirigidas, apenas e unicamente a ela. Representa no catolicismo tudo, a substância e a essência. À Maria são feitos os sermões e oferta de presentes, os fiéis são convidados a confiar quase que exclusivamente nela e no seu poder absoluto.

Essa adoração toda, essa idolatria, criou o que se chama de Mariolatria, que não passa de uma criação tardia, muito tempo depois de lançadas as bases do catolicismo.

Maria começou a sair do silêncio em que a tinham envolvido os escritores do Novo Testamento no meado do IV século. Foi obra de uma seita, composta quase que só de mulheres, aparecida na Trácia e na Scisia superior; que começou a divulgar aos quatro ventos a divindade de Maria, e torná-la digna de adorações de cultos.

Estes sectários foram chamados de *Coliridianos*, por oferecerem à Mãe de Jesus algumas tochas chamadas em grego Kóhhúga.

Nos primeiros séculos nós não encontramos culto algum à Maria. Todos são uníssonos e de acordo em pregar digno de culto, somente Deus e o seu unigênito Jesus Cristo.

Nem Justino Mártir, nem Irineu, nem Tertuliano, nem Cipriano, nem Lactâncio, podem ser invocados como sustentadores e propugnadores do culto da grande *Mãe de Deus*, porque eles, como São Pedro, São Paulo e São João, não aludem a outra mediação senão à de Deus e Jesus Cristo.

---

[6] NE: Factótum é uma pessoa encarregada de todos os negócios de outrem.

Volvamos ao passado, isto é, aos primeiros séculos e os percorramos com atenção.

Século I. Clemente Romano, o suposto sucessor de São Pedro, escreve nas suas Constituições Apostólicas:

"Não é permitido avizinhar-se a Deus onipotente, que não seja por Jesus Cristo, seu Filho. (Const. Apost. Liv. 2 e 33)"

Século II. Inácio, discípulo do apóstolo João, escreve de Roma aos Filadélfios:

"Nas vossas orações, deveis ter perante os olhos apenas Jesus Cristo e o pai de Jesus Cristo."

Século III. Orígenes disse claramente:

"Não tenhamos a desfaçatez de invocar algum outro, a não ser aquele que é Deus sobre todas as coisas, bastando a tudo por meio de Nosso Senhor Jesus Cristo."

Século IV. Atanásio pregava e escrevia:

"Nós verdadeiramente somos adoradores de Deus, porque não invocamos nem criaturas nem homens: invocamos o Filho, que por nascimento procede de Deus, e que é o verdadeiro Deus, que nasceu homem; é verdade, porém, que não obstante é Deus e Salvador."

Século V. João Capistrano se opõe àqueles que queriam introduzir outros mediadores além de Cristo.

Nestes cinco primeiros séculos não se concebia outra adoração, outra veneração que não fosse Deus e Jesus Cristo. Como, pois, pode o catolicismo passar uma esponja no quadro negro do passado e fazer valer sob todos os pontos de vista, a opinião da seita de Coliridianos?

Como, pois?

Deixando mesmo em segundo plano Jesus Cristo? Mas porquê? Acaso admitem a Imaculada Conceição de Maria?"

O FACTÓTUM DA CORTE CELESTE

Tal é a objeção em toda a sua brutalidade, ignorância e nudez.

Em síntese, acusam a Igreja Católica de fazer de Maria Santíssima:

1. **O factótum** da corte celeste.
2. Um objeto de **adoração.**
3. Uma novidade desconhecida no **Evangelho** e nos primeiros tempos do Cristianismo.

Tomemos, uma por uma, todas as objeções e lhes demos uma resposta clara e sucinta, que dissipe todos os erros e faça refulgir a única verdade católica.

Maria Santíssima não é, nem pode ser o *factótum*. É uma heresia, que a significação dos próprios termos refuta.

O factótum é Deus; e por isso *só a Ele é devida toda a honra e glória nos séculos dos séculos,* como diz o apóstolo (1Tm 1, 17).

O termo **adoração** exprime o culto desta honra suprema, e este termo é exclusivamente reservado ao culto de Deus.

O termo **superveneração** exprime o culto que prestamos à Mãe de Deus; e nada tem de comum com a adoração, de modo que, neste culto, o excesso é impossível; para que houvesse excesso, necessário

seria que ultrapassando o culto de *superveneração,* alguém deslizasse na *adoração,* o que nenhum católico faz, nem pode fazer.

Qual é, pois, exatamente, o lugar de Maria Santíssima na hierarquia divina da religião?

É simples e é belo. É São Paulo quem nos vai fornecer a descrição, em sua linguagem figurada e teológica. Ele escreve:

> "Assim como num só corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma função, assim ainda que muitos, somos um só corpo em Cristo, e cada um de nós membros uns dos outros. (Rm 12, 4-5)"
>
> "Ora, vós sois corpo de Cristo, e membros unidos a membro. (1Cor 12, 27)"
>
> "E ele é a Cabeça do corpo, da Igreja, e é o Princípio, o primogênito dentre os mortos; de maneira que ele tem primazia em todas as coisas, porque foi do agrado do Pai, que residisse nele toda a plenitude, e que por ele fossem reconciliadas consigo todas as coisas. (Cl 1, 18-19)"

Eis uma figura esplêndida da Igreja.

A Igreja é o **corpo místico** de Jesus Cristo.

Um corpo possui necessariamente três partes:

A cabeça, o pescoço, os membros inferiores.

É uma figura muitas vezes empregada pelo apóstolo.

A **cabeça** é o Cristo.

Os **membros** somos nós.

E como são ligados à cabeça os membros deste corpo?

Pelo pescoço.

O pescoço é, pois, a parte mediana, que é um membro do corpo, mas com esta particularidade, que é membro que toca ao mesmo tempo, a cabeça e os membros.

E entre os diversos membros deste corpo qual é a criatura que toca ao mesmo tempo Deus e as criaturas?

É a Virgem Maria.

Pela sua natureza, ela é uma simples **criatura;** pela sua dignidade, ela é **Mãe de Deus.**

E que união mais íntima pode existir entre duas criaturas do que a união de mãe e filho?

Eis porque Maria Santíssima é chamada pelos Santos: **o pescoço** do corpo místico de Jesus Cristo.

Esta figura exprime admiravelmente o lugar que Maria Santíssima ocupa na Igreja e no culto católico.

Ela não é a cabeça, ela é membro.

Ela não é um simples membro, mas entre todos os membros, goza do privilégio único e incomunicável de ser diretamente **unida à cabeça,** enquanto todos os outros membros o são por **intermédio** do pescoço.

Eis como cai por terra a primeira objeção protestante, acusando a Igreja de fazer de Maria Santíssima o *factótum* da religião.

O **factótum** e a cabeça é Jesus Cristo.

O **Intermediário,** o membro de ligação entre Jesus Cristo e os homens, é Maria Santíssima.

Ora, quem é capaz de confundir pescoço com a cabeça?

Quem não vê, que de nenhum modo e nunca o pescoço pode substituir a cabeça, ou ser colocado em cima da cabeça?

A comparação de São Paulo é, pois, típica, profunda, expressiva, e indica para cada parte do corpo místico do Salvador o seu lugar próprio.

Jesus Cristo.

Maria Santíssima.

Os homens.

UM OBJETO DE ADORAÇÃO

Passemos depressa sobre tão bolorenta objeção.

É triste ser obrigado a responder a tais tolices.

No século vigésimo vir ainda à baila a **idolatria!**

É dizer que por este mundo afora a grande maioria da população, estes milhares e milhares de homens educados e instruídos adoram

imagens, como vulgares fetichistas, atribuindo vida a um pedaço de pau, implorando favores de um toco de madeira, pedindo saúde e vida a um bloco de cimento... prostrando a fronte no pó do caminho diante de um papelão. Não vê o protestante que tudo isso é sumamente ridículo, e que se tal coisa podia ser praticada antigamente por um zulu selvagem, não pode nunca penetrar na mente de um homem civilizado?

Se perguntássemos a qualquer criança, se tal ou tal santinho é um Santo vivo, que come, bebe e dorme, a criança responderia que não, mas que é apenas um **retrato,** uma representação.

Qual o homem, até analfabeto, que ignora que não é a imagem ou o retrato que ele venera ou invoca, mas sim **a pessoa representada** pela imagem?

Ninguém adora imagens; mas sendo a imagem a representação de Jesus Cristo, pode-se adorar a Jesus Cristo, representado pela imagem.

Ninguém adora a Virgem Santíssima, que não é Deus nem deusa, mas uma simples criatura, elevada por graça e favor de Deus, à mais alta dignidade de que pode ser revestida uma criatura: a Maternidade Divina... e como tal merece ser honrada, venerada: *Como Mãe de Deus* – e não adorada como Deus.

Tudo isso é tão claro, que só uma cegueira obcecada é capaz de reproduzir tais acusações.

Adorar não é beijar ou inclinar-se... Os pais beijam os filhos; os inferiores inclinam-se diante de seus superiores, sem adorá-los.

A adoração não consiste só no ato exterior, mas sim no espírito que pretende tributar honras divinas a qualquer pessoa.

Não querendo alguém adorar, não adora.

E nenhum católico já teve ideia de adorar outra pessoa a não ser Deus.

E eles mesmos devem saber melhor o que pretendem fazer do que seus detratores.

UM NOVO CULTO

O bom protestante nos acusa de termos criado um novo culto, que ele chama *Mariolatria.*

Não criamos nada. Só Deus pode criar pessoas e coisas, e os amigos protestantes podem criar objeções.

Lutero criou a Bibliolatria e a Odiolatria, como criou a libertinolatria, adorando a Bíblia e desprezando o seu conteúdo; adorando o ódio, para melhor vilipendiar a Igreja; adorando a carne pela vida dissoluta e sacrílega.

Diz o articulista que o culto de Maria começou a sair do silêncio em que a tinham envolvido os escritores do Novo Testamento no meado do século IV.

É muita ignorância do Evangelho, meu caro amigo! É preciso muita ingenuidade para aventar uma tal asserção.

O culto de Maria Santíssima está todo indicado, delineado e desenvolvido no próprio Evangelho.

Leiam o Evangelho, caros protestantes..., mas leiam-no **inteiro,** e não simplesmente as passagens escolhidas por vós... que mais ou menos pareçam favorecer as vossas opiniões erradas pela livre interpretação dos textos.

O culto de Maria Santíssima é essencialmente um **culto evangélico,** todo evangélico... e apesar de todas as homenagens que prestamos à Mãe de Jesus, nunca chegaremos a igualar, nem de longe, às homenagens que lhe presta o Evangelho.

Fora do Evangelho, o culto da Mãe de Jesus seria um culto incompleto, atrofiado, raquítico...

No Evangelho ele toma uma expansão divina, e se eleva a alturas que causam vertigem àqueles que sabem refletir.

Dizer que o culto de Maria é uma novidade é afirmar a novidade do **Evangelho,** a novidade das **catacumbas** dos primeiros séculos, onde se encontra a cada passo a expressão da veneração e do amor com que os primeiros fiéis carcavam a Virgem Imaculada... seria extinguir, com um só golpe, os acentos amorosos dos Padres dos primeiros séculos, que exaltaram a Virgem Santa com um entusiasmo jamais igualado nos séculos posteriores.

Não, não! Tais documentos não se destroem, tais acentos não se abafam, tais brados não se extinguem, e enquanto o Evangelho for Evangelho, poderemos e deveremos dizer que o culto da Mãe de Deus é um culto **instituído por Deus,** transmitido pelo Evangelho e praticado por todos os séculos.

Dirão talvez que Jesus Cristo exaltou pouco a sua Mãe.

Mas para que exaltar com palavras, aquela que está exaltada acima de todas as criaturas, pela santidade, pela dignidade, pelas prerrogativas, que fazem de Maria *a mulher bendita entre todas as mulheres.*

Para que repetir continuadamente uma verdade palpável, indiscutível, aceita por todos, nos primeiros séculos?

Maria é mãe de Jesus.

Jesus é Deus.

Maria é, pois, **Mãe de Deus.**

Que é que se pode dizer mais?

Um tal título não esgota todos os demais títulos?

Haverá ainda honras superiores a estas?

É impossível!

Maria é Mãe de Deus; como tal, ela é necessariamente a mais santa e mais gloriosa de todas as criaturas.

Jesus Cristo falou pouco de sua Mãe?

Perfeitamente... e assim devia ser.

Jesus veio, como Ele mesmo afirmou, não para os justos, mas para os pecadores:

> "*Non veni vocure justos, sed peccatores* (Lc 5, 32)."

Ele veio restituir a saúde aos enfermos e não aos que não precisam de médico:

> "*Non egent, quisani sunt, medico* (Lc 5, 31)."

Para quem devem, pois, irradiar as ternuras de seu coração?

Não é para os infelizes, para os pecadores?

De Pedro Ele fará o **chefe** de sua Igreja.

De Mateus, o publicano, fará o seu **Evangelista.**

De Saulo, o perseguidor, fará o apóstolo das nações.

De Madalena, a pecadora, fará uma **amante** extática.

De um ladrão crucificado, fará a primeira **conquista** de sua morte.

De pobres pescadores, Ele fará seus **apóstolos.**

Já pensaram nisso os caros protestantes?

Poderia o Coração de Jesus, terno, amoroso e zeloso da honra de sua Mãe associar a Virgem Imaculada a todos estes pecadores convertidos?

Podia Ele colocar sobre a cabeça de sua Mãe a mesma coroa de louvores?

Não! Isso seria rebaixar a Virgem Santa, em vez de exaltá-la.

A Pedro Ele disse:

"Tu és bem-aventurado. (Mt 16, 17)"

A Mateus disse:

"Segue-me. (Mt 9, 9)"

A Paulo disse:

"Eu sou Jesus, a quem tu persegues. (At 9, 5)"

A Madalena disse:

"Teus pecados estão perdoados. (Lc 7, 48)"

Ao ladrão disse:

"Hoje estarás comigo no paraíso. (Lc 23, 43)"

Aos apóstolos disse:

"Vós sois meus amigos. (Jo 15, 15)"

Mas à Maria Ele disse:

"**Tu és minha Mãe.** (Mt 2, 11)"

Que poderia Ele dizer mais?

Jesus Cristo **esgotou-se** nesta única palavra.

A Obscuridade de Maria

Diz o amigo protestante que os Escritores Sagrados envolveram Maria Santíssima num silêncio completo.

Que estranha asserção!

Que calúnia!

Quanta ignorância do Evangelho!

Se Jesus Cristo falou pouco de sua Mãe Santíssima, os anjos falaram, os Evangelistas falaram, o povo falou, o céu e a terra falaram... Até Lutero falou...

Será preciso recolher tudo o que disseram?

Seria escrever um livro. Resumamos, pois.

Disse acima que o culto de Maria é essencialmente um *culto evangélico*, e provando isso, tudo está provado.

Que culto mais evangélico do que aquele que começa no Evangelho com esta homenagem vinda do céu:

> "*Ave, gratia plena*. Ave Maria, cheia de graça; o Senhor é convosco; bendita sois vós entre as mulheres!"

Que culto mais **evangélico** do que aquele que nos mostra Maria cooperando, pelo livre consentimento de sua fé, de sua virgindade, de sua humildade, ao mistério inicial do cristianismo, coberta pela sombra do Altíssimo, revestida do Espírito Santo, e concebendo em seu seio virginal o próprio Filho de Deus!

Que culto mais **evangélico** do que aquele que nos representa Maria, Mãe de Deus, respirando com Ele o mesmo sopro, vivendo com Ele do mesmo sangue, levando-o, pela sua voz, a João Batista e a Isabel.

Que culto mais **evangélico** do que aquele que lhe prestam Isabel e João: a primeira aclamando-a Mãe de seu Senhor; o segundo exultando no seio materno, recebendo a santificação que a voz de Maria lhe transmite!

Isabel, repleta do Espírito Santo, exclama em alta voz, repetindo e completando as palavras do anjo:

> "Bendita sois vós entre as mulheres, e bendito é o fruto de vosso ventre!"

E sob esta impressão do Espírito Santo, Isabel presta à Mãe de Deus um culto de veneração inigualável:

> "Donde me vem esta dita, que a Mãe de meu Senhor venha ter comigo? [...]Bem-aventurada és tu, que creste, porque se hão de cumprir as coisas que te foram ditas da parte do Senhor. (Lc 1, 43)"

Que culto mais **evangélico** do que aquele que, na ocasião destas palavras de Isabel, como que para aprová-las e aplicá-las, o próprio Deus faz exalar da alma inspirada de Maria, dizendo:

> "De hoje em diante todas as gerações me chamarão bem-aventurada, porque Aquele que é Todo Poderoso fez em mim grandes coisas. (Lc 1, 48-49)"

Que culto mais **evangélico** do que aquele que após Isabel, a inspirada, continuam a prestar à Maria os pastores e os magos, adorando *o menino Deus, nos braços de Maria, sua Mãe* (Mt 2, 11).

O Santo velho Simeão, associa em sua profecia a Virgem Mãe, a todas as contradições a que estava sujeito o seu Filho, e de modo particular

a aquele gladio de dor que deverá uni-los no grande suplício (Lc 2, 34).

Que culto mais **evangélico** do que esta homenagem filial de confiança, de ternura, de abandono que o menino Deus prestou à sua Mãe, fazendo de seu seio Virginal seu trono, seu refúgio, seu alimento!

Que pode haver de mais admirável que esta homenagem de submissão que Jesus lhe tributa, vivendo até aos trinta anos na obscuridade de Nazaré, na intimidade de sua Mãe... *mostrando-se submisso a ela em tudo* (Lc 2, 51)?

Que culto mais **evangélico** do que aquele que nos manifesta a divina atenção do Filho de Deus ao pedido de sua Mãe, nas Bodas de Caná, onde, para satisfazer Maria Santíssima, adianta a hora de sua manifestação, pelo milagre da mudança da água em vinho, *fazendo o seu primeiro milagre e confirmando a fé de seus apóstolos* (Jo 2, 1-11)!

Que culto mais **evangélico** do que aquele que presta à Maria Santíssima aquela mulher do Evangelho, exclamando no auge de seu entusiasmo pela palavra divina:

> "Bem-aventuradas as entranhas que te trouxeram e o seio que te amamentou! (Lc 11, 27)"

Que culto mais **evangélico** do que aquele que inaugurou solenemente ao pé da cruz, quando a divina Vítima dá à Maria Santíssima como Mãe à humanidade inteira na pessoa do apóstolo amado, daquele que melhor descreverá a divindade de Jesus Cristo e as ternuras do seu coração!

Eis o culto de Maria, **fundado no Evangelho,** e derramando do Evangelho como de sua **fonte divina,** através dos séculos.

Eis o culto de Maria Santíssima, não escondido nas trevas, nem envolto no silêncio, mas divinamente proclamado em face do universo.

Os séculos ouvirão e compreenderão estes exemplos e estas lições evangélicas, e é para corresponder-lhes que os cristãos de todos os tempos vão prostrar-se aos pés de Maria, implorando-lhe seu auxílio e a sua intercessão.

Limitemo-nos a estas citações. Elas são todas diretas, literais, dirigindo-se diretamente à Mãe de Jesus.

Para estabelecer e provar o culto evangélico de Maria Santíssima não é necessário recorrer às aplicações místicas e metafóricas da Sagrada Escritura; é o bastante recolher as passagens que narram a sua união com Jesus, a sua ação e os louvores que lhe dirigem os Evangelistas.

Só isto é uma verdadeira **teologia Mariana...** assim como é uma **teologia evangélica.**

Reflitam sobre isso os caros protestantes, e escutem o seu bom senso, o seu coração e o Evangelho, em vez de reproduzirem mentirosas objeções, inventadas pelo despeito e o ódio.

Reflitam e serão obrigados a confessar que, de fato, o culto de Maria Santíssima não é uma invenção da Igreja Católica, mas bem uma **instituição divina,** expressa a cada passo nas páginas do Evangelho.

Maria na Primitiva Igreja

O articulista citado pretende ainda que nos primeiros séculos não se encontra culto algum a Maria.

Desculpe-me, caro protestante; tal asserção é completamente falsa, tão falsa como o foi a precedente, invocando o silêncio dos evangelistas sobre o mesmo culto.

Quero mostrar-lhe aqui o contrário.

A prova mais sólida são, sem dúvida, os monumentos **arqueológicos,** e estes monumentos abundam e são de uma expressão irrefutável.

Nos dois primeiros séculos, as perseguições ininterruptas dos imperadores romanos e do paganismo abalado pela doutrina, obrigaram os cristãos a se refugiarem no seio das catacumbas.

Estas catacumbas eram imensos subterrâneos em que havia igrejas, salas de reuniões, cemitérios, etc...

Era ali no seio da terra, nas trevas da noite e dos subterrâneos, que se desenvolvia a vida e a atividade dos primeiros cristãos.

Era ali que se levantavam os monumentos aos mortos; aos mártires, os vencedores do século, das paixões e do demônio.

Era ali que perpetuavam na pedra e na tela, com o martelo, formão e pincel; a sua crença combatida, mas triunfante.

E eis porque as catacumbas são monumentos imperecíveis e expressivos da fé dos primeiros séculos.

São livros, nos quais se pode ler o que, no tempo dos apóstolos e de seus primeiros sucessores, se acreditava, venerava e implorava.

Abramos um instante este **livro sublime** e leiamos nele os sentimentos dos primeiros cristãos para com a Mãe de Jesus.

Eis o que escreve o Padre Marchi em seu *Monumento da Arte Christã em Roma.* Trata-se da cripta de Maria do Menino Jesus, na catacumba de Santa Inês:

> "Acima do pequeno altar desta cripta, vê-se uma representação da Virgem em meio corpo, assentada, tendo sobre os joelhos o menino Jesus.
>
> A Virgem estende os braços na atitude de oração.
>
> O menino não faz este gesto, como que para indicar a distância infinita entre a Mãe e o Filho.
>
> Esta pintura pertence ao *segundo século.*
>
> Vê-se que era costume unir a Virgem Santíssima a seu divino Filho, representá-los e invocá-los juntos.
>
> Na mesma catacumba encontravam-se diversas outras pinturas da Virgem, tendo sempre os braços estendidos em atitude de oração. É a mesma fisionomia, a mesma expressão virginal, faltando apenas o menino Jesus, o que lhes fez dar o nome de *Orantes.*
>
> Tais orantes são verdadeiras imagens de Maria Santíssima, pois diversas entre elas trazem escrito embaixo o nome: *Mara,* e outras *Maria.*

> O que completa a asserção é que, em diversas partes, tal **orante** está ao lado de uma imagem de Nosso Senhor, fazendo o par simétrico.
>
> Embaixo de uma delas está escrito: *Maria, Virgo, Minester de Tempulo Cerosale.*
>
> Da comparação dos diversos quadros, a ciência arqueológica concluiu que tais *orantes,* que são numerosas nas catacumbas, representam realmente a Mãe de Jesus, ficando como tantas testemunhas da extensão de seu culto entre os primeiros cristãos."

Eis o que escreve outro ilustre sábio (Carlos Lenormani), depois de ter visitado as catacumbas de Santa Domitila:

> "Visitando o primeiro salão da catacumba, encontrei ali uma pintura do Bom Pastor, que datava, com toda a certeza, do fim do primeiro século.
>
> Parecia o mesmo traçado e o mesmo colorido dos quadros encontrados no quarto sepulcral da pirâmide de Caio Céstio, que tinha visitado pouco antes.
>
> Ao lado do Bom Pastor havia outras figuras de Jesus Cristo e dos apóstolos.
>
> Todos eram da mesma época.
>
> O Sr. de Rossi levou-me a outro quarto, onde havia a *Virgem Maria* tendo o seu Filho sobre os joelhos, recebendo os presentes dos Reis Magos.
>
> Ó doce e piedosa comparação! Rafael deve ter visto diversas pinturas nas catacumbas e delas se aproveitado.

> Seu Adão e Eva, da abóbada da sala *dela Signatura* no Vaticano, encontra-se quase idêntico no cemitério de Domitila.
>
> Por sua vez, a Virgem da mesma catacumba possui a graça casta e a forma esbelta de uma madona de Rafael."

A fé do católico exalta-se, reconhecendo com provas indubitáveis o culto da Mãe de Deus, estabelecido nas épocas mais remotas da primitiva Igreja.

Estas pinturas são veneráveis e garantias certas da antiguidade apostólica do culto da Virgem Santíssima.

Se tratássemos com incrédulos, podíamos citar ainda os Evangelhos apócrifos, compostos nos primeiros séculos, que dizem mais respeito à Maria Santíssima do que ao Salvador.

Outra prova se encontra nas diversas liturgias que, por todos os entendidos, são reputadas de origem apostólica e que consagram parte de suas preces e glorificações ao culto da Mãe de Deus.

As testemunhas citadas e as catacumbas me parecem suficientes para um coração sincero, desejoso de conhecer a verdade.

O culto da Mãe de Deus existiu durante a vida de Maria Santíssima entre os apóstolos e por eles foi transmitido aos seus sucessores e às igrejas por eles fundadas, ao ponto que em toda a parte, onde penetrou o culto divino do Salvador, penetrou com ele e ao lado dele o culto terno e suave da Mãe de Jesus.

SANTOS DOS PRIMEIROS SÉCULOS

O articulista termina o seu ataque com citações de Santos dos primeiros tempos, que absolutamente nada dizem a respeito ou contradizem o que ele pretende fazê-los dizer.

Diz, por exemplo, que nem Justino Mártir, nem Irineu, nem Tertuliano, nem Cipriano, etc, nada disseram a respeito do culto da Mãe de Jesus.

É absolutamente falsa esta asserção. Os Santos Padres[7] citados falaram como nós falamos hoje, como vou prová-lo; mas se eles não tivessem dito nada a respeito, provaria isso que o tal culto não existia?

Escreve-se sobretudo sobre assuntos discutidos e não admitidos por todos.

O articulista, por exemplo, nada escreve sobre o sol, a lua e os planetas, limitando-se a atacar o culto de Maria Santíssima. Provaria isso que o sol e a lua não existem?

Nem todos os Santos escreveram sobre o culto da Mãe de Jesus, pela razão simples, de muitos não serem escritores, ou não terem ocasião de escrever sobre tal assunto, porque estando fora de toda discussão, não precisava de defesa, nem de refutação de erros contrários.

---

[7] NE: Chamados também de Pais da Igreja ou Padres Apostólicos, são grandes cristãos dos oito primeiros séculos que nos deixaram obras preciosíssimas. Através deles é possível verificar o desenvolvimento da Igreja nascente e a Tradição deixada pelos apóstolos.

Para provar o erro do articulista, sem prolongar muito a discussão, vou citar aqui apenas umas passagens dos Santos da primitiva Igreja, que paciente e conscienciosamente recolhi das obras deles.

Escute bem o amigo e examine, para ver aí entre a linguagem dos Santos dos primeiros séculos e dos tempos modernos, se há qualquer discrepância de doutrina ou de pensamentos!

Após os primeiros cristãos, a Tradição é constante.

Desde o *primeiro século,* São Dionísio, o Areopagita, declara que teria tomado Maria como uma divindade, se a fé não lhe tivesse ensinado que a onipotência só podia formar uma imagem tão perfeita de sua divindade.

São Dionísio, mártir, escreve:

> "Maria mostra-se cada vez mais amante para com aqueles que a amam."

No *segundo século,* Santo Irineu proclama Maria Santíssima como a nossa **Medianeira** e diz:

> "Os laços pelos quais Eva se deixou acorrentar pela sua credulidade, Maria quebrou-os pela sua fé."

Tertuliano:

> "Eva acreditou no demônio transformado em serpente, Maria acreditou na palavra do anjo Gabriel; a falta que a primeira cometeu pela sua credulidade, a segunda apagou pela sua fé."

Orígenes consagra-lhe as páginas mais eloquentes de seu talento, proclamando-a ***nossa advogada*** e a **Imaculada Maria;** Mãe Imaculada, diz ele, daquele que é santo e sem mancha.

E ainda:

> "Pode-se dizer a Maria de um perfeito cristão: Eis o vosso filho!"

No *terceiro século,* São Cipriano a exalta como digna e gloriosa Mãe de Deus, merecedora das homenagens de todas as criaturas:

> "Maria, como os outros, participava da natureza humana, mas não do pecado original."

No *quarto século,* São Basílio, em sua liturgia, ordena que o diácono, precedendo o Bispo, diga ao povo em alta voz:

> "Lembremo-nos da Santíssima e **Imaculada** Virgem Maria, Mãe de Deus e nossa Soberana Senhora!"

Maria, após Deus, escreve ele, é nossa **única esperança.**

E ainda:

> "Maria tanto sobrepujou todas as outras criaturas, como o sol sobrepuja os outros astros."

E mais além:

> "Deus abriu-nos em Maria uma casa de saúde pública."

E ainda:

> "Em tudo segui e invocai Maria, pois Deus quer que ela nos socorra em tudo."

Ao lado de São Basílio, aparece uma legião de apóstolos da Virgem Santíssima, cuja palavra e cuja pena espalharam em toda parte o amor da Mãe de Jesus. São os Santos: *Cirilo, Efrem, Epifânio, Atanásio, Gregório de Nazianzo, Ambrósio, Crisóstomo, Agostinho* etc... etc.

Daí em diante nem se pode mais enumerar os apóstolos de Maria... são: uma **legião,** e com uma eloquência cada vez mais sublime, todos eles exaltam a gloriosa Mãe de Jesus.

Não podendo haver discussão sobre os séculos seguintes, limito-me a citar uns curtos trechos dos Santos Padres do quarto século; os outros podem ser encontrados em meu livro *Porque amo a Maria.*

São Cirilo foi a alma do Concílio de Éfeso, onde exaltou admiravelmente a Mãe de Deus. Eis o que ele disse nesta ocasião perante a grande assembleia dos Bispos reunidos em Éfeso:

> "Devemos comportar-nos de tal modo, que mereçamos a graça de bem morrer. É preciso sobretudo saber o que é necessário para ter uma firme esperança de entrar no céu.
>
> Sabeis todos que é fácil àqueles que a rainha favorece com sua proteção, ter entrada na corte e alcançar o que se deseja.
>
> E nós alcançaremos tudo o que desejarmos, tendo a Santíssima Virgem por **auxiliadora, medianeira** e **protetora** perto do Rei; pois sabemos que ela suplicará por nós...
>
> Ó vós que reinais com os bem-aventurados na morada resplandecente de luz e de toda espécie de beleza, atendei-nos!

Alcançai misericórdia para aqueles que vos conjuram, e abri-lhes as portas do céu!

Et nos retique quod cumque volumus obtinemus, sactissimam Deiparam habentes auxiliatricem, mediatricem et patronum apud Regem."[8]

Santo Efrém diz:

"Maria é a gloriosa **medianeira** entre Deus e os homens."

"O Senhor não deixará por muito tempo suplicar-lhe por nós aquela que, em qualidade de terna Mãe, enxugou-lhe as lágrimas no berço."

"Maria é o vaso admirável escolhido por Deus."

"Maria é a **porta do céu,** e é a escada oferecida a todos para subir até lá."

"Maria é a **chave** do céu e do reino de Jesus Cristo."

"Maria é o remédio das almas e uma luz resplandecente que ilumina o mundo."

Santo Epifânio diz, por sua vez:

"Maria é como uma mesa divina fornecendo ao mundo a vida divina."

"Maria é o livro misterioso que deu a lei ao mundo, o Verbo divino."

"Maria é no Cristo e com o Cristo."

---

[8] Or. In V. Dom.

> "Bem-aventurada Maria, quando Jesus menino brincava em redor desta terna Mãe!"

> "Maria é o templo e o trono da divindade."

> "Maria procura com toda solicitude a salvação dos homens."

Santo Atanásio exclama:

> "Maria é esta **escada** que Jacó viu elevar-se até o céu."

> "Maria, nova Eva, é a **mãe da vida.**"

> "Maria, no céu, fica ao lado de seu Filho, como Rainha e como Soberana."

São Gregório diz que Maria é o firme **apoio** dos que creem e a vitória das almas piedosas. Maria é a mais doce e a mais clemente de todas as mães.

Santo Ambrósio tem páginas sublimes sobre o culto de Maria:

> "Maria é o espelho e o modelo de toda justiça."

> "Como a pureza e a glória, não há virtude que não resplandeça nela."

> "Maria foi tal, para que a sua vida servisse de **regra** para todos nós."

> "Maria foi esta virgem milagrosa, ao mesmo tempo isenta do nó do pecado original e da casca do pecado venial."

> "Maria é a **porta estandarte** das Virgens e a Senhora da Virgindade."

São João Crisóstomo diz:

> “É uma coisa digna e justa exaltar Maria, proclamando-a sempre Santíssima e sem mancha.”
>
> “Maria é uma **âncora** e um porto seguro para aqueles que são batidos pelas tempestades.”

Santo Agostinho é inesgotável em falar da Virgem Santíssima:

> “Que direi em vosso louvor, ó bem-aventurada Virgem, eu dotado de um espírito tão medíocre, pois tudo o que poderei dizer de vós, ficará infinitamente abaixo de vossa excelência e de vosso mérito.”
>
> “Não podemos exaltar bastante a Maria!”
>
> “Imploremos todos a proteção de Maria sobre a terra, para que se digne, no céu, recomendar-nos a seu Filho, por uma prece assídua.”
>
> “Maria apressa-se em socorrer os humildes.”
>
> “Maria é a **escada celeste,** pela qual Deus baixou até nós.”
>
> “Maria foi tão Santa, que o Espírito Santo se dignou descer sobre ela.”
>
> “Maria é a **reparadora** do gênero humano.”
>
> “Maria é a reparadora da vida e **porta do paraíso.**”
>
> “Ela é a mãe dos vivos... Feridos por Eva, temos sido curados por Maria.”
>
> “Deus deu o nome de mar ao conjunto das águas e o de Maria ao conjunto das **graças.**”
>
> “Ó Maria, vós sois cheia de graça que encontrastes diante do Senhor, e merecestes espalhá-la sobre o universo inteiro.”

> "Ai de nós, pobres criaturas, que podemos nós dizer que seja digno dela, mesmo se todos os membros de nosso corpo se transformassem em línguas, pois ela é mais elevada que o céu e desce mais baixo que o fundo dos abismos?"[9]

Eis apenas umas curtas citações entre milhares de outras.

Ó! Diga-me, caro protestante, comparando estes acentos de amor e de confiança para com a Mãe de Jesus, com as invocações que hoje a Igreja lhe dirige ainda, qual é a diferença que o amigo encontra?

Nenhuma!

As aclamações dos fiéis de hoje são apenas a repetição das aclamações dos Santos dos primeiros séculos.

A fé não muda.

A confiança não muda.

O culto não muda.

Eis porque Maria Santíssima é hoje na Igreja Católica o que ela sempre foi e o que sempre será: a poderosa e carinhosa Protetora, Medianeira, a porta do céu, a escada celeste de Jacó.

---

[9] Orat. 35 de Sanctis

CONCLUSÃO

Parece-me ter provado clara e solidamente a tese oposta ao articulista protestante, mostrando que os católicos não **adoram** a Santíssima Virgem prestando-lhe um culto que convém única e exclusivamente a Deus; mas **honram, louvam,** e **invocam-na,** por ser ela Mãe de Jesus Cristo, ou **Mãe de Deus,** e como tal estando numa hierarquia à parte, acima de todos os Santos e abaixo de Deus.

Mostrei depois que o culto de *veneração* é um culto essencialmente **evangélico,** tendo na Sagrada Escritura não simplesmente a sua base, mas a sua manifestação, a sua irradiação nas almas e no mundo.

Tudo isso é claro e insofismável.

Sendo um culto evangélico, sempre deve ter sido praticado na Igreja.

E de fato o foi...

Desde o primeiro século até os nossos dias, o culto de Maria Santíssima foi sempre **o mesmo,** não em intensidade e extensão, mas em substância e até no modo de manifestá-lo.

Através dos séculos podia-se seguir, passo por passo, uma plêiade de Santos que escreveram ou pregaram ensinando a mesma doutrina.

Onde Jesus Cristo reina, ali reina a Santíssima Virgem... e onde Jesus Cristo é renegado, ali também é rejeitada a sua divina Mãe.

O culto de Jesus e de Maria são inseparáveis, como são inseparáveis o filhinho e a mãe.

Os seus cultos, essencialmente distintos, desenvolvem-se um ao lado do outro... e quando as almas sobem a Deus pela adoração, são como que carregadas pelo amor da Mãe de Jesus.

Nas passagens dos Santos da primitiva Igreja pode-se ver claramente que as suas expressões são nossas expressões, e que a Igreja ainda professa.

Já no terceiro e quarto século, os Santos Padres aclamam-na como *Imaculada, Advogada, Medianeira, Intercessora, Porta do Céu,* etc, etc... títulos que até hoje a Igreja aplica à Virgem Santa e que tanto exaspera os pobres e infelizes protestantes.

E porque acham eles que tais títulos são *novidades, invenções,* quando logo em seguida dos apóstolos, tais títulos são dados à Maria Santíssima pelos primeiros cristãos pregadores, pelos primeiros escritores.

E donde tinham eles recebido estes títulos?

Naturalmente dos próprios apóstolos.

É o culto de Maria Santíssima como que remontando em linha reta e luminosa até aos apóstolos... estando a sua primeira proclamação e manifestação no próprio **Evangelho.**

Caros protestantes, deixai falar um pouco o vosso coração e o vosso bom senso, e em vez de escutar o ódio que vos legaram como tétrica herança, os vossos reformadores; lede o Evangelho, escutai a vossa consciência, e vereis que a verdade, a única verdade, está no ensino do catolicismo.

Sede filhos de Maria Santíssima como o quer o Salvador; respeitai e amai aquela a quem Jesus Cristo tanto amou, e que Ele nos deixou, no alto do Calvário, para ser a **nossa Mãe.**

O ódio nunca foi virtude.

O ódio para com uma mãe é um crime.

O ódio para com a Mãe de Jesus é uma heresia, é uma blasfêmia.

Ó doce e carinhosa Mãe, vós que sois o farol que nos indica o caminho de Jesus, iluminai os pobres protestantes, mostrai que sois Mãe deles, e fazei brilhar diante de seus olhos a luz da bondade e do amor, que tão barbaramente lhes esconde o erro protestante, e que tão horrivelmente deforma o preconceito sectário.

2. A Imaculada Conceição Segundo a Teologia

Não querendo admitir o culto de Maria Santíssima, os protestantes rejeitam naturalmente cada uma das prerrogativas de que Deus adornou a alma da Mãe de Jesus.

Admitir qualquer prerrogativa, qualquer dom especial, seria distingui-la das demais criaturas, e exaltá-la acima das outras dignidades; e isso não podem aceitar, pois toda exaltação em uma criatura supõe um direito, e todo **direito** exige um **dever** em outra criatura.

Direito e dever são correlativos e um não existe sem o outro.

Não querendo aceitar nenhum **dever** para com a Mãe de Jesus, os protestantes não admitem nenhum *direito* da parte dela.

A conclusão é lógica, embora o princípio seja de uma falsidade tangível.

A Igreja Católica, baseada sobre a **Bíblia;** sobre a **Razão** e sobre a **Tradição Apostólica** transmitida através dos séculos, como crença universal; declarou que a Mãe de Jesus foi concebida isenta do pecado original, preservada da mancha deste pecado pelos méritos antecipados do Salvador.

Tal verdade, gloriosa para a Mãe de Jesus e base de suas grandezas, não pode agradar aos amigos protestantes, aos quais repugna sumamente o culto de Maria Santíssima.

Examinemos as razões contrárias citadas por eles, assim como as provas em favor, aduzidas pela Igreja Católica.

As Objeções Protestantes

Quais são as grandes objeções dos protestantes contra a Imaculada Conceição de Maria Santíssima?

A primeira (negativa) é:

> "A Imaculada Conceição não figura na **Bíblia**."

A segunda (positiva) é de São Paulo, que disse:

> "Todos os homens pecaram num só. (Rm 5, 12)"

Examinemos o valor destas duas objeções.

Diz o articulista que tal dogma não figura na Bíblia.

Mostrarei mais adiante como é falsa e que ele ali figura em diversos lugares não pelo **nome,** mas pela **verdade.** Pouco importa que ali não se encontre o nome. O nome de uma coisa é feito para manifestar a existência desta coisa; e antes de ter um nome, a coisa já deve existir.

O nome pouco importa e pode ser mudado.

A palavra *sífilis* é de recente adoção, e hoje os médicos veem sífilis em toda parte, embora não haja mais do que em tempos passados. É o que outrora se chamava *impureza de sangue*. Na Bíblia não figuram as moléstias: oftalmia, clorose, lumbago, meningite, coriza, epistaxes, etc, etc; embora as moléstias existissem nesse tempo como hoje; a diferen-

ça é que outrora chamavam-se tais moléstias: dor de olhos, fraqueza, dor dos rins, febre cerebral, resfriamento, sangria de nariz, etc.

Apoiando-se sobre tal princípio os protestantes pronunciam a sua própria sentença de morte, pois nem o nome de sua seita figura na Bíblia.

Onde encontrar, por exemplo, Luteranos, Calvinistas, Anglicanos, Metodistas, Anabatistas, Batistas, Huguenotes, Hussistas, Quakers, Adventistas, etc? Parando aqui para não repassar as 880 seitas protestantes, com pretensão de cada uma ser representante da Bíblia e da verdade autêntica.

Tudo está na Bíblia, dizem, e nem elas ali figuram.

A conclusão é que eles mesmos são obrigados a confessar que há coisas reais que não figuram na Bíblia.

Não admitindo isso, são obrigados a admitir que eles mesmos não são uma coisa real, mas simplesmente imaginária.

Quem sabe se não teriam razão?

Em todo caso, o argumento **negativo** perde todo o seu valor e nada prova.

Quanto ao argumento *positivo,* vejamos de perto.

São Paulo diz que *todos os homens pecaram num só* (Rm 5,12).

Estamos de pleno acordo: É o pecado original.

Note bem o amigo protestante que é um pecado de **transmissão.** É um só quem pecou: Adão; e este pecado transmitiu-se a todos.

Mas, **pecar** e receber a **transmissão** do pecado são duas coisas distintas.

Maria Santíssima pecou em Adão.

Mas o pecado de Adão que devia ser-lhe transmitido segundo a lei, não o foi, por **preservação** divina.

Maria Santíssima é do sangue de Adão e Eva: Como tal pecou em Adão, mas como tal pecado em Adão é transmitido pelo sangue, é perfeitamente possível a Deus impedir esta transmissão.

Tal preservação é feita em virtude de **antecipação** dos merecimentos do Salvador.

Deste modo, Maria é a primeira resgatada e o mais sublime troféu de vitória do Redentor.

É o milagre que Deus fez.

O sangue pecaminoso de Adão e Eva devia chegar até Maria Santíssima, mas antes de participar de seu ser; neste momento quase imperceptível em que a alma criada por Deus devia unir-se ao sangue formado pelos progenitores para formar a pessoa de Maria Santíssima; Deus retirou o pecado e a Virgem nasceu do sangue regenerado, purificado de Adão e Eva, sendo ela, Maria, preservada de todo contato do pecado.

Tal é o privilégio da Imaculada Conceição.

Bem vê o meu caro protestante que a lei geral, traçada por São Paulo, não foi violada de modo nenhum, mas basta saber interpretá-la.

Podemos, pois, repetir com o apóstolo.

> "Todos pecaram em Adão."

Mas: *todos não receberam* o sangue pecaminoso de Adão.

Jesus Cristo não podia recebê-lo, por ser **Deus.**

Maria Santíssima não podia recebê-lo, por ser **Mãe de Deus.**

O Cristo foi isento do pecado original por *natureza.*

Maria Santíssima o foi por *preservação;* São João Batista o foi por *purificação.*

Eis como cai o argumento positivo contra a Imaculada Conceição.

Destes dois argumentos, nenhum pode sustentar-se, sem cair na mais flagrante contradição.

Logo, os dois argumentos protestantes contra a Imaculada Conceição, são de nenhum valor, e nada provocam contra a doutrina ensinada pela Igreja Católica.

O Que é o Pecado Original

Para a nítida compreensão da Imaculada Conceição, é preciso ter uma noção exata do pecado original.

Tendo uma noção errada do mal, errada deve ser também a noção da reparação, como a da preservação deste mal.

É a infelicidade de nossos contraditores protestantes, que se apegam ao texto da Bíblia limitando-se às palavras, sem penetrar no âmago das verdades que as palavras significam.

O pecado original é o pecado cometido por Adão e Eva, desobedecendo a Deus.

Este pecado, em Adão, era **atual,** e o afastou de Deus como fim sobrenatural.

Em nós, é um pecado **de raça.** O gênero humano forma um corpo único, cuja cabeça natural e moral é Adão, de modo que a cabeça pecando, todos os membros participam deste pecado.

Quando Deus criou nossos primeiros pais, estabeleceu os no estado de inocência, de justiça original e de santidade, outorgando-lhes dons de três qualidades: *naturais, sobrenaturais* e *preternaturais*.

Os dons naturais são as propriedades do corpo e da alma, exigidas por sua natureza de homem, para alcançar o seu fim natural.

Os dons sobrenaturais são a graça santificante que fez deles filhos adotivos de Deus e a predestinação à visão beatífica.

Os dons preternaturais consistem na imunidade do sofrimento, da morte, da concupiscência e da ignorância.

Assim, cumulados de toda sorte de benefícios, sem direito algum a tais bens, Adão e Eva desobedeceram a Deus, cometeram um pecado mortal, comendo do fruto da árvore do bem e do mal (Gn 2, 17).

O pecado, como diz São Paulo, *entrou no mundo por um homem só* (Rm 5, 12).

As consequências deste pecado foram desastrosas.

Logo, Adão e Eva perderam todos os dons que excediam as exigências da natureza humana.

Como vimos acima, tinham eles recebidos três espécies de dons: perderam logo os dons *sobrenaturais* e *preternaturais,* conservando apenas, e ainda muito enfraquecidos, os *dons naturais*, próprios de sua condição de criaturas racionais.

Privado dos dons gratuitos, diz São Beda, o Venerável; Adão, pecador, foi vulnerado na sua própria natureza.

Gratuitis spoliatus, vulneratus in naturalibus.

Como disse supra, o pecado de Adão não foi somente um pecado **pessoal** *nele, mas também um pecado* de **raça,** ou de natureza; enquanto ele era a **cabeça** da humanidade, de modo que, todos aqueles que partilham esta natureza, ou pertencem à raça humana, deviam partilhar deste pecado, causando na humanidade inteira:

A perda dos dons sobrenaturais e preternaturais e o **enfraquecimento** dos dons naturais.

Os dons sobrenaturais foram recuperados pela Encarnação e Redenção do Salvador, que exigem a nossa cooperação; mas ficamos privados dos dons preternaturais, que constituem o efeito permanente da queda de nossos primeiros pais.

O homem fica sujeito ao sofrimento, à morte, à concupiscência e à ignorância.

Contra o sofrimento e a morte não há outro remédio, senão a conformidade à vontade divina; contra a concupiscência e a ignorância há a luta para dominá-las e libertar-se de seu jugo.

Quanto aos dons naturais, não foram retirados em sua constituição intrínseca, mas em seu exercício, em seu uso, porque as paixões desnorteiam o juízo e enfraquecem a vontade.

Tal é o pecado original em sua fonte e em suas consequências; compreendidas estas verdades, ser-nos-á fácil compreender as exceções a esta lei geral.

A Conceição de Maria Santíssima

O erro fundamental dos protestantes é a ideia de que nós atribuímos à Maria Santíssima uma conceição divina, como não tendo ela nascido como as demais criaturas.

É um erro, atribuindo à doutrina católica o que ela não ensina. A Igreja não ensina isso.

A conceição de Maria Santíssima **é humana,** completamente humana, e não tem nada de divino. Ela foi concebida pelas vias ordinárias da

natureza; só a conceição de Jesus Cristo **é divina,** operada pela virtude do Espírito Santo, sem a participação do homem.

Maria Santíssima teve pai e mãe: São Joaquim e Sant'Ana. Nada houve de extraordinário, nem de milagroso no **ato** de sua conceição, nem em seu nascimento: Ela é filha da raça humana... participando do sangue desta raça, e como tal, apesar de não ter o pecado original, como explicarei em seguida, *ela pecou em Adão,* conforme a lei geral já citada de São Paulo:

> "Todos os homens pecaram num só. (Rm 5, 12)"

Até aqui tudo é natural, aqui se apresenta o sobrenatural: o milagre.

Se a conceição de Maria Santíssima não é divina, ela é, entretanto, milagrosa **no fato.**

É o próprio Evangelho que atesta o milagre.

Como prova do milagre que ia operar-se em Maria Santíssima, o arcanjo cita um milagre já operado em Santa Isabel:

> "Eis que também Isabel, tua parente, concebeu um filho na sua velhice. (Lc 1, 36)"

E não somente concebeu em sua velhice, o que já é um milagre, mas concebeu, sendo estéril, o que constitui um segundo milagre:

> "Não tinham filhos, porque Isabel era estéril e ambos se achavam em idade avançada. (Lc 1, 7)"

Sant'Ana concebeu, apesar de sua esterilidade e de sua velhice; e depois de ter concebido a mais santa das crianças, recaiu em sua esterilidade.

A conceição de Maria é, pois, **milagrosa,** no fato, mas não é divina.

Se fosse divina, Maria Santíssima não precisaria de redenção; sendo humana, embora milagrosa, ela precisava ser resgatada, como qualquer outro descendente de Adão.

A redenção supõe uma queda, pelo menos *em Adão.*

Para ser resgatado, é preciso ser, de qualquer modo, escravo do pecado.

Maria Santíssima não foi escrava do pecado como **pessoa,** mas o foi como pertencente à **raça** humana.

Jesus Cristo é Salvador do gênero humano inteiro, conforme a doutrina tão acentuada por São Paulo; e nada autoriza uma exceção, nem em favor da Mãe de Jesus.

Uma tal exceção seria inútil à sua glória; pois não somente a Virgem Mãe não fica diminuída nem humilhada por ser devedora de sua glória aos méritos do Salvador; mas mais exaltada, como fica mais exaltado o próprio Redentor, em contar a sua própria Mãe como primeiro troféu de sua morte.

Para provar esta redenção, Suarez usa do seguinte argumento:

> "São Paulo diz que:

"Se um só morreu para todos é porque todos estavam mortos. (2Cor 5, 14)"

Ora, Jesus Cristo morreu também para Maria.

Logo, ela estava morta *em Adão."*

Entende-se por morta em Adão, o fato de Maria, em virtude de sua conceição, estar sujeita ao pecado original *por direito,* que teria contraído sem uma intervenção divina; porém não foi sujeito ao pecado, de *fato* porque uma graça singular do Redentor a preservou, afastando dela a dura necessidade da mancha original.

A PRESERVAÇÃO DE MARIA

A redenção é dupla: libertadora e preservativa.

A redenção **libertadora** repara as ruínas feitas pelo pecado, restituindo ao homem o que lhe tirou o pecado, fazendo-o passar de estado de pecado ao estado de graça.

É a redenção comum a todos os homens.

A redenção **preservativa** consiste, não em reparar as ruínas, mas em impedir tais ruínas. Ela não levanta a natureza decaída, mas a impede de cair. Ela não purificou a Mãe de Jesus, mas a impediu que contraísse a mancha original.

Em síntese, devemos dizer que: Jesus Cristo, morrendo na cruz e salvando o gênero humano, salvou, pois, também a Virgem Santíssima, como fazendo parte da humanidade.

A qualidade de Redentor convém, pois, perfeitamente a Jesus Cristo, a respeito de sua própria Mãe.

É deste modo que Maria participou dos méritos de seu divino Filho, não como nós, mas de um modo que lhe é todo peculiar, **preservando-a** de uma mancha que devia contrair e não contraiu.

São Francisco de Sales exprime esta verdade de um modo tão singelo, quão gracioso!

> "A torrente da iniquidade original veio lançar as suas ondas impuras sobre a conceição da Virgem Sagrada, com a mesma impetuosidade que sobre a conceição dos outros filhos de Adão; mas chegando ali, elas não passaram além, mas pararam, como outrora o Jordão no tempo de Josué.
>
> A torrente parou as suas águas, por respeito à arca da aliança, e o pecado original retirou as suas ondas, por respeito ao Tabernáculo da verdadeira aliança, que é a Virgem Maria."[10]

Não posso deixar de citar uma passagem do ilustre Bossuet que tão admiravelmente fala dos grandes mistérios, e sobretudo da Imaculada Conceição:

> "Esta conceição, tem isso de comum com todos os fiéis, que Jesus lhe dá **o seu sangue;** mas ela tem isso de particular, que primeiramente recebeu **de Maria** este sangue.

---

[10] Tratado do amor de Deus.

Ela tem isso de comum conosco, que este sangue cai sobre ela, para santificá-la; mas tem isso de particular, que Maria é a sua fonte.

De tal modo que podemos dizer que a conceição de Maria é como a primeira origem do sangue de Jesus.

É daí que esta bela torrente começa a espalhar estas ondas de graças que circulam em nossas veias pelos Sacramentos, e que levam o espírito de vida a todo o corpo da Igreja.

Não procurai, pois, o nome de Maria na sentença de morte, que foi pronunciada contra todos os homens.

Não está mais ali! Foi apagada!

E como?

Por este sangue que tendo sido haurido em seu casto seio, deve empregar em seu favor tudo o que contém de força, contra esta lei funesta que nos mata desde a origem."[11]

A Transmissão do Pecado

Diante desta doutrina católica, certa e clara, as objeções protestantes se dissipam, como as trevas diante do sol matinal.

O seu grande argumento é querer opor ao dogma da Imaculada Conceição o texto de São Paulo:

---

[11] Bossuet: 2 Sermon pour la Conception – 1 point.

"Todos os homens pecaram num só."

Tal lei é certa, e como acabo de prová-lo, não acha a mínima contradição no fato da Imaculada Conceição.

Os amigos protestantes devem compreender a diferença essencial entre *pecar em Adão* e pecar pessoalmente, como entre pertencer à uma raça pecadora e ser pecador.

E basta esta distinção para compreendermos a possibilidade da Conceição Imaculada.

Resta-nos a elucidar ainda um ponto que vai mostrar o como a Virgem Santíssima foi preservada deste pecado.

Como é que nós contraímos o pecado original?

Tal transmissão não se pode fazer pela *Criação* da alma, senão Deus seria o autor do pecado, o que é impossível.

Não se transmite tão pouco pelos pais, pois a alma dos filhos não tira a origem da alma dos pais, mas é criada por Deus.

Ela se faz pela **geração[12].**

A alma é criada por Deus na inocência perfeita, mas contrai a *mácula,* unindo-se a um corpo formado de um gérmen corrompido, do mesmo modo que a alma sofreria, se fosse unida a um corpo ferido.

---

[12] NE: Seja ela natural ou artificial.

É a opinião de Santo Tomás.

Santo Agostinho diz a propósito:

> "Os filhos nascidos de pais batizados, nascem, entretanto, com o pecado original, como do trigo imunizado nasce uma espiga, na qual o grão é misturado com a palha."

Para compreender bem esta doutrina, é preciso distinguir; como o fazem São Boaventura e o Papa Bento XV; uma dupla conceição:

A ativa, que não é outra coisa senão a procriação do corpo.

A passiva, que se realiza quando Deus une uma alma ao corpo que acaba de ser gerado.

A conceição *ativa* de Maria em nada difere da conceição de outras crianças, pois ela foi gerada por São Joaquim e Sant'Ana, segundo as leis da natureza.

A conceição *passiva,* ao contrário, é completamente diferente.

A nossa alma, no momento de unir-se ao corpo que ela deve vivificar, desde que entra em contato com este corpo para formar uma **pessoa humana,** é contaminada pelo pecado original.

O pecado não reside na alma, nem no corpo, mas sim na união substancial da alma e do corpo, para constituir o homem.

É **o homem** que é contaminado pelo pecado; o homem como tal, de modo que na morte, a alma separando-se do corpo, readquiriria por assim dizer os privilégios de inocência e justiça original se apesar de separada não conservasse a *aptidão* e a *disposição* de um dia ser reunida

de novo a este corpo, de modo que, mesmo separada do corpo, a alma fica sempre alma humana.

Foi neste momento quase imperceptível que Deus preservou a *pessoa* de Maria Santíssima do pecado original.

Criou a sua alma, como cria as nossas almas.

Os pais de Maria Santíssima formaram-lhe o corpo, como os nossos pais formaram o nosso. Até aqui tudo é natural; o milagre da **preservação** limita-se ao instante em que Ele uniu a alma ao corpo.

Desta união devia resultar *a transmissão do pecado.* Deus fez parar o curso desta transmissão; de modo que a união se fez, como se tinha feito na pessoa de Adão, quando Deus, depois de ter feito o seu corpo soprou nele o espírito, formando um homem na perfeição da inocência e da justiça original.

Maria é uma segunda Eva..., mas Eva antes de sua queda.

Tal é a sublime doutrina da Igreja.

A Exceção à Esta Lei

Será possível objetar que Deus não pode derrogar às leis gerais constituídas por Ele mesmo?

Seria negar a onipotência divina, fixar limites Àquele que não tem limites.

É uma lei geral que *todos pecaram num só.* Tal lei, de fato, é universal, e não comporta nenhuma exceção entre as criaturas.

É outra lei geral, que o pecado transmite-se a todos os filhos de Adão.

Esta segunda lei, entretanto, é menos rigorosa que a primeira, pela simples razão que o primeiro fato é *antecedente,* enquanto o segundo é *consequente.*

O pecado original foi cometido no princípio do mundo, na origem da raça humana; enquanto a *transmissão* não foi feita, mas apenas decretada, no princípio; efetua-se na ocasião da união da alma com o corpo.

Nada impede, pois, que, antes de efetuar-se esta união, Deus intervenha e suspenda **um dos efeitos** desta união, que é precisamente o pecado original.

A Bíblia está repleta destas derrogações.

O movimento do sol e da lua está matematicamente fixado pela lei da natureza, entretanto Josué não hesitou em fazê-lo parar:

> "Sol detêm-te em Gibeon, e tu, lua, no vale de Hadjalon. E o sol deteve-se e a lua parou. (Js 10, 12-13)"

É uma lei que as águas seguem a correnteza do seu curso, entretanto *Moisés estendeu a sua mão... e o mar tornou-se em seco, e as águas foram partidas... como muro à sua direita e à sua esquerda* (Ex 14, 21-22).

É uma lei que um morto fique morto até a ressurreição geral; entretanto o próprio Cristo-Deus, diante do cadáver de Lázaro já em putrefação, exclamou:

> "Lázaro, sai... E imediatamente aquele que estava morto saiu vivo. (Jo 11, 41-43)"

Que prova isso, meu caro protestante? Isso prova que:

> "Nada é impossível a Deus. (Lc 18, 27)"

Todos os homens pecaram em Adão e Eva, e nascem com o pecado original: *É a lei geral.*

Deus pode derrogar esta lei, como pode derrogar muitas outras, quando Ele o julgar necessário ou conveniente.

Ora, era absolutamente **necessário** que Ele derrogasse esta lei em favor do seu próprio Filho. O Deus de toda pureza não podia entrar em contato com o pecado. Estes dois termos se excluem mutuamente. Se Jesus se contaminasse pelo pecado, não seria mais a pureza infinita... e não o sendo mais, deixaria de ser Deus, porque em Deus tudo é infinito.

Escute bem, caro protestante...

Ora, o Cristo, infinitamente puro, não o seria mais, se Ele tomasse um corpo formado por uma carne e um sangue maculados pelo pecado.

O filho recebe o seu corpo do corpo e do sangue de sua mãe. O filho é uma continuação de seus pais.

O corpo de Jesus Cristo é um corpo formado pela carne e pelo sangue da Santíssima Virgem. Ele é o *filho de Maria: Aquele que há de nascer de ti será chamado o filho de Deus,* diz São Lucas (1 ,35).

Sendo o corpo de Jesus formado do sangue de Maria, e devendo este corpo ser de uma pureza infinita, pois é o corpo de Deus; *é absoluta-*

mente exigido que a carne e o sangue de Maria sejam de uma pureza absoluta, isto é, sem pecado original.

Havia duas maneiras de alcançar esta pureza: a **purificação** ou a **isenção** de pecado original.

Qual destes dois modos há de ser o mais *conveniente?*

A discussão é inútil.

Se Maria Santíssima tivesse sido apenas *purificada* do pecado, ela teria sido escrava, pelo menos durante uns instantes, do demônio, e mais tarde o demônio teria podido lançar no rosto do Salvador este insulto: *Tua mãe! Ela foi minha antes de ser tua! Eu a possuí maculada!*

Uma tal suposição é horrível!

Vá, Satanás, longe daqui!

Nunca... nunca... nem durante um instante... tu dominarás a *mulher bendita entre todas as mulheres! O Senhor estará com ela* desde o princípio, e onde está o Senhor, lá não pode estar Satanás.

Ela será cheia de graça... E se ela fosse dominada pelo mal, se ela o fosse apenas um instante, ela não estaria mais **cheia** de graça; faltaria qualquer coisa a esta plenitude... faltaria a graça *inicial.*

Eis porque a Mãe de Jesus não podia ser simplesmente **purificada** do pecado... devia ser **preservada.**

CONCLUSÃO

É por não terem compreendido esta doutrina, que os amigos protestantes fazem mil objeções contra este dogma, proclamando-o em contradição com a lei geral, impossível em sua realização.

Caros protestantes, estais enganados!

Estudai melhor a doutrina católica, e vereis como em tudo ela se harmoniza com Bíblia, e acha nesta Bíblia o seu fundamento e sua proclamação.

Vejamos agora exatamente em que consiste o tal privilégio, será a conclusão deste capítulo.

O pecado original é essencialmente uma **privação.**

É a privação da graça primordial concedida à natureza humana na pessoa de Adão.

Uma comparação, embora imperfeita, nos fará compreender esta privação.

Na ordem *intelectual e moral* a diferença entre o homem decaído e o homem criado no estado de pura natureza é análoga à diferença que existe na ordem *física* entre um civilizado despido dos vestidos que costuma trajar, e o selvagem que nunca usou roupagem.

A nossa alma **é privada** na sua origem da graça santificante, que nos decretos da providência ela devia ter na ocasião de sua criação.

Nos desígnios de Deus esta graça devia adornar todo homem entrando na vida e tornar a sua alma bela e agradável a Deus.

Assim não acontece mais.

Deus cria a alma pura e santa, à sua própria imagem, porém na ocasião desta alma unir-se ao corpo que acaba de ser formado pelos progenitores, a **pessoa humana,** que resulta desta união substancial, fica privada desta graça santificante que fazia em Adão a sua beleza e a sua glória.

Em vez dos tesouros magníficos que esta alma humana devia possuir; ela é pobre, nua, miserável, ao chegar à existência.

Esta nudez é para ela uma mancha, como é uma mancha para um edifício suntuoso a destruição do mármore, da prata, do ouro, de que era revestido; deixando aparecerem somente as pedras brutas e as muralhas.

Aplicando estas analogias à Virgem Santíssima, teremos a noção exata de sua Imaculada Conceição.

Dizendo que Maria é Imaculada, a Igreja quer dizer que ela não conheceu esta **privação,** mas que a sua alma conservou íntegra a inocência; a justiça de que Deus adornara Adão e Eva, no momento da Criação.

Maria é a Eva restaurada na sua antiga formosura, é a criatura ideal, perfeita, tal qual saiu das Mãos do Criador, sem que o pecado projetasse sobre ela a sua sombra.

E a **preservação** desta *privação* foi feita por uma aplicação antecipada dos méritos do Salvador.

Libertada da misteriosa solidariedade pela qual todos nós nascemos pecadores e filhos da perdição, Maria saiu das mãos do Criador, tão perfeita e tão rica, tão pura e tão bela, que desde então estavam realizadas as palavras do arcanjo no dia da Encarnação: *Ave, gratia plena:* Ave, ó Maria, cheia de graça!

Caros protestantes, refleti um instante sobre esta doutrina da Igreja!

Ela é divinamente bela e harmoniosa!

Ela é soberanamente digna de Deus!

Ela é gloriosamente honrosa para Maria!

Ela é humanamente suave para nós!

É uma doutrina racional, lógica, e se não houvesse na Sagrada Escritura prova nenhuma, texto algum que apoiasse a Conceição Imaculada de Maria, seria preciso ainda admiti-la; por ser a única doutrina que coaduna com a dignidade de Deus e de Maria Santíssima, como coaduna com o bom senso e a aspiração universal do mundo cristão.

Digo: Se não houvesse provas na Bíblia; porém tais provas existem, claras e positivas, como quero mostrá-lo no capítulo seguinte.

3. A Imaculada Conceição Segundo a Sagrada Escritura

Às provas teológicas, conformes ao bom senso; ao raciocínio e à Tradição do mundo cristão; é preciso juntas as provas bíblicas.

Os protestantes só acreditam na Bíblia.

Sem refutar o que há de irracional nesta asserção, pode-se dizer que, segundo o testemunho da própria Bíblia, todas as verdades não estão contidas na Bíblia.

É para refutar de antemão os futuros protestantes que São João termina o seu Evangelho com estas palavras:

> "Muitas outras coisas há que fez Jesus, as quais, se se escrevessem uma por uma, creio que nem o mundo todo poderia caber os livros que seria preciso escrever. (Jo 21, 25)"

É apenas uma hipérbole[13] empregada pelo Evangelista para mostrar que, além do que está escrito, Jesus fez e ensinou ainda muitas coisas.

Estas coisas não escritas foram recolhidas e transmitidas pelos apóstolos aos seus sucessores, e mais tarde foram escritas pelos primeiros Doutores da Igreja, em caráter não-inspirado, por iniciativa particular.

É o que São Paulo chama de **Tradição:**

---

[13] NE: Figura de linguagem que se usa de uma espécie de exagero intencional.

> "Conservai as tradições que aprendestes ou por nossas palavras ou nossa carta. (2Ts 2, 15)"

Tal Tradição é unânime em afirmar a Imaculada Conceição, como mostrarei adiante; limitando-me aqui em procurar a sua **base** na Sagrada Escritura, que os amigos protestantes aceitarão mais facilmente que as provas teológicas.

As Provas Bíblicas

Uma verdade pode ser revelada na Bíblia de dois modos: *explicitamente* e *implicitamente.*

Uma verdade está **explicitamente** na Sagrada Escritura, quando, sem raciocínio, tal verdade se apresenta claramente ao espírito, por exemplo: *Maria de quem nasceu Jesus:* é a revelação **explícita** da Maternidade Divina da Virgem Santa.

À primeira vista qualquer pessoa compreende que tal expressão significa que *Maria é mãe de Jesus.*

Uma verdade pode ser revelada também **implicitamente,** quando ela está contida em outra verdade claramente revelada, podendo-se, pelo raciocínio, deduzi-la desta verdade.

Por exemplo: *Maria é Mãe de Jesus.*

Ora, uma Mãe é uma Medianeira nata perto do Filho.

Logo, Maria é *Medianeira* entre Jesus Cristo e os homens.

A Mediação Universal da Virgem Imaculada é, pois, uma verdade contida **implicitamente** no texto citado do Evangelho.

A Imaculada Conceição não é revelada *explicitamente,* mas o é **implicitamente,** como consequência das verdades explicitamente reveladas.

São estas verdades que devemos estudar aqui para depois completá-las pelo testemunho **explícito** da Tradição dos primeiros séculos.

Procuremos uma prova sólida da Imaculada Conceição na própria obra da Encarnação.

A obra da Encarnação, no plano divino, inclui Maria e inclui a sua alma, a sua pessoa e, por conseguinte a sua Conceição.

Maria Santíssima é Mãe de Jesus Cristo, e é **Mãe Virgem:**

> "O anjo Gabriel foi enviado... a uma Virgem. (Lc 1, 26)"
>
> "Eis que não conheço varão. (Lc 1, 34)"
>
> "O Espírito Santo descerá sobre ti. A virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. (Lc 1, 35)"

A maternidade virginal de Maria é uma verdade *explicitamente* revelada.

Ora, a mesma razão que fez nascer Jesus de uma **Mãe Virgem,** deve fazê-lo nascer de uma **Mãe Imaculada.** A Conceição Imaculada é, pois, uma verdade implicitamente revelada na revelação explícita de sua Maternidade Virginal.

Examinemos de perto este argumento.

Por que quis Deus nascer de uma Mãe Virgem?

Para que a santidade que devia adornar a sua pessoa viesse de uma fonte igualmente pura; da parte do corpo, como da parte da alma.

A alma de Jesus Cristo foi criada por Deus e inseparavelmente unido à divindade, como o foi a sua alma.

Este corpo devia, pois, ser santíssimo, na altura da alma santíssima, à qual devia ser unido **substancialmente** para constituir a pessoa divina de Cristo.

O **corpo** devia ser digno da **alma,** e ambos deviam ser dignos da **divindade.**

Este corpo devia, pois, ser formado de um sangue puríssimo, de um sangue imaculado em sua origem, como em seu estado atual.

Por isso, a **Virgindade** de Maria foi como a condição de sua **maternidade.**

Vemos, pelo Evangelho, que Deus reservou-se esta virgindade que Maria lhe tinha consagrado até nos laços do matrimônio, como devendo ser a habitação do Santo dos Santos:

> "O anjo Gabriel foi enviado... a uma Virgem... desposada, não conhecendo varão... E por isso mesmo o Santo, que deve nascer dela, será chamado Filho de Deus. (Lc 1, 35)"

Desde esta hora, Maria estava *cheia de graça, era bendita entre as mulheres... e o Senhor estava com ela* (Lc 1, 28).

Esta virgindade, esta plenitude de graças, esta bênção eram a **condição anterior** e preparatória da maternidade de Maria.

Ora, tal **anterioridade** devia necessariamente remontar até a sua conceição, para que, de uma Virgem sem pecado, nascesse sem pecado Aquele que vinha apagar o pecado, como diz admiravelmente São Bernardo.[14]

De fato, que motivo Deus teria tido em exigir em Maria esta santidade virginal antes da Conceição de Jesus Cristo, que não fosse bastante forte, para fazer remontá-la à própria conceição de Maria?

A santidade do Filho, sendo **o motivo** da santidade anterior de Maria, não podia contentar-se completamente, senão possuindo Maria inteira, desde a sua origem.

O que era Maria quando concebeu Jesus Cristo, ela o devia ser, desde o tempo em que ela mesma foi concebida.

A personalidade da Santíssima Virgem fica identificada com a sua virgindade, com a sua pureza imaculada.

Ela é revestida desta pureza como de um sol; e o prodígio, que lhe fez conservar esta virgindade na conceição e no parto de seu Filho, nos garante a pureza de sua própria conceição.

Como se vê, a revelação **explícita** da *Maternidade* Divina da Virgem Santa inclui a revelação **implícita** de sua Imaculada Conceição.

---

[14] S. Missus est, Hom. 2.

É uma primeira prova Bíblica e que já seria suficiente para convencer a um homem sem preconceitos e desejoso de conhecer a verdade, em vez de querer defender as suas ideias errôneas.

Vamos adiante, encontraremos muitas outras passagens do mesmo valor comprovativo.

O TABERNÁCULO DIVINO

Um texto de São Paulo projeta uma luz suave e forte sobre o argumento precedente.

O apóstolo escreve:

> "Cristo, vindo como Pontífice dos bens futuros, (passou) pelo meio de um Tabernáculo mais excelente e perfeito, não feito por mão dos homens, isto é, não desta criação. (Hb 9, 11)"

Analisemos esta passagem e nela encontraremos, bela e resplandecente, a revelação *implícita* da Imaculada Conceição.

O apóstolo compara aqui o Pontífice da lei antiga com o da lei nova, mostrando que o primeiro entrava no Tabernáculo, no Santo dos Santos, uma vez por ano, para oferecer o sangue dos holocaustos; enquanto Jesus Cristo, o Pontífice da nova lei, passa por um *primeiro Tabernáculo, não feito pela mão dos homens,* para apresentar-se no segundo, pela efusão de seu próprio sangue (*per proprium sanguinem, intravit semet in sancto*).

Tal é a oposição que o apóstolo estabelece entre os dois Pontífices.

O Pontífice da lei antiga era homem como qualquer um; pecador como era, entrava no primeiro Tabernáculo, onde todos entravam (o Santo) e só entravam uma vez por ano no segundo Tabernáculo (*sancta sanctorum*).

Pode-se deste modo traduzir a passagem de São Paulo:

> "Cristo passou pelo meio de um Tabernáculo mais excelente e perfeito, não feito pela mão dos homens e não sendo desta criação."

E este Tabernáculo, adornado de tais qualidades, só pode ser **o seio Imaculado de Maria.**

Este argumento refere-se diretamente à santa humanidade do Salvador e indiretamente à santidade original de Maria.

Se houvesse qualquer mancha na formação de Maria, haveria igualmente na formação de Jesus, pois o filho é formado pelo sangue da mãe.

Mas São Paulo faz notar que este Tabernáculo, pelo qual passou o Cristo, *não era feito pela mão dos homens;* Jesus Cristo formou-o com sua própria mão. Deus formou a sua própria Mãe.

Por este título, Maria é **duplamente** Imaculada; como obra feita imediatamente por Deus, e como sendo a sua Mãe, da qual Ele mesmo devia receber a sua humanidade.

Aos protestantes que consideram exagerado e excessivo este privilégio da Imaculada Conceição pode-se responder que Aquele que faz o *maior* deve fazer o *menor,* pois o todo inclui as partes.

Deus elevou-a, pela Maternidade Divina, a uma honra infinita[15], muito acima dos anjos, enquanto que pela Imaculada Conceição elevou-a apenas acima dos homens pecadores.

Qual é, de fato, o anjo que pode dizer a Deus: *Tu és meu Filho?*

E elevando, deste modo, Maria acima de todos os anjos, como Deus não a elevaria acima da natureza humana decaída?

Se o não fizesse, seria uma contradição nas obras de Deus. Ele faria o *maior* e recusaria o *menor*... Ele elevaria uma criatura acima dos anjos e a lançaria ao mesmo tempo no meio da raça pecadora dos homens?

Seria como se o monarca poderoso elevasse ao trono e escolhesse como *rainha* uma pobre filha do povo, e a tomasse ao mesmo tempo como *escrava*, para servir à sua mesa.

Seria ridículo... indigno de um rei, quanto mais indigno seria de Deus!

Não, não... É impossível!

Se Deus pode preservar Maria do pecado original, e quis preservá-la... Ele o fez!

Ora, negar que **o pode fazer,** seria tão absurdo quão blasfematório contra o seu poder.

---

[15] Thom. 1 p. q. 25 a. 6.

Dizer que **não o quis** fazer, seria ferir a sua bondade e o seu amor filial.

Enfim, dizer que nem o pôde, nem o quis fazer, quando pôde e quis fazer infinitamente mais, fazendo-a *sua mãe,* seria excluir da noção de Deus toda sabedoria, toda razão, como toda bondade e todo poder.

A palavra de São Paulo é, pois, uma revelação **implícita** do grande dogma da Imaculada Conceição!

O próprio Jesus Cristo fez o seu Tabernáculo, e o fez, *mais excelente e perfeito, não sendo desta criação,* mas de uma criação à parte, única, que é a de um Tabernáculo destinado ao próprio Filho de Deus.

Ora, um tal Tabernáculo, feito imediatamente pela mão de Deus e para Deus, devia ter toda a beleza, toda a pureza que o próprio Deus pode outorgar a uma criatura.

E esta pureza perfeita, ideal, chama-se a Imaculada Conceição!

O Mais Antigo Dogma

Os amigos protestantes taxam de **novidade** o dogma da Imaculada Conceição.

É falta de reflexão.

É o mais antigo dos dogmas revelados ao mundo.

Ele é mais antigo que a Igreja, mais antigo que o Evangelho. Ele era com Jesus Cristo antes que Abraão existisse: É por ele que começam as Sagradas Escrituras.

A Imaculada Conceição de Maria é de novo *implicitamente* revelada neste oráculo de Deus que traz o capítulo três do Gênesis, e que Ele dirigiu ao demônio, depois da queda de nossos primeiros pais:

> "*Inimicitias pona minter te et mulierem, et sementuum et semen illius: ipsa conteret caput tuum*. (Gn 3, 15)"

A tradução literal é:

> "Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua semente e a semente dela: ela te esmagará a cabeça."

Eu pergunto aos protestantes inteligentes: É possível limitar este texto a Eva?

É impossível! Se o tal texto se limitasse a Eva, Deus deveria ter dito: *Porei inimizades entre ti e Eva, ela te esmagará a cabeça.*

Dizendo que é *a mulher* que deve esmagar a cabeça de Satanás, e ampliando esta palavra dizendo que é *a sua semente,* vê-se imediatamente que Eva é aqui apenas a *representação* de uma mulher.

E qual é esta mulher?

É a mesma a quem o Salvador chama sempre no Evangelho de *mulher,* em vez de: minha Mãe:

> "Mulher, eis aí o teu filho. (Jo 19, 26)"

> "Mulher, que nos importa a nós? (Jo 2, 4)"

Tal é a mulher predita no paraíso e realizando a profecia pela sua Conceição Imaculada, esmagando a cabeça da serpente.

Esmagar a cabeça da serpente é escapar à sua dominação, é ficar isenta de sua mordedura e dominá-la pela santidade.

Ora, tudo isso é claramente o que constitui o privilégio da Imaculada Conceição.

Não se limitando tal profecia a Eva, os protestantes devem encontrar qualquer outra mulher que tenha este privilégio; pois deve existir em qualquer criatura, senão seria uma profecia sem objeto, o que não se pode admitir.

E qual será esta mulher esmagando a cabeça da serpente? Será Raquel, Rebeca, Sara, Débora, Judite, Abigail, a Sulamita, Ester, Noemi, Resfa, a mãe dos Macabeus, umas tantas figuras da Mãe de Deus?

Ou ainda, no Novo Testamento, será Maria Madalena, ou qualquer outra das Santas Mulheres?

Caros protestantes, reflitam um instante e compreenderão que a **única mulher,** *cheia de graça, bendita entre todas as mulheres,* é Maria, a Virgem Santa, a Mãe de Deus.

Sendo ela a escolhida, a mulher profetizada, é, pois, ela, que sendo da semente da primeira mulher Eva, escapou à dominação do demônio, ficando isenta de sua mordedura, esmagando a cabeça da serpente, numa palavra: é **Imaculada** em sua Conceição.

Querendo ou não querendo, pelo texto da Bíblia como pelo bom senso, têm que chegar a Maria Santíssima e reconhecer que é ela que foi profetizada no texto citado.

Deste modo, é de novo uma **revelação implícita** da Imaculada Conceição.

A Raça da Mulher

Não paremos aqui, mas estudemos cada frase desta passagem profética da glória de Maria.

Provado que tal texto se aplica à Mãe de Jesus, analisemos os seus diversos aspectos para melhor destacar o seu objeto central: a **Virgem Maria.**

> "Porei inimizade entre ti e a mulher."

Notemos bem que não é simplesmente entre Eva e a serpente, mas sim entre *a mulher bendita* e a semente da serpente.

Nada pode haver de mais formal!

Pelo pecado original, Eva, Adão e toda a sua posteridade estão sujeitos ao demônio.

Não há simplesmente guerra, mas sim **domínio** de Satanás sobre a raça humana.

E eis que Deus, anunciando a mulher, a Virgem Maria, cuja semente é o Cristo, diz:

> "Porei inimizade entre ti e a mulher."

Que quer dizer isso?

É um modo enérgico de dizer que Satanás não estenderá o seu **domínio** sobre esta mulher... que entre ambos haverá uma oposição radical, uma inimizade de raça.[16]

É a razão porque Deus completa a ideia, dizendo:

> "Entre a tua posteridade e a posteridade dela. (Gn 3, 15)"

Resulta necessariamente desta adição que as inimizades que devem existir entre a serpente e a mulher, Maria, são as mesmas que existirão entre a serpente e a posteridade da mulher.

Esta semente é Jesus Cristo.

Deve existir, pois, entre a serpente e Maria a mesma inimizade que existe entre a mesma serpente e Jesus Cristo.

Ora, tal inimizade fundamental entre a serpente e Jesus Cristo é a ausência completa em Jesus de todo e qualquer pecado, sendo o pecado a figura e representação de Satanás.

Ela deverá **ser concebida** no mesmo estado em que ela o **conceberá:** na inimizade do mal, ou na **Imaculada Conceição**.

Podemos e devemos aplicar a ambos: à mulher e à sua posteridade, à Maria e a Jesus, o fim da profecia:

---

[16] NE: Complementando, Maria Santíssima em nenhum momento poderia ter tido contato com o pecado, nem mesmo em sua conceição; pois se assim fosse, teria tido um instante em que ela foi amiga da serpente.

> "Ela te esmagará a cabeça, e tu armarás traições ao seu calcanhar. (Gn 3, 15)"

Maria esmagou a cabeça da serpente pela sua Imaculada Conceição, como já ficou dito, embora o demônio armasse traições a seu calcanhar.

Tais traições são os sofrimentos físicos e morais, as perseguições, as barbaridades, os crimes, o aniquilamento de Jesus durante a sua Paixão e morte; que seriam para qualquer outra pessoa que Maria, tentações de desespero, de desconfiança, ou pelo menos de temor, de dúvida, como o foram para os apóstolos.

O demônio procurou deste modo abater a coragem, diminuir a confiança, resfriar o amor da Virgem Santíssima, sem nada alcançar; pois a fé de Maria, a sua esperança e o seu amor estavam muito acima das vacilações humanas.

O demônio ignorava o segredo da Imaculada Conceição; por isso tentava-a, torturava-a, sob o peso de alcançar o *calcanhar,* isso é, o corpo da Virgem Santa, continuando a sua alma elevada na região da fé pura e do amor divino.

Armou traições, mas foi esmagado sob o peso deste calcanhar virginal, que tinha o peso da santidade de seu divino Filho.

Eis o sentido claro desta bela profecia.

Não é preciso vergar ou adaptar o texto sagrado à tese aqui defendida; é o seu sentido óbvio, sempre aceito na Igreja e defendido por todos os séculos.

Bela e sublime revelação **implícita** da Imaculada Conceição.

A Grande Discussão

A bela profecia que acabamos de analisar, pela sua extensão gloriosa em honra da Mãe de Jesus, devia necessariamente ser contestada e discutida pelos protestantes, atribuindo-lhe uma significação diferente da interpretação católica.

É o que aconteceu.

Nas diversas versões da Bíblia encontraram uma variante.

O texto da Vulgata[17] e três versões gregas dizem:

> "A mulher te esmagará a cabeça. **(ipsa)** auté"

As versões hebraicas dizem:

> "A semente da mulher te esmagará a cabeça. (**ipsum)**"

Outras versões gregas dizem:

> "O Filho (o Cristo) te esmagará a cabeça. (**ipse)** autos"

---

[17] NE: Vulgata é a tradução para o latim dos originais grego e hebraico feita por São Jerônimo no século IV. Foi a tradução oficial da Igreja até a publicação da Nova Vulgata, revisão da Vulgata conforme métodos científicos modernos; foi publicada em volumes separados de 1969 a 1977, e em 1979 foi publicada em volume único.

Uma versão egípcia diz:

> "Eles (Jesus e Maria) te esmagarão a cabeça. **(ipsi)**"

Eis um precioso achado para os protestantes poderem protestar...

Haja discussão! Haja objeções! Para excluir a Virgem Santíssima desta primeira página Bíblica.

E no meio da balbúrdia, os amigos protestantes não notaram que tal mudança de pronome *ipsa, ipse, ipsum, ipsi,* tem apenas um valor secundário, que não muda em nada o valor provativo do texto, nem a extensão de sua significação.

Qualquer que seja a versão adotada, o texto prova sempre o triunfo da **mulher,** que é a Virgem Imaculada.

O essencial é que haja uma eterna inimizade entre a mulher e o demônio:

> "Porei inimizade entre ti e a mulher."

O texto contestado é o seguinte:

Deve-se ler:

Ipsa, ipsum, ipse conteret caput tuum. Ou: *Ipsi conterent caput tuum.*

Ipsa, é claramente a Virgem Santíssima.

Ipse, é Jesus Cristo.

Ipsum, é a semente, ou Jesus Cristo.

Ipsi, é Jesus e Maria.

A Igreja nunca pretendeu outorgar diretamente à Virgem o privilégio de *esmagar a cabeça da serpente,* exclusivamente por si; mas unida a seu Filho, como *Mãe de Deus.*

Pode-se, pois, adotar qualquer uma destas versões: *ipsa, ipsum, ipsi,* dizendo que é Maria Santíssima ou Jesus Cristo, ou ambos, ou a semente da mulher que esmaga a cabeça da serpente.

Quem a esmaga é **Deus-Homem,** pois Jesus Cristo é Deus e homem.

Como tal, Ele é necessariamente unido à sua Mãe; esta última, junta com Ele, esmaga a cabeça da serpente.

Jesus Cristo o faz *diretamente* em qualquer hipótese.

Maria Santíssima o faz *indiretamente,* ficando inseparavelmente associada à esta obra de esmagamento.

Adotando com a Vulgata a versão de *ipsa,* dizendo que é Maria Santíssima que esmagou a cabeça da serpente, não é ela só; mas unida ao Filho, pelo Filho, como sendo *Mãe de Deus,* que o faz.

É Jesus, pela sua Encarnação e Redenção que destruiu o reino de Satanás, esmagando-lhe a cabeça pelo pé virginal de sua Mãe.

Isto é tão lógico e tão simples, que nas versões Egípcias, a mulher e o Filho são unidos num único pronome: *ipsi: eles te esmagarão a cabeça.*

E tal expressão é ainda a mais clara e a mais lógica, expressiva, indicando deste modo, num termo único, o **princípio** e o **instrumento,** o Filho e a Mãe.[18]

Eis a tremenda discussão levantada pelos protestantes, com o intuito de excluírem deste texto a ação cooperadora da Virgem Santíssima e de diminuírem uma citação que exprime e revela *implicitamente* a sua Imaculada Conceição.

Tal discussão, como se vê, em nada prejudica a glória de Maria Santíssima; de modo que, através das discussões humanas, a palavra divina continua resplandecente, fulminante, mostrando-nos, desde os albores da humanidade, a figura luminosa, simbólica, de esperança e de misericórdia da Virgem Imaculada.

---

[18] A versão: *ipsa* é mais antiga que São Jerônimo, e foram os Setenta que os primeiros adotaram este pronome, em vez do neutro: *ipsum.* A antiga itálica, tradução verbal do grego, diz *ipse - autos.*

Em hebraico o pronome refere-se a *raça* e não à *mulher,* e o verbo *conteret* está no masculino, tendo por sujeito a palavra masculina *zéra* "raça" do mesmo modo que o complemento *ejus* de *insidiaberis* está no masculino, em hebraico; *ele* te esmagará, e não ela , é: *tu lhe esmagarás a ele,* e não a: *ele.*

Examinando, pois, o texto gramaticalmente, parece ser preferível o pronome *ipse;* é por causa do grande valor que prevaleceu o texto autêntico da Igreja, que conservou este pronome.

Mesmo admitindo que fosse um erro do copista, o certo é que tal versão é conforme ao espírito do texto.

Podem representar-se justamente Maria, esmagando, debaixo de seus pés o dragão infernal, pois ela o faz como *Mãe de Deus,* pelo poder de seu filho.

Tal é, aliás, a opinião do próprio São Jerônimo, que escolheu entre as quatro versões a dos Setenta[19], reproduzida nas outras hebraicas que trazem *ipsa,* o que é a mais clara senão pela exatidão gramatical, mas pelo sentido espiritual.

Ele mesmo dá a razão desta preferência:

> "Não pode ser outra a semente da mulher, senão Aquele que o apóstolo diz ter sido feito da mulher, isto é, Jesus Cristo *(factum ex muliere)* (Gl 4, 4). O Cristo é verdadeiramente a semente da mulher, havendo Ele nascido sem a cooperação do homem".

CONCLUSÃO

Como acabamos de ver, o sublime dogma da Imaculada Conceição não está explicitamente revelado no Antigo Testamento; não havendo razão para que Deus manifestasse aberta e publicamente uma verdade, muito acima da compreensão dos Judeus.

Deus agiu do mesmo modo com a revelação do mistério da Santíssima Trindade. Revelou-o *implicitamente,* em termos e comparações veladas, que não deixam aparecer logo o mistério, mas permitem aos séculos vindouros, como conclusão de outras verdades explicitamente reveladas.

---

[19] NE: Versão dos Setenta ou Septuaginta, é uma tradução para a língua grega da Bíblia hebraica feita entre os séculos III AC e I AC. Diz a tradição que foi feita por 72 rabinos e concluída em 72 dias. Foi a versão usada pelos apóstolos.

É deste modo que agiu com a Imaculada Conceição. Há indícios, há indicações, porém de tal modo confusas, que só depois de bem compreendidas outras verdades, é possível deduzir delas a Imaculada Conceição.

O que domina no Antigo Testamento é a Virgindade de Maria. Isto é claro e positivo. Disse Isaías a Acaz:

> "O Senhor vos dará um sinal: Eis que a Virgem conceberá e dará à luz um filho, e chamarão o seu nome: Emanuel, isso é: Deus conosco. (Is7, 14)"

O Salvador deverá nascer de uma Virgem: É uma verdade básica, que deve servir de princípio às outras verdades.

Mas Deus reservou a hora e o modo da proclamação de outras verdades incluídas nesta primeira.

Um pensamento sublime, embora ainda oculto, domina a queda do primeiro homem: é **a reparação.** É o Salvador prometido e a ação reparadora deste Salvador.

É um paralelo que Deus estabelece, como que timidamente, entre Adão e Cristo, e no mesmo tempo entre Eva e Maria.

São Paulo fornece a base deste paralelo, dizendo:

> "O primeiro homem, vindo da terra, era terrestre; o segundo, vindo do céu, é celeste. (1Cor 15, 47)"

Ao lado do primeiro Adão está a mulher, a quem Adão deu *o nome de* **Eva,** *porque devia ser a Mãe dos viventes* (Gn 3, 20).

Ao lado do segundo Adão, de Jesus Cristo, está outra mulher, Maria, de quem Eva era a figura, que devia ser a Mãe dos viventes em Cristo, pela graça.

Eva evae contraria, diz São João Crisóstomo.

Terminemos este capítulo pela comparação entre Eva e Maria, pois deste paralelismo sobressai admiravelmente a *Conceição Imaculada* de Maria.

Eva é figura de Maria, e esta deve ter pelo menos todos os dons e privilégios da primeira mãe dos viventes.

Eva foi diretamente criada por Deus no estado de inocência perfeita, pura, e adornada dos dons da natureza e da graça; em outros termos, saindo diretamente das mãos de Deus ela foi **Imaculada.**

É preciso que Maria, a restauradora da ordem perturbada por Eva, seja, pois, também **Imaculada.**

É o único ponto de igualdade, em todos os outros pontos Maria é *contrária a Eva.*

Eva trouxe a morte: Maria nos traz a vida.

O fruto de Eva foi mortal: o fruto de Maria é **vivificante.**

Eva foi causa de lágrimas: Maria é causa de **alegria.**

Eva separou Deus do homem: Maria **os une.**

Eva nos atraiu a maldição: Maria nos obtém a **bênção** divina.

Eva nos impôs o jugo do mal: Maria nos leva ao **bem.**

Eva suscitou o ódio: Maria faz reinar a **paz.**

Eva nos lançou nos laços da morte: Maria no seio da **vida.**

Eva foi a causa da queda: Maria é causa do **levantamento.**

E assim por diante.

Os Santos Padres fizeram inúmeras aproximações de Eva e de Maria, para salientar seu papel regenerador, e mostrar que, por ela, somo elevados mais alto do que nos rebaixou a falta de Eva.

Eva *inocente* foi o símbolo de Maria.

Eva *decaída* é a oposição de Maria.

Formada pelas mãos de Deus, Eva era **Imaculada** antes da queda.

Maria, devendo reparar esta queda, devia estar no mesmo estado que Eva antes desta queda, devia ser **imaculada.**[20]

Como vimos, a palavra divina no texto profético é claro mostrando-nos a Mulher bendita esmagando a cabeça da serpente como associada ao Redentor, cuja vitória sobre o mal devia ser partilhada pela sua própria Mãe.

---

[20] S. Antoninus in sum. Parte. 4 t. 51 c. 13.

Maria é **Imaculada,** porque esta prerrogativa satisfaz as exigências do papel que Maria deve exercer como Mãe de Deus.

Tudo o exige, tudo o impõe, e o próprio Deus, para preparar o espírito dos homens deixa entrever através das páginas sagradas a existência deste privilégio, que veremos resplandecer clara e positivamente; embora ainda meio velado, no Novo Testamento.

4. A Imaculada Conceição Segundo as Palavras do Arcanjo

Já compreendemos a conveniência e a necessidade da Imaculada Conceição de Maria, provada pela razão e pelo bom senso; e vimos este mistério delineado, anunciado no Antigo Testamento, tal uma **aurora** que precede a aparição do sol resplandecente.

Deus manifesta as grandes verdades à medida das necessidades das almas.

Tais verdades existem; mas, há uma hora providencial em que devem ser manifestadas ao mundo.

O cristianismo difere das religiões ou concepções humanas no tocante à sua promulgação.

Os sistemas humanos manifestam logo o que são e o que possuem em fórmulas invariáveis, incapazes de desenvolvimento e de expansão.

A doutrina cristã, desde a sua revelação, forma um conjunto perfeitamente ligado em todas as suas partes; porém de tal modo coordenado que o Espírito Santo, por meio da Igreja, possa manifestar ao mundo os pontos que é necessário destacar, para responder aos ataques dos inimigos e conservar a integridade do depósito divino.

É o que vamos estudar aqui, e o que constataremos admiravelmente na base, no desenvolvimento e na manifestação da Imaculada Conceição.

Procuremos primeiro no Evangelho a revelação deste dogma, desta vez **explícito,** em seu conjunto; embora ainda velado, como que para deixar à Igreja a iniciativa de descobrir nestes textos, à luz da Tradição, a verdade luminosa e certa.

Destaquemos as seguintes revelações quase explícitas a este respeito:

1. A plenitude de graça em Maria.
2. A predestinação de Maria.
3. A união de Maria a Deus.
4. A integridade corporal e espiritual.
5. A precedência sobre todas as mulheres.
6. A graça perdida e achada.

A VIRGEM MARIA

A prova mais explícita, mais luminosa e mais decisiva da Imaculada Conceição, são as palavras, com que, em nome de Deus, o arcanjo veio comunicar à Maria Santíssima o mistério inefável da Encarnação, pedindo-lhe que consentisse em ser a Mãe de Jesus.

Tudo ali é divinamente belo e divinamente profundo, mostrando o que já era nesta hora a Virgem Santa, e revelando o que havia de ser no futuro.

Retrocedemos, em breve comentário, esta cena sublime, destacando apenas o que se refere à sua Conceição Imaculada e o que prova a existência deste privilégio na humilde Virgem de Nazaré:

> "Foi enviado por Deus o anjo Gabriel a uma cidade da Galileia chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão, que se chamava José, da Casa de Davi e o nome da Virgem era Maria.
>
> E entrando o anjo onde ela estava, disse-lhe: Ave, cheia de graça; o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres.
>
> Não temas, Maria, pois achaste graça diante de Deus. (Lc 1, 26-31)"

O arcanjo Gabriel foi enviado por Deus: temos, pois, uma verdadeira missão divina; de tal modo que as palavras do arcanjo, como mensageiro, especialmente enviado por Deus, são palavras divinas. Não é ele quem fala, é Deus quem fala pelos seus lábios.

É enviado a uma Virgem. Vê-se logo pelo contexto que não se trata aqui de uma simples Virgindade, mas de uma pureza mais elevada, como mostrarão as palavras do anjo.

Deus faz notar que esta Virgem era desposada, como que para melhor salientar a sua virgindade; pois a virgindade sob o véu do matrimônio, denota mais virtude e mais heroísmo que uma simples jovem, virgem ainda pela sua condição de solteira.

E esta Virgem chamava-se Maria. O próprio nome da Virgem deve ter uma significação divina, pois é uma tradição fundada que tal nome foi por Deus revelado aos progenitores de Maria.

Maria, em aramaico: *Mariam;* em hebraico: *Miriam,* significa:

Estrela do mar (*meirjam*).

Amada de Deus (*mritjam*).

Senhora – princesa (*marjam*).

Três significações que são como três títulos, exprimindo, de modo metafórico, as grandes prerrogativas da Virgem Santa.

Ela é **uma estrela** luminosa pela sua santidade consumada, pelas suas virtudes sublimes, que ilumina todos os que navegam nas ondas do mar tumultuoso, que é o mundo.

Ela é a **amada de Deus,** pela sua Imaculada Conceição, que a coloca acima de todas as criaturas, e a faz entrar na intimidade de Deus, como os nossos primeiros pais antes da queda original.

Ela é a **Senhora,** ou princesa, pela sua Maternidade Divina; que a associa para sempre ao seu Filho, unida à sua realeza, reinando por graça e privilégio em todo lugar onde reina o seu Filho por justiça.

O mundo chama Jesus: *Nosso Senhor.*

Devemos chamar Maria: *Nossa Senhora.*

Jesus é o Rei do Céu e da terra.

Maria é a Rainha do Céu e da terra.

Tudo isso está expresso no nome que o Altíssimo deu à Virgem de Nazaré, **Maria.**

O Evangelho faz notar que a Virgem era desposada.

Assim devia ser, de fato, porque ficando o nascimento milagroso de Jesus Cristo um mistério desconhecido; que nem o mundo, nem o demônio deviam conhecer antes do tempo marcado; era necessário

dar a este nascimento todas as aparências de um nascimento natural, e aos castos esposos, as aparências de uma vida matrimonial.

Pode-se reduzir a quatro, os motivos deste matrimônio:

1. Para que nem Jesus, nem Maria fossem expostos à desonra.
2. Para que Maria tivesse um testemunho insuspeito de sua virgindade.
3. Para que Jesus fosse sustentado e nutrido em sua infância, como as demais crianças.
4. Para que Maria honrasse o matrimônio, que é o estado da maior parte dos homens; e pudesse servir de modelo às virgens, às esposas e às viúvas.

Estes preliminares solenes e significativos já deixam entrever a cena gloriosa que vamos presenciar.

A Saudação do Anjo

> "E entrando o anjo onde ela estava, disse-lhe: Ave, cheia de graça. (Lc 1, 28)"

Como tudo é simples nesta frase... Nenhum preliminar, nenhuma ênfase... nenhuma palavra supérflua.

A tradição nos mostra o luminoso arcanjo, sob a forma humana, penetrando de repente, na humilde ermida[21] de Nazaré; onde estava absorta em contemplação a humilde Virgem e, inclinando-se respeitosa-

[21] NE: Ermida é o mesmo que capela pequena.

mente, dirige-lhe a saudação usada na Palestina: Ave *(Khairé:* alegra-te, salve, a paz seja contigo, Deus te salve! Ave quer dizer tudo isso).

Uma tal saudação em uso entre as pessoas amigas, revestidas de dignidade, nunca tinha caído dos lábios de um anjo para saudar uma criatura.

Quando no Antigo Testamento um anjo aparecia a alguém, ele ficava em pé, grave e majestoso; enquanto o privilegiado da aparição se prostrava com a fronte em terra.

De fato, como faz notar Santo Tomás, o homem deve inclinar-se perante o anjo, porque lhe é inferior em três coisas: em *dignidade,* em *união* com Deus e em *graça.*

Mas aqui os papéis são invertidos. A Virgem Maria é superior ao anjo nestes três pontos.

Os anjos são mensageiros de Deus, Maria foi escolhida para ser a sua **Mãe.**

Os anjos cercam o trono de Deus, Maria **carregaria** em breve o seu próprio Deus.

Os anjos recebem as graças conforme a sua hierarquia e missão, Maria está cheia de graça pela **dignidade** que o Altíssimo vem lhe revelar.

É, pois, necessário que a Virgem permaneça de joelhos, e que o arcanjo se incline diante dela.

Ave, cheia de graça (*Kekharitômené*), que tem a dupla significação de *repleta de graça* e *pulquérrima*[22] *em graça.*

Notemos logo o modo de saudar. À primeira vista, parece que o anjo devia ter dito: *Ave Maria, cheia de graça.*

Não devia ser, a significação teria sido diferente e muito diminuída.

O que o anjo saúda não é simplesmente a pessoa de Maria Santíssima, como o teria feito, dizendo: *Ave Maria;* não, ele substitui a pessoa pela **prerrogativa** que ocasiona esta saudação.

O que ele saúda é: *a cheia de graça!*

É neste sentido que a Escritura chama Salomão de *Sapiens,* como chama Jesus Cristo de o *Justo,* como chama São Paulo de o *Apóstolo.*

Maria é: *a cheia de graça;* a plenitude da graça numa criatura.

É o seu qualificativo próprio.

É o seu nome único.

Ela é a *Virgem Maria* perante os homens.

Perante Deus, ela é: *a cheia de graça!*

Ave, cheia de graça!

Tal é o seu nome divino.

E este nome é idêntico ao que ela mesmo proclamou na aparição de Lourdes: *Eu sou a Imaculada Conceição!*

---

[22] NE: Pulquérrimo é o mesmo que exageradamente belo.

Cheia de graça e Imaculada Conceição são dois nomes paralelos, idênticos, exprimindo a mesma verdade.

Examinemos esta expressão.

Dizer que um recipiente está cheio, é declarar que nada mais pode conter além do que já está dentro.

Peço aos amigos protestantes dizerem se a *Imaculada Conceição* é, ou não é uma prerrogativa, um dom, uma perfeição.

Se o é, e admitindo que Maria Santíssima não o tenha, é preciso dizer que há uma qualidade que ela podia ter e que não tem; logo, ela não é mais a *cheia de graça,* e o Espírito Santo mentiu, dando-lhe este título.

Uma coisa ou outra:

Ou São Gabriel disse a verdade ou mentiu!

Se disse a verdade, sendo Maria *cheia* de graça, é preciso admitir a Imaculada Conceição.

Se São Gabriel mentiu, ah! Então os protestantes têm razão contra os próprios anjos.

E não é só isso! Há mais do que isso.

A Toda Formosa

Os protestantes não apreciam a tradução católica de: Cheia de graça, *Gratia plena.*

Preferem traduzir o texto grego: *Kekharitômené* por *toda formosa em graça,* ou equivalente.

Tal tradução não é errada, pois embora a versão latina *gratia plena* não se preste a esta tradução, senão de longe; o texto hebraico o permite sem dificuldade.

Aliás, o sentido é o mesmo. É apenas outro modo de considerar a mesma verdade.

Que é a graça santificante?

É um dom divino que nos faz santos e justos, filhos de Deus e herdeiros do céu.

Pode-se dizer simplesmente que a graça é o que nos torna agradáveis a Deus.

Ser agradável é uma qualidade.

Toda qualidade pertence a uma substância.

O ser agradável é uma qualidade da alma.

Dizer que Maria foi a *toda formosa*, é, pois, exprimir que ela agradou a Deus, tanto quanto uma criatura pode agradar; em outros termos, que estava *cheia de agrado* ou *cheia de graça,* pois agrado ou graça podem ser tomados como sinônimos.

Cheia de agrado, ou formosura, quer dizer que esgotou a medida de agradar a Deus.

Ora, se houvesse uma qualidade, que fizesse Maria Santíssima agradar mais a Deus, ela não estaria cheia deste agrado; faltaria qualquer coisa, e de novo a palavra do arcanjo seria mentirosa.

A alma de Maria ficou, pois, adornada de todas as qualidades que nesta hora podia possuir, e entre estas qualidades está a *Imaculada Conceição.*

Logo, Maria Santíssima foi Imaculada! Devia sê-lo, para o seu estado corresponder à saudação divina de São Gabriel.

Não quer dizer isso que Maria Santíssima esgotou a graça; não, ela cresceu sempre, de dia em dia, até à última hora de sua vida.

Ela estava **cheia** na ocasião de sua Conceição Imaculada, cheia na ocasião da Anunciação, cheia na ocasião de sua morte; mas estas diversas plenitudes, embora diferentes, formam uma plenitude única; no sentido que a medida que a alma da Virgem se dilatava pela graça, ela se tornava capaz de aumentar a sua plenitude.

Um regato[23] cheio é diferente de um rio cheio, como este último é diferente do mar cheio.

São plenitudes, mas plenitudes diferentes, conforme o tamanho do recipiente.

A Virgem Santa foi sempre *cheia de graça, cheia* desde a sua Conceição até a sua morte; embora a sua alma fosse sempre se dilatando mais pela virtude, o contato com Jesus, os Sacramentos e o amor de Deus.

Este sentido é obvio, natural e lógico.

---

[23] NE: O mesmo que córrego.

Na ocasião em que o arcanjo pronunciava estas palavras, Maria Santíssima era simplesmente a *Virgem de Nazaré,* não era ainda a *Mãe de Deus.*

Este último devia encarnar-se em seu seio Imaculado, após ela ter dado o seu consentimento, dizendo:

> "Faça-se em mim segundo a tua palavra. (Lc 1, 38)"

O arcanjo chama-a de *cheia de graça,* não por causa de sua Maternidade Divina, que ainda não se realizara; mas por causa de sua *Imaculada Conceição,* que fazia dela, desde o início, a mulher bendita entre todas as mulheres... a mulher única, escolhida, tendo conservado, por preservação, a inocência e a justiça original.

Que manifestação mais clara, mais positiva e mais explícita da Imaculada Conceição pode-se desejar?

É uma revelação **explícita,** embora ainda velada, que receberá a sua última expansão, a sua última irradiação do dogma luminoso, nas afirmações da Igreja universal[24]; como sendo uma verdade transmitida dos tempos apostólicos até hoje, pela **Tradição** unânime dos séculos cristãos.

---

[24] NE: O termo *católico* significa *universal* em grego, ou seja: segundo o todo, para todas as pessoas, está presente no mundo inteiro, etc.

NOVA OBJEÇÃO PROTESTANTE

Como se vê, o passo em questão é um dos mais decisivos e explícitos do Evangelho, o que mais claramente revela a Imaculada Conceição da Mãe de Jesus.

É a razão porque os amigos protestantes procuraram deturpá-lo, desviá-lo de seu verdadeiro sentido, e até opor lhe textos semelhantes, para provar que o termo ***cheio de,*** não tem uma significação tão extensa.

Em prova desta objeção citam por exemplo:

> "Isabel ficou cheia do Espírito Santo. (Lc 1, 41)"
>
> "Zacarias... foi cheio do Espírito Santo. (Lc 1, 67)"
>
> "E será cheio do Espírito Santo. (Lc 1, 15)"

Destes textos, os protestantes concluem: Se Maria é Imaculada por estar cheia de graças; então, Isabel, Zacarias e João Batista, são também imaculados por estarem *cheios* do Espirito Santo?

Bela argumentação... de criança.

Se os caros crentes lessem o texto inteiro veriam imediatamente a diferença radical destas duas expressões.

Estar cheio do Espírito Santo, na linguagem bíblica, quer dizer ter o dom de **profecia;** de modo que não é a tal pessoa que fala, mas é bem Deus que fala, pelos seus lábios:

> "*Sicut locutus est per os sanctorum, et profetarum ejus.* (Lc 1, 70)"

Por isso, em seguida de cada uma destas expressões, encontra-se que esta *plenitude* do Espírito Santo consistia em profetizar.

De Santa Isabel o Evangelho diz em seguida:

> "Isabel ficou cheia do Espírito Santo, e exclamou em alta voz: Bendita sois vós entre as mulheres! (Lc 1, 42)"

De Zacarias diz:

> "Foi cheio do Espírito Santo, e profetizou, dizendo: Bendito seja o Deus de Israel. (Lc 1, 67)"

De São João Batista diz:

> "E será cheio do Espírito Santo... para preparar ao Senhor um povo perfeito. (Lc 1, 17)"

De Maria Santíssima, o arcanjo diz:

> "*Ave, gratia plena.* Ave, cheia de graça, ou: toda formosa em graça."

Este termo não significa simplesmente um dom transitório, como o é a profecia; mas, sim, um dom permanente, aderente à alma, e que só pode ser retirado pelo pecado.

Como ficou demonstrado acima, o grego *Kekharitômené,* particípio passado de *Kharitôo,* e *Kharis,* é empregado na Bíblia para exprimir uma plenitude completa e permanente, no sentido teológico de ser um dom divino aderente à alma.

A segunda interpretação: *toda formosa em graça* ou ainda: toda graciosa pela graça, *omnino gratiosa reddila,* tem o mesmo sentido de plenamente graciosa, ou formosa pela graça; é, de fato, a mesma coisa que cheia de graça.

Omnino plena caelesti gratia, como dizem os intérpretes.

Tal objeção não somente não enfraquece, mas, ao contrário, robustece a interpretação católica limitando tal expressão à *Imaculada Conceição*

que é a *plenitude da formosura* de uma alma virginal; que só foi outorgada, por privilégio à Mãe de Jesus, e que Jesus possuía, por direito e como sendo a **plenitude** perfeita e suprema, a fonte da graça divina.

Os teólogos citam ainda outro argumento em prova da Imaculada Conceição.[25]

A graça estava na Santíssima Virgem do mesmo modo que ela é em Deus.

Ora, o próprio da graça de Deus é de nunca lhe ter faltado.

Logo, nunca pode ter faltado na Virgem Santa.

Notemos a força deste argumento teológico.

Para compreendê-lo bem, é preciso lembrar que as obras de Deus são eternas, e Ele realiza apenas no tempo, o que decretou desde a eternidade.

Desde a eternidade Deus resolvera fazer de Maria Santíssima a Mãe de seu Filho encarnado. Preparou-a para esse fim.

Ficou a Virgem associada a Deus desde à sua Conceição, para a realização do sublime mistério da Encarnação.

Devia, pois, em virtude desta escolha, preservá-la do pecado original e fazê-la nascer Imaculada desde o primeiro instante de sua existência.

---

[25] Lepecier: Tract. De B. V. M. C. l. n. 11

Se assim não fosse, a Virgem Santa infestada pelo pecado enquanto pecadora, estando virtualmente unida a Deus, entraria nos decretos do Eterno como pecadora; seria associada sendo pecadora ao mistério divino da Encarnação, que existia já desde a eternidade em Deus, antes de receber a sua execução no tempo.

Ora, isto é impossível! É indigno de Deus! É contrário ao bom senso, contrário a toda lógica, como é contrário aos textos do Evangelho.

Maria é, pois, Imaculada, porque é *cheia de graça*, e é cheia de graça, porque deve ser a **Mãe do Filho de Deus.**

A plenitude da graça e a Maternidade Divina são duas prerrogativas que se completam e se exigem mutuamente!

DEUS COM MARIA

Mais uma prova da Imaculada Conceição.

O arcanjo completa a saudação com uma expressão que é como o corolário, a explicação da primeira frase, que resume tudo:

> "Ave, cheia de graça, o Senhor é convosco."

Esta expressão tem, por sua vez, uma extensão que não se compreende bastante, e que devemos perscrutar aqui.

O termo: *O Senhor é convosco* é empregado na Sagrada Escritura em

duplo sentido: de modo *imprecativo*[26] e *afirmativo.*

Encontramos este termo imprecativo em diversos lugares:

> "Deus seja contigo. (Jt 6, 18)"
>
> "O Senhor é contigo. (Jz 6, 12)"
>
> "O Senhor seja convosco. (Rt 2, 4)"

Era o modo de saudar entre os Judeus, de demonstrar bondade e benevolência, como nós dizemos hoje: *Louvado seja Jesus Cristo!*

O modo *afirmativo* tem outro sentido; e aqui, sob os lábios do arcanjo, é a **afirmação** de uma realidade.

Deus está com Maria Santíssima e ali está de um modo único, todo especial.

Deus está em toda parte, enchendo tudo com sua imensidade, sem ficar circunscrito por lugar nenhum.

Está no **céu,** onde Ele manifesta a sua G*lória.*

Está na **terra,** onde manifesta a sua providência.

Está no **inferno,** onde manifesta a sua *Justiça.*

Está em nossos **Tabernáculos,** onde manifesta o seu *amor.*

Está em nossas **almas,** pela graça, onde manifesta a sua *misericórdia.*

---

[26] NE: Imprecação aqui tem o sentido de um pedido que se faz a Deus para que uma graça ou algo favorável aconteça a alguém.

Mas há uma alma, verdadeiro templo preparado por Deus para recebê-lo, hospedá-lo; uma alma que supera tudo o que há de mais belo neste mundo.

Esta alma é o **céu de Deus** na terra.

Este céu é o coração da **Virgem Santa.**

> "*Sanctificavit tabernaculum suum Altissimus.* (Sl 45 (46), 5)"

Notemos o modo de dizer do anjo. Não diz: *Dominus sit tecum,* que o Senhor esteja convosco! Nem: *Dominus est tecum,* o Senhor está convosco! Mas diz de um modo absoluto: *Dominus tecum,* **o Senhor convosco,** como se quisesse reunir num termo único *Deus e Maria,* uni-lo-á inseparavelmente, desde a eternidade até ao fim.

E tal é bem o sentido de suas palavras!

Não ajunta o termo *convosco,* como se ajunta um simples qualificativo a um substantivo; mas liga dois termos, como fazendo um parte integral do outro. O Senhor não está sem *Maria,* e nunca Maria está sem o Senhor: *O Senhor convosco.*

Deste modo, de novo aparece luminosa e resplandecente a *Imaculada Conceição.*

De fato, onde está o pecado, lá não está o Senhor.

Se a Virgem Santa tivesse tido, apenas um instante, o pecado original, durante este instante o Senhor não teria estado com ela.

Tendo estado sempre com ela desde o início é uma prova de que nunca o pecado esteve com Maria; em outros termos, é uma prova de que é Imaculada.

Tal é, aliás, a interpretação dos Santos Padres. Santo Agostinho diz muito bem:

> "*Dominus tecum!* O Senhor é convosco; convosco no coração, convosco no seio, convosco para sustentar-vos."[27]

Em outro lugar ele completa este pensamento:

> "O Senhor é convosco, mais do que comigo; Ele está em vosso coração, está em vossas entranhas, enche a vossa alma, enche o vosso seio."[28]

São Cipriano tem uma expressão quase ousada a esse respeito:

> "Entre todas distinguida, pela integridade perfeita de sua carne e de sua alma, ela mereceu possuir inteiramente o Cristo, em sua carne e em sua alma, e de gozar de sua presença exterior."

São Cipriano tira esta conclusão admirável que mostra a crença na Imaculada Conceição nos primeiros séculos: Ele afirma que Deus não honra simplesmente **a carne** de Maria, pela sua divina presença; mas também a **sua alma,** donde conclui que a integridade de sua alma *devia igualar em perfeição à integridade de sua carne virginal:*

> "A carne da Virgem era toda pura; não havia nela nada que lembrasse a corrupção que nela semeia o pecado original; do mesmo modo não podia haver nada nesta alma que lembrasse o pecado.
>
> Era necessário que Maria fosse cheia de graça, isenta de toda falta e de toda imperfeição."

---

[27] S. Aug. Serm. 1 de ann.

[28] S. Aug. de Nat.

Este argumento sublime e profundo não tem sido bastante salientado pelos teólogos que procuram no Evangelho a revelação **explícita** da Imaculada Conceição; entretanto, ele parece irretorquível.

Deus fez um milagre único em seu gênero para preservar a pureza de sua alma.

O primeiro é o milagre da **Conceição** e do parto Virginal:

> "A virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. (Lc 1, 35)"

O segundo é o milagre da **preservação** do pecado original.

Eis como de um modo lógico chegamos à Conceição Imaculada, revelada nesta segunda frase da saudação angélica:

> "O Senhor convosco. *Dominus tecum.*"

São Boaventura exclama:

> "Sim, o Senhor é convosco, ó Maria; Ele já estava convosco; Ele fica convosco; Ele estará sempre convosco!"

A Imaculada Conceição foi a **base** desta união, a Maternidade é sua **consagração,** a Assunção será a sua **coroação.**

São Gregório de Nissa confirma esta doutrina pelo seguinte raciocínio:

> "Nas demais criaturas a alma perfeitamente pura é apenas digna da presença do Espírito Santo, enquanto aqui a própria carne torna-se o receptáculo do Espírito Santo."

Se, pois, no dizer de São Gregório, a própria carne de Maria sobrepuja, neste ponto, até as nossas almas; que é que devemos pensar de sua alma, cuja santidade deve ser necessariamente proporcionada à santidade de seu corpo?

Se tal foi a pureza de seu corpo, qual será a pureza de sua alma?

Se o olhar de Deus não encontrou nenhuma mancha nesta carne virginal, como seria possível que a alma fosse maculada e desonrada pela mancha do pecado?

Não esqueçamos que é da alma que o corpo recebe sua pureza, a santidade do espírito redunda sobre o corpo.

Era, pois, preciso que a pureza da alma de Maria fosse muito grande; para dar ao seu corpo uma santidade tão perfeita, atraísse o próprio Deus, para fazer a sua morada neste Tabernáculo abençoado.

A Mulher Bendita

A terceira frase da Saudação é mais uma manifestação do grande privilégio da Imaculada Conceição.

É como a conclusão das duas saudações precedentes.

Maria está **cheia de graça:** É o seu grande privilégio.

A graça, sendo uma comunicação da natureza divina: *divinos consortes naturae* (2Pd 1, 4), quem possui a graça, possui Deus consigo.

Uma pessoa está tanto mais intimamente unida a Deus, quanto mais aumenta a sua graça.

Maria Santíssima, tendo a **plenitude** da graça, tem pelo fato a plenitude da presença de Deus.

Deus está com ela plenamente, tanto quanto pode estar com uma criatura; porque Maria contém toda a graça que pode conter uma criatura.

Em consequência destes dois privilégios, *ela é a mulher bendita entre todas as mulheres.*

É a consequência lógica.

É mais do que uma consequência; é um novo **princípio** de grandeza, uma nova prova de sua Conceição Imaculada.

Notemos bem que no momento que São Gabriel dirige à Maria estas palavras, ela não é ainda Mãe de Deus, está ainda nos prelúdios da negociação.

Ela não é, pois, *bendita* por ser Mãe de Deus.

Por que será então?

Só pode ser por ter sido **preservada** do pecado original.

É o único título que a eleva acima de todas as mulheres.

Digo: *acima de todas,* e neste conjunto está incluída a própria *Eva,* a primeira mulher; a mulher que saiu das mãos do Criador, na inocência e na justiça original, imaculada, adornada, dos dons da graça e da intimidade com Deus.

Eva era bela nesta hora... a mais bela, a mais poderosa das mulheres.

Entretanto, mesmo em sua inocência, mesmo nos dias fugitivos de sua realeza, ela era apenas uma figura de Maria.

Eva não é a mulher bendita...

A única a quem Deus dirige esta exaltação é a Virgem Santa. Só ela é a *mulher bendita entre todas as mulheres,* porque não somente ela é Imaculada em sua Conceição, como Eva o foi em sua criação; mas ela conservou e conservará para sempre esta pureza Imaculada.

Infiel à bênção original, Eva ficou sujeita à maldição.

Maria Santíssima, não tendo participado da falta de nossos primeiros pais, não estava sujeita ao peso das misérias com que é castigada esta falta.

Diz Santo Tomás:

> "O gênero humano ficou agravado por uma tríplice maldição: Maria, inocente e pura, receberá como contrapeso uma tríplice bênção."

Ela, a Imaculada, dará à luz sem dor, e como que envolta no encanto de sua virgindade.

Ela viverá só para Deus, e não conhecerá a putrefação do túmulo.

A única lembrança, e não castigo, que Maria conservará do pecado original, é a de **poder sofrer.**

Eva não estava sujeita à dor; Maria quer conservar, e deve conservar a faculdade de sofrer para melhor unir-se a seu Filho e associar-se à redenção, como corredentora do gênero humano.

Deste modo, Maria substitui a Eva para ser a Rainha e a Mãe da humanidade. Por isso, convinha que a proclamação, por assim dizer, de Maria fosse o contra-partido da proclamação de Eva.

Um anjo **da luz** devia anunciar o Verbo à Maria, como um anjo **das trevas** anunciará à Eva a ciência falsa e a desobediência.

De ambos os lados há:

1) A proposição de um anjo à mulher.
2) Um colóquio.
3) Um consentimento.
4) Um fruto recebido e transmitido ao gênero humano.

Maria é a mulher **bendita,** como é **bendito** o fruto de seu seio:

> "*Benedicta tu in mulieribus, et benedictus fructus ventris tui: Jesus.* (Lc 1, 42)"

PERDIDO E ACHADO!

Continuemos a meditar as palavras expressivas da saudação angelical.

Como palavras **divinas,** cada uma delas tem uma significação que uma simples leitura não descobre à primeira vista.

A palavra de Deus é um abismo insondável... e quanto mais é meditada, mais luminosas aparecem as verdades que ela transmite.

Toda a saudação refere-se às duas verdades fundamentais da grandeza de Maria: à sua **Imaculada Conceição**, e à sua **Maternidade Divina**.

É o assunto de todo este divino colóquio.

A primeira parte, como já ficou acima demonstrado, é a *Imaculada Conceição.* Cada expressão é uma revelação *implícita* tomada separadamente, mas **explícita** em seu conjunto.

São seis revelações, cada uma mais luminosa que a outra.

Falta-nos meditar a sexta, não menos profunda que as precedentes.

E o Evangelho continua, após ter citado as palavras da saudação, propriamente dita:

> "E ela, tendo ouvido estas coisas, turbou-se com as suas palavras e discorria pensativa que saudação seria esta. E o anjo lhe disse: Não temas, Maria, pois **achaste graça diante de Deus.**"

Aqui termina a revelação da Imaculada Conceição para começar a da Maternidade Divina:

> "Eis que conceberás no teu ventre e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus. (Lc 1, 31)"

Pela simples leitura, sente-se a conexão estreita destas duas verdades: *Maria será a Mãe de Jesus, porque achou graça diante de Deus.* É uma condição *sine qua non*, indispensável.

Sem esta condição o fato não se realizaria.

Uma tal *condição* é, pois, de uma importância capital, nos desígnios de Deus.

Maria Santíssima só pode receber a Jesus em seu seio porque achou graça diante do Senhor.

Até aqui estamos todos de acordo: católicos e protestantes.

Mas que quer dizer: *achar graça?*

Eis o que os caros protestantes não compreenderam. Só se pode achar o que está perdido. Para que alguém possa achar um objeto, é preciso que tal objeto esteja perdido.

Maria **achou,** pois, uma coisa que estava **perdida.** E que coisa foi esta?

A graça, mas que graça?

Não pode ser a graça santificante, nem a graça atual, pois existia em muitas almas justas.

Uma só graça perdida que nunca mais existira desde a queda de Adão e Eva no paraíso é a **graça original,** esta estava completa e irremediavelmente perdida.

Dizendo, pois, que Maria achou graça, é dizer que achou a graça original.

Ora, a **graça original** é a **Imaculada Conceição.** É uma só e mesma coisa.

O anjo dizendo à Maria que ela *achara graça*, diz: *Maria, sois imaculada,* e por isso, sereis a Mãe de Jesus Cristo.

De fato, se Deus devia nascer neste mundo; devia nascer de uma Virgem Imaculada.

E se uma Virgem Imaculada devia dar à luz um filho, este filho devia ser o próprio Deus!

Esta palavra é, pois, uma nova revelação mais expressiva ainda que as precedentes.

É assim que o compreenderam os Santos Padres e o que nos transmitiu a Tradição Apostólica.

Eis o que diz um escritor dos primeiros séculos, que se esconde sob o pseudônimo de *O Idiota*:

> "Vós achastes a graça celeste, ó Maria, porque a preservação da mancha original, a saudação do anjo, a vinda do Espírito Santo e a Concepção do Filho de Deus, foram vossa partilha.
>
> Mas, ó Virgem felicíssima, como recebestes vós tais graças?

> Ó! Virgem mil vezes abençoada! Eva tinha perdido a graça pelo seu orgulho... vós a achastes, e nunca perdestes, porque devíeis ser a mais humilde."

Vê-se que o piedoso autor fala aqui da graça original que estava perdida por Eva, a qual Maria achou e nunca perdeu, o que quer dizer que foi Imaculada em sua Conceição e ficou Imaculada até o fim.

Santo André, Bispo de Jerusalém, se exprime quase em termos idênticos:

> "Não temas Maria, pois achaste, diante do Senhor, a graça que Eva tinha perdido, uma graça que nunca alguém antes tinha podido achar."

Eis textos claros e positivos dos Santos Padres, que seria possível multiplicar quase sem fim, provando que a graça que Maria Santíssima achou foi a graça original perdida por Eva.

Ela a achou... e não a perdeu... Ela a tem, pois, e essa graça é a inocência original, ou Imaculada Conceição.

Sois, pois, toda pura, ó Maria, e não há em vós nenhuma macula original: *Tota pulchra es, et macula originalis non est in te,* canta com razão a Igreja Católica.

CONCLUSÃO

Além das seis provas acima citadas, podiam-se aduzir muitas outras, de valor menos explícito talvez; mas exprimindo, pelo menos em sentido metafórico, o grande mistério da Imaculada Conceição.

Cada frase do divino colóquio do arcanjo com a Virgem Santa, as palavras de Santa Isabel, o *Magnificat*, a exclamação da mulher procla-

mando bem-aventuradas as entranhas que contiveram o Salvador, a mulher revestida do sol e a cabeça coroada de estrelas, do Apocalipse; todas aquelas passagens se referem mais ou menos diretamente à Imaculada Conceição.

Limitemo-nos às mais expressivas acima explicadas.

São revelações ainda implícitas, tomadas separadamente; mas que se tornam **explícitas** em seu conjunto, interpretadas e iluminadas pela voz da Tradição unânime da Igreja.

Repassemos um instante os seis argumentos estudados separadamente, para melhor salientar de sua união a força comprovativa que deles emana.

Cada termo empregado pelo anjo é uma revelação *implícita;* mas em síntese e interpretados pela Tradição dos séculos, estes termos formam a grande revelação **explícita;** sobre a qual a Igreja se apoiou para proclamar dogma de fé a Conceição Imaculada de Maria.

Primeiro Argumento:

Ave, cheia de graça, disse São Gabriel.

Maria está cheia, está repleta de graça.

O que está cheio não cabe mais nada além.

Ora, se Maria não fosse Imaculada, podendo sê-lo, ela não estaria cheia de graça, faltando-lhe a graça da Imaculada Conceição.

Logo: Maria Santíssima é Imaculada!

Este argumento é irrefutável, pois devemos necessariamente admitir que o Espírito Santo, que ditou estas palavras, conhece a significação e

a extensão dos termos empregados e fala o mais claramente possível, para poder ser entendido.

Este texto seria o bastante, mas, para que não haja nenhuma dúvida a respeito do sentido óbvio, o Espírito Santo continua a repetir a mesma verdade em outras palavras, corroborando um texto pelo outro.

A segunda tradução deste termo dá o mesmo resultado: *Ave, toda formosa pela graça.*

A graça é o que torna agradável a Deus.

Maria é, pois, toda agradável a Deus.

Ora, se ela não fosse Imaculada, ela se tornaria mais agradável a Deus sendo-o; e já não seria mais toda formosa.

Logo: Maria Santíssima é Imaculada!

Segundo Argumento:

Desde a eternidade Maria Santíssima foi escolhida para ser a Mãe de Jesus, e como tal associada à obra da Encarnação, de modo que a graça da Encarnação devia estar do mesmo modo em Deus e na Santíssima Virgem.

Ora, o próprio da graça original em Deus é de nunca lhe ter faltado.

Logo, nunca pôde ter faltado à Santíssima Virgem, o que constitui a sua Imaculada Conceição.

Terceiro Argumento:

O arcanjo continua: *O Senhor é convosco.*

É uma afirmação positiva indicando a perpetuidade desta união, e por isso diz: *O Senhor é convosco.* É absoluto.

Das outras criaturas pode-se dizer: *Deus está convosco.*

De Maria Santíssima é: *Deus convosco.*

Deus esteve sempre com Maria, desde a sua escolha na eternidade para ser Mãe de Jesus Cristo.

Ora, onde está Deus, não pode estar o pecado.

Logo, Maria Santíssima nunca esteve sujeita ao domínio de qualquer pecado; ela é, pois, Imaculada.

Quarto Argumento:

Outro argumento de uma força irredutível.

É a pessoa de Maria Santíssima que é Mãe de Deus.

Esta pessoa resulta da união da alma e do corpo.

Deus fez um milagre inaudito para preservar a pureza ilibada do corpo de Maria.

Não devia Ele fazer igual milagre para conservar a sua alma na pureza ilibada da inocência primordial?

O primeiro milagre é a concepção de Jesus e o parto virginal de Maria.

O segundo deve ser a preservação do pecado original para a sua alma.

Em síntese, pode-se dizer:

A integridade da alma de Maria devia igualar à integridade de sua carne virginal.

Ora, tal integridade de sua alma é a ausência do pecado original.

Logo, Maria não teve este pecado: é Imaculada.

Quinto Argumento:

O arcanjo São Gabriel completa e resume as suas revelações dizendo:

> "Bendita sois vós entre as mulheres."

É uma nova prova da Imaculada Conceição.

De fato, neste termo, *as mulheres,* são incluídas todas as mulheres do mundo, do passado, do presente e do futuro, em conjunto, e, por conseguinte a própria Eva, a primeira mulher.

Eva saiu imaculada das mãos do Criador.

Se Maria Santíssima não fosse Imaculada, ela seria inferior à própria Eva e não seria mais bendita *entre todas as mulheres.*

Podemos dizer:

Maria Santíssima é bendita acima de todas as mulheres.

Ora, Eva foi imaculada em sua criação.

Logo, Maria Santíssima devia sê-lo; pelo menos igual, senão superior à Eva: ela é, pois, Imaculada.

Sexto Argumento:

Para tranquilizar a Virgem Santa, perturbada pela sublime saudação, o arcanjo lhe diz:

> "Não temas, Maria, pois achaste graça diante de Deus. (Lc 1, 30)"

Mas, como Maria Santíssima podia achar a *graça?*

Acha-se o que está perdido...

A graça não estava perdida; pois São João Batista, São José, Santa Isabel, e tantas outras almas santas viviam na graça de Deus.

Não se trata, pois, da graça santificante, que existia em muitas almas.

Qual é a graça que Maria Santíssima achou... que estava perdida, e que ninguém tinha achado?

Esta graça é a graça original, perdida desde o pecado de Eva, e nunca mais achada por ninguém.

Podemos resumir este argumento, dizendo:

A única graça perdida desde Eva e nunca achada pelas criaturas é a graça original.

Ora, Maria Santíssima achou esta graça perdida, sendo revestida dela.

Logo, ela é Imaculada.

***

Eis seis argumentos *implícitos,* quando tomados separadamente; mas que se tornam **explícitos,** pela conexão e pela explicação que um argumento dá ao outro juntando-os, e projetando sobre eles o reflexo luminoso da Tradição cristã; tais argumentos formam a base sólida, irrefutável, infalível, do dogma católico da Imaculada Conceição.

Peço aos protestantes sinceros; desejosos de conhecer a verdade integral, a verdade bíblica; meditar estes argumentos, e dizerem, se é possível Deus falar mais claramente, e propor uma verdade com mais precisão do que quando o faz falando da Imaculada Conceição de sua Mãe.

É impossível; e diante do peso destes argumentos eles devem reconhecer que a Igreja Católica não inventou o dogma da Imaculada Conceição; mas encontrou-o, inteiro, perfeito e luminoso nas páginas da palavra de Deus inspirada.

Digamos, pois, convencidos e sinceros com a Igreja Católica, exaltando a Mãe de Deus pelas palavras do Cântico dos Cânticos:

> "Sois toda formosa, ó Maria, e a mancha original não se encontra em vós!"
>
> *"Tota pulchra és, Maria!"*

5. A Imaculada Conceição Segundo a Tradição

Parece estar bastante provado o dogma da Imaculada Conceição. A teologia com seus raciocínios irredutíveis, o Antigo Testamento com suas figuras expressivas, o Evangelho com seu ensino claro e positivo, mostraram de modo irrefutável a necessidade, a existência e a glória do inefável privilégio que é a Conceição **Imaculada** da Mãe de Deus.

Podia-se parar aqui.

Parece, entretanto, oportuno ir até o fim, e mostrar que tal verdade sempre foi aceita no mundo católico; professada por todos, desde os apóstolos até os nossos dias.

Percorrer um instante os 19 séculos que nos separam do mistério da Encarnação realizado será mais uma prova, ou melhor, será como que a síntese de todas as provas da Imaculada Conceição e, ao mesmo tempo, a refutação desta outra objeção protestante que afirma que o culto de Maria Santíssima foi introduzido na Igreja em 660.

Terminaremos pelas citações dos Santos Padres e Doutores da Igreja a doutrina acima exposta, e refutaremos a objeção de novidade do culto de Maria Santíssima, embora isto já tenha sido feito no capítulo primeiro.

Para completa clareza vejamos o que é a Tradição, como ela formou-se, conservou-se e foi transmitida aos séculos vindouros.

A TRADIÇÃO DIVINA

Os protestantes admitem a palavra divina tal qual foi escrita na Bíblia por inspiração divina.

A Igreja Católica está de acordo sobre este ponto e admite igualmente a Bíblia como sendo a *palavra divina escrita.*

Onde a Igreja discorda do erro protestante é que ela além da Bíblia, admite certas verdades não escritas na Bíblia, ou escritas não de modo *literal;* mas sim *espiritual* ou *figurado.*

Os protestantes admitem *só a Bíblia,* dizendo que todas as verdades reveladas por Deus estão na Bíblia.

Ora, isto está em contradição com a própria Bíblia.

São João, ao terminar o seu Evangelho, diz expressamente:

> "Muitas outras coisas fez Jesus, as quais se se escrevessem, uma por uma, creio que nem no mundo todo poderiam caber os livros que seria preciso escrever. (Jo 21, 25)"

É, pois, certo que Jesus disse coisas que não estão escritas; e o que disse e não foi escrito tem **o mesmo valor** e a mesma autoridade que aquilo que foi escrito na Bíblia.

Nenhum protestante sincero pode negar isso.

E como se chama esta palavra divina não escrita?

É São Paulo quem nos revela o nome destas verdades escrevendo aos Tessalonicenses:

> "Permanecei constantes, irmãos, e conservai as tradições que aprendestes ou por nossas palavras, ou nossa carta. (2Ts 2, 15)"

Eis diante de nós a **Tradição,** tão atacada pelos pobres protestantes... e tão incompreendida.

Que é, pois, a Tradição?

É a palavra divina, tendo a mesma autoridade que a Bíblia, não escrita; mas transmitida oralmente pelos apóstolos e mais tarde escrita por *iniciativa particular,* pelos primeiros Papas, Bispos, Sacerdotes e até simples fiéis instruídos em sua religião.

A diferença entre a **Sagrada Escritura** e a **Tradição,** é que a primeira palavra divina foi escrita por inspiração do Espírito Santo que a preservou de todo erro; enquanto que a segunda palavra divina foi escrita por particulares sem a inspiração do Espírito Santo, e sem a preservação do erro pessoal da parte do escritor.

A Tradição é, pois, a palavra de Deus, desde que fica constatado ser de origem apostólica; mas como o erro pode mais facilmente infiltrar-se na palavra falada do que na palavra escrita, três condições são impostas para que uma doutrina dizendo respeito à fé ou à moral, possa reivindicar para si a Tradição Divina.

1. Deve remontar até os primeiros séculos e ser conhecida universalmente como tal.
2. Deve concordar com a palavra de Deus escrita, ou pelo menos não contradizê-la.
3. Deve ser declarada autêntica por uma autoridade competente.

Revestida desta segurança, uma doutrina é considerada Tradição Divina; faltando um destes requisitos, é destituída de toda autoridade.

A Integridade das Tradições é tão certa como a própria Escritura; pois uma e outra são confiadas à guarda da Igreja infalível, contra a qual *as portas do inferno não podem prevalecer.*

Ora, as portas do inferno prevaleceriam contra a Igreja se ela não conservasse íntegra a verdade que lhe foi confiada.

E como se faz a transmissão da *Tradição Divina?*

De nove modos:

1. Pelas decisões da Santa Sé e os decretos dos Concílios Gerais.
2. Pelos símbolos, que são os dos apóstolos, de Niceia e de Santo Atanásio.
3. Pelos Santos Padres, que são como o porta-voz da Tradição.
4. Pelo consentimento unânime dos teólogos.
5. Pela Liturgia Sagrada.
6. Pelos atos dos mártires.
7. Pelos escritos de certos hereges combatendo a doutrina da Igreja.
8. Pelos escritores eclesiásticos.
9. Pelos monumentos, altares, templos, túmulos dos mártires e inscrições que exprimem a fé dos primeiros séculos.

Conhecendo exatamente o que é a **Tradição,** o seu valor, a sua autoridade, podemos agora recorrer a ela para provar a **Imaculada Conceição** da Virgem Santíssima.

Para isso, basta consultar os Santos Padres e Doutores da Igreja seguindo desde os apóstolos até hoje a sua doutrina, para averiguarmos

que a Imaculada Conceição proclamado dogma pela Igreja em 1854, remonta até os apóstolos por uma Tradição universal ininterrupta.

Tal Tradição, confirmando o que está **implicitamente** revelado no Evangelho, torna-se uma revelação **explícita** e certa de uma verdade divina.

É esta Tradição constante que quero demonstrar aqui por textos autênticos, recolhidos das obras dos Santos Padres de todos os séculos, dos apóstolos até a proclamação do dogma em 1854.

NO PRIMEIRO SÉCULO

Que é que encontramos no século primeiro sobre o culto da Santíssima Virgem?

Tudo: o fundamento, a irradiação, a voz profética da própria Mãe de Deus que deverá atravessar todos os séculos.

Há 1920 anos[29], mais ou menos, em uma pequena vila de Judá chamada Hebron, encontram-se, após uma ausência prolongada, duas primas; uma senhora já idosa, esposa de Zacarias, a outra uma jovem donzela de seus dezessete anos.

Saúdam-se afetuosamente.

---

[29] NE: Como o livro foi publicado originalmente em 1936, o autor quer se referir ao tempo em que a Virgem Santíssima tinha mais ou menos 17 anos de idade, como será falado adiante.

A mais idosa, num transporte de admiração, sob a inspiração do Espírito Santo, exclama:

> "Donde me vem a dita, que a Mãe de meu Senhor venha ter comigo? (Lc 1, 43)"

A jovem de dezessete anos, levantando as mãos e os olhos para o céu, num gesto extático, responde:

> "Eis que de hoje em diante todas as gerações me chamarão bem-aventurada! (Lc 1, 48)"

Eis a profecia do **culto,** da **glória,** do **poder** da Virgem Imaculada!

E esta profecia deve realizar-se.

E realiza-se diariamente...

Católicos e protestantes exaltam a Virgem Santa.

Os católicos pelo seu amor, seu entusiasmo, sua confiança.

Os protestantes pelos seus protestos, tornando-se indiretamente os panegiristas[30] da Mãe de Deus.

Não há *ação,* sem que haja *reação.*

A ação protestante é de rebaixar a Virgem Santa.

A reação católica é de exaltá-la cada vez mais.

Eis o fato.

---

[30] NE: Panegirista é uma pessoa que faz discurso de exaltação publicamente em louvor de alguém.

Eis o berço da glória de Maria.

Sigamos agora o seu desenvolvimento através dos séculos.

Para não prolongar excessivamente as citações, quero escolhê-las, curtas, de vários autores conhecidos, de autoridade e de responsabilidade.

No primeiro século, além de muitos outros, temos um documento fora de toda suspeita e acima de todas as contradições, é a **Liturgia** de São Tiago.

Os apóstolos iam aos poucos estabelecendo regras disciplinares para regularizarem e uniformizarem a celebração dos Santos Mistérios, escrevendo e fazendo escrever ou aprovando o modo de celebrar a Santa Missa, as orações a recitar, assim como as cerimônias a observar na administração dos Sacramentos.

Jesus Cristo tinha instituído *diretamente* os Sete Sacramentos, deixando aos apóstolos o cuidado de determinar certos pontos acidentais[31] que melhor exprimissem o efeito sacramental nas almas.

Depois da Ascensão, os apóstolos celebraram o Santo Sacrifício; mas como o Salvador dera apenas a parte *essencial* do Sacrifício, que é a mudança da substância do pão e vinho na substância do Corpo e do Sangue de Jesus Cristo, cabia a eles cercar as palavras sacramentais de orações, de cerimônias que exprimissem e manifestassem o melhor possível os efeitos deste Sacrifício.

---

[31] NE: Acidente, em filosofia, é aquilo que não pertence à essência de alguma coisa.

É o que eles fizeram; e o livro em uso contendo tais prescrições chama-se: **Liturgia Apostólica.**

Entre outras liturgias, temos uma de São Tiago, o Menor; que é como o esquema, a ossatura da Santa Missa, tal qual é celebrada até hoje.

Este *Missal* destaca de modo expressivo o mistério da Imaculada Conceição, e o faz em termos tão luminosos que parecem ser ditados recentemente após a proclamação deste dogma, dezoito séculos após.

Recolhamos uns trechos admiráveis a este respeito.

Após a leitura de uns passos do Antigo e Novo Testamento e umas orações, São Tiago ajunta:

> "Fazemos memória de nossa Santíssima, Imaculada, e gloriosíssima Senhora Maria, Mãe de Deus, e sempre Virgem Maria."[32]

E um pouco mais além:

> "Façamos memória de Nossa Senhora, a Santíssima, Imaculada, gloriosíssima e bendita Mãe de Deus, e sempre Virgem Maria."[33]

Tais termos em favor da pureza Imaculada de Maria são de uma lucidez que não admite dúvida; entretanto, o Santo apóstolo não se limita a isso e torna a sua fé mais expressiva ainda.

Após a *consagração* e umas preces, ele faz dizer ao celebrante:

---

[32] S. Jac. In Liturgia sua.

[33] Ibid.

> "Prestemos homenagem, principalmente a Nossa Senhora, a Santíssima, Imaculada, abençoada acima de todas as criaturas, a gloriosíssima Mãe de Deus, sempre Virgem Maria."[34]

E os cantores respondem:

> "É verdadeiramente digno que nós vos proclamemos bem-aventurada, ó Mãe de Deus, sempre bem-aventurada e de todo modo irrepreensível. Mãe de nosso Deus, mais digna de honra que os Querubins, mais digna de glória que os Serafins, vós que tendes dado à luz o Verbo divino, sem perder a vossa integridade perfeita, nós vos glorificamos como Mãe de Deus."[35]

Hino glorioso de louvor em honra da Mãe de Jesus.

O dogma da Imaculada Conceição não tinha ainda sido proclamado, mas eis que São Tiago o exalta nomeadamente e faz lembrar diversas vezes esta prerrogativa singular de Maria, no ato mais sublime da religião, no santo sacrifício da Missa.

O Evangelista São Marcos, na *Liturgia* que deixou nas igrejas do Egito, serve-se de expressões quase idênticas:

> "Lembremo-nos sobretudo, da Santíssima, intemerata[36] e bendita Senhora Nossa, a Mãe de Deus e sempre Virgem Maria."[37]

---

[34] Ibid.

[35] Ibid.

[36] NE: Intemerato é o mesmo que não corrompido, sem mácula, íntegro, puro, incorrupto.

[37] S. Marcus, Evang. In Liturgia sua.

Na Liturgia dos Etíopes, cujo autor é desconhecido, mas cuja composição data do primeiro século, encontramos diversas menções explícitas da Imaculada Conceição.

Uma das orações começa nestes termos:

> "Alegrai-vos, Rainha verdadeiramente Imaculada, alegrai-vos, glória de nossos pais."[38]

Mais além, é pela intercessão da Imaculada Virgem Maria que o Sacerdote invoca a Deus em favor dos fiéis:

> "Pelas preces e a intercessão que faz em nosso favor Nossa Senhora, a Santa e Imaculada Virgem Maria."[39]

O título de Imaculada dado a Maria, encontra-se, de novo, na oração que segue imediatamente a elevação das Santas Espécies:

> "Este é o corpo e este é o sangue de Nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo, que ele tomou de Nossa Senhora, a Santa Imaculada Virgem Maria."[40]

Na mesma Liturgia Etiópica encontramos nas orações que acompanham o Batismo, a seguinte terminação de uma delas:

> "Pela intercessão da Virgem, cheia de graça, Maria, Mãe de Deus, que é Santa em tudo."[41]

---

[38] Liturgie Ethyopum.

[39] Ibid.

[40] Ibid.

[41] Ibid.

Terminemos o primeiro século com uma passagem de Santo André, apóstolo, expondo a doutrina cristã ao procônsul Egeu; passagem que figura nos atos do Martírio do Santo apóstolo e data do primeiro século:

> "O primeiro homem tendo sido formado de uma terra imaculada, era necessário que o homem perfeito nascesse de uma Virgem igualmente Imaculada, para que o Filho de Deus, que antes formara o homem, reparasse a vida eterna que os homens tinham perdido."[42]

Há, sem dúvida, mais outras testemunhas do primeiro século; entretanto, parece que os mais positivos e comprovativos são os que precedem.

Que é que se pode dizer mais do que estas *Liturgias* apostólicas de São Tiago, de São Marcos e de Santo André?

É impossível dizer mais e dizer melhor.

Tais *Liturgias* não são obras diretamente inspiradas pelo Espírito Santo, porém têm o valor da autoridade apostólica, tendo sido aprovadas e usadas pelos próprios apóstolos.

Há diversos outros documentos de primeiro valor quanto à doutrina; mas cuja autenticidade é contestada, de modo que, pela dúvida, perdem o seu valor comprovativo.

O mártir Santo Inácio, Bispo de Antioquia, que foi, diz a tradição, a criança que o Salvador colocou diante dos apóstolos dizendo que *aquele que se humilhar como esta criança será o maior no reino do céu,* dei-

---

[42] Cartas dos Padres de Acaia.

xou umas cartas, nas quais figuram duas passagens afirmando a **Conceição Imaculada** de Maria; mas tendo sido discutida a autenticidade destas cartas, não quero citá-las aqui.

É certo que todos os Santos Padres não falam expressamente da Imaculada Conceição, porém todos eles explicam o Capítulo Três do Gênesis e a Ave Maria de modo a excluir a Santíssima Virgem do pecado original.

A doutrina da Imaculada Conceição era conhecida no primeiro século e era admitida por todos, de modo que nenhuma contestação levantou-se a este respeito na primitiva Igreja.

NO SEGUNDO SÉCULO

A doutrina dos apóstolos firmada em suas *Liturgias* foi adotada em todas as igrejas, de modo que em toda parte era conhecida a Conceição Imaculada de Maria.

Não havendo nenhuma discussão a este respeito, não havia necessidade de tratar expressamente desta verdade.

Os escritos dos Santos Padres do segundo século falam deste privilégio como de um fato indiscutível, sem procurar prová-lo ou explicá-lo.

Usam locuções, comparações, antíteses que atestam na Santíssima Virgem uma plenitude superabundante de graça, que supõe necessariamente a preservação inteira de todo pecado.

Entre os escritores e oradores desde século contamos sobretudo: **São Justino,** apologista e mártir, **Tertuliano** e **Santo Irineu.**

Citemos apenas umas breves passagens destes três ilustres representantes do século segundo.

São Justino, explicando o texto de São Mateus (12, 48): *Quem é minha mãe e quem são meus irmãos,* escreve:

> "Jesus Cristo falando, desde modo, dos outros, não pretendia privar sua Mãe da honra que lhe é devida; mas quis mostrar qual é a maternidade pela qual a bem-aventurada Virgem Maria deve ser proclamada bem-aventurada.
>
> De fato, se aquele que ouvir e guardar a palavra divina torna-se o irmão, a irmã, a mãe de Jesus Cristo, é evidente que em virtude deste duplo título, Maria deve ser chamada bem-aventurada.
>
> Ouvir e guardar a palavra de Deus é um ato de virtude; é a obra própria de uma alma pura, que não procura senão a Deus.
>
> Ora, Deus não escolheu uma mulher qualquer entre as mulheres, mas sim àquela que sobrepujava incomparavelmente todas as outras, pela excelência de suas virtudes.
>
> Jesus Cristo quis, pois, que Maria fosse chamada de sua Mãe, por causa desta excelência, que a fez escolher para dá-lo à luz e tornar-se a sua Mãe, sem cessar de ser virgem."[43]

Tertuliano em diversas partes faz o paralelo entre Eva e Maria, e conclui:

> "Eva acreditou no demônio transformado em serpente, Maria acreditou na palavra do anjo Gabriel; a falta que a primeira cometeu, a segunda apagou-a pela sua fé."

---

[43] S. Just. Q. 136 ad Orthod.

Santo Irineu repete o mesmo paralelo entre Maria e Eva, que era um argumento popular neste tempo, fazendo sobressair a Conceição Imaculada de Maria.

Sem este privilégio, de fato, longe de ser superior a Eva, Maria lhe seria profundamente inferior exatamente num ponto em que o seu destino reclama uma superioridade; ou pelo menos, uma igualdade indiscutível.

Tal é a doutrina de Santo Irineu, que tinha aprendido na escola dos primeiros discípulos dos apóstolos, e tal era a crença geral dos cristãos do segundo século a respeito da pureza Imaculada de Maria.

A palavra *Imaculada* é menos vezes explicitamente pronunciada pelos Santos Padres do segundo século, porém a doutrina é a mesma, e exprime sempre a pureza virginal e Imaculada de Maria.

NO TERCEIRO SÉCULO

O terceiro século, mais rico em vultos eminentes é, entretanto, menos abundante em testemunhos expressivos sobre a Imaculada Conceição.

Encontramos neste século os Santos Hipólito, Gregório de Neocesareia, Cipriano e o grande Orígenes; todos estrelas luminosas no firmamento da Igreja, ainda perseguida, mas triunfante em todos os países.

Santo Hipólito, Bispo de Porto e mártir, escreveu em 220:

> "O Cristo foi concebido e tomou o seu crescimento de Maria, a Mãe de Deus, toda pura...

> Quando o Senhor Jesus Cristo terá vindo entre nós, segundo a carne, pelo nascimento da Santa e *Imaculada Virgem.*"[44]

Mais além ele diz ainda:

> "Como o Salvador do Mundo tinha decretado salvar o gênero humano, ele nasceu da *Imaculada Virgem* Maria."[45]

São Gregório não é menos explícito, embora não empregue o termo *Imaculada,* mas sim um termo equivalente.

Temos deste Santo cinco Sermões sobre a Anunciação de Maria. Recolhemos umas curtas citações deste escrínio[46] precioso:

> "Convinha que a graça escolhesse só a Maria, entre todas as gerações; pois ela era prudente e instruída em tudo, e entre os descendentes de Adão era impossível encontrar outra que lhe fosse semelhante."[47]

Um pouco além, o Santo Orador continua:

> "Antes de tudo, o anjo dirige oficialmente estas palavras à Virgem Santa: *Ave, cheia de graça*, porque o tesouro inteiro da graça estava depositado nela; porque só esta Virgem era perfeitamente Santa de

---

[44] S. Hippol.; Orat. In Cons. Mundi.

[45] Ibid.

[46] NE: Escrínio é um pequeno cofre para guardar joias ou outros objetos preciosos.

[47] S. Greg. In Annun.

> corpo e de espírito; ela só carregava Aquele que sustenta todas as coisas pelo seu Verbo."[48]

Há aqui três indicações expressas da Imaculada Conceição.

Como é que o tesouro inteiro da graça estaria depositado em Maria se lhe faltasse a primeira e a mais importante das graças: a justiça original?

Como seria ela só perfeitamente Santa se ela não o fosse mais que outros Santos, e o fosse só do mesmo modo que eles?

A virgindade da alma de Maria, isto é, a sua santidade Imaculada, não podia ser inferior à virgindade de seu corpo, e São Gregório não separa uma da outra.

Precisaria citar estes Sermões inteiramente: são chamas do mais ardente amor à Virgem Santa e uma profissão pública e doutrinal de sua Imaculada Conceição.

Citemos apenas umas curtas frases tomadas aqui e acolá nestes discursos:

> "Ave, cheia de graça, flor Imaculada de vida!"
>
> "Jesus Cristo nasceu da pura, casta e Imaculada Virgem Maria..."
>
> "Ave, cheia de graça, pois estás revestida de uma veste Imaculada."
>
> "O mensageiro incorpóreo foi enviado a uma Virgem sem mancha e imaculada; é enviado, ele, livre de todo pecado, à Virgem isenta de mancha e de corrupção."

---

[48] S. Greg. In Annun.

São Cipriano, Bispo de Cartago, em 250, não é menos explícito. Num sermão sobre a festa de Natal, ele diz:

> "A justiça divina nada pode repreender em Maria. Ela era um vaso de eleição; ela diferia de todos os outros filhos de Adão; a sua natureza, de certo, era a mesma, mas ela não partilhava a sua culpabilidade. Ela possuía um privilégio que nenhuma outra mulher, nem antes nem depois dela, merecia obter: as honras da maternidade, unidas às da virgindade.
>
> Por isso, era devida a plenitude da graça à Virgem Santa, e uma glória mais abundante, pois ela era dotada da integridade espiritual da carne e do espírito, e gozava, por dentro e por fora, da presença corporal de Cristo."[49]

Orígenes. Rematemos estas citações tão belas, expressivas e amorosas, com uma última das obras de Orígenes, que vivia em 226, e parece resumir a doutrina e as tradições de sua época.

Ele escreve:

> "Maria, a Virgem Mãe do Filho único de Deus, é proclamada a digna Mãe deste digno Filho, a Mãe Imaculada do Santo e Imaculado, sendo ela única, como único é o seu próprio Filho."[50]

Este texto reconhece em Maria uma santidade e uma pureza correspondentes, enquanto possível, à santidade e a pureza de seu Filho único; ela é, pois, **Imaculada** como é Imaculado o seu Filho... O que Jesus é por natureza, ela o é por uma graça particular.

---

[49] S. Cypr. Serm. In Nativ.

[50] Orig, Hom. 1 in Math.

Orígenes põe as seguintes palavras sobre os lábios do anjo dirigindo-se a São José:

> "Recebei Maria, como o tesouro do céu, confiado a vosso cuidado, como as riquezas da divindade, como a plenitude da Santidade, como a justiça perfeita.
>
> Recebei-a como a morada do Filho único de Deus, como um templo digno de toda honra, como a casa de Deus, como a propriedade do Criador, o palácio Imaculado do Rei e do Esposo Celeste."[51]

Em outro Sermão, Orígenes faz ainda o mensageiro celeste dizer a São José:

> "Este menino não precisa de pai na terra, porque tem um pai incorruptível no céu; não precisa de Mãe no céu, porque tem uma Mãe **Imaculada** e casta na terra, esta Virgem bem-aventurada, Maria."[52]

Citemos mais uma passagem de Orígenes, de uma beleza e de uma lógica dignas deste gênio extraordinário; extraímos a passagem de um antigo Breviário[53] Romano:

> "A bem-aventurada Virgem Maria não foi iludida pelas palavras persuasivas da serpente, nem envenenada pelo seu sopro mortífero."

---

[51] Orig.: Hom. 1 in Math.

[52] Orig.: S. 3 in Math.

[53] NE: Breviário é um livro que reúne os ofícios que os sacerdotes rezam diariamente.

O que significa claramente que foi isenta da culpa original, fruto das palavras da serpente que excitaram os nossos primeiros pais à desobediência contra Deus.

Vê-se claramente que a doutrina, tão claramente exposta pelos apóstolos em sua Liturgia, continua a ser professada como uma verdade indubitável, certa, divina; são até expressões e comparações idênticas, e muitas vezes é a repetição dos mesmos termos.

NO QUARTO SÉCULO

Do terceiro penetremos no quarto século, mais fecundo e mais luminoso ainda que o terceiro, afirmando o grande privilégio da Mãe de Jesus.

Temos diante de nós as figuras incomparáveis de Santo Atanásio, de Santo Efrém, de São Basílio Magno, de Santo Epifânio, de São Gregório de Nisse, de São Jerônimo, de Timóteo, de São Sofrônio e de São João Crisóstomo.

É a plêiade gloriosa de grandes apóstolos do culto da Virgem Santíssima, e de modo particular, de sua Imaculada Conceição.

Devo limitar-me a curtas citações, senão haveria assunto para um livro inteiro.

Santo Atanásio, o invencível pioneiro da glória da Mãe de Deus contra os hereges do oriente, exclama com entusiasmo comunicativo:

> "É justo que te aclamemos a nossa Mãe, nossa Regeneradora, nossa Soberana, nossa Mestra, porque o Rei supremo, o Senhor nosso Deus, saiu de ti; tu estás sentada ao seu lado. Para nós Ele é temível, mas para convosco Ele só tem doçura e vos concede toda graça.

> Por isso o anjo vos proclamou: cheia de graça, a vós que possuis toda a graça em abundância."[54]

Santo Efrém, o Sírio, dirigindo-se à Maria, diz:

> "Vós sois Imaculada, sois sem mancha e sem defeito, sois a própria pudicidade; nenhuma mancha, nenhuma sombra de pecado pode aproximar-se de vós, ó Virgem esposa de Deus e nossa Soberana."[55]

São Basílio Magno, poucos anos depois introduziu na Liturgia que conserva o seu nome, as seguintes palavras que o diácono deve cantar:

> "Fazemos comemoração de nossa Santíssima, intemerata Senhora Maria, Mãe de Deus e de todos os Santos."

E o diácono responde:

> "Guardai-nos, ó Deus, pela vossa graça, nós que fazemos comemoração de nossa Santíssima e *Imaculada* Senhora, a Mãe de Deus com todos os Santos."[56]

Santo Epifânio não é menos entusiasta em anunciar as glórias da Mãe de Deus:

> "Sois cheia de graça, ó Virgem bem-aventurada. Fora de Deus, sois superior a tudo o que existe. Sois mais bela pela vossa natureza que os próprios Querubins e Serafins, e todo o exército dos anjos... Sois

---

[54] St. Athan. Serm. De Sma. Deipara.

[55] Sto. Ephrem: Serm. 2 de laud. V. M.

[56] E. C. Basil. M. Liturgia.

> um lírio *Imaculado*... sois a ovelha *Imaculada* que deu à luz ao Cordeiro de Deus, que é o Cristo."[57]

Santo Ambrósio, Bispo de Milão, é tão expressivo e positivo quanto aos outros Doutores deste século, diz:

> "Maria foi esta Virgem milagrosa, ao mesmo tempo isenta do nó do pecado original e da casca do pecado venial."

E ainda:

> "Deste rebanho saiu Maria, a ovelha santa, *Imaculada* e sem mancha."[58]

São Gregório de Nisse segue Santo Ambrósio (380), e faz uma graciosa comparação entre a Encarnação do Verbo e as núpcias dos filhos dos homens.

A divindade quer unir-se à humanidade:

> "Foi escolhido o seio da Virgem Maria por causa de sua incomparável pureza, como a sala nupcial, em que deve efetuar-se o grande mistério. Foi necessário que não houvesse nenhuma mancha neste Tabernáculo, iluminado pelos esplendores do Espírito Santo; foi necessário que a pureza de Maria fosse *incorruptível*."[59]

São Jerônimo, o grande luzeiro exegético do quarto século, professa igualmente a verdade universalmente admitida da Imaculada Conceição.

---

[57] S. Epiph.: Serm. De laud. B. V.

[58] S. Ambr.: Hom. Sup. Cain et Abel.

[59] Greg. Naz.: Hom. 19 in Cant.

Numa de suas cartas ele escreve *que a Santíssima Virgem foi* ***sem mancha*** *e alheia a todo contágio do pecado.*

Explicando as palavras do Cântico *Veni Columba mea, Immaculata mea,* ele escreve:

> "Maria apresenta em tudo a simplicidade da pomba porque não há nela nada que não fosse toda pureza, toda simplicidade, toda verdade e toda graça. Ela é, pois, **Imaculada,** porque não tem nenhum vestígio de corrupção."[60]

Timóteo, sacerdote de Constantinopla e um dos grandes oradores da época, é mais positivo e mais claro ainda que os seus contemporâneos. Citemos apenas o seguinte trecho de uma beleza sem par:

> "A Virgem Maria, mais *Imaculada* que todas as criaturas, e mais santa que todos os santos pela graça daquele que se dignou habitar nela, goza da imortalidade."

E ainda:

> "A Virgem é mais *Imaculada* do que se pode exprimir, e Santa de todos os modos."

São Sofrônio, Patriarca de Constantinopla, repete e espalha a mesma doutrina:

> "Ó Gabriel, que pela vossa palavra anunciando a salvação, tendes inundado de alegria a alma bem-aventurada e inocentíssima da Santíssima e puríssima Mãe de Deus, nossa Soberana..."

E mais além, ele diz:

---

[60] Jeron.: Epist. De Assump.

> "Ó vós que almejais fazer-nos o bem, colocai-me no número dos vossos justos, e fazei-nos partilhar a vossa alegria; eu vô-lo peço, pela intercessão da vossa Mãe *sempre inocente*..."

Diz ainda:

> "Maria foi Santa e admirável, ela se deliciava nas coisas de Deus; seu corpo, a sua alma e sua inteligência foram isentas de toda mancha.
>
> A Virgem Santa foi escolhida, deste modo, e o seu corpo e sua alma foram santificados, de tal modo que a Encarnação se realizou ficando ela pura, casta e *Imaculada*.
>
> O Verbo encarnou-se verdadeiramente do sangue inviolável e virginal da Santa e *Imaculada* Virgem Maria."

São João Crisóstomo. O quarto século termina com a figura luminosa de São João Crisóstomo, que os séculos apelidaram de boca de ouro.

Suas admiráveis homilias estão repletas de citações a respeito da Imaculada Conceição.

Na liturgia por ele redigida, encontra-se diversas vezes esta prerrogativa da Mãe de Jesus:

> "Fazendo memória da Santíssima, incontaminada, sobre todos bendita, de nossa gloriosa Senhora, Mãe de Deus e sempre Virgem Maria..."

E um pouco mais além:

> "Sobretudo em honra de Nossa Senhora, Santíssima, *Imaculada*, sobre todos bendita e Mãe de Deus.
>
> É verdadeiramente digno e justo que vos glorifiquemos, Mãe de Deus, sempre bem-aventurada, inteiramente sem mancha, Mãe de

> nosso Deus, incomparavelmente mais digna de honra que o Querubim, e mais digna de glória que o Serafim."

Num Sermão sobre a Anunciação, o Santo diz que Maria é *Imaculada,* que a Virgem entregue a São José como esposa é um lírio fechado, uma Virgem sem mancha.[61]

Eis textos que deslumbram e exaltam a fé do católico vendo brotar da alma dos primeiros Doutores da Igreja os mesmos acentos de fé, de confiança e de amor, com que, hoje ainda, a Igreja Católica aclama a Virgem Santíssima, chamando-a de Virgem Imaculada, a Mãe de Deus, a Soberana do Céu e da terra, e nossa Mãe querida.

Bastaria destas provas para mostrar a inviolável fidelidade do culto católico ao ensino da Bíblia e às Tradições apostólicas, espalhadas no mundo inteiro e através de todas as gerações.

Se os pobres protestantes lessem e quisessem compreender estes acentos dos primeiros cristãos, esta Tradição tão fielmente conservada pela palavra e pelos escritos das primeiras autoridades da Igreja, ficariam plenamente convencidos de que a Igreja nada inventou, nada mudou, nada ajuntou, mas apenas **conservou** na integridade a palavra divina e as instituições apostólicas.

Podia continuar e multiplicar as citações, cada vez mais numerosas dos outros séculos; porém, para não prolongar exageradamente esta exposição, daqui em diante citarei apenas uns curtos textos de uns representantes de cada século até chegar à proclamação definitiva e

---

[61] Chrys.: Serm de Annunt.

oficial pela Igreja de um **dogma** implicitamente contido na Sagrada Escritura e **explicitamente** transmitido pela Tradição dos apóstolos e primeiros cristãos.

Estas duas fontes da verdade: a Bíblia e a Tradição, recebendo da autoridade infalível da Igreja a sua plena confirmação e expansão, fazem refulgir hoje no mundo com todo o seu resplendor, este belo, suave e luminoso privilégio da Imaculada Conceição de Maria.

No Quinto Século

Neste século encontramos as figuras radiantes dos Santos Agostinho e Cirilo, Proclo, São Basílio, Teodoreto, São Leão Magno e São Pedro Crisólogo, além de muitos outros de menor importância.

Santo Agostinho, o nobre filho espiritual de Santo Ambrósio e Doutor dos Doutores, abre o quinto século! Citemos dele apenas a seguinte passagem:

> "Quem poderá dizer: eu nasci sem pecado?
>
> Quem poderá ufanar-se de ser puro de toda iniquidade, senão esta Virgem prudentíssima, este templo vivo de Deus, que o próprio Deus escolheu e predestinou, antes da criação do mundo, para que ela seja a Santa e *Imaculada* Mãe de Deus, para que ela seja a filha preservada de toda corrupção e de toda mancha do pecado?"

São Cirilo de Alexandria, o generoso defensor da glória de Maria contra os ataques de Nestório, escreve:

> "É temerário dizer que Maria tenha sido culpada de qualquer falta, ou de qualquer pecado."

Proclo, Bispo de Cízico, disse no Concílio de Éfeso e explicou que não havia nenhuma inconveniência para a santidade divina em fazer a sua morada no seio de Maria, porque Ele mesmo a tinha criado pura e sem mancha:

> "A carne de Maria é perfeitamente pura, pela razão de ela não ter sido atingida pela mancha original."

São Basílio, Bispo de Selêucia, exclamou no fim de um discurso:

> "Ó Virgem três vezes Santa; aquele que disser de vós as maiores maravilhas e exaltar o mais alto a vossa glória, não deve recear ultrapassar os limites da verdade, pois nunca as suas palavras poderão igualar à sublimidade de vossa grandeza. Maria é três vezes Santa, porque foi *pura do pecado original,* do pecado mortal e do pecado venial."

Teodoreto, outra glória deste século, escreve:

> "Entre tantas almas humanas que estão salvas, aparece só e única, tal uma pomba escolhida, a Virgem de quem nasceu o Cristo; Maria, Virgem e Mãe, Maria, cuja pureza sobrepuja a dos Querubins e Serafins."

São Leão Magno, que viveu em 440, escreve:

> "Uma Virgem real foi escolhida da raça de Davi; ela concebe um filho em sua alma, antes de concebê-lo em sua carne.
>
> A alma de Maria não devia ser menos virginal, menos ao abrigo de toda mancha, que a sua carne; pois devia ela conceber o Senhor com a sua carne."

São Pedro Crisólogo termina a série dos Doutores do quinto século, e escreve:

> "Era justo que tudo fosse conservado intacto em Maria, que deu a vida ao Salvador de todos."

NO SEXTO E SÉTIMO SÉCULOS

À medida que nos vamos afastando dos apóstolos, o número de Doutores vai crescendo, e as citações podem ser mais numerosas; porém, para maior brevidade, escolho apenas os vultos de maior destaque e que mais expressamente trataram da Imaculada Conceição.

Encontramos neste século os Santos Fulgêncio, Anastácio, André de Jerusalém, Hesíquio, Ildefonso, Elói, e o grande inimigo dos Cristãos: Maomé.

São Fulgêncio disse em um sermão:

> "A malícia do demônio corrompeu a alma seduzida do primeiro homem; mas a graça de Deus conservou, em toda a sua integridade, a carne e a alma da Mãe do segundo Adão."

Anastácio, o Sinaíta, escrevia em 544 em suas contemplações:

> "Dizei-me, quem entre os homens ou demônios ousaria pretender que aquela, cuja carne é da mesma essência que a carne do Filho de Deus, não foi feita à imagem e semelhança d'Aquele que dela nasceu?
>
> Como seria ela a Mãe de um tal Filho, se ela não trouxesse em si mesma, em toda a sua integridade, a imagem de seu Filho?"

André de Jerusalém, numa homilia sobre a morte de Maria Santíssima disse:

> "Maria era *Imaculada,* sem mancha; a plenitude da castidade sobrepujava nela tudo o que existia: *Quae cum esset immaculata... impolluta...*"

Hesíquio de Jerusalém vivia no começo do sétimo século. Deixou diversos discursos sobre a Virgem Maria nos quais chama Maria de

Pomba *Imaculada,* toda pura, Virgem escolhida entre as Virgens, glória da terra, adorno da natureza, e termina dirigindo-se à Maria:

> "Maria, porque sois pura de toda mancha, porque sois conservada, tal um templo incorruptível, tal um Tabernáculo sem mancha, o Pai Eterno vem habitar em vós, o Espírito Santo vos cobre com sua sombra, e o Filho único de Deus se reveste da vossa carne e nasce de vós!"

Santo Elói, Bispo de Noyon, falando da Purificação diz:

> "Deve-se considerar como não tendo contraído nenhuma mancha aquela que o Espírito Santo cobriu com sua sombra e que deu à luz o autor de toda pureza e de toda santidade."

Santo Ildefonso, diz por sua vez:

> "É constante que foi isenta de toda *falta original* esta Virgem, pela qual a maldição de Eva não foi somente retratada, mas pela qual a bênção foi dada a todos. *Constant illam ab omni peccato originali fuisse immunem.*"

Esse século fecha-se por um testemunho insuspeito, do grande inimigo dos cristãos deste tempo: **Maomé,** o fundador do islamismo.

Este inimigo do nome cristão escreve estas linhas curiosas em um Hadith, complemento de seu Alcorão:

> "Ninguém, entre os filhos de Adão, nasce sem ser tocado por Satanás, e este toque de Satã causa choros e gritos. Somente Maria e seu Filho foram isentos. Ó Maria, vós sois mais ilustre que todos os homens e todas as mulheres. Ó Maria, Deus vos escolheu, Deus vos pu-

> rificou, Deus vos fez mais gloriosa que as mulheres de todos os séculos."[62]

NO OITAVO E NONO SÉCULOS

São Germano abre o oitavo século com as mais belas homilias sobre a Imaculada Conceição, tão belas que a Igreja as escolheu para figurarem no Terceiro Noturno da Festa.

Em outro livro ele diz:

> "O Pontífice, pelo paramento de que é revestido, representa a carne de Jesus Cristo; esta vestidura vermelha e sangrenta que reveste o Deus imaterial, tal uma vestimenta tingida de púrpura, pelo sangue Imaculado de sua Mãe."[63]

Nas atas do sexto **Concílio Geral,** sob o pontificado de Santo Agatão, lemos uma afirmação categórica da Imaculada Conceição.

Lemos no capítulo oito das atas:

---

[62] NE: Embora esta passagem esteja em um dos complementos do Alcorão, chamado de Hadiths, no próprio Alcorão também há algumas passagens que fazem alusão à Imaculada Conceição de Maria. Por exemplo, no Alcorão, em 3:42 é dito: "Recorda-te de quando os anjos disseram: Ó Maria, é certo que Deus te elegeu e te purificou, e te preferiu a todas as mulheres da humanidade!"

[63] In Theoria rerum eccl.

> "Confessamos que Nosso Senhor Jesus Cristo encarnou-se por operação do Espírito Santo, da Santa e *Imaculada* Maria, Nossa Senhora, Mãe de Deus e sempre Virgem."[64]

E no capítulo dezoito, lemos ainda:

> "O Cristo habitou no seio da Virgem, Mãe de Deus, tomando carne de sua carne Santa e Imaculada, para fazer dela a sua própria substância."[65]

Vem depois o admirável **São João Damasceno,** o grande defensor da Imaculada Conceição:

> "Ó Santíssima filha de Joaquim e Ana, fostes conservada Imaculada para serdes a Esposa de Deus."[66]

Em outro lugar o Santo diz que o sangue de Maria sendo a matéria prima do sangue e da carne do Salvador, devia ser um sangue absolutamente puro e Imaculado.[67]

Este termo, *Imaculada*, encontra-se a cada página das obras do Santo.

Falando de Maria, ele a chama a cada passo: Sagrada e toda Imaculada, *Sacra, prorsus immaculata.*

Um Concílio de 760 diz expressamente que Jesus Cristo se fez homem de uma terra animada e Imaculada.[68]

---

[64] VI Syn. Gen. Act. 8.

[65] Idem.: Act. 18.

[66] Serm. In Nat. M. V.

[67] Orat. 8 de Nat. M.

No nono século são menos numerosas as obras que sobreviveram sobre o culto da Santíssima Virgem, porém a mesma Tradição contínua manifesta-se nos escritos dos Santos desta época.

São Nicéforo, Patriarca de Constantinopla, em 811 dirigiu ao Papa Leão III uma carta em que se lê o seguinte:

> "O Filho de Deus habitou o seio da Santíssima e puríssima Virgem Maria, Mãe de Deus, em sua alma e em sua carne que o Espírito Santo purificara de antemão."[69]

Termina a mesma carta:

> "Pela intercessão de sua Mãe Imaculada e puríssima."[70]

O grego Teófano deixou um hino sobre a Anunciação em que lemos esta estrofe expressiva:

> "Achaste graça diante do Senhor, uma graça que nenhum outro achou, senão tu, ó Imaculada."

E mais além esta bela e entusiasta glorificação:

> "A graça vos foi dada, ó divina Mãe de Deus. Toda criatura clama por vós, ó ninfa[71] de Deus, pois somente vós sois a Mãe predestinada e imaculada do Filho. Salve! Virgem, nossa Soberana. Salve! Ó! Imaculadíssima! Salve, receptáculo de Deus."

---

[68] Concilio de Francfort: Epist. ad Episc.

[69] Epist. ad Leo. P.

[70] Hymn.

[71] NE: Ninfa aqui, tem o sentido de mulher jovem e formosa.

Encontram-se passagens idênticas nos escritos de **Estrabão** e nas homílias de **Alcuíno**, duas figuras de alto relevo deste século.

NO DÉCIMO E UNDÉCIMO SÉCULOS

O décimo século brilha pela instituição de uma festa pública em honra da *Virgem Imaculada* a pedido do imperador Leão, o filósofo.

Este século viu o admirável **Raimundo Jordão,** Cônego Regular de Santo Agostinho, que se escondeu sob o apelido de *Idiota*.

O Idiota tem passagens admiráveis sobre a Santíssima Virgem.

> "Ó Maria, sois toda formosa em vossa Conceição, pois fostes formada unicamente para ser o Templo do Altíssimo!
>
> Jamais a mínima mancha, o mínimo sopro do vício ou do pecado, tocou a vossa alma gloriosa! Jamais faltou qualquer coisa à beleza, à graça, à virtude de vossa alma!
>
> Sois toda bela, ó Virgem gloriosíssima, não sob um ou outro aspecto, mas inteiramente!
>
> Não há em vós nenhuma mácula de pecado, seja mortal, seja venial, seja original: Nunca houve e nunca haverá."[72]

São Fulberto de Chartres, Bispo de Chartres, não é menos explícito. Num sermão sobre a Natividade ele diz:

[72] Idiota: Contemp. De V. Deip. c 3.

> "A alma e a carne daquela que a sabedoria de Deus escolhera para habitar nela, foram absolutamente puras de toda malícia de toda mancha."

E ainda:

> "Vós fostes Imaculada desde o primeiro instante de vossa criação, porque devíeis dar à luz o Criador de toda a Santidade."[73]

A festa da Imaculada Conceição, instituída no século décimo, estende-se cada vez mais, e torna-se quase universal.

Do oriente, penetra no ocidente e espalha-se pela Normandia, Inglaterra, Itália e França.

Santos admiráveis, apóstolos ardentes levantam-se de todos os lados, para estender o culto da Virgem Imaculada.

São Pedro Damião é conhecido pelos seus sermões sobre a Mãe de Deus.

Falando da Anunciação ele diz:

> "Depois que Deus criou todas as suas obras e as fez boas, Ele fez uma coisa melhor ainda: consagrou-se um leito de repouso, formado do ouro puríssimo, na pessoa de Maria. Após a rebelião dos anjos e dos homens, Ele quis encontrar nela só o repouso e a tranquilidade.
>
> Só Maria, Mãe e Filha do Criador não desceu nunca, não caiu nunca... A carne da Virgem, que provém de Adão, não foi maculada pela falta de Adão."

---

[73] S. Fulbert.

Santo Anselmo de Cantuária é um outro apóstolo de Maria Santíssima. Ele escreveu um livro sobre a Imaculada Conceição, donde destacamos este pequeno trecho:

> "Porque Jesus Cristo nasceu, segundo a sua divindade, do Pai Eterno, que é justo; era preciso, se nós podemos exprimir deste modo, que nascesse de uma mãe justa, segundo a natureza humana.
>
> Pode-se, pois, dizer, com toda verdade, que ela possuía a justiça original, em vez da injustiça que recebem de sua origem todos os descendentes de Adão."

E ainda:

> "Se na Conceição da mãe de Deus se encontrasse qualquer coisa do pecado original, não é nela que foi concebida; mas na pessoa de seus pais que é preciso procurar.
>
> Deus que faz que as castanhas se alimentem e amadureçam no meio dos espinhos, ficando, entretanto, separadas deles, não poderia então fazer a mesma coisa com a sua Mãe?
>
> Certamente, Ele o pôde e Ele o quis; e se o quis, Ele o fez!"[74]

Santo Ivo e Chartres viveu neste mesmo tempo (1088). É outro defensor da Imaculada Conceição, cujos escritos chegaram até nós:

> "Aprendamos como o Filho de Deus santificou a carne de sua Mãe, para que o católico se alegre, e que o herege impuro fique confundido.

---

[74] Lib de Concep.

> Deus apagou nela toda a mancha do pecado original e do pecado atual, e tomou da carne de Maria, para formar a sua própria carne, à qual comunicou a pureza do próprio Deus."[75]

CONCLUSÃO

Paremos um instante no limiar do décimo segundo século para constatar como nestes séculos mais remotos brilha, tal uma estrela, a verdade inconcussa da Imaculada Conceição.

Nenhuma oposição se levanta nem sequer da parte dos hereges e outros inimigos da religião.

Todos os escritores católicos que tratam do assunto manifestam a sua convicção plena e integral a uma verdade considerada de Tradição Apostólica.

Nenhuma voz discorde, nenhuma luta entre o os teólogos, nenhuma reserva a este respeito.

Com o termo próprio, *Imaculada*, ou por termos equivalentes, encontramos sempre Maria: toda bela, isenta de todo pecado, livre da mancha original, preservada de toda mácula.

É a Imaculada, tal qual, séculos após a Igreja a proclamará em definição dogmática, que usará para sempre como uma verdade *implicitamente* revelada no Evangelho, e *explicitamente* confirmada pela fé universal da catolicidade.

---

[75] Ivo Char: Serm. de Nat.

Notemos bem esta firmeza e esta unidade de ensino, tanto para preparar o nosso espírito para a eclosão final do dogma que deve desabrochar sobre esta haste, como para compreender e apreciar em seu justo valor, as hesitações que encontraremos nos dois séculos seguintes; hesitações permitidas por Deus, e até necessárias, para obrigar os teólogos a estudarem até no fundo esta prerrogativa de Maria, e definir todas as suas consequências.

Como conclusão doutrinal, que resume tudo o que acabamos de ver e sintetiza em facho luminoso os diversos aspectos da Imaculada Conceição, reproduzo aqui um soneto feito pelo próprio demônio em 1823, por intermédio de um menino iletrado de 12 anos de idade, possesso e exorcizado por dois padres dominicanos[76] na cidade de Ariano Irpino, Itália.

Os dois sacerdotes impuseram ao possesso a obrigação de provar teologicamente com um soneto de rimas indicadas; Filho e Mãe, a Imaculada Conceição da Mãe de Deus.

O pequeno possesso iletrado num instante compôs o seguinte soneto, que é pelo modo de dizer e pela profundeza da doutrina, uma obra inimitável, acima da capacidade intelectual de qualquer pessoa, por mais ilustrada que seja.

É o resumo de toda a doutrina da Imaculada Conceição, e o eco perfeito e fiel da Tradição dos doze primeiros séculos do cristianismo:

---

[76] NE: O nome dos dois Sacerdotes são Padre Gassiti e Padre Pignataro.

Filho,

Mãe verdadeira eu sou, de um Deus que é

E d'Ele filha sou, bem que sua Mãe;

Ab aeterno, nasceu, mas é meu Filho,

Bem que nasci no tempo, eu sou sua Mãe.

Ele é meu Criador, mas é meu Filho,

Sou criatura sua, e sua Mãe;

Prodígio foi divino, ser meu Filho,

Um Deus eterno e ser eu sua Mãe.

Comum é quase o ser, à Mãe e ao Filho;

Porque do Filho, teve o ser a Mãe,

E da Mãe teve o ser também o Filho.

Ora, se o ser do Filho teve a Mãe;

Ou se dirá que foi manchado o Filho,

Ou sem labéu se há de dizer a Mãe.[77]

---

[77] NE: Versão original:

O mais sutil teólogo seria incapaz de ultrapassar em firmeza e profundeza doutrinal, a exposição sucinta da Maternidade Divina, da pureza virginal e da Conceição Imaculada de Maria.

O Papa Pio IX, tendo conhecimento deste soneto, leu-o, chorando de comoção, e proclamando-o uma exposição perfeita da Imaculada Conceição.

"*Vera Madre son Io d'un Dio che è Figlio*
e son figlia di Lui, benché sua Madre;
ab aeterno nacqu'Egli ed è mio Figlio,
in tempo Io nacqui e pur gli sono Madre.

Egli è mio creator ed è mio Figlio,
son Io sua creatura e gli son Madre;
fu prodigo divin l'esser mio Figlio
un Dio eterno, e Me d'aver per Madre.

L'esser quasi è comun tra Madre e Figlio
perché l'esser dal Figlio ebbe la Madre,
e l'esser dalla Madre ebbe anche il Figlio.

Or, se l'esser dal Figlio ebbe la Madre,
o s'ha da dir che fu macchiato il Figlio,
o senza macchia s'ha da dir la Madre"

O demônio fez-se panegirista obrigado do mais profundo dogma que diz respeito à Mãe de Jesus.

É uma confissão forçada, permitida por Deus, para revelar ao mundo a grande prerrogativa de sua Santíssima Mãe, mostrando ao mesmo tempo a união íntima, sagrada, inseparável, que existe entre o Filho e a Mãe.

6. A IMACULADA CONCEIÇÃO SEGUNDO O DOGMA CATÓLICO

Antes de expor a irradiação completa da Imaculada Conceição, uma observação é necessária a respeito do desenvolvimento dos dogmas.

Os dogmas católicos, embora imutáveis **objetivamente,** mudam **subjetivamente,** conforme o degrau de inteligência e de penetração da pessoa que o estuda.

Há nos dogmas imutáveis *simpliciter*[78] um verdadeiro crescimento *secundum quid*[79].

E como se faz o tal crescimento?

Todas as verdades sobrenaturais, por disposição divina, passam, como que por **três estados.**

1) A verdade simples, contida muitas vezes implicitamente em qualquer princípio universal.
2) A impugnação, objeções, ataques dos inimigos da religião, ou dúvidas dos próprios teólogos.
3) O estudo apurado ou a polêmica na refutação dos erros, ou no esclarecimento das dúvidas, que põe em relevo os diversos aspectos da verdade impugnada.

---

[78] NE: "Simples..."

[79] NE: "A medida que..."

É deste modo que procedia Jesus Cristo, ensinando os seus apóstolos:

> "Tenho muitas coisas a dizer-vos, mas vós não a podeis compreender agora. (Jo 16, 12)"

A Imaculada Conceição devia passar por esta tríplice fase de desenvolvimento.

No capítulo precedente assistimos à *primeira* fase: **a verdade simples.**

Vamos agora assistir à *segunda* fase: **a impugnação,** e terminaremos com a *terceira:* **o estudo apurado,** que vai dar a esta verdade todo o fulgor da fé e da inteligência.

Primeiras Hesitações

Nos onze primeiros séculos a história não nos transmite nenhuma impugnação da verdade católica acerca da Imaculada Conceição.

Cada um dos Doutores seguia simplesmente as luzes da fé e o atrativo de sua piedade para com a Santíssima Virgem e não procurava penetrar mais avante numa questão, que não tocava às bases essenciais da religião, e que nenhum herege atacava.

No começo deste século a questão muda de aspecto... Há um desenvolvimento intenso dos estudos filosóficos que abre novos horizontes.

Os teólogos perscrutam a doutrina e penetram nos mistérios, querendo conhecer a fundo a religião.

Era um progresso notável, necessário; mas que não deixava de apresentar certos perigos.

O estudo da religião é o mais sublime dos estudos, mas deve ser dirigido por uma **autoridade** competente.

Nas questões incertas e não definidas, Roma deixa campo aberto aos estudiosos e somente quando há perigo de desvio ou erro ela intervém com seu magistério infalível.

Era, pois, permitido discutir as bases da Imaculada Conceição... examinar o *pró* e o *contra,* para fundamentar melhor o ensino católico.

É o que aconteceu, e o que abriu a porta às primeiras dúvidas, às hesitações, e até a certas, mas raríssimas, negações.

Uns se declararam abertamente a favor, outros hesitaram, ou acharam tal privilégio inútil para a glória da Mãe de Jesus.

Coisa admirável, entretanto, onde se vê o dedo de Deus: Todos aqueles que se pronunciaram contra a verdade tradicional, ou retrataram mais tarde a sua opinião, ou deixaram em seus próprios escritos argumentos e armas para destruir o que tinham afirmado.

O célebre *Abade Ruperto* é o primeiro escritor eclesiástico que encontramos no limiar do século XII como sendo do número dos que negaram no começo a crença na Imaculada Conceição e adotaram-na depois, tornando-se os seus ardorosos defensores.

Ele escreveu em seu Comentário do Cântico dos Cânticos que Maria podia, como qualquer outra criatura, aplicar-se estas palavras do Salmista: *Eis que tenho sido concebida na iniquidade,* e que fazendo parte dos descendentes de Adão, ela tinha herdado, como os demais homens, o pecado original.

Pouco depois, e no mesmo livro ele se retrata completamente e defende a Tradição antiga:

> "A serpente mordeu o calcanhar da serva; mas vós, ó filha do Príncipe, esmagastes a cabeça da serpente... Somente vós sois livre entre todas as filhas dos homens... vós sois singularmente livre do jugo de todo pecado!"[80]

Tal é o início das hesitações e retratações que vamos encontrar nos dois séculos que seguem e que vai ser a preparação da plena luz que presenciaremos em breve.

São Bernardo é, sem dúvida, o farol luminoso deste século.

Ao mesmo tempo é um amoroso da Virgem Santíssima.

E apesar disso o grande Doutor não escapará à hesitação de seus contemporâneos.

Ele escreveu páginas inflamadas, cheias de doutrina e de amor para com aquela que intitula: *Raptrix cordium*, a sedutora dos corações; mas sobre a Imaculada Conceição ele escreveu pouco, e neste pouco mostra-se quase hostil ao grande privilégio de Maria, como o demonstram diversos trechos de seus escritos.

Mais tarde São Bernardo se retrata e defende o que parece quase querer combater no começo.

Nos seus sermões sobre a *Salve Rainha,* encontramos a sua profissão de fé clara e expressa sobre este ponto. Ele escreve:

> "A arca foi construída de madeira de Acácia, porque Maria foi escolhida de antemão, pelo Espírito Santo, e inteiramente preservada de

---

[80] Rup. lib. 6 in cant.

> toda mácula, embora a natureza de seus pais fosse viciada pelo pecado".[81]

Eis uma passagem mais explícita ainda:

> "Vós sois inocente da mancha original e das faltas atuais. Ninguém partilha convosco tal privilégio!"[82]

E em outro sermão o Santo diz:

> "Entre os filhos dos homens não há nenhum, nem grande, nem pequeno, que não tenha sido concebido no pecado, afora a Mãe do Imaculado, que não fez o pecado, mas apaga os pecados do mundo. Quando se trata de pecado, não quero de nenhum modo que se faça menção dela!
>
> A carne de Maria vem de Adão, porém a falta de Adão nela não se apegou."[83]

Dois outros vultos importantes desta época são: **Hugo e Ricardo de São Vitor.** Citemos apenas um trecho do segundo.

> "Maria é toda formosa, porque a graça a possuía toda inteira, e não havia nela lugar para o pecado.
>
> As estrelas estão cobertas de trevas, os Santos estão entrevados pela culpa comum a todos os homens.

---

[81] Serm. de. B. V. M.

[82] Serm. 4 in Salve Reg.

[83] Serm. 3 de Caena Dom.

> A bem-aventurada Virgem, porém, foi toda bela; o sol da justiça iluminou-a inteira e a penetrou de seus raios. Não há nela nenhuma mancha, nenhuma sombra de pecado!"[84]

NO DÉCIMO TERCEIRO SÉCULO

É o século dos grandes Doutores: Santo Alberto Magno, Santo Tomás de Aquino, São Boaventura, Alexandre de Hales, São Domingos, São Francisco de Assis, Santo Antônio de Pádua, e outros; cada um rivalizando com os outros em sabedoria, em santidade e em amor para com a Mãe de Jesus.

E, fato providencial, quase todos eles partilharam mais ou menos no começo de sua carreira teológica as dúvidas, as hesitações transmitidas pelos Doutores e escritores do século anterior.

Não querem negar a Imaculada Conceição, mas hesitam em defendê-la, ou negando-a timidamente; afirmam-na, no fim, como o tinham feito anteriormente o Abade Ruperto e São Bernardo.

Não pensemos, entretanto, que a hesitação foi universal, longe disto. Muitos conservavam íntegra e sem hesitação o precioso depósito da Tradição.

Os bispos da Inglaterra instituíram até uma festa em honra da *Imaculada Conceição.*

---

[84] Ric. S. Vic.

São Domingos nunca hesitou em sua fé ardente, e, em um tratado que escreveu sobre a Eucaristia contra os Albigenses, ele cita e explica as palavras de Santo André, já citadas supra (Capítulo A Imaculada Conceição Segundo a Tradição - No Primeiro Século):

> "Do mesmo modo que o primeiro Adão foi formado da terra virgem, que nunca foi amaldiçoada, deste modo era conveniente que assim fosse com o segundo Adão; cuja terra, isso é, a Mãe, fosse Virgem, que não a alcançara a maldição."

O Serafim de Assis[85] não escreveu sobre a Imaculada Conceição, mas pregou-a por toda a parte e consagrou sua Ordem à Virgem Imaculada.

Santo Antônio pregava a mesma verdade, sem nada escrever a respeito.

Alexandre de Hales ensinou, no começo, que a Augusta Virgem não fora isenta do pecado original; mas prostrado por uma moléstia mortal, na qual julgou ver um castigo de Deus, retratou-se e escreveu um livro em defesa da Imaculada Conceição.

O seu historiador diz que no fim de sua vida repetia sempre estas palavras:

> "Ó Maria, ó minha Soberana, sois toda bela, toda encantadora, e nunca houve em vós nem mancha original, nem atual."

O Cardeal Hugo, Dominicano, defende a mesma doutrina, e explicando as palavras do anjo *Achastes graça diante do Senhor,* ele diz:

---

[85] NE: Trata-se de São Francisco de Assis.

> "Achastes o que Eva tinha perdido, e Maria a recuperou."

E mais adiante, diz ainda:

> "O primeiro privilégio de Maria é a imunidade do pecado."

Ao lado destes grandes teólogos que nunca se afastaram da Tradição antiga e que nunca vacilaram em sua fé, encontramos, infelizmente, grandes e sublimes gênios que se deixaram levar pelas ideias correntes, e emitiram opiniões que, felizmente, retrataram mais tarde, para aderirem plenamente à única verdade, sempre firme e sempre luminosa na Igreja e no meio do povo cristão.

A mesma hesitação penetrou no espírito de **Santo Alberto Magno** e **Santo Tomás,** dois gênios, duas águias do saber e dois devotos da Mãe de Jesus; mas digamo-lo: só hesitaram um instante, retrataram-se e aderiram plenamente ao grande e sublime privilégio.

Nas suas *Sentenças*, Santo Alberto Magno hesita, mas em seu livro *Louvores a Maria* a hesitação desaparece e ele declara positivamente a pureza sem mancha da Virgem Santa:

> "A Virgem só foi isenta desta lei geral: Todos pecaram em Adão."

Santo Tomás de Aquino, o sublime discípulo de Alberto Magno, talvez pela influência de seu Mestre, caiu na mesma hesitação em sua *Suma Teológica*[86]; porém ele se retrata completamente depois na exposição da *Saudação Angélica*, dizendo que a Virgem Augusta foi perfeitamente Santa aos olhos de Deus, e que o pecado nela nunca habitou:

---

[86] Santo Tomás, III Pars, Questão 27, Artigo 2.

> "Maria foi perfeitamente pura de toda mancha, ela não contraiu nem o pecado original, nem qualquer pecado mortal ou venial."[87]

E ainda:

> "Exceto a bem-aventurada Virgem, que foi inteiramente isenta do pecado, seja original, seja venial."[88]

Em outro lugar e num texto que ninguém contesta, Santo Tomás é igualmente positivo; ele explica em que consiste a pureza e diz que pode existir um ser criado, tão puro, que nenhum outro possa ser mais puro do que ele, de modo que entre os seres criados, o tal ser seja absolutamente estranho ao contágio do pecado. E o Santo Doutor ajunta:

> "Tal foi a pureza da bem-aventurada Virgem, que foi isenta do pecado original. Entretanto sua pureza ficou abaixo da de Deus, porque falando rigorosamente, o pecado lhe é impossível."[89]

O próprio **São Boaventura** não escapou à mesma hesitação, mas retratou-se como os seus dignos êmulos[90].

Citemos apenas este trecho, tirado de seu segundo Sermão sobre a Santíssima Virgem:

> "Digo em primeiro lugar que Nossa Senhora foi repleta de graça preventiva; graça destinada a preservá-la contra a mácula da falta

---

[87] Opusc. 8.

[88] Cit. Por Henriquez

[89] S. Th. In 1 d 15. Q1 A3.

[90] NE: Êmulo é o mesmo que adversário, competidor.

original, que teria contraído em virtude da corrupção da natureza se não tivesse sido preservada e prevenida por um auxílio especial. Pois o Filho da Virgem foi, Ele só, isento da falta original, e com ele a Virgem sua Mãe.

Devemos acreditar, de fato, que no primeiro instante de sua Conceição, o Espírito Santo, por meio de um novo modo de santificação preservou-a do pecado original, não destruindo o que teria existido; mas preservando-a, por uma graça especial, para que o pecado nela não existisse."[91]

O Estudo Apurado

Tal foi a segunda fase da Imaculada Conceição:

A impugnação. Fase aguda, em que os maiores gênios naufragaram um instante, mas para se levantarem, depois, com mais força e mais zelo, na defesa do grande privilégio de Maria.

Foi Deus que o permitiu para que o assunto fosse mais estudado, mais explanado, para que, pelo estudo, os teólogos pudessem lançar sobre este privilégio a luz refulgente da Bíblia, da Tradição e do raciocínio; tríplice foco de luz que devia iluminar a Imaculada Conceição e preparar os elementos de uma futura proclamação dogmática.

É o que aconteceu. É esta irradiação luminosa que vai apresentar-se a nossos olhos desde o começo do século décimo quarto começando

---

[91] S. Bonav. Serm. 2, de B. M. V.

pelo Doutor Sutil, **Duns Escoto**[92], e terminando pela proclamação da verdade, como dogma de fé católica.

Será a terceira e última fase do grande dogma.

Será a glória do século XIV.

E este triunfo será devido ao espírito penetrante do grande Franciscano Duns Escoto; que refutará, de uma vez, todas as objeções contra, e fará brilhar em todo o seu esplendor a antiga Tradição Apostólica, preparando-a para a definitiva proclamação dogmática.

A teologia adotada por Duns Escoto segue uma direção diferente e nova, no modo de explicar a Conceição Imaculada de Maria.

Não somente Duns Escoto fez aceitar na Escola Franciscana ou Escotista uma fé geral neste dogma, não somente ele determinou a sua ordem a ufanar-se desta crença; mas suscitou uma verdadeira revolução nas outras escolas realizando **o acordo** entre a teologia; o costume da Igreja, que conservava a Tradição antiga; e o *sensus fidelium* ou crença geral do povo.

Este acordo completo é a grande obra genial que imortalizou o teólogo franciscano **Duns Escoto.**

São Boaventura, na discussão da opinião oposta à Imaculada Conceição, admitira a **possibilidade** (*potuit*) desta Conceição; porém declara-se contra a sua **conveniência** (*decuit*), enquanto Duns Escoto defendia a possibilidade e a conveniência.

---

[92] João Duns, chamado Escoto, do nome de seu país de origem Escócia. Morreu em 1308.

Ele resume a possibilidade em três razões principais:

1. Maria podia ser isenta do pecado original.
2. Ela podia ter contraído o pecado original um simples instante e ter sido logo purificada.
3. Ela podia ter tido a mancha original um certo tempo, sendo purificada depois.

A primeira asserção é a única conveniente e é esta conveniência que Duns Escoto quer demonstrar, colocando-se sob diversos pontos de vistas diferentes.

Sigamos um instante os belos e profundos raciocínios do defensor da Imaculada Conceição.

ARGUMENTOS DE DUNS ESCOTO

Pode-se reduzi-los a quatro.

1. ***A Universalidade da Redenção:***

Longe de negar a necessidade da redenção para todos os homens ou de subtrair ao Salvador o privilégio exclusivo da elevação acima de todas as criaturas, a Imaculada Conceição de Maria faz resplandecer mais a misericórdia do Salvador, preservando de toda falta um membro do gênero humano.

Maria é este membro privilegiado, podendo tanto mais facilmente ficar isenta da mancha original que este pecado não provém de uma *falta pessoal,* que seria a causa necessária dessa mácula; mas somente de uma falta estranha: a de Adão.

2. *O Poder do Redentor:*

O poder e a eficácia da Redenção manifestam-se tanto melhor quanto abrem as portas do céu a todos os homens e preservam, pelo menos, um membro da espécie humana da cólera ou inimizade de Deus.

A inimizade de Deus é um mal maior que a perda do céu, pois é a causa desta perda.

Pela Imaculada Conceição de Maria, o poder da Redenção mostra-se em toda a evidência, pois além da redenção geral, preservou uma criatura de toda falta.

3. *Reciprocidade de Amor:*

Convinha que tal graça particular fosse concedida à Mãe de Deus, e que esta exceção fosse feita em seu favor para que o amor formasse os laços mais íntimos de sua união com seu Filho.

A reciprocidade da afeição crescem em razão direta dos benefícios recebidos, de modo que, a benefícios maiores deve corresponder um amor mais ardente.

Ora, a Redenção não podia outorgar à Maria uma graça maior do que isentá-la do pecado original, pois tal isenção eleva-a acima de todos os homens.

Logo, Deus devia isentá-la.

4. *Os Tronos no Céu:*

O grande número dos resgatados deve preencher os tronos deixados vazios pela prevaricação dos anjos rebeldes.

Um lugar teria ficado vazio se nenhum membro da espécie humana preservado do pecado, não representasse no céu a pureza angélica.

Este lugar, que deviam ocupar os anjos decaídos, mas que perderam, foi reservado aos homens.

O demônio impediu que Adão e Eva o alcançassem.

Este lugar foi ocupado pela segunda Eva, por Maria, representando numa pureza angelical, a isenção de toda mácula.

O demônio, seduzindo Adão e Eva, contrariou os planos de Deus.

Os filhos dos homens, de fato, segundo a ordem divina, deviam preencher os vácuos feitos na corte celeste pela rebelião dos anjos.

O segundo Adão e a segunda Eva restabeleceram o plano divino, sobrepujando os próprios anjos em pureza e em graça.

Logo, ao lado do Cristo Imaculado devia estar a sua Mãe Imaculada; como no paraíso terreal, ao lado de Adão imaculado, estava Eva imaculada.

***

Em frente destas considerações, os argumentos de Santo Tomás contra a conveniência da Imaculada Conceição de Maria ficam sem força.

De fato, Jesus Cristo é e fica sendo o Redentor de todos os homens, e Ele concede à sua Mãe a graça mais sublime e mais perfeita de sua Redenção.

A Virgem Santa, embora concebida segundo o modo natural e sob a influência da concupiscência carnal, não se segue disso que a mancha e da carne tenha trazido consigo o pecado.

A concupiscência desordenada persiste nos batizados, sem que haja pecado.[93]

Dizem que Maria tinha ficado sujeita às pequenas penas temporais do pecado original, particularmente à morte; e que, por este motivo, ela deve ter ficado devedora, pelo menos por um tempo, do castigo do pecado.

Isto nada prova, pois é certo que as penas temporais podem permanecer após a remissão do pecado senão como penas *vindicativas*[94], pelo menos *medicinais*[95].

Eis porque Duns Escoto conclui:

> "Se não repugna nem à autoridade da Igreja, nem à autoridade da Sagrada Escritura; parece provável ser mais excelente atribuir à Maria que ela não foi concebida no pecado original."[96]

A intervenção de Duns Escoto em favor da Imaculada Conceição de Maria foi o golpe de morte ao erro contrário e restabeleceu a antiga Tradição Apostólica, um instante combatida por permissão divina, para que a questão fosse mais acuradamente estudada, e metido em plena luz o grande privilégio da Mãe de Deus.

A Universidade de Paris estando dividida em sua opinião, chama Duns Escoto para ouvir as suas provas em favor.

---

[93] D. Scot: In Senten. 3 D3 Q1.

[94] NE: Vindicativo é o mesmo que punitivo.

[95] NE: Ou seja, em favor da própria pessoa, ou de outras.

[96] Ibidem.

Escoto resolveu publicamente duzentos argumentos e com tanta doutrina, memória e uma assistência tão visível de Deus, que convenceu a todos; fixou definitivamente o ensino da Universidade e recebeu nesta ocasião o título de *Vitorioso.*

A conclusão de seus duzentos argumentos foi sempre:

> "Não! Maria não pôde contrair o pecado original, como não pôde cometer o pecado atual; pois se ela tivesse sido manchada pelo pecado, teria havido um instante em que a Mãe de Deus foi inimiga de Deus."

Nesta ocasião a Universidade proibiu aos seus membros atacarem a Imaculada Conceição, e quarenta anos mais tarde obrigou todos os doutorados a fazerem o juramento de sempre defender este privilégio.

As Universidades de Colônia, de Mayença, de Valença e outras, imitaram a de Paris.

A Ordem dos Franciscanos tomou a frente na defesa da glória de Maria Santíssima e decretou em 1823 a celebração solene em todas as suas igrejas da festa da Imaculada Conceição. Esta festa foi introduzida em Roma, sob o Papa Nicolau III.

As discussões continuaram ainda e provocaram longos e profundos estudos sobre o assunto; a oposição foi cedendo, vencida pelo peso das provas positivas.

O TRIUNFO DA VERDADE

Agora podemos resumir.

Após a Tradição Apostólica, ou **verdade simples,** certa e indiscutida, veio a época da **impugnação;** e esta suscitou os mais belos e mais profundos estudos sobre o assunto.

Estes estudos puseram em plena luz e com o brilho de uma verdade inegável, o privilégio da Imaculada Conceição.

É a época do triunfo que começa e que deve ser selada pela proclamação oficial, infalível, do dogma católico da Imaculada Conceição de Maria.

De vez em quando, um ou outro pode ainda combatê-lo; porém, em toda parte, os grandes teólogos e os grandes Santos o abraçam e defendem com entusiasmo.

Os Concílios não o proclamam ainda dogma de fé, mas dizem claramente que é uma verdade que um filho da Igreja **não pode negar.**

No começo do século XV, **o Papa Alexandre V,** sem defini-la como verdade de fé, aprovou a doutrina da Imaculada Conceição.

Santa Brígida e Santa Isabel de Hungria fizeram-se propagandistas ardentes do grande privilégio de Maria.

Em 1410, **São Vicente Ferrer,** o grande pregador da penitência, fez-se o pregador fervoroso desta verdade, dizendo que Maria não fora semelhante a nós em sua Conceição; mas que foi criada pura e Santa,

desde o primeiro instante, e logo os anjos celebraram a festa da Conceição.[97]

São Bernardino de Sena, São João Capistrano, o poeta Pedro Apolinário, Santo Antonino Dominicano, São Lourenço Justiniano, o grande Carmelita Pedro Tomás e muitos outros teólogos de primeira ordem fizeram-se os propagandistas da mesma doutrina.

São Leonardo compôs um ofício da Imaculada Conceição, aprovado pelo Papa Sixto IV.

Uns anos depois, uma legião de pregadores fizeram-se os propagadores do mesmo privilégio.

Citemos, apenas por serem mais conhecidos: Nicolau de Cusa; Dionísio, o cartucho; Ambrósio, o camáldulo; Tiago de Valença; o Cardeal Caetano; etc.

Quanto aos escritores católicos defensores desta verdade, é impossível citar a lista. Basta dizer que o próprio **Lutero,** que devia tornar-se o grande inimigo da Igreja, foi um dos mais ardorosos defensores da Imaculada Conceição.

Citemos apenas a seguinte passagem, que é de Lutero, antes que a sua inteligência fosse pervertida pelo vício:

> "Crê-se piedosamente que a Conceição de Maria foi sem o pecado original.

[97] S. Vic.: Serm. de Nat.

A Virgem Maria está, como no meio entre o Cristo e os outros homens. O Cristo, quando foi concebido e começou a viver, foi repleto de graça desde o primeiro instante.

Os outros homens são privados da graça na primeira e segunda Conceição.

Ora, a Virgem Maria, embora não fosse repleta de graça na primeira Conceição, o foi na segunda Conceição, isto é, na infusão da alma no corpúsculo já preparado, e isto não sem merecimento.

Ela ficou no meio entre todas as natividades. De fato, ela nascera de um pai e de uma mãe; e ela concebeu sem a intervenção de um pai, de modo que ficara Mãe de seu Filho, em parte carnal e em parte espiritual; pois o Cristo foi concebido em parte de sua carne e em parte do Espírito Santo.

O Cristo, ao contrário, é pai de muitos filhos, mas sem pai e se mãe carnais.

Deste modo a Virgem Maria está entre a natividade carnal e espiritual; onde termina a carnal aí começa a espiritual, de modo que ela está no justo meio destas duas conceições.

Os outros homens são concebidos no pecado, tanto o corpo como a alma.

O Cristo foi concebido sem pecado no corpo e na alma. A Virgem Maria é concebida sem a graça, segundo o corpo; mas segundo a alma ela é cheia de graça.

É o que significam estas palavras que o arcanjo Gabriel lhe dirigiu:

> *"Bendita sois entre as mulheres.""*[98]

Que distância entre a doutrina de Lutero, o pai dos protestantes, e seus filhos e netos de hoje; que quase todos nutrem um verdadeiro ódio à Virgem Imaculada!

Escrevendo as linhas acima, Lutero não era ainda dominado pela baixa paixão carnal que o arrastou à perdição; mas julgava das coisas com o senso reto de um espírito livre e desapaixonado.

Ora, todos nós sabemos que só um tal juízo encanta e manifesta a verdade, enquanto as paixões desnorteiam e lançam espírito nos erros mais extremos.

No **Concílio de Trento,** de 1545 a 1563, os Bispos não acharam ainda a hora oportuna para a definição dogmática; e para evitar o descontentamento da parte oposicionista, limitaram-se, na quinta sessão, a definirem a universalidade do pecado original a dizer que não entendiam incluir a Santíssima Virgem neste decreto geral.

Eis as suas palavras:

> "Este Santo Concílio declara que não é sua intenção incluir neste decreto, em que se trata do pecado original, a bem-aventurada e Imaculada Virgem Maria, Mãe de Deus; mas que é preciso observar as Constituições do Papa Sixto IV, de Santa memória, sob as penas contidas nestas Constituições, que o Concílio renova."[99]

---

[98] Citatus a Cadisio.

[99] Conc. Trid. Ses. 5.

Vê se claramente por este decreto que o Santo Concílio admite em sua quase totalidade a verdade da Imaculada Conceição, havendo apenas desunião no tocante à *oportunidade* da proclamação dogmática.

As constituições do Papa Sixto IV, que o Concílio de Trento renova, diziam que o Papa exortava todos os fiéis a *celebrarem dignamente a festa da Conceição de Maria, e que abriu os tesouros das indulgências em favor daqueles que o faziam*.

Em 1483, o mesmo Papa impôs silêncio às discussões de uns teólogos pretendendo que tal Constituição não se referia diretamente à Conceição de Maria, mas à sua santificação, após a conceição. O Papa retificou a ideia e declarou que se tratava diretamente da própria Conceição de Maria.

Os Bispos do Concílio de Trento, não querendo definir ainda a Conceição de Maria para deixarem amadurecer mais as ideias e as opiniões a respeito, chamam, entretanto, a Mãe de Jesus de *a bem-aventurada e* ***Imaculada*** *Virgem Maria*, o que demonstra que todos acreditavam neste privilégio glorioso de Maria.

Como se vê, a fé da catolicidade está firme sobre este ponto.

A Tradição dos apóstolos dos primeiros séculos, combatida um instante, continua inalterável, firme, luminosa.

A fé na Imaculada Conceição é a crença universal da Igreja.

O magnífico florão que deveria um dia adornar o diadema de Maria pela proclamação solene desta verdade, não desabrochou ainda. Serão precisos mais três séculos para levá-lo à sua última perfeição; porém, o botão está formado... e na hora marcada por Deus ele desabrochará,

manifestando ao mundo a riqueza de suas cores e o perfume de suas pétalas Imaculadas.

A Crença Universal

Eis em que ponto estava a pia convicção da Imaculada Conceição quando o Papa Pio IX resolveu proclamar esta verdade como **dogma de fé.**

Os nossos irmãos separados, os pobres e infelizes protestantes, acusam a Igreja de ter inventado este dogma.

E diga-me o leitor, após ter percorrido a Tradição aqui fielmente transcrita desde o tempo dos apóstolos até a nossa época, se se trata aqui de uma novidade, de uma invenção ou simplesmente da **proclamação** de uma verdade sempre existente, sempre acreditada e apenas discutida durante uns dois séculos!

O bom senso e a sinceridade são obrigados a confessar que a Imaculada Conceição está **implicitamente** expressa no Antigo Testamento, e **formalmente** transmitida pela Tradição Apostólica através dos séculos e das nações.

Qual é o protestante sincero e leal que, se fosse o chefe da Igreja, hesitaria em aceitar uma verdade tão luminosa e tão bem provada, irrefutável, divina?

Nenhum, pois contra a evidência não há resistência.

É o que fez o Papa Pio IX.

O protestantismo invadiu a Igreja arrancando de seu seio milhares de seus filhos, iludidos e reduzidos pelo fanatismo dos sectários de Lutero.

A Igreja, no Concílio de Trento, tomou as medidas necessárias para conservar a unidade e a integridade da fé pela composição de seu admirável *Catecismo*.

A Igreja triunfou, como ela sempre triunfa.

Mas, apesar de triunfante, ela chorava a perda de milhares de seus filhos.

Era preciso reconduzi-los ao seio da verdade.

E como operar esta recondução?

Pela Virgem Santíssima, pela Mãe de Jesus e dos homens.

Não é ela a Mãe de todos?

E como Mãe poderá ela desinteressar-se dos pobres protestantes?

Ah! Eles blasfemam o seu nome e rejeitam o seu reino, é certo; mas pouco importa, uma mãe olha mais alto e mais longe que a ofensa do filho rebelde.

Ela vê a salvação deste filho.

Eis porque um dia o Santo Pontífice Romano, Pio IX, por inspiração divina compreendeu que era chegada a hora de exaltar a figura radiante, doce, atraente da Virgem Santíssima, pondo-lhe sobre a fronte virginal um novo diadema que chamasse a atenção do mundo e obrigasse os homens, por assim dizer, a volverem os olhos para ela.

E este diadema que a Sagrada Escritura tinha manifestado aos homens e que os séculos tinham burilado, polido pela fé, pelo estudo e pela devoção, é a **Imaculada Conceição.**

Ó! Falai, Pedro, falai! O mundo espera. O céu escuta, os anjos se rejubilam, os homens aclamam.

Dizei uma palavra, a palavra da vossa *infalível autoridade,* e o dogma glorioso da Imaculada Conceição será aceito por todos e a Virgem Santa se manifestará aos olhos do universo inteiro como Mãe dos justos, a Mãe dos pecadores como ela é a Mãe do Justo divino, da Vítima dos pecados, de Jesus.

Pio IX, por cartas particulares, consultou oficial e solenemente à Igreja universal na pessoa de seus Bispos sobre a crença dos povos na Imaculada Conceição.

O Episcopado respondeu, e chegaram às mãos do Papa 543 cartas de Cardeais, Arcebispos e Bispos de todas as partes do mundo.

O Santo Padre tomou nota de tudo e em 2 de Fevereiro de 1849 de seu exílio de Gaeta, ele dirigiu a todos os Bispos uma encíclica, pela qual atesta as solicitações que lhe vinham de todas as partes e lhes comunica o resultado das consultas.

Dos 543 Prelados que responderam ao seu convite, **484** atestam a sua fé firme e a de seus diocesanos na Imaculada Conceição e pedem com instância a definição pura e simples.

Dez pedem uma definição indireta.

Vinte e dois manifestam dúvidas sobre a *oportunidade* da definição, e entre eles apenas **seis** contrários à definição da piedosa Tradição.

Nenhum Bispo, porém, mesmo entre os seis opostos, afirma que tal crença não existe em sua diocese, e até que não seja comumente aceita.

Dezesseis entre eles asseguram que tal crença está tão profundamente arraigada que não teriam coragem de ordenar preces ou consultar ao povo, receando escandalizá-lo em acreditar que possa haver dúvida a esse respeito.

A hora era, pois, chegada. O Sucessor de São Pedro pôde falar... e a sua voz, eco da voz divina, será também o eco da crença universal do mundo.

A Proclamação do Dogma

Para concluir a exposição doutrinal e histórica do grande dogma, basta recolher umas das palavras da bela e luminosa Bula do Santo Padre Pio IX, proclamando dogma de fé a Imaculada Conceição da Virgem Maria, Mãe de Deus.

No dia 8 de Dezembro de 1854, Pio IX, cercado de 53 cardeais, de 43 Arcebispos, de 100 Bispos e mais de 50.000 romeiros vindos de todas as partes do mundo, levantou-se de seu trono na Basílica de São Pedro de Roma na plenitude de sua autoridade infalível, pronunciou e definiu que:

> "A doutrina que professa que a bem-aventurada Virgem Maria desde o primeiro instante de sua Conceição fora por uma graça e privilégio especial de Deus Todo Poderoso, em vista dos merecimentos de Jesus Cristo, Salvador do gênero humano, preservada e isenta de to-

> da mancha do pecado original, é revelada por Deus e, por conseguinte, deve ser acreditada formalmente por todos os fiéis."[100]

Um silêncio religioso permitia até ouvir cada palavra do Santo Padre que estava tão comovido que foi obrigado, diversas vezes, a interromper-se para dar livre curso às suas lágrimas.

É de notar que Pio IX nesta circunstância, tomou apenas o aviso *consultativo* dos Bispos, dispensando as suas vozes *deliberativas,* decidindo só, por si mesmo, por sua autoridade pessoal, tanto da oportunidade, quanto dos termos da definição.

Ele preparou deste modo a definição da Infabilidade Pontificial que o Concílio do Vaticano devia proclamar em Julho de 1870.

Ele preludiou deste modo, por um ato de uma solenidade única, o exercício de uma autoridade, que devia em breve, ser proclamada como dogma de fé.

É, pois, uma verdade de fé que Maria é Imaculada em sua Conceição, e que nunca o demônio teve sobre a *mulher bendita* a mínima influência.

As discussões cessaram, o mundo aceitou com imensa alegria a voz de Jesus Cristo, falando pelos lábios de Pedro; e desde este dia, afora os pobres e infelizes protestantes, o mundo cinge a fronte pura da Mãe do Salvador com o diadema sagrado da Imaculada Conceição.

Mas não basta!

---

[100] Pius PP. IX.

O céu quis confirmar a voz da terra.

A própria Mãe de Deus quis proclamar a existência do privilégio que a Igreja acabava de definir.

Apenas três anos após esta solene proclamação; em 11 de Fevereiro de 1858 Maria dignou-se aparecer milagrosamente, quinze dias seguidos, perto da pequena cidade de Lourdes na França, à uma pobre menina de 13 anos de idade chamada Bernadete.

Tendo ido recolher lenha à margem do rio Gave perto de Lourdes, chegada em frente de uma gruta natural cavada no rochedo dos Pirineus, a menina ouve de repente um como ruído de vento violento, e levantando a cabeça, caiu de joelhos, como ofuscada, esmagada pelo que tem diante dos olhos.

No fundo e em cima da gruta, numa espécie de escavação no rochedo, está em pé, em meio de um clarão sobre-humano, uma mulher de uma incomparável beleza.

Este clarão era tão suave quão resplandecente, e não se parecia em nada à luz deste mundo.

A visão nada tinha de indeciso; era um verdadeiro corpo humano, uma pessoa viva, que não se diferenciava em nada de uma pessoa ordinária, senão pela auréola de luz e pela sua beleza divina.

Era de estatura média; parecia muito jovem, reunindo a candura da criança, a pureza da Virgem, a gravidade terna da Mãe e a majestade da idade e da soberania.

O seu semblante admirável exalava uma graça infinita.

Seus olhos azuis tinham uma suavidade que parecia derreter o coração.

Seus lábios tinham uma expressão de bondade e de doçura.

Os vestidos da aparição, de um pano desconhecido na terra, eram mais alvos e mais resplandecentes que a neve das montanhas.

Este vestido longo e flutuante deixava ver apenas os pés, que pousavam sobre o rochedo.

Sobre cada um dos seus pés, de uma pureza virginal, brilhava uma rosa cor de ouro.

Uma cinta, azul como o céu, pendia em duas tiras acompanhando o vestido até embaixo.

Um véu branco pendia da cabeça, envolvendo os ombros.

Um rosário, cujas contas eram alvas como gotas de leite, cuja corrente dourada parecia luminosa; pendia das mãos postas da aparição misteriosa.

Ela se conservava silenciosa.

No dia 25 de Março, Bernadete suplicou que lhe dissesse o seu nome.

A aparição sorriu levemente, mas não respondeu.

Bernadete insistiu.

A aparição parecia mais resplandecente, mas não respondeu ainda.

Bernadete insiste pela terceira vez.

A aparição resplandecia mais. Ela tinha, como sempre, as mãos postas com fervor: o seu semblante parecia irradiar a beatitude do céu.

Separou as mãos, deixando deslizar o rosário sobre o braço direito; abriu depois os braços, inclinando-os docemente para a terra, como para mostrar ao mundo suas mãos virginais, cheias de bênçãos divinas. Levantando-os depois para o céu, ela pronunciou, com voz clara e encantadora estas palavras: *Eu sou a Imaculada Conceição!*

Tendo dito estas palavras, a Virgem Santíssima desapareceu, e Bernadete se achava de novo diante de um rochedo deserto.

A Virgem Imaculada, a gloriosa Mãe de Jesus, que o Papa acabava de mostrar ao mundo aureolada da grandeza e do fulgor do novo dogma, vinha ratificar as palavras do Sucessor de São Pedro.

O Papa tinha dito: *Ela é Imaculada em sua Conceição.*

A Virgem Santíssima lhe responde: *Eu sou a Imaculada Conceição.*

É a chave de ouro, que fecha para sempre a Tradição ininterrupta dos apóstolos, que fecha todas as oposições e abre as portas do céu, para ali podermos admirar a *glória única* da Imaculada Mãe de Deus e nossa Mãe.

CONCLUSÃO

Eis o dogma da Imaculada Conceição, antigo como o mundo, no privilégio divino; antigo de 1950 anos, na pessoa da Virgem bendita.

Não é uma novidade: é uma verdade básica da religião de Jesus.

A verdade existiu... brilha no Antigo e no Novo Testamento.

Os apóstolos proclamaram-na com toda a autoridade de sua missão divina e transmitiram-na à posteridade como a fonte sagrada da grandeza da Mãe de Jesus, deixando à Igreja, ou melhor, ao Espírito

Santo que dirige à Igreja, o cuidado de escolher a hora oportuna de manifestar ao mundo o dogma *implicitamente* revelado na Sagrada Escritura e *explicitamente* expresso nas Tradições Apostólicas.

Uma coisa é: revelar novidades, e outra coisa é: proclamar verdades existentes.

Não há quem não veja a diferença entre **proclamar** uma verdade e a existência desta verdade.

Proclama-se o que já existe.

Quando Denis Papin *proclamou* em 1710 a lei da pressão do vapor, tal pressão existia desde que houve vapor.

Quando os Padres Lona e Becaria proclamaram em 1100 as leis da eletricidade, tal eletricidade existia desde o começo dos tempos.

Quando o Padre Procópio Divisch, (e não Franklin) proclamou em 1759 a atração do para-raio, já existia tal atração, porém passando despercebida.

Quando o Padre Beda proclamou as leis das marés... as marés, como as leis que as regem, existiam desde o começo.

Quando o Padre Alberto proclamou as leis da navegação aérea, tais leis existiam e foram apenas aplicadas pelos seus sucessores.

Quando o Padre Nollet proclamou a eletricidade das nuvens, tal eletricidade ali existia desde que houve nuvens no firmamento.

Quando o Padre Copérnico proclamou o duplo movimento dos planetas sobre si mesmos e em volta do sol... tal movimento já se estava efetuando desde a criação do mundo.

Vê-se, pois, que *proclamar* uma verdade não é inventá-la, fabricá-la; mas simplesmente **manifestá-la** publicamente.

Assim foi com a **proclamação** da Imaculada Conceição.

O Papa não fez que a Virgem fosse Imaculada, nem inventou uma novidade; mas manifestou apenas ao mundo e impôs à crença dos católicos uma verdade implicitamente contida na Bíblia e explicitamente transmitida pela Tradição Apostólica.

As provas que tenho dado deste fato são irrefutáveis.

O fato da Imaculada Conceição é, pois, uma verdade revelada, certa, incontestável.

O protestantismo pretendeu negar esta verdade rebaixando a Mãe de Jesus ao nível das outras mulheres.

Era, pois, necessário e oportuno que a voz do Chefe da Igreja se levantasse para refutar o erro e **proclamar** a verdade.

Uma verdade torna-se um **dogma** católico, desde que é proclamada como tal pela autoridade suprema do Chefe da Igreja.

O dogma da Imaculada Conceição passou deste modo pela tríplice fase, que desenvolve e forma todos os dogmas:

1. A simples crença universal.
2. A oposição de uns contraditores.
3. A proclamação solene.

Desenvolvi longamente a verdade da Imaculada Conceição, porque provada a base fundamental deste dogma, os protestantes devem admitir as consequências desta verdade, que são como as *consequências* deste primeiro *princípio*. Sendo ela Imaculada, é preciso admitir a

sua Santidade perfeita, a sua grandeza sem par, o seu poder incomparável, a sua Assunção Gloriosa ao céu, a sua Mediação Universal, etc.

Tudo se liga, tudo se prende como os anéis de uma corrente.

Admitida a existência de uma corrente, e tendo nas mãos o primeiro anel desta corrente, deve-se admitir a existência de todos os outros anéis.

Não há objeção que não se dissipe diante das provas citadas; e os mais rebeldes, sendo sinceros, devem admitir um **dogma** luminoso e resplandecente como o sol em pleno dia.

Ó! Pobre e querido protestante! Não é sublime tudo isto?

Não é sentir o dedo de Deus, o amor de Deus, os desígnios de Deus em tudo isto?

Ó! Por favor, não feches o teu coração ao amor de uma Mãe tão querida.

Desprezar a tua mãe é um crime.

Desprezar a Mãe de Jesus é uma blasfêmia.

Abre o teu coração e deixa irradiarem-se nele a luz, a força, e o amor da Virgem Santíssima.

Ela é o sorriso da religião.

Ela é o sorriso do céu.

Ela é o sorriso da nossa vida!

7. A Perpétua Virgindade de Maria

Um professor de hebraico e exegese do Novo Testamento no Seminário Batista do Rio, procurou refutar o dogma católico da perpétua virgindade de Maria Santíssima, querendo a todo custo provar que a Mãe de Jesus teve mais outros filhos.

O ilustre professor não honrou o seu título, fazendo uma defesa desastrada e uma refutação sem argumentos. Não provou nada e nada refutou. Apenas teceu teias de aranha em redor de uma verdade luminosa que a Igreja sustenta e que, para poderem *protestar,* os protestantes negam.

Há na defesa do digno professor um esforço titânico para provar o que é impossível, provar e negar o que é inegável.

Creio haver *sinceridade* na aludida argumentação; mas não há penetração, nem lógica.

O professor batista faz uma mixórdia nos textos e nas interpretações.

Ora, não é citando textos que a gente refuta ou prova uma tese. É preciso que haja um pouco de lógica, de raciocínio nestas citações, não desviando os textos do seu sentido natural; mas lhes dando a interpretação hermenêutica que o contexto exige e os lugares paralelos impõem.

Após a leitura de tal artigo, o leitor não sabe mais em quem deve acreditar, duvida de tudo; e em vez de fortalecer a sua fé, sente tudo vacilar e perder-se nos sofismas acumulados.

Vou procurar lançar um raio de luz sobre a labiríntica exposição do professor protestante por meio de uma exegese clara e insofismável.

Vamos por partes.

Virgindade e Casamento

Eis a primeira parte do argumento do professor batista:

> "As Sagradas Escrituras de modo nenhum podem rebaixar *a bendita entre as mulheres*, nem negar-lhe qualquer honra que lhe pertença. Ao contrário, o verdadeiro ensino do Novo Testamento sobre a virgindade de Maria na concepção de Jesus pelo Espírito Santo (Mt 1, 20); e sobre o seu matrimônio depois; e a concepção de outros filhos pelo seu legítimo marido, José, ao invés de desonrá-la, honra-a, na glorificação da maternidade como tal no sagrado plano de Deus. A falsa teoria clerical romanista de que o celibato (com todos os seus males) é um estado mais puro que o casamento é responsável pelo dogma, pela Igreja Católica inventado, da perpétua virgindade de Maria."

É um pedacinho indigesto. Procuremos analisá-lo clara e sinceramente.

O professor quer dizer:

1. ***Que a Sagrada Escritura não pode rebaixar a Virgem Santíssima.***

Muito bem! Estamos de acordo; mas porque então procura o senhor rebaixá-la, negando um título que a própria Escritura lhe confere?

2. ***O nascimento de outros filhos glorificaria a maternidade de Maria Santíssima.***

Esta é triste e fenomenal, e supõe nenhuma compreensão da dignidade de *Mãe de Deus.*

Maria Santíssima é Mãe de Jesus.

Ora, que maternidade mais gloriosa pode existir do que esta?

Que seria mais digno: ser Mãe de Deus, ou ser Mãe da humanidade inteira?

Todos os homens juntos não valem um Jesus Cristo.

Que honra poderia trazer à Maria Santíssima o nascimento de outros filhos, se dela já nasceu o Filho de Deus?

Maria Santíssima possui toda a glória em sua Maternidade Divina... Que é que lhe pode trazer ainda uma maternidade humana?

Não vê, caro professor, que até o bom senso se revolta contra tal asserção?

É como se o senhor dissesse: Santa Mônica foi a mãe de Santo Agostinho; mas para realçar mais a sua maternidade, foi também a mãe de vários pobres roceiros.

Que realce receberia disso Santa Mônica? Basta-lhe a honra de ser mãe de Santo Agostinho; que supera pelo gênio, pela virtude e popularidade, estes outros que seriam roceiros.

A maternidade legítima é sempre honrosa, e tanto mais é honrosa quanto mais digno é o filho.

Ora, o filho de Maria é Deus.

Que brilho trar-lhe-iam o nascimento de Tiago, José, Judas e Simão?

Logo, caro professor, seu argumento não vale nada!

***

Este falso princípio denota no meu contendor uma ignorância invulgar da religião católica ou então uma ideia obcecada e pré-concebida.

Para comparar qualquer coisa, caro professor, é preciso conhecer os dois termos da comparação. É uma regra básica de toda lógica.

Para comparar o protestantismo com o catolicismo, é preciso conhecer a ambos.

Ora, o senhor demonstra ignorar por completo o ensino católico... pois lhe atribui o que ele rejeita e nega o que ele não professa.

Ou ignorância ou maldade! Escolha, caro professor de hebraico!

Fala da *falsa teoria romana de que o celibato é um estado mais puro que o casamento*.

Isto é ignorância que não se perdoa num professor de exegese.

Sim, o *celibato é um estado mais santo que o casamento:* este é o ensino da Igreja, e o é da Igreja porque é da Sagrada Escritura.

Será possível que o senhor não tenha lido ainda o capítulo sete da Epístola de São Paulo aos Coríntios?

Um professor de exegese do Novo Testamento ignorar isto... é colossal!

Leia, caro professor, e tire a conclusão que comporta.

As premissas são certas, pois são divinas, a conclusão deve ser certa também.

São Paulo escreve:

> "Digo aos solteiros e às viúvas que lhes é bom para elas se permanecerem assim como também eu.

> Quanto, porém aos virgens, não tenho mandamento do Senhor; mas dou conselho, como quem alcançou misericórdia do Senhor para ser fiel.
>
> Entendo, pois, que isto é bom para o homem estar assim (solteiro).
>
> Estás ligado a uma mulher? Não busques desligar-te. Estás livre de mulher? Não busques mulher.
>
> Mas, se tomares mulher, não pecaste. E se uma virgem se casou, não pecou; todavia estes terão tribulações da carne. E eu quisera poupar-vos a elas... O que está sem mulher, está cuidadoso das coisas que são do Senhor, como há de agradar a Deus! Mas o que está casado, está cuidadoso das coisas que são do mundo, como o há de dar gosto à sua mulher; e está dividido.
>
> E a mulher solteira e a virgem cuidam das coisas que são do Senhor, para ser santa no corpo e no espírito...
>
> Aquele, pois, que casa a sua (filha) virgem, faz bem, e o que não a casa, faz melhor." (1Cor 7, 8.25-28.32-34.38)

Que é que se deve concluir da passagem citada?

Duas coisas essenciais:

1º. Casar-se é permitido, é **bom.**

2º. Não casar não é só permitido, mas é **melhor.**

Faça o que quiser, torça ou desvie os versículos citados, e o meu professor de hebraico, se for sincero, deverá ou **conceder** ou **negar** a citação; o meio termo é impossível.

Se negar, diz que São Paulo é mentiroso, pois ele disse:

> "Quem casa a sua virgem, faz bem, e o que não a casa, faz melhor."

Se conceder, ó! Então, meu caro professor, cai por terra todo o seu castelo arquitetado com sofismas.

O celibato não é mais uma invenção romanista, uma teoria clerical; é uma *instituição divina,* um conselho positivo da Bíblia.

Não é uma lei, com diz São Paulo: *Não tenho mandamento do Senhor; mas é um conselho;* ***mas dou conselho,*** continua o apóstolo.

Ora, tem ou não tem valor os conselhos inspirados por Deus?

Se tem, o celibato é, pois, uma **coisa santa** e **mais agradável** a Deus que o casamento.

Se não tem, então não vale a pena ter professores de exegese... é melhor interpretar neste caso Virgílio, Horácio ou Cícero.

Em que cipoal foi meter-se, meu caro professor! Isso faz até duvidar de sua ciência exegética!

Fazer exegese não é só citar passagens bíblicas; é sobretudo compreende-las, confronta-las, para descobrir o seu sentido óbvio.

PROVA DO EVANGELHO

Das premissas falsas, dos textos adulterados de São Paulo, o professor vai tirar agora uma conclusão mais falsa ainda.

Aliás, é lógico.

Pejorem sequitur semper conclusio partem, reza a oitava lei do silogismo.

A conclusão segue sempre a parte pior.

A falsa teoria clerical, continua o professor, *é responsável pelo dogma, pela Igreja Católica inventado, da perpétua virgindade de Maria.*

Alto lá, meu professor, Vossa Senhoria está de novo falando do que não entende:

1. Já mostrei acima que tal teoria clerical é o ensino positivo, claro, indiscutível de São Paulo. Verdade é que São Paulo era clerical.

2. A Igreja Católica não inventa dogma nenhum. Todos os dogmas católicos figuram claramente na Bíblia, todos sem exceção.

O dogma é uma verdade divina, ensinada por Deus, e não inventada pelos homens.

Eu quereria que o meu professor me citasse um único dogma católico que não esteja mencionado na Sagrada Escritura.

Não sei se é maldade; mas penso que o meu professor nem sequer sabe o que é um dogma, o que é preciso para que uma verdade seja dogma e quantos dogmas existem na Igreja Católica.

3. O dogma da perpétua virgindade de Maria não foi inventado pela Igreja; pois ele figura em plenas letras, e até em luminosas, no Evangelho.

Leia melhor o Evangelho!

A verdade da perpétua virgindade de Maria Santíssima comporta uma tríplice prova:

1º. Maria foi virgem *antes* do parto.
2º. Maria foi virgem *durante* o parto.
3º. Ficou virgem *após* o parto.

Três asserções que lhes vou provar aqui, com a Bíblia na mão e um pouco de lógica na cabeça.

A primeira sem a segunda não é **segura.**

A segunda sem a primeira é **impotente.**

A tríplice asserção acima é de **fé,** ensino universal do magistério supremo da Igreja.

Vamos por partes.

A primeira asserção é admitida pelos próprios protestantes, pois está positivamente no Evangelho:

> "O anjo Gabriel foi enviado por Deus... a uma virgem desposada... e o nome da virgem era Maria. (Lc 1, 26-27)"

Mais positivo ainda é o testemunho da própria Virgem, objetando ao anjo:

> "Como se fará isso, pois eu não conheço varão? (Lc 1, 34)"

Nenhuma dúvida existe: Maria Santíssima era Virgem.

A segunda asserção, mostrando que a Mãe de Jesus ficou virgem *no parto* pode-se deduzir dos mesmos textos.

O que é concebido por milagre, deve nascer por milagre; o nascimento é a consequência da conceição, sem esta consequência o milagre seria incompleto.

O Evangelho nos mostra que Maria, tendo chegado ao termo ordinário da natureza, *deu à luz o seu filho. E estando ali, aconteceu completarem-se os dias em que devia dar à luz* (Lc 2, 6-7).

Maria concebeu, pois, o Verbo divino sem prejudicar a sua virgindade. É o Evangelho que no-lo diz. Logo, ele diz que ela daria à luz sem perder a virgindade, pois **conceber** e **dar à luz** são dois termos de uma **mesma ação.**

A mãe concebe para dar à luz, é uma única ação: gerar filhos.

O parto e a conceição são inseparavelmente ligados, sendo o primeiro o preço doloroso da segunda; sendo Maria Santíssima libertada da segunda parte, deve sê-lo necessariamente da primeira.

Para Deus não é mais custoso fazer **nascer** virginalmente do que fazer **conceber** virginalmente.

Podendo fazê-lo, Deus devia fazê-lo, para completar pela ação do Espírito Santo o que por Ele tinha começado.

O anjo resolvendo a dúvida que Maria Santíssima lhe manifesta, responde:

> "O Santo, que há de nascer de ti, será chamado Filho de Deus, por que a Deus nada é impossível. (Lc 1, 35)"

Eis os dois termos que se completam e exprimem um único milagre:

> "Eis que conceberás no teu ventre e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus. (Lc 1, 31)"

Conceber Jesus, e *dá-lo à luz,* são aqui textual e literalmente um **único milagre;** o milagre da Encarnação.

Separar estes dois termos, que o Evangelista reuniu propositalmente numa única frase, é adulterar visivelmente o texto e a significação da palavra de Deus.

É preciso tomar o texto integralmente ou então rejeitá-lo integralmente.

Não se pode rejeitá-lo, pois é claro que a conceição da Virgem Santíssima é obra do Espírito Santo:

> "O Espírito Santo descerá sobre ti e a virtude do Altíssimo te cobrirá de sua sombra. E por isso mesmo, o Santo que há de nascer de ti, será chamado Filho de Deus. (Lc 1, 35)"

Eis novamente unidos numa única proposição os termos: **conceição** e **nascimento.**

Não rejeitando o primeiro termo da proposição, não se pode rejeitar o segundo; pois os dois termos formam uma única frase, indivisível na construção e no sentido.

Logo, ou Maria Santíssima não era virgem antes do parto e então não o será **no parto,** o que é herético; ou se era Virgem antes, deve sê-lo também durante o parto, por serem dois termos que exprimem as duas operações da Encarnação: *conceber* e *nascer.*

E isso é conforme à profecia:

> "Uma virgem conceberá e dará à luz. (Is 7, 14)"

É o próprio Evangelho que faz a aplicação desta profecia:

> "Ora, tudo aconteceu para que cumprisse o que foi dito pelo Senhor, por meio do profeta. (Mt 1, 22)"

Digamos, pois, com a Igreja, exprimindo a fé universal dos séculos:

> "*Virgo prius et posterius.*"

Logo, meu caro professor, a Virgem Maria foi Virgem **antes** do parto e **durante** o parto.

É uma verdade que não pode ser negada, senão pisando com o pé todas as regras da lógica e da hermenêutica.

JESUS, FILHO ÚNICO DE MARIA

Provados estes dois pontos: a Virgindade de Maria Santíssima **antes** do parto e **durante** parto, torna-se fácil provar a Virgindade perpétua da Mãe de Jesus em outros termos: a sua virgindade **depois** do nascimento de Jesus Cristo.

Seria uma heresia negar esta verdade.

Na Igreja, Maria Santíssima sempre foi chamada em todos os séculos, tanto pelos latinos como pelos gregos de: **sempre Virgem:** *Aieparte-non.*

O que vimos da genealogia de Jesus, já mostra claramente que Maria Santíssima nunca teve outros filhos além de Jesus e que a palavra *irmãos* usada no Evangelho, significa simplesmente *primos.*

Para compreender esta verdade, mesmo se não estivesse no Evangelho, bastaria o simples bom senso.

O bom senso nos indica, de fato, a suma conveniência de a Mãe de Deus não ter mais outros filhos, e isso pelas seguintes razões:

1º. Por causa da perfeição de Jesus Cristo, que devia ser o unigênito da Mãe, como é o Unigênito do Pai.
2º. Em razão da dignidade e santidade da Mãe de Deus, que pareceria ser ingrata não se contentando com a honra de ser a Mãe de Deus; e que perderia a sua virgindade, milagrosamente conservada por Deus, como acabamos de ver.

Mas examinemos o Evangelho para ver se encontramos qualquer indício de tais irmão de Jesus, filhos de Maria Santíssima.

A palavra de Maria Santíssima: *Como se fará isso, pois eu não conheço varão,* tem em seu sentido natural uma extensão geral, abrangendo o *passado* e o *futuro.*

Ela não diz: *não conheci varão,* mas sim: *não conheço varão,* mostrando deste modo ter tomado a resolução de nunca conhecer varão.

A tradição nos diz que Maria Santíssima tinha feito o voto de perpétua castidade no templo e a expressão: não conheço varão, é como a expressão nítida deste voto.

Perguntando a qualquer abstêmio se aceita um copo de vinho, ele responderá: Não bebo vinho, isto é, não posso beber.

Assim também, Maria sempre Virgem disse: *Não conheço varão,* isto é: Não posso, não me é permitido conhecer varão.

Perguntando a alguém se conhece o latim; se ele não o conhece nem pretende estudá-lo, responderá: *Não conheço latim.*

Se pretender estudá-lo, dirá: Por ora, não conheço latim.

A Virgem Santa não diz simplesmente que por ora não conhecia varão; mas sim, afirma positivamente: *Não conheço varão,* dando a seu pensamento uma extensão geral (Lc 1, 34).

Se assim não fosse, porque então Maria pergunta assim ao anjo?

> "Como se fará isso, se eu não conheço varão? (Lc 1, 34)"

Não seria tal pergunta completamente descabida, inepta?

Bem podia retorquir-lhe o arcanjo: Se atualmente não conheces varão, conhecê-lo-ás mais logo; não é José teu esposo?

Entretanto, nada disso ele diz. O arcanjo respeita e apoia a resolução de Maria, mostrando-lhe claramente que o que há de nascer dela não é fruto do homem, mas sim de Deus:

> "O Espírito Santo descerá sobre ti e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. (Lc 1, 35)"

São Marcos chama Jesus de *O filho de Maria*, ***o uiós Marias*** (Mc 6, 3); e não um dos filhos de Maria, como que para destacar que Ele era o filho **único** dela.

Se Maria Santíssima tivesse tido outros filhos, como é que tais filhos nunca aparecem.

A Sagrada Família era composta de três membros e nunca passou de três, como se pode verificar no Evangelho.

A Sagrada Família fugiu para o Egito e dali voltou, fixou-se em Nazaré e frequenta o tempo de Jerusalém; Maria e José procuram o menino Jesus e em toda parte nunca vemos aparecer alguém em companhia de Maria Santíssima e de São José.

Durante a vida pública de Jesus, a sua Mãe aparece de vez em quando; nunca vemos a seu lado tais outros filhos.

Durante a Paixão encontramos a Virgem Santíssima em companhia de Maria Madalena, das Santas Mulheres, com São João; e de novo nunca vemos um de tais filhos ao seu lado, para consolá-la, reconfortá-la.

Jesus é crucificado e ao seu lado está a Virgem Dolorosa, em pé, esmagada sob o peso de sua dor, e novamente nenhum de tais filhos aí aparece.

Jesus morre e de seus lábios moribundos deixa cair estas palavras de suave ternura:

> "Eis a vossa Mãe; Eis o vosso filho (*uiós sou*)! (Jo 19, 26-27)"

Recomenda a sua própria Mãe aos cuidados de São João (*Eis ta idia*), seu primo[101]; sem nada dizer de tais irmãos, de tais filhos de Maria, que deviam, naturalmente, tomar conta da própria Mãe e não abandoná-la nas mãos de estranhos.

Tudo isso é claro para quem quer ver; e com um pouco de bom senso deve-se concluir que Maria era só, só com seu Jesus... e morto Jesus, ela ficava neste mundo na solidão de sua tristeza, de sua resignação, de seu amor, sem outra pessoa de que João para consolá-la e tratar dela.

É o que faz ver o Evangelho e é o que dita o bom senso e a lógica.

---

[101] NE: Especula-se que São João Evangelista era primo de Jesus, porém esta opinião não é unânime.

Protestantes versus Protestantes

Para terminar este ponto importante, citemos uma passagem de um protestante instruído e sincero, o senhor John Pearson, bispo protestante de Chester; que deve ser conhecido pelo professor de exegese, pois o nome revela ser um inglês. Diz este vulto eminente do protestantismo:

> "A questão, não é de saber se Jesus teve outros irmãos; mas sim se a mãe de Jesus Cristo, Maria, teve outros filhos além de Jesus.
>
> Na língua hebraica a palavra *irmãos* compreende não somente a relação da verdadeira fraternidade, mas também a de *consanguinidade* mais remota. Por conseguinte, tendo a Virgem bem-aventurada consanguíneos remotos, estes eram chamados de *irmãos do Senhor.*
>
> *Nós somos irmãos,* disse Abraão a Ló.
>
> Entretanto, Abraão era filho de Taré e Ló filho de Arão, irmão de Abraão.
>
> Moisés chamou a Misael e Elisafan, filhos de Oziel, tio de Arão, e lhes disse: *Ide e tirai os vossos irmãos de diante do Santuário.* Estes chamados irmãos, sendo Nadab e Abiu, filhos de Arão, não eram senão consanguíneos remotos de Misael e Elisafan.
>
> Jacó disse a Raquel que ele *era irmão do pai dela e filho de Rebeca;* entretanto Rebeca era irmã de Labão, pai de Raquel.
>
> Portanto, os Evangelistas, conformando-se com o costume judaico, a cuja nação pertenciam, chamam de **irmãos** do Senhor aos parentes consanguíneos de Maria.
>
> Insistir nesse argumento servirá para elucidar cada vez mais a solução da questão, por que há de se ver, que Maria mãe de Tiago e José,

> não era Maria Virgem; e, por conseguinte, resulta claro que os *chamados irmãos* de Nosso Senhor eram filhos de outra mãe.
>
> Lemos em São João que *estavam juntas à cruz de Jesus a sua mãe, irmã de sua mãe, Maria, Mulher de Cléofas e Maria Madalena* (Jo 19, 25).
>
> Lemos ainda nos outros Evangelistas: *Maria Madalena e Maria mãe de Tiago e José* (Mc 16, 1).
>
> Também no sepulcro encontramos *Maria Madalena e outra Maria.* (Mt 28, 1)
>
> Do complexo destas passagens nós inferimos que a *outra* Maria era mulher de Cléofas e mãe de Tiago e José.
>
> São Marcos e São Lucas dizem-no expressamente (Mc 16,1; Lc 24,10).
>
> Deduzimos, pois, que Tiago, José e outros chamados *irmãos* do Senhor não eram filhos da Mãe dele e sim de *outra Maria,* sendo chamados *irmãos* unicamente pelo costume referido dos Judeus, porque a *outra Maria* era prima da Mãe de Jesus."[102]

Eis uma passagem, caro professor, que não é de um romanista; mas sim de um protestante, sincero, fervoroso, de sangue puro, de um homem eminente pelo saber e pela posição; e contanto defende com o próprio Evangelho, com destreza de mestre, a virgindade perpétua de Maria, depois do parto, como o quer a Igreja Romana.

---

[102] John Pearson: Exposition of the Creed, London, art. 3

CONCLUSÃO

É inútil multiplicar as citações, pois as provas da virgindade perpétua da Virgem Santa não são simplesmente *extrínsecas,* isto é, apoiadas sobre as autoridades; mas *intrínsecas,* proveniente do próprio fato, da palavra divina, interpretada por uma exegese leal e consienciosa.

Só não compreende quem não quiser compreender.

Eis a refutação aos erros grosseiros do professor de exegese batista.

No íntimo ele ficará convencido que errou... porém, dizê-lo, confessá-lo, seria deixar de ser protestante e até perder a sua cadeira de professor de exegese, ainda tendo dado provas de nada entender de exegese.

De fato, fazer exegese não é só alinhar textos; é compreender a significação e fazê-los concordar com outros textos paralelos.

E o amigo professor nada disso faz; mostrou-se de espírito prevenido, de ideia fixa, não procurando a verdade, mas querendo apenas com sofismas provar o seu erro.

O erro não se prova, caro professor... pois é a negação da verdade.

É impossível provar que a verdade da Sagrada Escritura seja falsa... e a verdade da perpétua virgindade de Maria é uma **verdade evangélica.**

Fica, pois, provado:

1. Que casar é **bom.**
2. Que não casar é **melhor.**
3. Que o celibato é um estado **mais santo** que o matrimônio, conforme o ensino de São Paulo.

4. Que Maria Santíssima foi virgem **antes** do parto.
5. Que o foi **durante** o parto.
6. Que ficou **depois** do parto.

Eis verdades que provam a perpétua virgindade da Mãe Imaculada de Jesus.

Não se trata, pois, de uma teoria clerical, de um dogma inventado pela Igreja Católica; mas sim de uma verdade certa, positiva, irrefutável, ensinada pelo próprio Evangelho.

Provada a virgindade perpétua de Maria, está provado que ela não teve outros filhos além de Jesus e que tais pretensos irmãos são simplesmente parentes, primos mais ou menos remotos, como se pode verificar pela árvore genealógica que citarei mais além.

Esta verdade, que é de fé, foi sempre professada pela Igreja Católica, como o foi por vários sábios protestantes sinceros.

Citei uma passagem de Pearson, terminemos com mais uma de outro bispo protestante doutor Bull, não menos explícita:

> "Da dignidade da Beatíssima Virgem procede como consequência, ter-se ela conservado *sempre Virgem*, conforme acreditou e sempre ensinou a Igreja Católica; não sendo possível de modo algum, nem sequer imaginar que aquele **vaso santíssimo,** o qual foi uma vez consagrado para ser o receptáculo da divindade, fosse depois profanado."[103]

[103] Dr. Bull: of invocation of the B. V. Cath. Sat. V. II

Assim falam outros protestantes sinceros cujas obras tenho aqui diante de mim, como o doutor John Bramhall, Robert Owen, doutor Kickes, etc, etc; todos eles superiores a qualquer suspeita, quer pelo saber, quer pela posição.

Não valem nada para o meu professor de exegese essas respeitabilíssimas autoridades?

Não quero citar autoridades católicas, estas são por milhares; cito apenas estes protestantes para demonstrar ao meu amigo que a sua exegese é desastrosa, ignorante, e destoa de todas as regras da ciência e do bom senso.

Em estudo subsequente analisarei o resto dos erros crassos de seu artigo, por receio de prolongar demais a discussão.

Poderia parar aqui, mas quero ir até ao fim e mostrar ao ilustre rabiscador o que ele tão solenemente nega, e que os padres católicos têm e estudam a Bíblia e nada tem de aprender dos modernos professores batistas de hebraico e de exegese.

Não se esqueça o amigo a tese aqui provada: *A Perpétua Virgindade de Maria Santíssima.*

8. Os Pretensos Irmãos de Jesus

Continuemos na refutação dos erros do professor de exegese de que tratamos no capítulo precedente.

Provada a virgindade perpétua da Santíssima Virgem, fica provado que ela não teve outros filhos além de Jesus; e não os tendo, deve-se concluir que tais *irmãos* de que fala o Evangelho, são simplesmente *parentes.*

Quero prosseguir, entretanto, para destruir até nos alicerces os argumentos que os protestantes apresentam e que o professor batista de exegese recolheu em seu artigo.

Pode haver umas repetições, porém estas mesmas servirão para gravar melhor a verdade e mostrar a nulidade dos argumentos contrários.

O Matrimônio

Citemos mais um trecho batista:

> "Todas as Escrituras ensinam clara e positivamente que o casamento é uma instituição divina, estabelecida por Deus, e, consequentemente, é um estado de santidade (Hb 13, 4; Pr 31, 10-28; Sl 127 (128)). É uma ideia inteiramente estranha às Escrituras, e falsa, que o matrimônio constitui uma espécie de impureza. O homem e a mulher no Jardim do Éden, antes de pecarem, receberam ordem de Deus: *Frutificai, multiplicai-vos, enchei a terra*."

Três pontos a distinguir neste trecho.

1. O matrimônio é um *estado santo.*
2. O matrimônio constitui *uma impureza.*
3. Todos devem *casar-se.*

Ninguém mais do que a Igreja ensina e defende a santidade do matrimônio... Os protestantes pervertem-no, contentando-se exclusivamente com o *contrato civil*[104].

Ora, contrato civil não é casamento religioso e Nosso Senhor no Evangelho não fala de direito civil, mas sim de **direito divino.** São, pois, duas coisas distintas.

Os católicos adaptam-se ao contrato civil como cidadãos, mas nunca dispensam o matrimônio religioso como cristãos.

Quanto ao segundo ponto, é um absurdo.

Quem é, caro professor, quem ensina que o matrimônio constitui uma espécie de impureza?

Só sendo no Seminário Batista.

Em que livro católico o senhor encontrou tal asserção?

Naturalmente em um livro comunista. Abra qualquer pequenino catecismo e ali o senhor encontrará o seguinte:

---

[104] NE: Em algumas denominações protestantes não há cerimônia religiosa de casamento, apenas a civil; isto acontece, por exemplo, na Congregação Cristã do Brasil.

> "Que é o matrimônio?
>
> É um Sacramento que Nosso Senhor Jesus Cristo instituiu para estabelecer uma santa e indissolúvel união entre o homem e a mulher, dar-lhes graça de se amarem e educarem cristãmente seus filhos."

Eis a doutrina católica em toda a sua simplicidade e encanto.

A Igreja considera e venera o matrimônio como um Sacramento instituído por Jesus Cristo... Ora, como é que um Sacramento, que é produtor de graça, pode ser uma impureza?

Atribuir tais absurdos à Igreja não pode ser só ignorância; é calúnia, é despeito, é baixeza!

E isto é indigno de um homem educado que se diz pastor e professor de exegese.

Se o amigo ignorar estes pontos fundamentais da religião católica, é melhor calar-se; pois para **discutir** é preciso conhecer o assunto em discussão, e para **refutar** é preciso conhecer o erro que se quer refutar.

O que o professor não pode ignorar é que entre as coisas santas, uma pode ser mais santa que outra.

Dar uma roupa nova a um pobre é melhor do que lhe dar simplesmente um copo d'água.

Casar é bom, diz São Paulo, mas continua ele: *Não casar, para guardar a castidade, é melhor* (1Cor 7, 38).

Maria Santíssima casou-se com São José: *Fez bem.*

No casamento guardou a virgindade: *Fez melhor!*

Jesus Cristo não se casou: Fez Ele bem ou mal?

Se **fez bem,** o amigo deve calar-se e imitá-lO.

Se Ele **fez mal,** então o amigo faça o favor de repreendê-lO e de fazer melhor que Ele.

Fato curioso: os pastores protestantes querem casar todos os padres.

Então não há mais liberdade?

O padre não se casa porque quer imitar Jesus Cristo e os apóstolos.

Os pastores se casam, porque não tem coragem de dominar a natureza para agradar a Jesus Cristo.

Os pastores se casam: **fazem bem.**

Os padres não se casam: **fazem melhor!**

Eis a doutrina de São Paulo, da Igreja Católica e de todos os homens de bom senso.

RELÂMPAGO E RAIO

O ilustre professor, após uma balbúrdia impenetrável para provar que tais *primos* de Jesus são filhos de Maria, conclui.

> "Em Atos 1, 13-14; os irmãos de Jesus são claramente, inequivocamente, distinguidos dos apóstolos de Jesus. Eis o que lá se diz: *E tendo encontrado em certa casa, subiram ao quarto de cima, onde permaneciam*

> *Pedro e João,* ***Tiago*** *e André, Filipe e Tomé, Bartolomeu e Mateus,* ***Tiago, filho de Alfeu,*** *e Simão, o Zeloso, e* ***Judas, irmão de Tiago.*** *Todos estes perseveravam unanimemente em oração com as mulheres e com Maria, mãe de Jesus e com* ***os irmãos dele.***
>
> Esta passagem fulmina o argumento do reverendo e a teoria da sua Igreja. Mas outro fato ainda reduz a destroços qualquer coisa que dele ainda ficasse de pé. É o seguinte: É que Tiago e Judas já eram apóstolos, quando os irmãos de Jesus, Tiago, Judas, José e Simão ainda era incrédulos! Na ocasião da festa dos Tabernáculos, apenas seis meses antes da crucificação, João (7, 5) diz dos irmãos de Jesus: *Pois nem seus irmãos criam nele.* Que mais faltará para a total destruição da teoria católica? Absolutamente nada."

Que embrulho desastrado, caro professor!

Este texto nada fulmina, mas ilumina com novo fulgor a doutrina católica.

É um relâmpago e um raio.

O relâmpago ilumina a verdade da *pureza perpétua da Virgem Maria,* e o raio fulmina o erro protestante que blasfema esta pureza.

Examinemos bem a passagem citada:

Encontramos ali: *Tiago, filho de Alfeu,* com *Tiago, filho de Zebedeu.*

Muito bem!

E que prova isso?

O senhor diz que isso prova que Tiago, irmão do Senhor, é distinto dos apóstolos... E onde viu isso?

Saber ler entre as linhas pode ser bom as vezes, porém ler fora do texto é falsificação.

Nós conhecemos dois **Tiagos;** Tiago, o Menor, filho de Alfeu; e Tiago, o Maior, filho de Zebedeu.

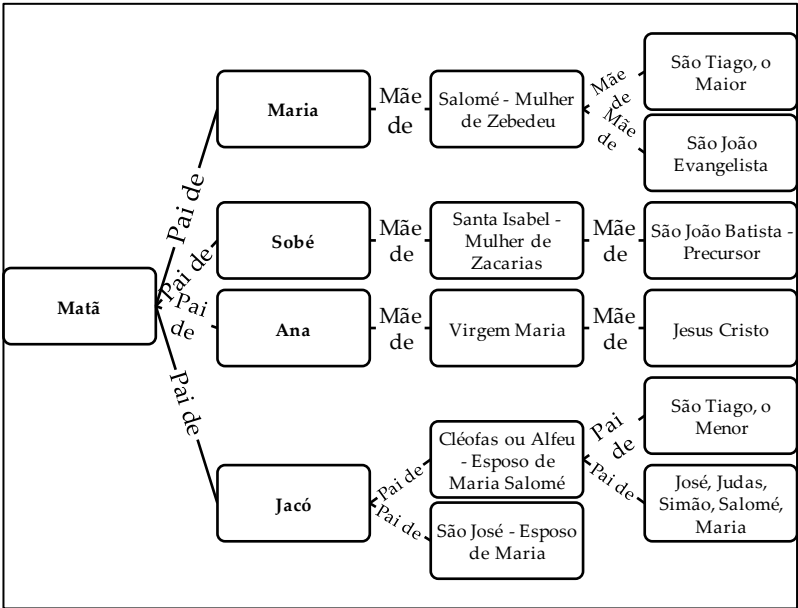
Ambos são primos em segundo grau de Jesus Cristo; porém Tiago, o Menor, é duas vezes primo de Jesus: uma primeira vez como filho de Cléofas, que era primo em primeiro grau de Maria Santíssima; uma segunda vez Ele é primo por afinidade pelo seu tio São José, casado com a Virgem Maria.

É este duplo parentesco que lhe faz dar o nome de *irmão do Senhor*, enquanto São Tiago, o Maior; São João e São João Batista são chamados simplesmente de *irmãos-parentes*.

Queira o professor consultar a árvore genealógica que aqui reproduzo, para dissipar todas as dúvidas.

Tal genealogia foi composta por exegetas judeus e católicos, após pormenorizadas pesquisas e estudos de documentos antigos.

Nesta árvore o professor verá claramente que São Tiago, por ser *irmão do Senhor* (isso é: primo segundo), não é filho de Maria Santíssima; mas sim filho de Cléofas ou Alfeu e de Maria Salomé.

Em vez de ser filho de Maria Santíssima, ele é simplesmente *sobrinho* dela e **primo-irmão** de Jesus.

UM TERCEIRO TIAGO

Para atrapalhar tudo, o professor batista cria um terceiro Tiago, que não é apóstolo.

Escutem o que ele escreve:

> "Tiago, o irmão do Senhor (Gl 1, 19), é uma pessoa tão notável e tão destacada no Novo Testamento, que não há razão nenhuma para um leitor atento e sincero da Bíblia confundi-lo com qualquer um dos Tiagos que eram apóstolos de Jesus. É mencionado em Mc 6, 3; Gl 1, 19; 2, 9; 2, 12; 1Cor 15, 7; At 15, 13; 21, 18 e em diversos outros lugares. Depreende-se de 1Cor 15, 7 que ele se converteu na ocasião quando Jesus lhe apareceu depois da ressurreição."

É a conclusão do texto citado em que os Atos nos mostram uns apóstolos perseverando em oração com as Santas Mulheres, com Maria e com os **irmãos** dele.

Disto o professor conclui: Há aí os apóstolos, as Santas Mulheres, a Mãe de Jesus e os irmãos dele.

Os dois Santos Tiagos eram apóstolos.

Logo, tais irmãos dele são outros personagens e devem ser filhos de Maria Santíssima.

Que horrível silogismo, ou melhor que **sofisma** anfibológico!

Vejamos bem os componentes da reunião citada, o texto diz:

> "Subiram ao quarto de cima, onde permaneciam Pedro, João, Tiago, André, Filipe, Tomé, Bartolomeu, Mateus, Tiago filho de Alfeu, Si-

> mão o zelador, Judas irmão de Tiago, as (Santas) Mulheres, Maria, Mãe de Jesus, com os irmãos dele. (At 1, 12-16)"

Temos, pois, aqui os 11 apóstolos, não tendo ainda escolhido Matias para substituir Judas (At 1, 26).

Entre estes apóstolos estão cinco parentes de Jesus.

Tiago, o Maior; e São João, filhos de Zebedeu.

Tiago, o Menor; Judas e Simão, filhos de Alfeu.

Faltam apenas: São João Batista, filho de Santa Isabel; e José, outro filho de Cléofas; como faltam as duas irmãs de José: Salomé e Maria, filhas de Cléofas.

Eis três personagens que parecem não estarem incluídas na numeração.

Na linha ascendente, Jesus tinha como *afim*[105] o tio Zebedeu, e um tio direto Cléofas.

Deve-se supor que estes tios seguiram os filhos e as esposas, e acompanharam também Jesus.

Eles também sendo parentes de Jesus, merecem o nome de **irmãos.**

---

105 NE: Pessoa que embora não se tenha relação sanguínea, é considerada parente. Exemplos: Tios, sogros, cunhados, etc.

Deste modo teríamos sob o título de irmãos d'Ele não mencionados entre os apóstolos, nem entre as Santas Mulheres, cinco personagens, sendo: Zebedeu, Cléofas, José e suas irmãs Salomé e Maria.

Tudo isso é tão natural... tão lógico, que se fica admirado o professor de exegese não ter notado a existência destes outros *irmãos de Jesus.*

Desde que o nome de irmãos é um termo genérico que se aplica aos parentes, como ficou provado, ele deve ser aplicado a estes últimos como o é aos apóstolos parentes de Jesus.

E eis que toda a dificuldade se dissipa, sem que haja necessidade de criar um terceiro São Tiago, que não figura em parte nenhuma da Escritura, e cuja genealogia é desconhecida.

Não temos o direito de ajuntar uma vírgula às Escrituras, como não temos o direito de suprimir-lhes um ponto.

À Força de Textos

Todos os textos citados pelo professor nada provam em contrário do que aqui fica dito, provam até positivamente a doutrina católica.

Percorramos um instante estes textos, para fazer luz na balbúrdia protestante:

> "Não é este o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago e de José e de Judas e de Simão? Não estão aqui entre nós também suas irmãs? (Mc 6, 3)"

Texto comprovativo da doutrina católica. Examine bem a árvore genealógica... Todos os 5 são primos-irmãos de Jesus, por *consanguinidade* e por *afinidade.*

> "E dos outros apóstolos, não vi nenhum, senão Tiago, irmão do Senhor. (Gl 1, 19)"

Mesmo texto comprovativo. Tiago é primo-irmão do Senhor, e nada mais se pode concluir deste texto.

> "E tendo reconhecido a graça que me foi dada, Tiago e Cefas e João, que eram considerados as colunas da Igreja, deram as mãos a mim e a Barnabé. (Gl 2, 9)"

Que prova isso? Nada, senão a existência de São Tiago e o seu zelo apostólico. Ora, já sabemos disso.

> "Antes que chegassem alguns de Tiago, ele comia com os gentios. (Gl 2, 12)"

De novo tal texto prova apenas a existência de São Tiago, da qual ninguém duvida.

> "Depois foi visto por Tiago e em seguida, por todos os apóstolos. (1Cor 15, 7)"

Outro texto que prova apenas a existência de São Tiago e nada mais.

> "E depois que se calaram, Tiago tomou a palavra. (At 15, 13)"

Para que estes textos? Para provar que são Tiago não era mudo, mas sabia falar? Ora, ninguém o contesta.

> "E no dia seguinte foi Paulo conosco à casa de Tiago, onde se tinham reunido todos os anciãos. (At 21, 18)"

De novo, porque este texto? Será para provar que São Tiago tinha uma casa? Não valia a pena!

Eis os textos com os quais o professor batista pretende provar que há três Tiagos...

Dá vontade de rir e de chorar!

Seria mais simples dizer que cada texto é um Tiago diferente, deste modo teremos logo oito Tiagos. Isso será suficiente para satisfazer as 886 seitas protestantes e os próprios católicos deverão ficar satisfeitos.

Imaginem: oito São Tiagos!!!

A citação pormenorizada de cada texto, mostra a puerilidade do sistema protestante.

Apresentam-se logo com uns vinte textos, que nada dizem a respeito da discussão e pretendem provar pelo **número** de textos o que a lógica, o bom senso e a Bíblia desaprovam.

Não é o número de textos que prova uma verdade, mas sim o valor comprovativo do texto.

É o caso daqui.

Basta compreender a árvore genealógica; que mostra todos estes *pretensos irmãos* serem simplesmente **primos-irmãos,** por consanguinida-

de ou afinidade, e tudo está resolvido. Os textos da Sagrada Escritura ficam claros, luminosos, compreensíveis para todos.

Mas os bons protestantes não querem **luz,** querem **protestos,** e protestam... baralham, deturpam até chegar a uma aparência de verdade para combater a Igreja Católica.

Pobres protestantes: Aparência não é realidade.

Só a Igreja Católica possui a **realidade.**

OUTRA BALBÚRDIA

Citemos mais uma passagem do artigo desastrado do professor exegético batista.

A verdade já está claramente provada, mas não será inútil provar mais uma vez a perversidade da interpretação individual protestante.

Dizem eles e repetem que a Sagrada Escritura é um livro claro, ao alcance de todos.

É um erro. Nenhum livro precisa mais de explicação e de estudo do que a Bíblia.

Mas, mesmo se fosse verdade, por que então tecem eles tantos comentários, inventam tantas hipóteses, até novos Tiagos, e escurecem com seus comentários o que é claro e luminoso?

Se assim fazem dos textos claros... que será então com os obscuros?

Eis mais um pedacinho claro, que lhes serve do protesto escuro:

> "No Dia de Pentecostes, os *primos* de Jesus e os *irmãos de Jesus* estavam presentes (At 1, 13-14). Os irmãos são positivamente distinguidos dos apóstolos que tinham o mesmo nome.
>
> João 7, 2 declara que na ocasião da festa dos Tabernáculos, seis meses antes da crucificação, *nem seus irmãos criam nele*."

Eis **premissas** das quais o professor vai tirar uma conclusão fenomenal.

Infelizmente parece ignorar as leis do silogismo, de modo que até agora não encontramos ainda nenhuma dedução ou indução viável; são todas provas que nada provam.

Não basta lançar pó nos olhos da gente e gritar que é assim, mas que não vemos nada por causa do pó.

Queremos ver de perto.

Vamos pôr a passagem ali indicada em São João 7, 5-8:

> "Estava próxima a festa dos Judeus... Disseram-lhe, pois, seus irmãos: Sai daqui e vai para a Judéia, afim de que também os teus discípulos vejam as obras que fazes... porque nem mesmo os seus irmãos criam nele... Vós ides a essa festa, eu não vou a essa festa."

Eis uma passagem simples que mostra de novo os tais **primo-irmãos** e a sua falta de fé na missão de Jesus.

É coisa simples. E é desta coisa simples que o professor vai tirar a seguinte conclusão:

Estes irmãos eram incrédulos.

Ora, os apóstolos já tinham a fé.

Logo, tais irmãos são distintos dos apóstolos.

O raciocínio peca pela base, formando um *sofisma anfibológico.*

Onde é que o professor encontrou a palavra **incrédulo?**

Não crer em alguém não é ser incrédulo.

Os apóstolos não eram *incrédulos;* mas a sua fé, como vemos em toda parte, era ainda *material,* acreditavam em Jesus Cristo; mas não *como filho de Deus.*

São Pedro tinha dado este brado de fé: *Tu és o Cristo, o filho de Deus vivo!* (Mt 16, 16), mas no fundo do espírito dos apóstolos e entre eles os parentes de Jesus, acreditavam ainda no restabelecimento do reino de Israel.

Temos a prova desta disposição dos apóstolos na interrogação que fizeram a Jesus já ressuscitado antes de sua Ascenção:

> "Senhor, porventura chegou o tempo em que restabelecereis o reino de Israel? (At 1, 6)"

Tal era a disposição de espírito dos discípulos mesmo depois da ressurreição; devia sê-lo ainda mais, antes da ressurreição.

Não eram, pois, incrédulos, mas não acreditavam ainda completamente na **missão divina** de Jesus Cristo.

Conhecendo a disposição dos parentes de Jesus, vejamos agora o fato da ida a Jerusalém.

Estava próxima a festa dos Tabernáculos.

Ora, era uma lei para os Judeus que três vezes no ano (na Páscoa, Pentecostes e festa dos Tabernáculos), todos os homens fossem a Jerusalém adorar a Deus (Ex 23, 14; 34, 23).

Esta viagem se fazia solenemente, como as nossas romarias religiosas de hoje: os homens num grupo, as mulheres em outro; como vemos na ocasião da ida da Sagrada Família a Jerusalém, em que perderam o menino (Lc 2, 41-50).

Jesus estava em Galileia, tendo deixado a Judéia, onde os Judeus procuravam prendê-lo.

Jesus estava, com certeza, hospedado na casa de um de seus parentes; Zebedeu ou Cléofas.

Organizaram os grupos e pediram naturalmente que Jesus neles tomasse par e, pretextando que era bom que se manifestasse publicamente em Jerusalém, num momento que tanta gente de fora ia reunir-se ali.

Os parentes (tais irmãos) julgavam que Jesus seria sensível à estima dos homens nesta ocasião, porque *não criam nele como Filho de Deus.*

Jesus recusa, dizendo que não tinha ainda chegado a hora dele manifestar-se, que não iria agora publicamente; mas que seguiria depois da caravana, ocultamente.

Quando seus irmãos já tinham partido, então foi ele também à festa, não descobertamente, mas como em segredo, diz São João (Jo 7, 10).

Eis o que é simples, claro, lógico.

Como é que o professor batista pode concluir disso que os tais irmãos (parentes) de Jesus eram *incrédulos,* enquanto Tiago e Judas eram apóstolos? Quer provar com isso que o **Tiago** dessa passagem é um outro que o Tiago do Evangelho.

Pobre fanatismo.

São bem os mesmos parentes, apóstolos, com as suas mesmas ideias, ainda materiais; o que não lhes impedia de serem apóstolos.

Judas era um *incrédulo,* um ímpio, um traidor; entretanto era um apóstolo: *Judas, unus ex duodecim* (Mt 10, 4).

Que absurdo!

A verdade é, e os fatos o provaram por demais, que todos os apóstolos eram vacilantes, hesitantes... e que só no dia de Pentecostes receberam do Espírito Santo o dom de força e de firmeza, que deviam caracterizá-los em que seguida.

Provas Internas Exegéticas

Depois de termos refutado o erro do ilustre professor batista, erro que ele reconhecerá se for sincero; é mister estabelecer claramente a verdade única, certa, evangélica.

Quero fazê-lo aqui sucintamente, citando as diversas provas internas da Sagrada Escritura; interpretadas por uma exegese óbvia, lógica, irrespondível.

Como tenho repetido a cada passo, o termo *irmãos de Jesus* nada prova contra a virgindade perpétua de Maria Santíssima.

Todos os historiadores concordam em dizer que a palavra **irmão** não tinha entre os hebreus e entre os judeus helenistas, e em consequência na linguagem dos escritores sacros, o sentido restrito que possui entre nós.

Servia para designar todos os membros de uma mesma família, ou todos os descendentes de um mesmo pai, quase indiferentemente.

São Jerônimo diz:

> "Toda a Sagrada Escritura prova que **irmãos** quer dizer primos ou parentes."

Confira Gn 12, 5; Nm 27, 10; Js 15, 17; 2Rs 10, 13; 2Cr 28, 8; Ap 12, 10; Mt 12, 46; Mc 3, 31; Lc 8, 19; Jo 2, 12; At 1, 14; 1Cor 9, 5; Gl 1, 19; etc, etc.

A razão desta generalização do termo **irmão,** conforme já ficou dito, é que na língua hebraica falta o termo próprio para indicar as diversas relações de parentesco.

A palavra **ahh** em hebraico é o equivalente da palavra *germanus* em latim, e da palavra *parente* em português.

Deve-se dizer a mesma coisa da palavra **adelfos** nos Setenta, como da palavra *frater* na Vulgata.

O nosso professor quis encontrar um escapatório, dizendo que os Evangelhos não foram escritos em hebraico, nem em aramaico.

Distingo: O Evangelho de Mateus foi escrito em hebraico, ou em dialeto hebraizante; chamado por alguns siro-caldeu, por outros aramaico.

Os três outros Evangelhos foram escritos em grego, mas convém notar que foram escritos (fora o Evangelho de São Marcos) para os judeus e, como tais, embora escritos em grego, respeitavam o modo de dizer dos judeus.

Havia em grego o termo **anepsios** para exprimir a palavra *primo,* é certo; porém se o termo existia em grego, não era usado pelos hebreus helenistas que, através da língua grega que falavam, conservavam os costumes e as expressões de sua raça.

Isso acontece diariamente. Um francês escrevendo em português, pode saber que a palavra *saudade* existe, mas facilmente dirá *nostalgia,* por ser um termo ao mesmo tempo francês e português; dirá ainda: *bouquet* em vez de ramalhete, *soirée* em vez de sarau, *detalhe* em vez de pormenor, etc.

Assim fizeram em muitas passagens os Evangelistas: conheciam o termo *anepsios,* mas falando de primos em geral incluindo primos de vários graus, tios, etc, conservam o termo genérico **ahh,** irmão.

De outro lado, por que os Evangelistas não teriam dado o nome de *irmãos* aos parentes de Jesus, que não eram os filhos de Maria, quando chamam São José de **pai de Jesus** na mesma página em que acabam de dizer que ele nada tinha na Conceição de Maria?

O próprio Evangelho fornece a prova desta interpretação, explicando o valor do termo: *irmãos de Jesus*, pela aplicação que dele faz a parentes próximos e remotos de Jesus.

Doze vezes o Novo Testamento fala de tais **irmãos e irmãs** de Jesus; mas nunca os chama de *filhos de Maria,* nem filhos de José, embora sejam nomeados diversas vezes ao lado de José e de Maria (Mt 12, 46-47; Mc 3, 31-32; Lc 8, 19-20; Jo 2, 12; At 1, 14).

Por que uma tal reticência?

Por que não dizer logo que eles são filhos de Maria e de José?

Por que tanto mistério?

Se o Evangelho diz clara e expressamente que *Maria é mãe de Jesus* (Lc 1, 43; Jo 2, 1-3; At 1, 14) etc, por que não diz também que ela é mãe de Tiago, de São João, José, Judas, Simão, etc?

Além disso, Jesus é designado em Nazaré, como o é comumente, o filho único de uma mulher viúva, sob o título de *o filho de Maria*, ***Uiós Marias*** (Mc 6, 3); enquanto os outros nunca passam de *irmãos* (parentes) de Jesus.

Se estes primos fossem verdadeiramente irmãos de Jesus, filhos de Maria Santíssima e de São José, deviam necessariamente ser mais novos que Jesus; pois teriam nascido depois, e Jesus é chamado de o *primogênito;* entretanto tais irmãos parecem ser mais idosos que Jesus (Mt 12, 46; 13, 54-56; Mc 3, 21-31; 6, 2-3; Lc 8, 19-21).

Outra prova encontramos nas últimas palavras de Jesus, dirigidas a São João e a Maria Santíssima: ***Ecce Mater tua...*** *Eis aí a tua Mãe, eis aí o*

teu filho: ***Uiós soul.*** Palavras que supõem evidentemente que ela não é a Mãe de Tiago, de José, de Judas e de Simão, e que Jesus é seu **filho único.**

Se ela tivesse outros filhos, por que Jesus diria que doravante João será o seu filho?

Por que devia São João considerá-la como a sua Mãe e recebê-la como tal em sua casa?

Eis ta idia.

Tal procedimento seria evidentemente um insulto lançado no rosto dos outros filhos de Maria!

O professor objetou que Jesus assim fez, porque seus irmãos não acreditavam nele.

É outro insulto!

Então, por ser incrédulo, um filho deixa de ser filho de sua mãe?

Aliás, é uma calúnia atirada à face dos apóstolos, a qual já pulverizei acima.

Os apóstolos nunca foram incrédulos, mas simplesmente *vacilantes* em sua fé sobrenatural, devido as ideias materialistas que tinham do Messias.

Nem o próprio termo de Jesus dirigido a São Tomé tem este sentido:

> "Não sejas incrédulo, mas fiel! (Jo 20, 27)"

Tomé não era **um incrédulo,** era apenas incrédulo na ressurreição de Jesus.

O grau de parentesco de Tiago, José, Simão e Judas com Jesus, sobressai claramente das diversas passagens já citadas.

De fato, via-se ao pé da Cruz do Salvador: *Maria, mãe de Tiago e de José* (Mt 27, 56; Mc 15, 40.47; Lc 24, 10).

Ora, qual será a tal Maria?

Não pode ser a Mãe de Jesus, ela não seria designada deste modo.

É, pois, uma outra Maria, aquela que São João coloca ao pé da Cruz ao lado da Mãe de Jesus e que diz ser *tua irmã;* isto é, a sua parente, e que se chama Maria Cléofas, ou mulher de Cléofas (Alfeu) e mãe de Tiago e de Simão.

> "Entretanto estavam de pé, junto à Cruz de Jesus, sua Mãe e a irmã de sua Mãe, Maria, mulher de Cléofas e Maria Madalena. (Jo 19, 25)"

Eis, pois, dois dos tais pretensos irmãos de Jesus, que não podem ser senão os seus *primos,* e que não o são num grau muito próximo.

São Tiago, nomeado diversas vezes *filho de Alfeu* (Mt 10, 3; Lc 6, 15; At 1, 13), sinônimo de Cléofas (*Klopas*) de que não difere senão por um acento, tem por irmão: *Judas* (Lc 6, 16).

Segundo Hegésipo (180), citado por Eusébio, Simão, o último dos quatro irmãos de Jesus indicados por São Marcos (Mc 6), foi o sucessor de São Tiago, o Menor, na sede de Jerusalém; porque como o seu

antecessor era filho de Cléofas, que era irmão de José (Mt 13, 55; Mc 6, 3; 15, 40).

Vê-se, deste modo, que os quatro pretensos irmãos de Jesus são simplesmente **seus primos.**

Eis as provas internas bíblicas diretas, além das provas indiretas, pela refutação das interpretações erradas.

CONCLUSÃO

Paremos aqui.

O professor já está abusando da nossa paciência com as suas objeções sem fundamento, que só tem por fim *escurecer* o que é claro, e *baralhar* o que é lógico.

E agora o que resta em pé de sua falsa e sofística argumentação?

Nada! Nada! Senão destroços de uma derrota vergonhosa.

Que mais faltará, digo com o professor, para a total destruição da teoria protestante?

Absolutamente nada...

Mas o que fica de pé, firme, inabalável e luminoso é o dogma católico da **Virgindade Perpétua** da Virgem Imaculada.

Resumamos aqui em poucas palavras o que temos amplamente desenvolvido e provado nestes dois artigos.

É um dogma de fé na Igreja Católica que a Mãe de Jesus permaneceu **Sempre Virgem.**

É a Tradição unânime dos séculos, como é o ensino do Evangelho.

É o sentido do título que sempre a Igreja aplica à Mãe de Jesus: *Partenos:*

> "A virgem conceberá e dará à luz um filho: Deus conosco (Mt 1, 23)."

É como o cântico de amor na Liturgia Católica, sobretudo na festa da Pureza da bem-aventurada Virgem:

> "Gerastes Aquele por quem fostes criada, e permaneceis eternamente Virgem.
>
> Santa e Imaculada Virgindade de Maria, não sei como louvar-vos dignamente!
>
> Ó bem-aventurada Mãe de Deus, Maria, sempre Virgem, após o vosso parto, permanecestes perfeitamente Virgem.
>
> Celebremos com alegria a Virgindade da bem-aventurada Maria, sempre Virgem!
>
> *Genuisti qui te fecit et in aeternum permanes Virgo!"*

Bela e consoladora verdade, que eleva a Mãe de Jesus acima de todas as mães e faz dela: *a Mulher bendita entre todas as mulheres, a Virgem puríssima* entre todas as virgens, *a Mãe admirável* entre todas as mães.

Como uma tal doutrina é bela, harmoniosa, divina e se eleva acima das objeções mesquinhas e das ideias frias quão ciumentas do fanatismo protestante!

Querer rebaixar a própria Mãe de Deus!

Que tarefa infamante.

Querer arrancar de sua fronte virginal o mais radiante diadema de grandeza e de amor...

Que papel horrível!

Querer provar pelo Evangelho o contrário do que ele ensina, sustenta e afirma.

Que trabalho herético.

Pobres protestantes, como sois infelizes!

Quereis agradar a Jesus e insultai à sua Mãe.

Quereis exaltar o Filho e rebaixais a Mãe, julgando agradar a Deus e iluminar as almas.

Como pode passar por um espírito humano a ideia de que a Virgem Imaculada, que não quis aceitar a dignidade de Mãe de Deus senão com a condição de conservar a sua virgindade, que a conservou antes e durante o parto; a tenha perdido depois, para ter outros filhos, além de seu Filho Divino?

A simples suposição inspira horror.

Santo Tomás diz muito bem que uma tal ideia derroga a dignidade e a Santidade da Mãe de Deus. Seria de sua parte uma ingratidão sem nome, se não reconhecendo os milagres que o céu multiplicou para a

conservação de sua virgindade, ela tivesse voluntariamente renunciado a uma *integridade* que Deus tanto estimava.

O abandono de uma tal prerrogativa seria sem explicação e sem desculpa.[106]

Não se pode pensar sem horror, diz Bossuet, que este seio virginal, onde o Espírito Santo tinha operado, do qual Jesus Cristo tinha feito o seu Tabernáculo, pudesse ser profanado; nem que José, nem que Maria tenham podido deixar de respeitá-lo.

Antes de sua Conceição e de seu parto, Maria Santíssima tinha dito em geral: *Não conheço varão.* São José entrou neste desígnio; e ele teria deixado de respeitá-lo depois do parto milagroso?

Não, não; não pode ser; teria sido um sacrilégio indigno deles e indigno de Jesus Cristo.

Digamos, pois, bem alto, e com toda a certeza de um dogma revelado por Deus:

Virgem Santa, Mãe de Meus Deus, em vós a honra da Maternidade não destrói a integridade virginal, e a integridade virginal realça a honra maternal com um fulgor que lhe recusa a natureza.

Vós sois Mãe, tanto mais admirável, quanto sois Virgem; e sois Virgem, tanto mais admirável, quanto sois Mãe!

---

[106] S. Th. III. p. q. 28.

As objeções protestantes, em vez de tirarem o brilho de vossa coroa virginal, lhes dão mais esplendor, pois dão ocasião de penetrar mais a fundo, no santuário de vossa inviolável e perpétua Virgindade.

9. Novos Erros Protestantes: As Expressões "Até Que" e "Primogênito"

A grande discussão sobre a perpétua virgindade de Maria está terminada, e creio que estão claramente provadas as duas grandes teses:

1º. O erro protestante atribuindo à Maria outros filhos, além de Jesus.
2º. A Virgindade de Maria provada positiva e claramente pela Bíblia.

Parece que devia dar por finda a discussão, mas é impossível.

Os protestantes são menos exegetas, filósofos, raciocinadores; do que plagiadores. Não raciocinam por si, mas reproduzem tudo o que no passado foi escrito contra o culto de Maria Santíssima pelas pessoas mais ímpias ou ignorantes.

Acumulam textos que nada provam no assunto, procurando provar pela *quantidade* o que lhes faltam em *qualidade.*

Vão copiando objeções mil vezes pulverizadas, e parece que cada objeção continua a ser para eles uma pedra formidável contra a verdade católica.

Obedecendo a esta mania, o nosso professor de exegese batista não quer contentar-se em defender simplesmente uma tese, mas quer reproduzir outras objeções contra o culto da Virgem Santa...

Já refutei tais erros em diversos livros, mas quero dar-lhes mais uma resposta completa e decisiva.

Eis como o professor de exegese termina seu artigo... Cito apenas duas conclusões desta síntese, tendo sido o resto refutado nos capítulos precedentes:

> "Eis finalmente sintetizadas as provas irrefutáveis do Novo Testamento que Maria, Mãe de Jesus, teve outros filhos.
>
> 1. José tendo despertado do sono, fez como o anjo do Senhor lhe ordenara, e recebeu sua mulher, e não a conheceu *enquanto ela não deu à luz um filho*, a quem pôs o nome de Jesus (Mt 1, 24-25). Aceitamos o ensino da virgindade de Maria no sentido das palavras: *enquanto ela não deu à luz um filho, a quem pôs o nome de Jesus*. O dogma da *perpétua virgindade* de Maria não é ensinado nesta linguagem. Ao contrário, implica que ela depois do nascimento do seu primogênito consumou o seu matrimônio com o seu marido José.
> 2. Lucas 2, 7 declara positivamente que Jesus era *o primogênito* (*ton protótokon*) de Maria. Por que o evangelista Lucas não disse (como diz o P. Julio) que Jesus era o *unigênito filho* de Maria? Porque sabia que Maria tivera outros filhos (Lc 8, 19-20)."

Eis duas passagens que vou refutar aqui brevemente, desenvolvendo a **verdade contrária** a estas falsidades.

Antes e Depois

A primeira objeção denota muita ignorância, tanto do sentido gramatical da palavra, quanto do sentido exegético da Bíblia.

Parece-me impossível que um professor de exegese seja capaz de apresentar tal argumento ridículo, que nem sequer possui uma aparência de base.

Examinemos de perto a tal frase do Evangelho:

> "E despertando José do sono, fez como lhe tinha mandado o anjo do Senhor, e recebeu (Maria como) sua esposa; e não a conhecia, até que deu à luz seu filho primogênito. (Mt 1, 24-25)"

Que prova tal texto?

Prova *diretamente* que Maria Santíssima foi virgem até o nascimento de Jesus Cristo: nada mais... nada menos.

O sentido gramatical e exegético é claro:

Donec peperit; Donec, até, ***eosou***, indica a persistência de um estado até certo tempo, porém não implica a cessação deste estado após este tempo.

Não há ali nenhuma prova de que Maria não ficou virgem depois.

Tal é a interpretação óbvia, seguida pela Igreja Católica e pelos protestantes instruídos e sinceros, sendo apenas combatida tal verdade pelos ignorantes e pelos plagiadores que se contentam em copiar o que os outros escreveram, sem nenhuma reflexão sobre a interpretação adotada.

Cito aqui apenas umas interpretações fora de contestação, as de uns chefes protestantes: Grócio, Calvino, Pearson, Owen, Dr. Hickes e Dr. Bramhall, todos eles protestantes e de posição.

Eis o que escreve Grócio:

> "A negação de que José não conheceu Maria antes de ela dar à luz, não inclui de nenhum modo a afirmação para o tempo que seguiu.
>
> Uma multidão de exemplos demonstram que isso era entre os judeus um modo notório e usual de exprimir-se...
>
> A própria intenção do Evangelista nos obriga a limitar-nos ao tempo de dar à luz, de que ele fala, não se tratando de outra coisa; senão de fazer conhecer que José nenhuma parte tinha nesta operação.
>
> Nada da passagem citada refere-se ao tempo posterior, mas exclusivamente ao tempo anterior."[107]

Eis uma outra de Calvino, um dos fundadores da seita. Ele escreve:

> "Apoiando-se sobre o texto: *Não a conhecia até que deu à luz*, Helvídio[108], em seu tempo suscitou grandes perturbações na Igreja, querendo sustentar que Maria tinha sido apenas virgem no parto, e que depois tinha tido outros filhos de seu marido.
>
> São Jerônimo sustentou a virgindade perpétua de Maria e a defendeu forte e largamente. Basta-nos dizer que tal não é o sentido do Evangelho, e que é uma loucura o querer recolher desta passagem o que aconteceu depois do nascimento de Cristo."[109]

---

[107] Annot. In Math. Op. Theol. T. II p. 15.

[108] O inventor da grosseira objeção no IV Século.

[109] Com. Sobre a harm. Evang. p. 41.

Eis também o que é claro, e o que não é dito por um teólogo católico, mas por um dos primeiros chefes do protestantismo.

O bispo protestante Pearson, a quem não se pode negar competência, diz por sua vez:

> "A expressão desta linguagem bíblica não traz consigo semelhante dedução. Com efeito, dizendo Deus a Jacó que não o deixaria até que não fizesse aquilo de que lhe tinha falado, segue-se porventura, que Deus tenha abandonado a Jacó depois de o ter feito?
>
> Sendo lógico, é preciso concluir, como todos os exegetas sérios concluem, que o não ter José conhecido a sua Esposa, até ela dar à luz o seu primogênito, não traz como consequência necessária que a conhecesse depois; e que por conseguinte o Evangelista na passagem alegada quis apenas dizer-nos o que não se tinha feito."[110]

Citemos mais um testemunho de outro protestante instruído, o bispo dr. Robert Owen.

> "Nós abraçamos com gosto o sentimento que prevalece entre os cristãos, de ser Maria Virgem, pura de qualquer comércio humano com seu esposo, não só quando nela se completou o mistério da geração de Cristo; mas também por todo o tempo de sua vida."[111]

Ainda outro luzeiro do protestantismo, o dr. Hickes escreve:

---

[110] Expos. of the Creed. p. 173.

[111] The dogme theol. p. 44. Oxford.

> "Maria foi Virgem na alma como no corpo, de tal maneira que nunca olhou com fim voluptuoso para a criatura; foi Virgem em tudo, e era toda pureza, tanto interior como exteriormente, conservando o seu corpo como Santuário e lugar santo, e a sua alma como o *Sancta Sanctorum*, por ser o receptáculo do Espírito Santo, o Tabernáculo do Filho de Deus."[112]

Terminemos por este brado admirável de um arcebispo protestante, dr. Bramhall, confirmando a referida doutrina católica e condenando o erro de nossos modernos exegetas batistas:

> "Nós admitimos as genuínas, universais e apostólicas Tradições, como sejam o Símbolo dos apóstolos, e a perpétua virgindade da Mãe de Deus."[113]

Tais autoridades, caro professor, sendo protestantes da gema, merecem ou não fé para o senhor?

Nós católicos estamos de acordo com eles sobre este ponto... como é que vós não o estais?

Sois divididos... e, como disse o Salvador, *toda casa dividida não pode subsistir...*

Eis porque o protestantismo rui, cai, esfarrapado sob os dentes de seus próprios adeptos.

---

[112] On the due praise and h. of the M. V. p. 269.

[113] Works vol. I. p. 53.

Hoje não existe mais *protestantismo,* só existem protestantes... tendo cada um a sua ideia, a sua religião, seu credo, fabricado por ele mesmo. É a dúvida geral, a dúvida de tudo, afora a sua interpretação individual.

Na Igreja Católica, o que um ensina, todos o ensinam; porque há uma autoridade central, há uma unidade perfeita; a verdade sendo uma, é indivisível.

PROVAS BÍBLICAS

Para corroborar o sentimento das autoridades protestantes contra a interpretação batista de nosso professor de exegese, citemos uns textos *paralelos* da própria Escritura em que a mesma locução é empregada e com o sentido que lhe atribui a doutrina católica.

Deus falando a Jacó do alto da escada que viu em sonhos, disse lhe:

> "Não te abandonarei, enquanto não cumprir tudo o que disse. (Gn 28, 15)"

Quererá isso dizer que depois de Deus ter cumprido o que prometera a Jacó, o abandonaria?

É impossível, Deus fala do presente, sem se ocupar do que fará no futuro.

No Deuteronômio, o Escritor Sagrado diz de Moisés:

> "E Moisés, servo do Senhor, morreu na terra de Moab... e este o sepultou no vale de Moab... e nenhum homem soube até hoje o lugar de seu sepulcro. (Dt 34, 6)"

Pode-se inferir deste passo que o dito lugar tenha sido conhecido depois?

Impossível, pois o túmulo de Moisés nunca foi descoberto.

O Espírito Santo indica os precedentes **até ali,** sem falar do futuro.

O Santo homem Jó, proclamando a sua inocência, diz:

> "Enquanto eu viver, não me apartarei da minha inocência. (Jó 27, 5)"

Quererá dizer isso que depois de viver, isso é, depois de morto, Jó se apartará da sua inocência?

Uma tal interpretação seria o cúmulo do absurdo.

Noé para conhecer o estado da terra, após o dilúvio, *soltou um corvo, o qual saiu, e não tornou mais, até que as águas fossem secas sobre a terra* (Gn 8, 7).

Quererá dizer isso que o corvo tenha voltado depois do desaparecimento das águas?

Naturalmente, não. O corvo não voltou mais, a Bíblia diz apenas que não apareceu até o desaparecimento das águas, sem dizer o que aconteceu depois.

É mais provável que o corvo não tendo encontrado lugar onde pousar, nem alimento, tenha morrido nesta excursão.

No livro de Samuel, lemos:

> "E Samuel não viu mais Saul até o dia da sua morte. (1Sm 15, 35)"

Quererá dizer isso que Samuel viu Saul depois da sua morte?

Novo absurdo!

A Sagrada Escritura fala da época que precede o dia da morte de Saul, e nada diz do que seguiu a esta morte.

Outra passagem de Samuel:

> "Por esta razão Micol, filha de Saul, não teve filhos até o dia de sua morte. (2Sm 6, 23)"

Então Micol não tendo filhos até ao dia da sua morte, tê-los-á após da morte?

Que lógica impagável!

O texto diz o que houve **até** a morte, sem tratar do que haveria depois.

Isaías, na visão contra Jerusalém, ouve a voz do Senhor clamando contra a cidade prevaricadora:

> "Não, não vos será perdoada esta iniquidade até que morrais. (Is 22, 14)"

Quer dizer isso que a tal iniquidade será perdoada depois da morte?

Não pode ser, pois após a morte não há mais perdão; é a eternidade.

Jesus Cristo disse aos apóstolos:

> "Eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. (Mt 28, 20)"

Deve-se concluir disso que depois da consumação, Jesus Cristo abandonará para sempre os seus apóstolos?

É o contrário: estará com eles no céu mais estreitamente unido do que aqui na terra.

Antes da Ascenção, o Salvador disse a seus apóstolos:

> "Eu vou mandar sobre vós o Espírito Santo prometido por meu Pai: entretanto permanecei na cidade, até que sejais revestidos da virtude do alto. (Lc 24, 49)"

Significará isto que, depois de receber o Espírito Santo, os apóstolos tinham que fugir de Jerusalém e não podiam mais permanecer ali?

Seria outro absurdo, pois vemos os apóstolos voltarem a cada instante a Jerusalém, reunirem-se ali, e um deles ser o primeiro Bispo da antiga Cidade Santa.

Podiam-se recolher centenas de outros passos que provam que o sentido bíblico, como aliás o sentido gramatical, lógico, popular, de tais passagens **até, enquanto,** indica sempre o que precede e nunca o que segue.

Colocando ao lado destes textos paralelos o texto em discussão, vemos logo que o sentido é idêntico, e exprime única e exclusivamente o que precedem e nada diz do que segue:

> "E não a conheceu, até que deu à luz um filho. (Mt 1, 25)"

O professor, examinando estes textos, será obrigado a confessar a verdade bíblica aí claramente indicada e a certeza da interpretação católica, como a dos próprios chefes protestantes acima citados.

PROVAS DO BOM SENSO

É inútil prolongar as citações, pois a Sagrada Escritura sendo a Palavra de Deus, um único texto é tão comprovativo como cinquenta.

O Evangelho, dizendo que José *não conheceu Maria até que deu à luz seu filho primogênito* (Mt 1, 25), diz que não se tinha feito até ao nascimento do Salvador, nada mais, sem querer falar do que seguiria.

O não fê-la conhecido até dar à luz o seu filho não traz, de nenhum modo, como consequência que a conhecesse depois.

O protestante Grócio, já citado, diz com muito bom senso:

> "A própria intenção do Escritor Sagrado nos faz uma lei de limitarnos ao tempo do parto, de que fala, não se tratando de outra coisa em sua intenção, senão de fazer bem conhecer que José ficou nele estranho. De modo que o que segue não tem nenhuma relação com o que precede."[114]

O simples bom senso nos indica o sentido de tais frases, não sendo preciso recorrer às interpretações gramaticais ou exegéticas.

Em linguagem clara nós dizemos:

---

[114] Grot. Ann. in Mat. p. 15.

Este homem foi honrado até a morte.

Será que deixou de sê-lo depois da morte?

Não, diz apenas que foi honrado, enquanto vivo.

Fulano de tal trabalhou até fazer fortuna... o que não quer dizer que depois de rico deixou de trabalhar.

Ciclano perdeu no jogo até à noite, quererá dizer que deixou de perder no dia seguinte?

Dizendo alguém: estudei até conseguir o meu diploma, não diz que não continuou a estudar depois.

A verdade católica brilha, pois, com todo o fulgor da revelação divina, e nos mostra a Virgem Imaculada, toda pura, na auréola de sua Virgindade Perpétua.

O autor desta heresia não é um protestante.

Estes nem o mérito têm da invenção!

Deixaram as outras interpretações clara e positivamente favoráveis à virgindade da Mãe de Jesus, o acolheram com palmas esta, porque parece contradizer esta glória... e depois bradam e escrevem que honram e veneram a Mãe de Jesus... dizem-se até irmãos de Maria, porém recusam-lhe tudo o que pode exaltar a sua glória.

Pobres protestantes, refleti bem... e Deus vos dê a graça de reconhecerdes o erro lamentável da vossa doutrina antibíblica e antirracional.

A fé da Igreja nunca mudou a esse respeito.

A Igreja aclama Maria Santíssima, não como uma deusa, mas como *Virgem das virgens:*

Virgem **antes** do parto.

Virgem **no** parto.

Virgem **depois** do parto.

Assim falam os Concílios... assim fala o Credo... assim fala o Evangelho: *Como se fará isto, porque não conheço varão?* Assim falam o próprios protestantes instruídos e sinceros.

Os contraditores desta verdade mostram apenas que não refletiram, mas foram plagiando objeções bolorentas mil vezes pulverizadas.

O Primogênito

Eis-nos chegados à última objeção de nosso professor.

Digamo-lo logo: Ele começou mal e termina ainda pior.

A conclusão, que é o último argumento de oposição, é de uma **miséria** sem nome.

A mesma passagem que acabo de refutar, fornece um duplo argumento à teimosia do professor.

O Evangelho diz que José *não conheceu Maria até que deu à luz o seu filho primogênito* (Mt 1, 25).

São Lucas repete a mesma frase:

"E deu à luz o seu filho primogênito. (Lc 2, 7)"

Ora, dizem os protestantes: Maria teve um filho *primogênito.*

Ora, não há primogênito sem segundo gênito.

Logo, Maria teve outros filhos.

É de se bater palmas pela invenção e pela forma silogística...

É um raciocínio de criança.

Então não pode haver *primeiro,* sem que haja segundo?

Esta é estupenda!

Neste caso, e com tal lógica protestante, uma mãe só terá um primeiro filho, depois de um segundo nascer.

Que não haja um *segundo* sem primeiro, isso sim! Mas o primeiro, desde que nasce, é bem o primeiro e fica o primeiro, independente do nascimento do segundo.

O adjetivo ordinal **primeiro** é completamente independente de **segundo,** indicando a ordem *do passado até o presente,* sem se ocupar do que segue.

Dizendo, por exemplo, que um aluno é o primeiro de seu curso, sabe-se que ninguém o precede, mas ignora-se quantos o seguem.

Se tal aluno ficar só, ele é o primeiro, tão bem como se for seguido de vinte outros.

Um homem que constrói uma casa pode dizer com toda verdade: Esta é a *primeira* casa que construo, mesmo se ele pretende não construir mais outras casas.

Quando alguém morre, é bem a **primeira** vez que morre, e só morre uma vez.

Está vendo, caro professor, como é ridícula a tal asserção de não haver *primeiro,* sem que haja segundo; ou de dizer que por haver *primeiro* ou primogênito, deve haver outros gênitos?

Os próprios protestantes, um pouco instruídos, rejeitam tal absurdo.

Eis uma palavra de vosso pai ou tio, Calvino:

> "O Cristo é chamado *primogênito,* para mostrar-nos que nasceu de uma mãe virgem, e que nunca teve outros filhos."

Pobre Calvino, porque não consultastes os professores de exegese de dois séculos mais tarde?

Grócio, um luzeiro da seita, escreve:

> "A expressão *primeiro* quer dizer que nenhum outro o precedera, mas não que um outro o seguiu."

Pobre Grócio... os teus netinhos são de outro pensar.

O grande Pearson, outro luzeiro, escreve ainda:

> "A noção bíblica de prioridade exclui um antecedente, porém não exprime um consequente!
>
> *Santificai-me,* disse Deus, *todos os primogênitos!*

> Era esta uma lei fixa e obrigatória, à qual se devia satisfazer assim que nascia o menino; porém, se a palavra *primogênito* tivesse relação necessária com um *segundo gênito*, essa obrigação não teria sido imediata, e o primogênito não seria santificado *por si mesmo*, mas santificá-lo-ia o nascimento do segundo gênito...
>
> Por conseguinte, essa palavra *primogênito* não pode designar nascimentos posteriores; não prova, portanto, que Maria tivesse outros filhos."

Tal é o raciocínio e a interpretação de um bispo protestante, conhecido por seu talento e por sua sinceridade.

Como vê o meu professor, tal interpretação é completamente católica; porque é sincera e científica, e discorda por completo da interpretação mesquinha e perversa que os modernos netinhos de Lutero querem dar a estas passagens.

Ubi est veritas? Onde estará a verdade?

Com a Igreja Católica e com os teólogos protestantes, ou com uma dúzia de homens sem doutrina e sem fé?

PROVAS BÍBLICAS

Recorramos à Bíblia que os amigos protestantes dizem ser a regra de sua fé, e mostremos que a Bíblia aprova completamente a interpretação católica, rejeitando integralmente o erro protestante.

A citação de lugares paralelos vai dar-nos o sentido exato da palavra *primogênito*.

No Êxodo Deus disse:

> "Todo o primogênito na terra do Egito morrerá. (Ex 11, 5)"

E assim aconteceu:

> "Não havia casa em que não houvesse um morto. (Ex 12, 30)"

Havia necessariamente como em todos os países, casas de um só filho, por exemplo, todos os que tinham casado nos dois últimos anos...

Havendo só um filho, tal filho era o primogênito e por isso morreu.

Deus disse ainda:

> "Todo primogênito é meu. (Nm 3, 13)"

Depois Deus manda *contar todos os primogênitos machos dos filhos de Israel, da idade de um mês para cima* (Nm 3, 40).

Ora, se há primogênitos de um mês de idade, como é que se pode exigir que para haver primeiro haja um segundo?

Podia uma mãe tendo um *primogênito* de um mês, ter já outro segundo?

Logo, o primeiro nascido, haja outros ou não, é verdadeiramente o primogênito.

No Êxodo ainda Deus dá ordem de *santificar-lhe todo o primogênito, que nascer entre os filhos de Israel* (Ex 13, 2).

Ora, se a mãe para saber se o primeiro nascido é bem o *primogênito* tivesse que esperar o nascimento do segundo, como poderia ela oferecer a Deus desde o nascimento, o tal primogênito?

Seria impossível.

Tal texto prova, pois, que o *primogênito* não supõe de nenhum modo algum segundo.

No Êxodo ainda lemos no capítulo 22:

> "O primogênito de teus filhos me darás; sete dias estará com sua mãe, e ao oitavo dia mo darás. (Ex 22, 29-30)"

O primogênito, conforme a ordem divina, lhe deve ser oferecido no oitavo dia do nascimento.

Ora, em oito dias, tal filho é bem o **único;** entretanto Deus chama-o: **primogênito.**

Logo, há primogênito, sem que haja um segundo...

A primogenitura era um título de dignidade e de honra entre os Judeus e geralmente o primeiro nascido conservava este título de *primogênito*, tendo direito a certos privilégios, como os de herdeiro, etc, e ficando sujeito a certas obrigações como vemos na Bíblia (Lc 2, 23).

É, pois, a propósito e com razão que o Evangelista chama Jesus de *primogênito*, ***Ton prótotokon.***

Ele o designa deste modo como herdeiro de Davi, como tendo um direito privilegiado sobre esta herança (Gn 10, 15; 21, 12).

Longe de ser um título equívoco que apresenta qualquer dificuldade, tal expressão torna-se sinal de autenticidade.

Embora natural sob a pena de um Judeu, tal expressão não se teria apresentado ao espírito de um estrangeiro.

Tal é o sentido gramatical e *lógico* da palavra *primogênito* no Antigo Testamento e este sentido sendo o **único** admissível ficou conservado no Novo Testamento, como se pode ver na apresentação de Jesus no templo:

> "Depois que foram concluídos os dias da purificação de Maria, segundo a lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém para o apresentarem ao Senhor: **Todo o varão primogênito** será consagrado ao Senhor. (Lc 2, 22)"

Eis que São José e Maria Santíssima, em obediência à lei de Moisés, levam Jesus para oferecê-lo ao Senhor como sendo o *primogênito*.

Jesus era o filho único neste tempo até para os batistas que lhe querem dar vários irmãos, pois Jesus tinha apenas 40 dias de idade, não podendo ter ainda irmãos.

A passagem supra é típica e resolve toda a discussão.

Só o meu professor tapa-se os dois olhos com os punhos para não ver!

E vendo, deve confessar que está redondamente enganado; ou então que nunca estudou os passos referentes ao primogênito.

É ignorância ou maldade.

Não pode haver outra solução.

PROVA ARQUEOLÓGICA

Além das provas exegéticas, temos uma prova arqueológica decisiva, e talvez desconhecida pelo professor batista.

Em 1922, C. Edgard publicou nos *Anais das Antiguidades do Egito*, 14 novas inscrições descobertas em Tellel Yehudiye (antiga Leontópolis), onde foi encontrada importante necrópole judaica do tempo do imperador Augusto.

Numa delas lê-se um epitáfio grego que, vertido à nossa língua, diz o seguinte:

> "Eis o túmulo de Arsinoe, ó transeunte,
>
> Chora, ao considerar quanto ela foi infeliz.
>
> Ainda de tenra idade, fiquei órfã de minha mãe.
>
> E quando a flor da mocidade me adornou para himeneu,
>
> Meu pai Fabeiti deu-me um marido.
>
> Porém entre as dores que acompanharam o parto de meu filho **primogênito** (*protótokon teknou*)
>
> A sorte me levou ao termo da vida...
>
> Epitáfio de Arsinoe.
>
> No ano 25, segundo do mês Mechir."

Tal ano 25 deve referir-se à época do reino de Augusto em Roma e de Ptolomeu VII, rei do Egito neste tempo.

A tal data corresponde a 28 de Janeiro, do ano 5 antes de Jesus Cristo.

Foi talvez naquele mesmo ano que em Belém, Maria deu à luz o seu filho *primogênito.*

O estudo intrínseco da inscrição prova a sua origem judaica.

Aquele filho *primogênito* foi o **primeiro** e o **único** (*prótos kai monos*), para responder ao dilema de nosso professor batista.

O termo *protótokos* sigfnifica bem: o *primeiro,* simplesmente, (*ante quem nullus*) em sentido absoluto, pois as circunstâncias são tais que nascimento ulterior de irmãos ou irmãs é positivamente excluído.

Podemos, pois, afirmar categoricamente contra os protestantes, e entre eles contra o professor de exegese batista; como contra todos aqueles que pretendem combater a Virgindade Perpétua da Santíssima Virgem, podemos, pois, formular as seguintes conclusões:

1. É falso que o termo *protótokos* (primogênito) se empregue sempre em sentido relativo e só se possa empregar com relação aos irmãos nascidos depois do primeiro.
2. É falso que uma mãe que teve um primogênito, se deva naturalmente supor ter tido outros filhos depois daquele.
3. É falso que o termo *primogênito* exprime a reserva ou possibilidade do nascimento de outros filhos. Arsinoe, que morreu na ocasião do nascimento de seu filho primogênito, estava definitivamente impossibilitada de ter outros filhos.
4. É falso que o termo primogênito comprometa o futuro ou implique a vinda de uma progênie subsequente. A família de

Arsinoe compreendeu que tal primogênito era o primeiro e o último (primogênito e unigênito).

5. É falso que o termo *unigênito* (***monogenes***) seja mais apropriado que o termo *primogênito* por tratar-se de um filho, cujo nascimento não devia ser seguido de outros.

Fica, portanto, provado, com inteira certeza que o Evangelista São Lucas pode com toda razão chamar Jesus Cristo de *o filho primogênito* de Maria em vez de o chamar de filho único, sabendo mesmo com certeza estar excluído não somente o fato, mas ainda a possibilidade de ulteriores filhos de Maria.

CONCLUSÃO

Eis onde terminam as suas tristes objeções, caro professor.

O texto evangélico, interpretado pelo bom senso, pela ciência e pela exegese sincera, fica em pé; tal qual foi sempre entendido na Igreja Católica.

> "José não conhecia Maria, até que deu à luz o seu filho primogênito. (Lc 1, 25)"

Ficou provado que tal expressão refere-se ao que precede e nada diz do que segue.

Tanto a Bíblia, como a gramática, e o modo exprimir-nos dá e confirma este sentido.

Maria Santíssima ficou, pois, virgem depois do nascimento de Jesus; como o foi antes e durante este nascimento, conservando intacta a sua pureza virginal.

Quanto ao termo **primogênito,** é quase pueril discuti-lo.

É uma luz meridiana que só não enxerga o fanatismo cego ou então a impiedade empedernida, e contra tal estado de espírito não há remédio.

Primogênito é o primeiro nascido, seja ele ou não seguido de outros.

Desde que o primeiro nasce, é bem o primeiro desde a hora de seu nascimento; e qualquer mãe, tendo apenas um só filho, sendo interrogada acerca deste filho, responderá: Este é o meu *primogênito,* ou o meu primeiro filho, embora ela ignore se terá ou não outros filhos.

Só os pobres protestantes não permitem dizer a tais mães que este filho é o primogênito... o que faz acreditar que não existe, apesar de nascido; só existirá e será o primeiro, depois de o segundo nascer.

É preciso muita coragem para sustentar tais absurdos.

É, pois, fora de toda discussão sincera que a palavra *primogênito* não significa unicamente o filho mais velho entre diversos irmãos, mas sim, o filho de toda mulher que ainda não foi mãe anteriormente.

É a expressão de São Jerônimo:

> *"Non quem fratres sequuntur, sed qui prius omnium natus est."*[115]

Tal é claramente o sentido indicado pela própria Bíblia:

> "Tudo o que sai primeiro do seio de qualquer carne... pertencer-te-á por direito: mas com esta condição de que pelo primogênito do homem recebas o preço. (Nm 18, 15)"

O termo *primogênito* tinha ainda entre os Judeus uma significação de honra e de dignidades que o fazia gozar de certos privilégios, como se pode ver na Bíblia que fala diversas vezes dos direitos de *primogenitura.*

> "Este é o primeiro de seus filhos, e a ele pertence o direito de **primogenitura.** (Dt 21, 17)"

Ao terminar seu artigo, o professor pergunta porque o Evangelista não usou do termo **unigênito** em vez de **primogênito.**

A razão é simples.

O Espírito Santo não é protestante, e conhecendo a fundo a significação dos termos, achou que o termo de primogênito (*ton protótokon*) era a palavra própria para exprimir o que Ele queria dizer.

O termo *unigênito* servia para exprimir o fato físico do nascimento de Jesus Cristo; mas limitava-se a este fato, enquanto o termo primogênito refere-se ao fato físico e ao fato espiritual.

---

[115] S. Jer. in Math. I. adv. Helv. X.

Jesus Cristo como **Deus** é o **Unigênito** do Pai Eterno. *Filium suun unigenitum misit Deus in mundum* (1Jo 4, 9).

Como **homem-Deus** Ele é o **primogênito** de todas as criaturas. *Primogenitius omnis creaturae* (Cl 1, 15).

Como **homem** Ele é o **Unigênito** da Virgem Santíssima. *Et paries filium* (Lc 1, 31).

Mas Jesus Cristo não veio só como Deus, nem só como homem; veio como **homem-Deus** e como tal devia ser o **primogênito** entre muitos irmãos (Rm 8, 29).

Estes irmãos são os homens justos, são os Santos.

Eis porque Jesus Cristo participou da nossa carne e do nosso sangue, devendo ser semelhante a seus irmãos, para ser o seu Pontífice perante Deus.

Neste sentido espiritual Maria Santíssima deu à luz um *primogênito...* o primeiro de todos os cristãos, dos quais ela é a Mãe espiritual.

Deste modo, diz ainda São Paulo, Jesus é o *primogênito de todas as criaturas: **primogenitus omnis creaturae*** (Cl 1, 15).

Expressão sublime, como é sublime a verdade que manifesta envolvendo a Virgem Santíssima no resplendor mais vivo e mais universal.

Todas as criaturas, animadas e inanimadas, celestes e terrestres, regeneradas, pacificadas, consagradas pelo filho **primogênito** de Maria, saúdam nela a Mãe e a Senhora do universo.

E tudo isso, por estas simples palavras:

> "Ela deu à luz o seu filho primogênito. (Lc 2, 7)"

Não nos admiremos que palavras tão simples revelem um sentido tão profundo, quando a criancinha que nos mostram revela-nos um Deus!

Estas palavras não são, pois, uma diminuição da glória da Mãe de Jesus, mas sim uma auréola resplandecente que o Espírito Santo coloca sobre a sua fronte Imaculada.

E os pobres protestantes adulterando o sentido destas palavras quereriam que exprimissem a perda da virgindade da Mãe de Jesus.

Não, não, pobres protestantes! Elas exprimem ao contrário a maternidade espiritual da Mãe de Deus, que se torna, deste modo, também a Mãe dos homens.

10. MARIA, MÃE DE DEUS!

Maria é Mãe de Deus!

É uma verdade tão logica, que parece quase impossível haver discussão a este respeito.

E, entretanto, a discussão existe.

Basta a Igreja Católica aclamar Maria como Mãe de Deus, para que o ódio protestante, sempre em oposição à doutrina católica, exclame: Não é Mãe de Deus! Maria é simplesmente a Mãe de Cristo... como qualquer outra mãe é mãe de seu filho!

E para rebaixar esta Maternidade Divina, para tirar de sua fronte Imaculada de Mãe a sublime auréola desta Maternidade única, chegam aqueles infelizes a querer dar a Maria Santíssima vários outros filhos como vimos nos capítulos precedentes.

Renovando o erro do herege Nestório, e contrário ao ensino de seus próprios fundadores e teólogos antigos, os protestantes antigos e os protestantes modernos não admitem que Maria Santíssima seja Mãe de Deus; querem apenas que seja mãe de um homem, unido a Deus.

É o maior dos absurdos, mas quando se trata de contradizer à Igreja Católica, os absurdos chamam-se ciência, exegese, progresso, etc, nas escolas dos pastores protestantes que, aliás, nem acreditam mais na divindade de Jesus Cristo.

Estudemos aqui este sublime assunto, mostrando, clara e irrefutavelmente, o erro protestante e a verdade católica; verdade ensinada pelo

bom senso, pelo Evangelho e pela Tradição unânime, desde os apóstolos até hoje.

É um estudo interessante, instrutivo, e de sumo proveito para as almas sinceras e de boa vontade.

Como Maria é Mãe de Deus

Se eu perguntasse a um protestante se ele é verdadeiramente o filho de sua mãe... e se a progenitora dele é verdadeiramente a mãe dele, de certo, ele olharia para mim com grande espanto; admirado de que um homem em posse de seu bom senso, possa duvidar de um filho não ser o filho de sua mãe.

E teria razão! Muita razão!

Mas, como é que ele pretende que Jesus sendo filho de Maria... Maria não é a Mãe de Jesus?

A sua mãe, caro protestante, é apenas a mãe de seu corpo.

Ora, o homem é composto de um **corpo** e de uma **alma,** sendo a alma a parte principal do homem, pois é ela que comunica ao corpo a vida e o movimento.

A sua mãe da terra não é a autora de sua alma. A alma é criada por Deus para cada corpo em particular.

A sua mãe é, pois, apenas a mãe da parte material de seu ser. Como é que o senhor diz que ela é sua mãe?

Se o amigo protestante tivesse um pouco de instrução, responderia: É certo, a minha mãe é apenas a mãe de meu corpo e não o é da minha alma, porém a união desta alma e deste corpo forma a minha **pessoa,** e a minha mãe é a mãe de minha pessoa.

Sendo ela a mãe de minha pessoa, que é composta de corpo de alma, é bem e realmente minha mãe.

Deus criou-me uma alma, porém Ele não criou a **minha pessoa,** que provém da união substancial do corpo e da alma.

A minha mãe é a mãe desta pessoa, pois é em seu seio que se operou esta união do corpo e da alma.

O meu caro protestante raciocinando e falando deste modo, falaria como um homem sensato, mostrando que é filho de sua mãe, e que esta mãe é realmente a mãe dele.

Pois bem, apliquemos estas noções de bom senso ao caso da Maternidade Divina de Maria Santíssima.

Há em Jesus Cristo **duas naturezas:** a natureza divina e a natureza humana.

Estas duas naturezas reunidas constituem uma **única pessoa:** a pessoa de Jesus Cristo.

Ora, Maria é a Mãe desta **única pessoa** que possui ao mesmo tempo a natureza divina e a natureza humana, como a nossa mãe é a mãe da nossa pessoa.

Maria Santíssima deu a Jesus Cristo a natureza humana; não lhe deu, porém, a natureza divina, que vem unicamente do Pai Eterno.

Maria deu à pessoa de Jesus Cristo a parte inferior: a natureza humana, como a nossa mãe nos deu a parte inferior da nossa pessoa: o corpo.

Apesar disso a nossa mãe é a mãe da **nossa pessoa,** e Maria é a Mãe da pessoa de Jesus Cristo.

E notemos que em Jesus Cristo há só uma pessoa, e esta pessoa **é divina,** infinita, eterna: é a pessoa do Verbo, do Filho de Deus, igual em todas as coisas ao Pai Eterno e ao Espírito Santo.

E Maria Santíssima é a Mãe desta pessoa divina.

Logo, ela é a Mãe de Jesus, a Mãe do Verbo Eterno, a Mãe do Filho de Deus, a Mãe da segunda pessoa da Santíssima Trindade, a Mãe de Deus; pois tudo isso é a mesma e *única pessoa,* nascida do seu seio virginal.

Jesus Cristo, Filho de Deus e da Virgem Imaculada, é Deus feito homem; em outros termos: é Deus revestido de um corpo e de uma alma.

A alma de Jesus Cristo criada por Deus, é realmente e alma do Filho de Deus.

A humanidade de Jesus Cristo, composta de corpo e de alma, é realmente a humanidade do Filho de Deus.

E a Virgem Maria é verdadeiramente a Mãe deste Deus revestido desta humanidade: ela é a **Mãe de Deus** feito homem.

Ela é a Mãe de Deus.

> "Maria, de quem nasceu Jesus. *Maria, de qua natus est Jesus.* (Mt 1, 16)"

Eis como, por uma lógica irretorquível, o bom senso nos prova que Maria é verdadeiramente a Mãe de Deus.

Ela não é a Mãe da divindade, como a nossa mãe não é mãe da nossa alma; mas ela é a Mãe da **pessoa** de Jesus, como a nossa mãe é mãe de nossa pessoa.

A pessoa de Jesus é uma pessoa divina, é a pessoa do Filho de Deus.

A nossa mãe é a mãe da nossa pessoa; esta pessoa é humana e é determinada chamando-se: Pedro, Paulo, José, Maria ou Regina, pouco importa o nome.

Por isso a nossa mãe sendo a mãe da nossa pessoa, é verdadeiramente a nossa mãe; ou mãe de Pedro, ou de Paulo, ou de José, ou de Maria, ou de Regina.

Basta deste raciocínio para mostrar o absurdo dos infelizes protestantes em quererem negar um *título* à Maria Santíssima que lhe é próprio, que foi dado por Deus, e que lhe é absolutamente devido, pelo fato de ser ela *a Mãe de Jesus.*

Os Erros dos Primeiros Heresiarcas

Não foram os protestantes, os primeiros, a negarem este título de Maria Santíssima.

O inventor da absurda negação foi Nestório, indigno sucessor de São João Crisóstomo, na sede de Constantinopla.

A sutilidade grega que tinha suscitado vários erros a respeito da pessoa de Jesus Cristo.

Sabélio quis aniquilar a **personalidade** do Verbo.

Ário procurou tirar desta personalidade a auréola da **divindade.**

Os Docetas negaram a realidade do **corpo** de Jesus Cristo.

Os Apolinaristas rejeitaram a **alma** humana de Cristo.

Tudo tinha sido atacado pela heresia na pessoa de Jesus Cristo; mas a cada heresia que se levantava, a Igreja Infalível, sob a direção inspirada do Papa de Roma, defendia e proclamava a única e imperecível verdade:

Da **pessoa** do Verbo divino contra Sabélio.

Da **divindade** desta pessoa, contra Ário.

Da realidade do **corpo** humano de Jesus, contra os Docetas.

Da realidade da **alma** humana de Jesus, contra os Apolinaristas.

Restava apenas um ponto isento de ataque da parte dos hereges: era a **união** das duas naturezas: a divina e humana, em Jesus Cristo.

Cabia a Nestório levantar esta heresia, e aos filhos de Lutero continuarem a defender este erro grotesco.

Foi em 428 que o indigno Patriarca Nestório começou a pregar que havia em Jesus Cristo *duas pessoas*, uma divina como Filho de Deus; outra humana, como Filho de Maria.

Por isso, conclui o heresiarca, Maria não pode ser chamada **Mãe de Deus,** mas simplesmente *Mãe de Cristo,* ou do homem.

Concebe-se a importância de uma tal negação.

Se as duas naturezas, a divina e a humana, não são *hipostaticamente* (união pessoal) unidas em Jesus Cristo de modo a formar uma **única pessoa,** desaparece a *Encarnação e a Redenção.*

O Filho de Deus, não se tendo revestido da nossa natureza, não pode ser o nosso Redentor.

Somente o homem sofreu nele.

Ora, o homem, como ser finito, só pode fazer obras finitas.

Logo, a redenção não é mais de um valor infinito.

Jesus Cristo não pode mais ser adorado: é apenas um homem.

A Eucaristia não é mais a carne e o sangue de um Deus, é apenas a carne de um homem.

O Salvador não é mais o Homem-Deus.

Tal é o erro grotesco de Nestório, como predecessor de Lutero, veio lançar ao mundo.

E os protestantes, sem terem a coragem de sustentar todos estes erros, continuam a defender a maior parte deles.

É falta de lógica!

Ou devem aceitar tudo ou devem negar tudo.

Nestório era pelo menos lógico em suas deduções, que eram falsas, porque resultavam de um princípio falso.

Os protestantes admitem e professam o princípio falso de Nestório, sem terem a ousadia de tirar logicamente todas as conclusões deste princípio.

Admitem umas conclusões e rejeitam outras.

Por que este seletismo?

Admitem em Jesus Cristo duas naturezas e uma pessoa, mas rejeitam a união pessoal (hipostática) das duas naturezas na única pessoa de Cristo.

Adoram Jesus Cristo, e negam à sua Mãe Imaculada o título da maternidade desta pessoa divina.

Admitem o Salvador, como Homem-Deus, e negam a presença de sua pessoa divina na Eucaristia.

Mas refleti, caros protestantes... é um absurdo!

Admitis que Jesus Cristo é *Filho de Maria*, e negais que Maria é **Mãe de Deus.**

Admitis que Jesus Cristo é Deus, nascido de Maria, e negais que Maria é a Mãe deste Jesus Cristo.

Mas, por favor, aprendei a raciocinar.

Ou negai tudo, ou aceitai tudo; deste modo sereis pelo menos lógicos.

Negando tudo, sereis hereges, ou pagãos se quiserdes; mas sereis lógicos.

Admitindo tudo, sereis lógicos também; e neste caso sereis Católicos Apostólicos Romanos, pois a Igreja Católica admite tudo: o princípio e todas as conclusões que dele resultam.

Admitindo que *Jesus nasceu de Maria:* e não podeis negá-lo, pois está no Evangelho (Mt 1, 16), deveis admitir que a pessoa deste Jesus é divina.

Que Maria é a Mãe desta pessoa divina.

Que ela é, pois, **Mãe de Deus!**

É um dilema sem saída.

O Concílio de Éfeso

Quando o heresiarca Ário lançou ao mundo o seu erro, negando a divindade da pessoa de Jesus Cristo, a providência divina suscitou o

intrépido Santo Atanásio para confundi-lo, assim como suscitou Santo Agostinho para confundir o herege Pelágio.

Esta mesma providência suscitou São Cirilo de Alexandria para refutar os erros de Nestório.

As blasfêmias do heresiarca semearam a perturbação e a indignação do oriente.

São Cirilo foi o interprete inspirado e sublime da indignação do mundo católico, que chorava, sob o peso da blasfêmia, com que o erro pretendia humilhar a Mãe de Jesus.

Em 430, o Papa São Celestino I num concílio de Roma, examinou a doutrina de Nestório que lhe fora apresentada por São Cirilo, e condenou-a integralmente como errônea, anticatólica, herética.

São Cirilo formulou a condenação em doze proposições chamadas os *doze anátemas* em que resumia toda a doutrina católica a este respeito.

Pode-se resumi-los em três pontos.

1. Em Jesus Cristo, o *Filho do homem* não é pessoalmente distinto do **Filho de Deus.**
2. A Virgem Santíssima é verdadeiramente a **Mãe de Deus,** por ser a Mãe de Jesus Cristo, que é Deus.
3. Em virtude da união hipostática, há **comunicação de idiomas,** isso é: denominações, propriedades e ações das duas naturezas em Jesus Cristo, que podem ser atribuídas à sua pessoa, de modo que se pode dizer: *Deus morreu por nós,* Deus salvou o mundo, Deus ressuscitou.

Nestório não aceitou as declarações do Papa e continuou em suas heresias.

Para exterminar completamente o erro e restituir a unidade da doutrina ao mundo, o Papa resolveu reunir o Concílio de Éfeso na Ásia Menor, em 431, convidando todos os bispos do mundo.

Perto de 200 bispos, vindos de todas as partes do mundo, reuniram-se em Éfeso.

São Cirilo presidiu a assembleia em nome do Papa.

Nestório recusou comparecer perante os bispos reunidos.

Desde a primeira sessão a heresia foi condenada.

Sobre um trono, no centro da assembleia, os bispos colocaram o Santo Evangelho, para representar a assistência de Jesus Cristo; que prometera estar com a sua Igreja até a consumação dos séculos, espetáculo santo e imponente, que desde então foi adotado em todos os concílios.

Os bispos, cercando o Evangelho e o representante do Papa, pronunciaram todos unânimes e ao mesmo tempo, a definição proclamando que Maria é verdadeiramente **Mãe de Deus,** que Nestório tinha blasfemado, e doravante deixava de ser bispo de Constantinopla.

Quando a multidão de povo que rodeava a Igreja de Santa Maria Maior, na qual se tinha reunido o Concílio, soube da definição que proclamava Maria, Mãe de Deus, num imenso brado ecoou a exclamação: *Viva Maria, Mãe de Deus! Foi vencido o inimigo da Virgem! Viva a grande, a augusta, a gloriosa Mãe de Deus!*

Quando à noite, os prelados saíram do templo, foram acompanhados e levados em triunfo pela multidão; entre milhares de tochas e de lanternas no meio de uma iluminação feérica[116], ao som das músicas, dos cânticos e das aclamações entusiastas da cidade inteira e dos milhares de forasteiros, acorridos para glorificarem com eles à Mãe de Deus.

Em lembrança desta solene definição, o Concílio juntou à saudação angélica estas palavras simples e expressivas: *Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte.*

Nestório procurou primeiro resistir ao Papa e ao Concílio, mas o imperador que o tinha protegido até aí, informado da verdade, abandonou-o; e diante da revolta do herege, condenou-o ao exílio.

Viveu ainda 8 anos, com o ódio no coração e a blasfêmia sobre os lábios.

Morreu miseravelmente, como morrem todos os hereges, tendo o corpo apodrecido e a língua que blasfemara a Virgem Santa devorada pelos vermes, antes mesmo de exalar o último suspiro.

Foi o justo castigo de uma língua que teve o atrevimento de blasfemar o nome e a dignidade da Mãe de Deus.

Eis o erro protestante, refutado e condenado muito antes que o adotassem os filhos de Lutero, querendo, por um contra bom senso inex-

---

[116] NE: Feérico é o mesmo que deslumbrante, ofuscante, fantástico.

plicável, negar à Maria Santíssima a dignidade de *Mãe de Deus,* reconhecendo, entretanto, que Jesus, o Filho de Deus, é o seu verdadeiro Filho.

PROVAS DA SAGRADA ESCRITURA

Para iluminar com um raio divino esta bela e fundamental verdade, recorramos à Sagrada Escritura, mostrando como ali tudo proclama este título da Virgem Imaculada.

Maria é verdadeiramente *Mãe de Deus.*

Ela gerou realmente um homem, hipostaticamente unido a Deus; e Deus nasceu verdadeiramente dela, revestido de um corpo mortal, formado do puríssimo sangue da Virgem Santa.

Embora ela não seja chamada expressamente no Evangelho Mãe de Cristo, Mãe de Deus; esta dignidade deduz-se rigorosamente do Texto Sagrado.

O arcanjo Gabriel, dizendo a Maria: *O Santo que há de nascer de ti, será chamado Filho de Deus* (Lc 1, 35) exprime claramente que ela será **Mãe de Deus.**

É como se ele dissesse: O fruto de tuas entranhas será o Filho de Deus, Deus e homem, cujo nascimento é, ao mesmo tempo, eterno e temporal.

O arcanjo diz que **O Santo** que nascerá de Maria será chamado o **Filho de Deus.**

Se o Filho de Maria é o Filho de Deus, é absolutamente certo que Maria é a **Mãe de Deus.**

Repleta do Espírito Santo, Isabel exclama:

> "Donde me vem a dita que a mãe de meu Senhor venha visitar-me? (Lc 1, 43)"

Que quer dizer isso, senão que Maria é **a Mãe de Deus?** Mãe do Senhor ou Mãe de Deus é uma mesma expressão.[117]

São Paulo diz que *Deus enviou seu Filho, feito da mulher, feito sob a lei* (Gl 4, 4).

Se, pois, o Filho de Deus é feito da mulher não como o foi Eva de uma costela de Adão, mas sim por via de **geração,** pois é positivamente dito no Evangelho que *Maria deu à luz o seu filho primogênito;* esta mulher é verdadeiramente a **Mãe de Deus.**

O profeta Isaías predisse que *a Virgem conceberia e daria à luz um filho que seria chamado Emanuel ou Deus conosco* (Is 7, 14).

Qual é este Deus?

---

[117] NE: Em hebraico, o nome de Deus revelado a Moisés é o Tetragrama Sagrado YHWH, que significa Eu Sou; os Judeus não podiam pronunciar o nome de Deus, dizendo, no lugar, *Adonai*, Senhor em português.

Na Septuaginta, tradução grega do Antigo Testamento, a palavra *Adonai* e o Tetragrama foram traduzidos por *Kyrios*; mesma palavra que está na citação e que foi traduzida como Senhor. Ou seja, quando Santa Isabel diz: Mãe de Meu Senhor, literalmente está dizendo, Mãe de Meu Deus.

É necessariamente Aquele que, no dizer do anjo: *é o Filho de Deus.*

É Aquele que, segundo o testemunho de Pedro, não é nem Jeremias, nem Elias, nem qualquer outro profeta; mas sim *o Cristo, o Filho de Deus vivo.*

É Aquele que, conforme a confissão dos demônios é: *o Santo de Deus.*

Tal é o Cristo que Maria deu à luz.

Ela gerou, pois, um Deus-Homem.

Logo, ela é **Mãe de Deus.**

A mulher do Evangelho exclama:

> "Bem-aventurado o ventre que te trouxe e os peitos a que foste amamentado. (Lc 11, 27)"

Estas entranhas e estes peitos não seriam bem-aventurados, se tivessem apenas trazido um homem; só podem sê-lo por terem sido as entranhas que geraram um Deus e os peitos que o alimentaram.

O Filho de Maria sendo Deus, Maria é, pois, **Mãe de Deus.**

DOUTRINA DOS SANTOS PADRES

Tal é a doutrina claramente expressa no Evangelho e sempre seguida na Igreja Católica.

Os Santos Padres, desde os tempos Apostólicos até hoje, ficaram sempre unânimes a este respeito; e seria uma página sublime se pudéssemos reproduzir as numerosas sentenças que eles nos legaram.

Citemos, pelo menos, uns textos dos principais apóstolos tirados de suas Liturgias e transmitidos por escritores dos primeiros séculos.

Santo André diz:

> "Maria é *Mãe de Deus*, resplandecente de tanta pureza, e radiante de tanta beleza, que abaixo de Deus, é impossível imaginar maior, na terra ou no céu."[118]

São João diz:

> "Maria é verdadeira *Mãe de Deus*, pois ela concebeu Deus, gerou um verdadeiro Deus, deu à luz, não um simples homem como as outras mães, mas Deus unido à carne humana."[119]

São Tiago diz:

> "Maria é a Santíssima, a Imaculada, a gloriosíssima *Mãe de Deus*."[120]

São Dionísio Areopagita diz:

> "Maria é feita *Mãe de Deus*, para a salvação dos infelizes."[121]

Orígenes (2º Século) escreve:

---

[118] S. Andréas. Apost. in transitu B. V. apud Amad.

[119] S. João Apost. Ibid.

[120] S. Jacob. Minor. in sua liturgia.

[121] S. Dion. Areop. in revel. S. Brigit. C. 103.

> "Maria é *Mãe de Deus*, unigênito do Rei e Criador de tudo o que existe."[122]

Santo Atanásio diz:

> "Maria é *Mãe de Deus,* completamente intacta e impoluta."[123]

Santo Efrém:

> "Maria é a *Mãe de Deus* sem culpa."[124]

São Jerônimo:

> "Maria é verdadeira *Mãe de Deus*."[125]

Santo Agostinho:

> "Maria é a *Mãe de Deus,* feita pela mão de Deus."[126]

E assim por diante.

Todos os Santos Padres rivalizaram em amor e veneração, proclamando Maria: a Santa e Imaculada Mãe de Deus.

---

[122] Orig. Hom. 1 in divers.

[123] S. Ath. Or. in pur. B. V.

[124] S. Eph. in Thren. B. V.

[125] S. Jeron. in Serm. Ass. B. V.

[126] S. Agost. in orat. ad heress.

Terminemos estas citações, que podíamos prolongar capítulos afora, pela citação do argumento com que São Cirilo refutou Nestório:

> "Maria Santíssima é Mãe de Cristo e **Mãe de Deus,** porque ela concebeu e deu à luz Àquele que, numa única pessoa divina, foi homem e Deus ao mesmo tempo.
>
> No momento de sua concepção não houve senão uma única e mesma pessoa com a natureza divina e humana. O Verbo carne na carne e o homem Deus em Deus.
>
> A carne do Cristo não foi primeiro concebida, depois animada e enfim assumida pelo Verbo; mas no mesmo momento foi concebida unida à alma do Verbo.
>
> Não houve, pois, nenhum intervalo de tempo entre o instante da Conceição da carne que permitiria chamar Maria: Mãe de um homem, e a vinda da majestade divina.
>
> No mesmo instante a carne de Cristo foi concebida e unida à alma e ao Verbo.
>
> É o que fazia dizer a São João Damasceno: *Desde que apareceu, a carne do Verbo divino apareceu animada de razão e dotada de inteligência.*"[127]

Santo Tomás corrobora esta verdade católica com autoridades e razões peremptórias:

> "Como a bem-aventurada Virgem podia ser simplesmente mãe de um homem, visto que o Cristo nunca foi um simples homem; mas

[127] Lib III. Orthod. fid. C. II.

> foi, desde o instante da Conceição do homem, o Deus verdadeiro unido à carne animada?"

Vê-se, por estas citações, que nenhuma dúvida, nenhuma hesitação existe no espírito dos Santos Padres a este respeito.

É uma verdade evangélica, tradicional, universal, que todos admitem e professam.

GRANDEZA DE MARIA

De seu título de Mãe de Deus resulta toda a **grandeza** da Virgem Santíssima.

Tudo o que precedeu a sua Maternidade Divina foi a preparação para esta dignidade; e tudo o que a segue resulta desta dignidade, como de sua fonte inesgotável.

A dignidade de Mãe de Deus, de fato, provém da dignidade de seu Filho.

Ora, a dignidade de Jesus Cristo ultrapassa infinitamente toda dignidade humana ou angélica.

Logo, a dignidade de Maria ultrapassa a dignidade de todas as demais criaturas.

As criaturas nada podem dar a Deus, pois Ele possui tudo e não precisa de nada.

Só a bem-aventurada Virgem lhe deu um corpo que Ele não tinha e de que precisava para realizar a redenção do mundo.

A grandeza de Maria Santíssima é tão alta e tão excelsa, que somos incapazes de compreendê-la a fundo.

Numa frase sintética, o sábio **Cornélio a Lápide**[128] dá uma ideia deste título.

> "Ser Mãe de Deus é ter concebido e dado à luz um Deus.
>
> É ter-lhe dado com a natureza humana, a sua própria substância, seu corpo, sua carne, seu sangue.
>
> É ter sobre Ele os direitos que uma mãe tem sobre o filho e sobre a sua raça.
>
> É vê-lO submisso como um filho, ao ponto que a chama pelo nome de mãe, que a respeita, honra como mãe e lhe obedeça em tudo."

E há tudo isso entre Jesus e sua Mãe.

Tiremos desta verdade fundamental da Maternidade Divina quatro conclusões que são como os **princípios** de todas as grandezas da Mãe de Deus.

Primeiro Princípio:

O sangue puríssimo de Maria que foi a matéria prima do Corpo de Jesus Cristo, assim como o leite que o alimentava, depois de mudados

[128] NE: *Cornélio a Lápide* é realmente o nome dele.

na substância do Salvador, foram unidos hipostaticamente ao Verbo Eterno.[129]

Segundo Princípio:

Em consequência desta relação íntima entre Deus e a Virgem Santa, existe nesta última uma relação real de maternidade, que lhe dá direito sobre todos os bens de seu Filho; uma ligação tão estreita com Deus, Pai Eterno deste mesmo Filho, e uma aliança tão estreita com a augusta Trindade, que só Deus pode compreender a grandeza imensa da Mãe de Deus.

É a opinião de Santo Agostinho:

> "Digo-o sem hesitar, Maria não pode explicar completamente o que ela não pode compreender."

Só Deus pode louvar dignamente uma tal dignidade, diz Santo André de Creta.

Terceiro Princípio:

Após a união hipostática do Verbo, não há união mais transcendente do que a da Maternidade Divina, pois esta graça é de uma espécie toda diferente das outras graças; mais elevada, incomparável, que nunca foi comunicada a outra criatura.

---

[129] Suarez. De Incarn. p. 2 d. 1.

Esta dignidade de Mãe de Deus pertence, de qualquer modo, a *união hipostática,* ligada com ela intrinsecamente e tendo com ela uma união necessária.

De fato, a carne de Cristo, unida hipostaticamente ao Verbo, é, pela sua origem, a carne de Maria.

São Pedro Damião diz muito bem:

> "Deus se acha em todas as coisas de três modos, mas quis estar em Maria de um quarto modo, todo especial: pela *identidade,* pois ele é o mesmo que ela. Faça silêncio toda criatura e trema, ousando apenas contemplar a imensidade de uma tão grande dignidade."[130]

Quarto Princípio:

Qualquer outro estado de criatura é limitado e finito; este da Maternidade Divina, porém, é como infinito, por causa da ligação estreitíssima com uma pessoa puramente infinita.

Diz São Bernardo:

> "Esta união não é união pessoal, porém ela aproxima-se dela tão perto, que parece a Virgem Santíssima estar como perdida na divindade, ficando unida pessoalmente à carne de seu divino Filho, que é formado de sua própria carne."

---

[130] S. Pet. Dam. Serm. de Ann.

Santo Tomás e os demais Escolásticos, com uma rigorosa exatidão, qualificam a maternidade de Maria como *dignidade simplesmente infinita,* ou ainda: *quase infinita.* Suarez a chama:

> "Infinita em sua espécie: *in suo genere infinita.*"

Quinto Princípio:

A Maternidade Divina de Maria é o fundamento de toda a sua glória, por ser a raiz de todas as outras prerrogativas suas.

Desde toda a eternidade, de fato, Maria foi predestinada para esta maternidade; e em consequência desta predestinação, Deus adornou-a de tantas graças, que patenteou nesta obra prima o seu poder sem limites, a sua sabedoria sem medida, a sua bondade sem par, a sua liberalidade sem fundo, a sua caridade, a sua justiça unidas à sua misericórdia infinita.

***

Tais são os cinco princípios que resultam de sua Maternidade Divina e formam o pedestal de toda a sua grandeza tão excelsa que nem os homens, nem os anjos, nem a própria Virgem Santa, podem compreendê-la completamente.

CONCLUSÃO

Que abismo profundo!

Que altura vertiginosa!

Entretanto, não há em tudo isso nenhum esforço de imaginação: é a consequência certa, teológica, de sua inefável prerrogativa de Mãe de Deus.

Maria é Mãe de Deus... É absolutamente certo.

Esta dignidade supera todas as demais dignidades: é o último grau de elevação de uma criatura.

Ora, toda **dignidade** supõe um *direito;* e não há direito, sem que haja um **dever** em outra pessoa.

Se Deus elevou tão alto a sua Mãe, é porque Ele quer que seja por nós honrada, exaltada.

Não estamos bastante convencidos desta verdade.

A causa desta deficiência de convicção é que comparamos a Virgem Santa com as outras mães, e nesta comparação representamo-nos a qualidade de Mãe de Deus como exterior e acidental; enquanto na realidade, ela tem a sua base em seu **próprio ser moral,** donde ela influi em seu **ser físico.**

Maria concebeu o Verbo divino em seu seio, porém esta Conceição foi o **efeito** de uma plenitude de graças e de uma operação do Espírito Santo em sua alma.

Pode-se dizer que uma mãe não se torna mais recomendável, em si, por ter dado à luz um grande homem, pois isto não lhe traz nenhum aumento de virtude ou de perfeição; mas a dignidade de *Mãe de Deus,* em Maria, é a obra de sua santificação, da graça que a eleva acima dos próprios anjos, da graça a que ela foi predestinada, na qual foi conce-

bida: para alcançar este fim sublime de ser Mãe de Deus: É a sua **própria pessoa.**

Diante de uma tal maravilha, única no mundo e no céu, eu pergunto aos pobres protestantes:

Não é lógico, não é necessário, não é imperioso que os homens louvem e exalte àquela que Deus louvou e exaltou acima de todas as criaturas?

O culto de Maria não é um adorno da religião; é uma peça constitutiva, é uma parte integral, tão indissoluvelmente ligado à todas verdades e mistérios evangélicos que, querendo separá-lo do conjunto da doutrina de Jesus Cristo, é, de um só golpe, matar a religião inteira, fazê-la cair, e não compreender mais nada do suave abraço em que Deus vem unir-se às criaturas.

Maria é Mãe de Deus.

Maria de qua natus est Jesus.

Tudo está nesta frase:

É Maria: simples criatura.

É Jesus: Deus eterno.

É a Encarnação *de qua natus est.*

É a **união** indissolúvel que produz *o nascimento,* entre o Filho e a Mãe.

Ó! Em vez de blasfemar, pobres e queridos protestantes, prostrai-vos de joelhos; e a fronte em terra adorai este Deus infinito que se fez ho-

mem no seio desta mulher bendita, que é Maria; e louvai, exaltai esta criatura única que Deus escolheu para fazer dela a sua própria Mãe.

É a grande, a incomparável Obra Prima de Deus. Ele pode fazer mundos mais vastos, um céu mais esplêndido, mas não pode fazer uma mãe maior que a Mãe de Deus![131]

Ali Ele esgotou seu poder.

É a última palavra de seu poder e de seu amor.

Aclamemo-la, pois, e redigamos com confiança a bela invocação que termina a Saudação Angélica:

Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém!

---

[131] S. Bern. Spec. B. V. c. 10.

11. MARIA, MÃE DOS HOMENS!

Eis outro título, que excita o ódio protestante. Eles se intitulam *irmãos de Maria*, mas não querem, de nenhum modo, ser filhos de Maria.

Neste ponto eles são lógicos.

Se Maria Santíssima não é Mãe de Deus, não é tão pouco mãe dos homens.

E mesmo sendo Mãe de Deus, não devia ser mãe de pobres hereges que rejeitam o ensino positivo de Jesus Cristo para aderir às doutrinas contrárias à Sagrada Escritura. Digo: não devia ser, e, entretanto, ela o é.

Ela não é mãe do pecado, nem da heresia que detesta soberanamente; mas é mãe dos pobres pecadores e dos infelizes hereges, que procura reconduzir ao seio da verdade e do amor.

Maria é **Mãe de Deus!** O temos provado no capítulo precedente.

Ela é também **Mãe dos homens:** é o que vamos provar aqui.

Como Mãe de Deus, a Virgem Santa tem a fronte cingida pelo **poder** de seu Filho.

Como Mãe dos homens, ela tem o coração aureolado pelo **amor** e pela misericórdia de Jesus.

É uma das mais suaves verdades do catolicismo.

Nós precisamos tanto de uma Mãe!

São tão infelizes as crianças que perdem a sua mãe: São pobres órfãozinhos.

E é tão triste ser órfão.

Os protestantes são órfãos: Expulsaram a Mãe de seus templos, insultam a Mãe... e pretendem agradar ao Pai.

É o que fazia dizer ao bem-aventurado de Montfort[132]:

> "Se alguém disser que tem Deus por Pai, não tendo Maria por mãe; este é um mentiroso, que não tem outro pai senão Satanás."

Percorramos, com amor e carinho, as fases deste glorioso título: Maria, Mãe dos homens.

COMO MARIA É NOSSA MÃE

Muitas pessoas, mesmo piedosas, não compreendem bem como Maria é nossa mãe, julgando ser apenas um título de confiança e de amor, mas sem base na realidade.

É um erro fundamental.

---

[132] NE: Trata-se de São Luís Maria Grignion de Montfort.

O mesmo raciocínio que nos mostrou a realidade da **Maternidade Divina** da Santíssima Virgem, mostrar-nos-á a realidade de sua **maternidade espiritual.**

Uma destas maternidades é correlativa à outra.

Há em nós a **alma** e o **corpo,** completamente distintos um do outro, e até de uma natureza radicalmente oposta.

O corpo é material, visível, mortal.

A alma é espiritual, invisível, imortal.

Estas duas substâncias: o corpo e a alma, possuem cada uma, uma vida particular, distintas, opostas.

A vida do corpo é uma **vida material,** natural.

A vida da alma é uma **vida espiritual,** sobrenatural.

A vida do corpo chama-se: **vida humana.**

A vida da alma chama-se: **vida divina.**

Convém distinguir bem estas **duas vidas,** para compreender as consequências que resultam destes princípios.

Cada uma destas duas vidas tem uma origem diferente.

A vida do **corpo** provém da **união do corpo e da alma,** de modo que cessando esta união, cessa também a vida do corpo, e o corpo deixa de ser um corpo humano para tornar-se um cadáver.

A morte é a consequência da **separação** do corpo e da alma.

A vida da **alma** provém também de uma união; da união da **alma com Deus,** de modo que, cessando esta união, cessa também a vida da alma, e a alma deixa de ser uma alma divinizada para tornar-se um cadáver, uma alma em estado de pecado mortal.

É a morte sobrenatural!

E esta morte é a consequência da **separação** da alma e de Deus.

O que une a nossa alma a Deus chama-se **graça** e o que separa de Deus chama-se **pecado** mortal.

A nossa alma, pela graça, possui a vida sobrenatural... Sem esta vida sobrenatural, ela está na morte espiritual, ela é um gérmen do inferno.

Quem é que nos dá a vida do corpo?

É o nosso pai e a nossa mãe, ambos, tanto um como o outro. Da união deles dois resulta a transmissão da vida natural.

O mesmo acontece com a vida sobrenatural, a vida da nossa alma.

Esta vida vem de Deus, que é nosso Pai; mas vem também de Maria, que é nossa Mãe.

Vem deles dois, vem da união espiritual de Deus e de Maria Santíssima. Deus é a fonte desta vida sobrenatural.

Maria é o seu canal de transmissão.

Somos, pois, devedores da vida de nossa alma a Jesus e a Maria.

Jesus sendo o nosso Pai, Maria é, pois, a nossa Mãe.

O próprio dos pais é dar a vida.

Jesus nos dá esta vida, como *princípio.*

Maria nos dá esta vida, como *canal.*

Mas ambos, Jesus e Maria, cooperam na vida da nossa alma.

Lê-se na vida de Santa Gertrudes que um dia a Virgem Santíssima lhe apareceu com o semblante a irradiar uma doce majestade.

Era no dia de Natal.

Cantaram o Evangelho no qual é dito que *Maria deu à luz o seu primogênito* (Lc 2, 7).

A Santa começou a meditar sobre esta expressão: *primogênito,* sem compreender porque razão o Evangelista escreveu *primogênito* e não *unigênito;* pois é certo que Maria Santíssima nunca teve outros filhos.

A Virgem Santa lhe respondeu logo: Não, Jesus não é meu filho *unigênito*, mas *primogênito*, pois se Ele é o unigênito na ordem material, Ele não o é na ordem espiritual; eu gerei espiritualmente todos os homens dando a vida a sua alma, de modo que todos são meus filhos, os irmãos de Jesus, os membros vivos de meu Filho Jesus.

A vida da nossa alma é uma vida tão real quanto a vida de nosso corpo, sendo-lhe até muito superior; o é por Maria Santíssima que Deus nos dá esta vida da alma, de modo que ela se torna nossa Mãe mais do que aquela que nos deu a vida do corpo.

Necessidade de uma Mãe na Religião

Um dia uma criancinha, educada sobre os joelhos de uma mãe piedosa, aprendia pela primeira vez a fazer o sinal da cruz.

Terminando a invocação das três pessoas divinas: *Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo,* que vinha repetindo, a criança para de repente e fixando o seu olhar límpido no olhar da sua mãe, pergunta: Mamãe, não há também uma mamãe no céu?

O instinto da piedade cristã falara pelos lábios da criancinha.

Deus lhe deve ter preparado uma resposta.

Esta resposta é: Maria, Mãe dos homens.

Maria é Mãe de Deus: e porque é Mãe de Deus, deve ser a Mãe dos homens.

Sim, lá nas alturas, com a fronte cingida de todas as grandezas... o coração transbordante do amor mais puro e mais desinteressado... a alma radiante de todas as virtudes... o olhar fixo sobre as nossas lutas... a mão sempre estendida para abençoar... o sorriso sempre sobre os lábios... sempre disposta a consolar-nos... Maria, nossa Mãe reina, como reinam as mães, unicamente preocupada com a felicidade de seus filhos... Ela reina na glória, perto de seu Jesus, e como abrandando o luminoso diadema que cinge a fronte do Salvador para nos mostrar o seu Filho primogênito, fazendo como Deus olhar para a terra, e fazendo irradiar a misericórdia, onde deviam reboar os trovões de sua justiça.

Ó! Só um coração de mãe é capaz de fazer isso!

Como Maria vista nesta luz, toda de amor, nos parece grande... e nos aparece terna e carinhosa!

Aqui na terra, a primeira coisa que os olhos do recém-nascido encontram nas brumas de seu primeiro olhar, é o sorriso de sua mãe.

O poeta o disse muito bem:

> "Incipe, parve puer, risum cognoscere matrem."

Se a criancinha tivesse o pleno uso de sua razão, conheceria logo a sua mãe pelo sorriso.

A religião, que tão divinamente corresponde a todas as necessidades e às nobres aspirações do homem, não podia excluir esta relação tão suave e tão profunda.

O homem precisa de uma mãe no céu, como ele a tem na terra.

Uma religião na qual não há uma mãe, não pode ser a religião verdadeira... ela é fria demais... o coração não vibra... ela não se adapta a nossos sentimentos nem satisfaz as nossas aspirações.

É a condenação do protestantismo triste, carrancudo, odiento... Falta-lhes uma mãe... são pobres órfãos!

Deus conhece tão bem as nossas necessidades que no Antigo Testamento Ele se compara ora a um aio[133], ora a uma mãe.

> "Eu, como aio de Efraim, trazia-os em meus braços. (Os 11, 3)"

> "Do mesmo modo que uma mãe acaricia o seu filhinho, assim eu vos consolarei. (Is 66, 13)."

A maternidade, ao mesmo tempo, divina e humana de Maria, nos aparece tal qual uma ponte de misericórdia, que nos permite ir a Deus pelo mesmo caminho pelo qual Ele veio até nós.

Pode-se dizer que, de certo modo, a Virgem Santa envolve a Santíssima Trindade inteira no véu Imaculado de sua Maternidade; e Deus assim revestido da bondade e da ternura desta Mãe única, apresenta-se a nosso olhar, como pai, como mãe, como irmão, como amigo.

> "Porventura, pode uma mulher esquecer-se de seu filhinho e não ter compaixão do filho de suas entranhas? Porém, ainda que ela se esquecesse dele, eu não me esqueceria de ti. (Is 49, 15)"

Deus é pai, é irmão, é amigo, é benfeitor; mas pela sua Santíssima Mãe, Ele se faz mãe.

Deus é mãe, pela Virgem Santa.

Já vimos uma das razões desta maternidade espiritual.

---

[133] NE: Aio é aquele cujas responsabilidades estão relacionadas com a educação doméstica de crianças que fazem parte de uma família nobre ou rica.

Resumamo-las todas em síntese, para mostrar bem claramente que não é simplesmente um título; mas uma realidade, e que em todo o rigor dos termos: Maria é nossa Mãe.

RAZÕES DA MATERNIDADE ESPIRITUAL

Há sobretudo, cinco razões que provam a maternidade espiritual da Virgem Imaculada.

Já desenvolvi a primeira razão no começo deste capítulo; resumamo-la aqui, para termos uma exposição completa.

Primeira Razão:

Primeiramente ninguém é mãe se não dá a vida, pois a maternidade supõe uma comunicação de vida: *Maria é Mãe, e ela é Mãe de Deus, pois dela nasceu Jesus que se chama o Cristo.*

O Evangelho de São Mateus no-lo diz: Ela deu a vida Àquele que é a vida do mundo: *Ego sum... vita!*

Ela é, pois, de modo eminente a Mãe de minha vida, pois que, como diz o apóstolo, minha vida é o Cristo: *Mihi enim vivere Christus est.*

Ora, se o Cristo é minha vida, a mãe desta vida é também minha mãe.

Como se vê, a Escritura fornece dados desta prova, que aliás o simples raciocínio nos revela.

Segunda Razão:

É tirada das palavras de Nosso Senhor.

O Cristo veio a este mundo afim de ser a cabeça do corpo, de que todos os resgatados tornaram-se membros.

E como Ele mesmo o diz: *Ele é o tronco; nós somos os ramos.*

Logo, Maria, Mãe do tronco é também Mãe dos ramos.

Finalmente, diz a este respeito o bem-aventurado Grignion de Montfort que uma mãe não dá à luz à cabeça sem os membros, nem os membros sem a cabeça; também na ordem da graça, a cabeça e os membros nascem de uma mesma mãe.

Maria, Mãe de nossa cabeça, é, portanto, nossa Mãe.

Terceira Razão:

Pode-se dizer que Jesus Cristo, reintegrando a nossa humanidade em sua primitiva dignidade de que o pecado a fizera decair, mereceu-nos mais graças do que havíamos perdido pela queda original, de modo que, segundo a palavra do profeta Isaías:

> "Ele se fez o pai de nossas almas na lei da graça."

Portanto, se Jesus é pai de nossas almas, Maria é sua Mãe: com efeito, dando-nos Jesus, ela nos deu a verdadeira vida.

Quarta Razão:

Nós a encontramos em São Lucas, quando falando do nascimento do Salvador, ele diz:

> "Maria deu à luz o seu Filho primogênito. *Peperit filium suum primogenitum.*"

A palavra *primogênito* não supõe filhos subsequentes segundo a carne, mas havendo filhos espirituais, relaciona-se necessariamente com eles.

Somos, pois, segundo a palavra do Salvador a São João no Calvário ou como Ele disse a Santa Gertrudes, os outros filhos de Maria segundo o Espírito.

É nesta inefável irradiação, nesta mistura divina de poder e humildade, de grandeza, de ternura, de condescendência e de glória, que nos aparece a Virgem Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe, a nova Eva, a herança sagrada que nos deixa Jesus.

Quinta Razão:

Mas é sobretudo no Calvário que aprendemos um modo tão formal quão claro de que Maria é nossa Mãe.

O próprio Salvador confirma solenemente esta maternidade.

Ele a inclui em seu Testamento, ou antes é o seu próprio Testamento que a transmite aos seus filhos:

> "*Mulier, ecce filius tuus. Ecce Mater tua. Et ex illa hora accœpit eam discipulus in sua.* Mulher, eis aí teu filho. Eis tua mãe. (Jo 19, 26-27)"

E desde esta hora, ajunta o Evangelista, o discípulo tomou-a por todo o seu bem.

Tomar Maria como todo o seu bem é desapegar-se de tudo para não se apegar senão a ela, e por ela, encontrar Jesus, o fruto de seu seio virginal.

A Tríplice Filiação

Há outro raciocínio que nos permite estabelecer a maternidade espiritual da Virgem Maria, tomando por base as diferentes espécies de paternidades e de filiação que existem entre os homens.

O apóstolo São João diz:

> "Considerai que amor nos mostrou o Pai Eterno, em querer que sejamos chamados filhos de Deus, e que o sejamos, na realidade... Caríssimos, agora somos filhos de Deus; mas não se manifestou ainda o que seremos um dia. (1Jo 3, 1-2)
>
> *Ut filii Dei nominemur et simus.*"

O apóstolo exprime claramente que há uma filiação de **nome** e outra de **realidade,** de modo que há necessariamente diversas espécies de filiação, vários graus na paternidade e na maternidade.

Isto existe na ordem natural, e este fato nos ajudará a melhor compreender a ordem sobrenatural.

Há três espécies de paternidades e maternidades.

Há a paternidade de adoção, de aliança e de nascimento.

Em outros termos, alguém pode ser pai ou mãe por adoção, por aliança ou por geração.

No rigor do termo, chama-se pai e mãe aqueles de quem se recebe a vida; entretanto estas duas outras paternidades não deixam de ter um verdadeiro caráter de paternidade ou de maternidade; pois, se não

dão a vida propriamente dita, dão entretanto o que é como uma parte desta vida: o nome, os bens, a condição.

Deus nos gerou verdadeiramente à vida sobrenatural, tornando-nos participantes de sua natureza, de sua própria substância, dando-nos o seu Espírito que habita substancialmente em nós, sendo Ele em nós um princípio de vida.

Vós vos tornais participantes da natureza divina, diz São Pedro (2Pd 1, 4).

Sois o templo de Deus e o Espírito Santo habita em vós, ajunta São Paulo (1Cor 3, 16).

E este Espírito é um Espírito vivificador, completa o símbolo de Niceia. *Spiritum vivificantem.*

Aqueles que são conduzidos pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus... vós recebeste o espírito de adoção de filhos, diz ainda o apóstolo (Rm 8, 14-15).

A Sagrada Escritura repete a miúdo esta sublime verdade:

> "Vós nascestes de Deus... Tudo o que nasce de Deus...
>
> Ele nos gerou pelo Verbo da Verdade... Para que sejamos chamados e sejamos filhos de Deus."

Sem dúvida esta geração está infinitamente abaixo daquela pela qual Deus produz o seu Verbo Eterno, pois Ele lhe dá, não uma participação à natureza divina, mas sim a própria natureza divina.

A nossa geração de Deus é uma participação da geração do Verbo Eterno, mas é uma verdadeira geração, uma produção de vida que

torna literalmente verdadeira a palavra de que somos nascidos de Deus. *Ex Deo nati sunt.*

Deus, pois, é nosso Pai, e isso não somente por adoção, nem por aliança, mas por **geração.**

Deus tem apenas um filho por *natureza,* mas tem uma multidão de filhos por *adoção,* e mais do que por adoção.

De fato, por uma maravilha de seu amor e de seu poder, Deus achou o segredo de juntar, de identificar estas três filiações numa **filiação única.**

Na ordem natural, estas três filiações não podem existir numa mesma pessoa, pois ninguém pode ser ao mesmo tempo filho de adoção, de aliança e de nascimento.

Mas na ordem sobrenatural, temos as vantagens destas três filiações.

A vantagem da filiação de nascimento consiste em fazer-nos participar da natureza divina pela habitação substancial de Deus em nós, pela graça.

A vantagem da filiação de aliança consiste na comunicação dos méritos, direitos e prerrogativas do *primogênito* da família humana.

A vantagem da filiação de adoção consiste em sermos da parte de Deus o objeto de um amor gratuito, que nos eleva até Ele, apesar da baixeza de nossa condição natural, fazendo-nos seus herdeiros e coerdeiros de Jesus Cristo.

Tríplice Maternidade de Maria

Convinha lembrar, de passagem, a nossa tríplice filiação divina, para melhor compreender a **maternidade** espiritual de Maria Santíssima a nosso respeito.

Podemos, de fato, aplicar à Virgem Imaculada tudo o que acabo de dizer de Deus.

O que Deus é por *natureza,* Maria o é por *participação*. Maria é nossa Mãe na ordem da graça e para a vida sobrenatural nos três graus que acabamos de ver falando de Deus como Pai.

Nós somos, pois, seus filhos por **adoção,** por **aliança** e enfim, verdadeiramente por **nascimento.**

A **adoção,** dizem os juristas e os teólogos, é a assunção gratuita (assunção é o ato pelo qual se toma e eleva a si) de uma pessoa estranha, para que se torne filha ou herdeira.

Maria é Mãe de Deus; nós somos pobres pecadores: como tais somos como estranhos para Maria Santíssima. Ela nos toma e nos eleva, fazendo-nos filhos e herdeiros; filhos de Deus e de Maria, herdeiros do reino de seu Filho.

E como Maria nos adotou?

Pelo seu consentimento à paixão e à morte do Salvador; consentimento completamente gratuito de sua parte, pois ela entregou o seu Filho à morte para nossa Salvação.

Somos, pois, verdadeiramente **filhos adotivos** de Maria.

Somos também seus filhos por **aliança,** no sentido que as nossas almas são esposas de seu Filho.

Tal aliança entre a alma e Jesus Cristo, embora toda espiritual, é, entretanto, mais íntima e mais perfeita do que a aliança que existe na ordem natural entre o esposo e a esposa.

Entre o Verbo Encarnado e a alma há uma comunicação de bens, de títulos e de direitos, incomparavelmente maior do que entre os esposos nas alianças humanas.

Donde se segue que a Mãe de Jesus, pela aliança de nossas almas com o seu Filho, torna-se mais a nossa mãe do que na ordem natural.

E como se realiza esta maternidade de aliança?

Pelo consentimento a esta maternidade.

É uma lei na ordem natural que o filho não contraia aliança com uma esposa sem o consentimento da mãe.

Tal lei é lógica por causa das consequências do matrimônio em relação com a própria mãe, devendo-se ela tornar-se a mãe daquela que faz *um* só com o seu filho.

Tal lei, fundada na natureza das coisas naturais, deve existir igualmente para a aliança sobrenatural.

Jesus não devia contrair com as almas uma aliança, aliás, tão desproporcionada e que devia causar-lhe a morte, sem o consentimento da sua Mãe.

É por este consentimento que ela nos adotou como filhos, unindo ao mesmo tempo as nossas almas a seu divino Filho.

É deste modo que nós somos os filhos de Maria, por **adoção** e por **aliança.**

Seria já bastante, sem dúvida, para podermos proclamar Maria Santíssima a nossa Mãe.

Mas não bastaria, num sentido perfeito, se não fôssemos seus filhos por **nascimento.** É este terceiro e supremo grau que forma a filiação perfeita e propriamente dita.

A filiação perfeita, de fato, exige que haja *recepção de vida;* o que não acontece rigorosamente na adoção e na aliança.

Ora, já provei no primeiro parágrafo deste capítulo que nós nascemos espiritualmente de Maria Santíssima.

Não somente a Virgem Imaculada uniu as nossas almas à alma de seu Filho como esposas, mas ela gerou realmente à vida sobrenatural.

Deste modo somos seus filhos no grau mais elevado naquele que constitui a filiação perfeita e propriamente dita.

São Bernardino de Sena exclama com todo o rigor teológico:

> "Ó povo resgatado, aplaudi a vida que vos é dada pela Virgem Santíssima... Por meio de uma mulher (Eva) a morte entrou neste mundo, e por meio de outra mulher (Maria) nos chegou a vida... Mãe da divina graça... ela nos carregou todos em suas entranhas, como uma verdadeira mãe carrega os seus filhos."

É um pensamento que se encontra em muitos Santos Padres dos primeiros séculos, que houve em Maria uma dupla geração: uma que se fez na alegria, dando à luz o seu **Filho divino;** outra que se fez em dores indizíveis, gerando-nos ao pé da cruz a nós, seus **filhos espirituais.**

Ela nos deu à luz da graça, à luz da vida divina. Tendo recebido dela a vida, nós somos os seus filhos, não somente de *adoção* e de *aliança;* mas de **nascimento.**

Encarnação e Redenção

O assunto que tratamos é belo demais para deixá-lo incompleto, tanto mais que há certos pontos de vista que raramente são tratados com certa extensão nos livros de piedade.

O fato da maternidade de Maria Santíssima, sobretudo, é muitas vezes tratado muito superficialmente, limitando-se às palavras de Jesus Cristo na Cruz: *Eis a vossa Mãe!*

Tais palavras não são a instituição da maternidade espiritual da Virgem Santa, mas sim a **confirmação** de um fato já existente.

Para provar esta instituição é preciso considerar não só a morte do Salvador, mas a Encarnação e a Redenção em suas duas fases distintas.

O Filho de Deus **se fez homem:** é a primeira fase ou a Encarnação.

Ele se fez homem para resgatar e **salvar os homens:** é a segunda fase ou a Redenção.

Há deste modo, duas coisas distintas na Encarnação: a Encarnação como tal e a Encarnação em vista da salvação dos homens.

Digo que são duas coisas distintas e até separáveis, num sentido absoluto.

Falando de modo absoluto, de fato, o Filho de Deus podia-se ter feito homem sem intenção de resgatar a humanidade, mas unicamente para que houvesse um *Homem-Deus*.

Tal é, aliás, a bela doutrina de Duns Escoto, que pensa que mesmo se Adão e Eva não tivessem pecado, o Verbo divino ter-se-ia encarnado, para deste modo, elevar a criação e aproximá-la de Deus; unindo a natureza humana à natureza divina na única pessoa divina de Jesus Cristo.

No que diz respeito à Virgem Santíssima, a Encarnação lhe foi proposta para que nela consentisse; porém ela lhe é proposta tal qual deve efetuar-se, isso é, em **vista da redenção** dos homens.

Maria consente na Encarnação em toda a extensão em que ela lhe é proposta.

Há, pois, na realidade, no consentimento que ela dá, um duplo consentimento: o consentimento à **Encarnação** limitando-se à sua pessoa; e o consentimento à Encarnação, efetuado em vista da **Redenção,** incluindo já em princípio o **sacrifício,** pelo qual a redenção seria realizada.

São dois consentimentos distintos, embora unidos; mas falando de modo absoluto, até separáveis.

Se o Filho de Deus se tivesse simplesmente feito homem sem a intenção de salvar a humanidade, ou ainda se, fazendo-se homem com a intenção de salvar o mundo Ele tivesse escondido este fim à sua Mãe; Maria não teria tido necessidade de consentir à Redenção, mas simplesmente à Encarnação.

Ora, o primeiro destes dois consentimentos nada produziria, pelo menos diretamente em relação conosco.

Maria consentiria simplesmente em ser *Mãe de Deus*, permitindo ao Filho de Deus, o encarnar-se em seu seio virginal.

Este primeiro consentimento nada lhe teria custado, pois não incluía a aceitação de nenhum sacrifício, de nenhuma imolação; mas simplesmente a aceitação de uma dignidade e de uma glória.

O consentimento à segunda proposta é todo diferente.

Por ele, a Virgem Santa recebe em suas entranhas o Filho de Deus como devendo ser o redentor dos homens, pela sua paixão e morte.

E recebendo-o por este título, em suas puras entranhas corporais, ela recebe em suas entranhas de coração a paixão e a morte do Salvador como princípio e gérmen da vida sobrenatural nas almas.

E não é só isto, vejamos bem as consequências deste princípio: Recebendo o Salvador, como agente da salvação, ela recebe conjuntamente todas as almas que devem ser vivificadas pela Redenção.

A morte do Redentor é, pois, depositada em seu coração como um **princípio** de vida sobrenatural, para dar seu fruto de salvação na hora marcada para cada alma.

Ora, que é isto senão uma verdadeira **Concepção** de todas as almas à vida sobrenatural?

Concepção espiritual, é certo, mas que por isso não menos que a concepção natural, uma concepção verdadeira e perfeita; e tanto mais perfeita, quanto a vida sobrenatural sobrepuja a vida natural.

Devemos, pois, concluir que Maria Santíssima nos carregou em suas entranhas e nos deu à luz da vida sobrenatural.

Nós nascemos dela espiritualmente.

Ela é, pois, a nossa Mãe... a nossa Mãe verdadeira, pois aquela que dá a vida é mãe.

E nós somos os seus filhos, seus verdadeiros filhos.

O Ensino dos Santos

Elucidemos esta consoladora doutrina que prova que Maria Santíssima é verdadeiramente *a Mãe dos homens* por umas citações dos Santos Doutores da Igreja, ciosos de dar à Mãe de Jesus títulos que adornam a sua coroa imortal, sem nenhum exagero e sem nenhuma exaltação.

Há apenas a dificuldade da escolha, pois todos eles são unânimes em proclamar a Mãe de Deus como Mãe dos homens.

Eis aqui uma passagem de Santo Antonino, escrita há 15 séculos, que se diria pronunciada por qualquer um de nossos Santos mais devotos da Virgem Imaculada em nossos tempos:

"A Mãe de misericórdia foi estabelecida cooperadora de nosso Redentor e Mãe de nosso nascimento espiritual.

É desta dupla concepção da Virgem que é dito pelo profeta:

Antes que tivesse dor do parto deu à luz; antes que chegasse o tempo do parto, deu à luz um filho varão.

Quem jamais ouviu tal?

Quem viu coisa semelhante a esta?

Produzirá, por ventura, a terra o seu fruto num só dia?

Ou nasce ao mesmo tempo uma nação inteira? (Is 66, 7-8)

A Virgem Santíssima deu à luz, sem dor, primeiro o seu Filho **primogênito,** *que ela enfaixou em paninhos e reclinou numa manjedoura* (Lc 2, 7); depois ela deu à luz, ao pé da cruz, no meio das dores angustiosas que partilhava de seu Filho, uma **multidão** de filhos, *todos aqueles que foram resgatados pelo Senhor* (Sl 106 (107), 2).

Maria os deu todos à luz, todos ao mesmo tempo, neste sentido, que é num único ato e num único instante, que ela deu o que é para todos a *causa da vida.*

Ela não os deu à luz todos de uma vez, no sentido da aplicação que é feita às almas dos frutos da paixão; aplicação que produz, em realidade, a vida em cada alma, o que se faz no decurso do tempo.

Quem jamais ouviu falar de uma alegria tão grande, como a do primeiro parto?

> Mas, quem já viu uma dor tão profunda, como a do segundo parto?"[134]

Como se vê, o Santo Doutor aplica ao duplo parto da Virgem Santa as palavras do profeta Isaías, dando como uma maravilha inaudita o haver um parto antes da dor do parto.

Notemos bem que a maravilha não consiste nos dois partos sucessivos, pois isto se faz diariamente na ordem natural; mas no fato de o primeiro parto ser tão diferente do segundo pela qualidade das **pessoas** e pela natureza das **vidas** que são o seu termo, sendo o primeiro parto uma causa de alegria, e o segundo uma causa de dor.

O **objeto** dos dois partos, que se efetuam em tempo diferente, compõe-se de duas partes de um **único todo:** a cabeça e os membros, o Cristo em sua *plenitude* e em seu *desenvolvimento,* o Verbo encarnado e o seu corpo que é a Igreja.

Deste modo a maternidade da Virgem Santa, embora tenha por objeto o Filho de Deus e os homens, não tem em realidade senão um **único objeto,** que é Cristo; mas Cristo inteiro, o Cristo propriamente dito e o seu corpo místico.

Após esta passagem expressiva e luminosa de Santo Antonino, citemos em síntese umas outas sentenças dos Santos Padres, que resumimos o mais possível.

---

[134] Bibl. Virg. Tom. II. p. 517.

Santo Agostinho diz:

> "Maria é a Mãe dos membros de Cristo, que somos nós, porque ela cooperou, pelo seu amor, a fazer nascer os fiéis na Igreja cuja cabeça é o Cristo."[135]

São Pedro Crisólogo:

> "Maria é verdadeiramente a Mãe dos vivos, pela graça."[136]

Santo Ambrósio:

> "Maria é a Mãe dos fiéis, porque deu à luz o Cristo, que é o irmão dos fiéis."[137]

Santo Anselmo:

> "Maria é a Mãe de todos que creem em Deus."[138]

São Ricardo de São Lourenço:

> "Maria é a Mãe dos Justos, porque ela os alimenta e os adota como filhos."[139]

Santo Alberto Magno:

---

[135] S. Agost. De Sanct. Virg. C. 5.

[136] Serm. 140.

[137] In fest. Purif.

[138] In orat. B. V.

[139] De laud. Virg. I. 13.

> "Maria é a Mãe de todos os bons, pela bondade da graça e da glória."[140]

Santa Brígida:

> "Maria é a Mãe de todos os pecadores que desejem emendar-se e tenham a vontade de não pecar mais."[141]

Venerável Gerson:

> "Maria é nossa Mãe, pela nossa geração após a de seu Filho."[142]

São Lourenço Justiniano:

> "Maria é a Mãe comum de todos os que devem salvar-se. Maria é a Mãe de todos os homens."[143]

São Bernardino de Sena:

> "Maria é a Mãe dos eleitos, pelo seu amor."[144]

Santo Antonino:

> "Maria é nossa Mãe querida. Maria, nossa Mãe, pela dignidade e pela honra.

---

[140] Sup. Missus est. C. 182.

[141] Revel. C. 138.

[142] Tr. 5. Sup. Magnificat.

[143] Serm. de purif. B. V.

[144] Serm. 55.

> Nossa Mãe, pelo seu imenso amor.
>
> Nossa Mãe, desde o começo.
>
> Nossa Mãe, para nos curar.
>
> Nossa Mãe espiritual, que vivifica àqueles que a nossa primeira mãe tinha matado.
>
> Maria, Mãe de todos, porque é Mãe do Deus, que é pai e Criador de todos.
>
> Maria, Mãe de todos, porque ela gerou a todos pelo afeto de sua dileção e os deu à luz, pelo sofrimento e pelas dores, na Paixão de seu Filho."[145]

Terminemos estas citações, que se podiam multiplicar por milhares, com uma passagem de São Boaventura:

> "Pensais vós que a Virgem, que é de um modo singular a Mãe do Salvador, não seja também a Mãe comum de todos os fiéis?
>
> A verdade nos ensina que Maria teve dois filhos: o primeiro **Deus e homem** ao mesmo tempo; o segundo, um **simples homem.**
>
> Do primeiro ela é Mãe por natureza; do segundo ela é Mãe espiritual."[146]

---

[145] In Summa pars. IV. 15. C. 2.

[146] In spec. C. VIII.

Quando Deus deu o ser ao primeiro homem, Ele o deu ao mesmo tempo à multidão sem número de seus descendentes.

Assim aconteceu com Maria. Dando à luz o Filho de Deus, ela deu à luz à multidão de fiéis, chamados a viverem da vida de Jesus.

CONCLUSÃO

Belas e consoladoras verdades passaram diante de nosso espírito neste capítulo.

Maria é nossa Mãe querida!

E dando-lhe este título, não anunciamos simplesmente um termo de ternura, de piedade, de glorificação; mas sim a expressão de uma **realidade,** de uma verdade certa, inegável, que toda pessoa de bom senso deve admitir, no mesmo grau que admite que a sua progenitora é realmente sua mãe.

Como é que os infelizes protestantes chegaram a oprimir o seu próprio coração, não querendo que a Mãe de Deus seja também a sua Mãe?

É um mistério... mas um mistério das trevas... talvez irrefletido da parte de muitos, mas de um ódio tradicional à Santa Igreja de Deus.

O protestantismo é essencialmente a **negação** do ensino da Igreja Católica, e como a Igreja, desde os apóstolos até hoje, honra e venera a Imaculada Mãe de Jesus proclamando-a: a Mãe carinhosa dos homens, o protestantismo protesta e não aceita um título e uma digni-

dade; embora sejam inteiramente evangélicos, professados pelo catolicismo.

E eis o infeliz protestante a negar que Maria Santíssima é *Mãe de Deus*, embora esteja em plenas letras no Evangelho. E não satisfeito em tirar da fronte da Mãe de Jesus o diadema com que a cingiu o Eterno, o infeliz protestante arranca de seu próprio coração o amor filial que deve à sua Mãe, não lhe querendo dar o seu amor, porque a Igreja Católica a ama e a invoca.

Pobres infelizes, se refletissem um instante com calma e sem preconceitos sobre o que aqui temos exposto, eles deveriam reconhecer, pelo simples bom senso, que nós precisamos de uma Mãe, que precisamos não somente da luz do Evangelho para o nosso espírito; mas de um pouco deste amor que o Evangelho nos anuncia, do qual Jesus Cristo é a fonte inesgotável, mas cujo canal é a Virgem Imaculada.

Pobres infelizes, deixai de blasfemar... deixai os preconceitos... deixai o ódio e lembrai-vos que é impossível que esta Igreja Católica, tão odiada por vós, esteja no erro, na idolatria.

É impossível, digo, pois ela é a Igreja universal, a Igreja de Cristo, construída sobre Pedro, com a promessa de nunca desfalecer em seu ensino.

Escutai estes milhares de homens extraordinários em virtudes e em obras, que nós chamamos de Santos, e todos eles, unânimes, sem uma voz discordante, proclamam *Maria, nossa Mãe, nossa esperança, nossa vida.*

Ó sim, no meio das misérias desta vida, olhemos para Maria e lembremo-nos do nosso título de filhos desta Mãe gloriosa.

Invoquemo-la como nossa Mãe querida; tenhamos nela a mesma confiança que um filho tem em sua mãe, e experimentaremos como é bom, como é doce ser guiado pela mão carinhosa de uma Mãe.

A vida é tão triste... o exílio é tão prolongado, o sofrimento é tão intenso neste mundo, que seria bárbaro, cruel da parte de Deus, se não nos desse uma Mãe, para consolar-nos, enxugar as nossas lágrimas, tomar-nos em seu braços e apontar-nos a pátria celeste.

Precisamos de uma Mãe...

Deus nos deu esta Mãe na pessoa de Maria Santíssima.

Amemo-la com todas as forças de nossa alma... um pouco como Jesus a amava durante a sua vida mortal, e como continua a amá-la na eternidade. Em sua vida terrena Ele fez dela a sua Mãe; no céu Ele a fez Rainha de glória, e na terra Ele a nomeou: Rainha de misericórdia.

12. AS BODAS DE CANÁ

Como corolário das duas sublimes dignidades de Maria Santíssima que acabamos de analisar: a de *Mãe de Deus* e a de *Mãe dos homens*, devemos contemplar uns instantes uma cena encantadora do Evangelho, na qual estas duas prerrogativas destacam-se com admirável cintilação: É a cena das *Bodas de Caná*.

Os nossos amigos protestantes compreendendo o alcance desta página evangélica em honra e glória da Mãe de Jesus, concentraram sobre ela os seus golpes heréticos, procurando diminuir o seu brilho e até, o seu ódio chegou a este ponto, fazer reverter contra a Mãe de Jesus o que é uma das pérolas mais brilhantes de sua coroa.

É coisa triste a confessar, vários tradutores do Evangelho em língua vernácula deixaram arrastar-se pela corrente protestante e adotaram uma versão que não é absolutamente errônea, é certo; mas que não traduz nem as palavras, nem o gesto, nem o pensamento do divino Mestre.

É preciso dizer logo para os protestantes o saberem, que cada um pode traduzir a Bíblia e pode publicar esta tradução, desde que é revestida da autorização da autoridade eclesiástica. O único texto sagrado, reconhecido autêntico, é o texto latino da Vulgata.

Tal autorização eclesiástica, entretanto, não declara a autenticidade da tradução, mas simplesmente que não contém erros de doutrina.

Bem compreendido isso, desculpar-me-á o leitor de perscrutar outros textos paralelos, para elucidação da dificuldade que suscita a passa-

gem da cena de Caná, e pulverizar as objeções dos protestantes contra o poder de intercessão da Santíssima Virgem que aí tão cintilante se apresenta.

O TEXTO DO EVANGELHO

Comecemos pela citação do texto evangélico, de uma beleza sem par e de uma simplicidade encantadora.

Depois de narrar o encontro de Jesus com seus cinco primeiros discípulos: André, Simão Pedro, Filipe e Natanael e mais um outro, o Evangelista continua:

> "Evangelho Segundo São João. Capítulo 2.
>
> 1 Três dias depois, celebraram-se umas bodas em Caná da Galileia: encontrava-se lá a mãe de Jesus.
>
> 2 E foi também convidado Jesus com seus discípulos para as bodas.
>
> 3 E faltando o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Não tem vinho.
>
> 4 E Jesus disse-lhe: **Deixe estar, Senhora, cuidarei disso, embora não tenha chegado a minha hora.**
>
> 5 Disse sua mãe aos que serviam: Fazei tudo o que ele vos disser.
>
> 6 Ora, estavam ali seis talhas de pedra, preparadas para a purificação judaica, que levavam cada uma duas ou três medidas.
>
> 7 Disse-lhe Jesus: Enchei as talhas de água. E encheram-na até em cima.

> 8 Então disse-lhes Jesus: Tirai agora, e levai ao arquitriclino[147]. E eles levaram.
>
> 9 E o arquitriclino, logo que provou a água convertida em vinho, como não sabia donde lhe viera *(este vinho)*, ainda que o sabiam os serventes porque tinham tirado a água, o arquitriclino chamou o esposo.
>
> 10 E disse-lhe: Todo homem apresenta primeiro o bom vinho: e quando já (*os convidados*) tem bebido bem, então lhes apresenta o inferior: tu ao contrário tiveste o bom vinho guardado até agora.
>
> 11 Por este modo deu Jesus princípio aos *(seus)* milagres em Caná da Galileia, e manifestou a sua glória, e os seus discípulos creram nele.
>
> 12 Depois disto foi para Cafarnaum, ele e sua mãe, e seus irmãos, e seus discípulos, mas não se demoraram ali muitos dias."

Tal é a narração em sua encantadora simplicidade.

É uma palavra escrita... Tal palavra tem uma grande vantagem: *é a firmeza;* tem também um grande inconveniente: *a sua frieza* congelada.

As palavras no papel têm o valor que possuem nas colunas de um dicionário.

Na conversa falada, entre pessoas, que se compreendem sobretudo, as palavras são matizadas, graduadas pelo acento, o olhar, o gesto, o sorriso.

---

[147] NE: Arquitriclino é o chefe dos que serviam à mesa.

Por falta de acento, que não podemos restituir, devemos servir-nos do contexto e das circunstâncias de pormenores para interpretar a palavra evangélica.

O texto citado é o da tradução corrente, afora o versículo quatro que traduzi, a meu modo, mas apoiado sobre autoridades e fatos históricos que aqui quero explicar.

O texto latino deste versículo é:

> *"Quid mihi et tibi, mulier?"*

O texto grego diz:

> *"Ti emoi kai soi, juvai"*

A tradução de Padre Mattos Soares diz:

> "Mulher, que nos importa a mim e a ti isso?"

E esta tradução é a melhor entre as aceitáveis.

Outros traduzem:

> "Que há entre mim e ti, mulher?"

Donde provem estas variantes? Esta espécie de desacordo sobre um texto que é, entretanto, de primeira importância?

Vale a pena examinar a questão para melhor repelir a objeção protestante, que teve tanto melhor aceitação quanto mais dissenção houve entre os católicos sobre a significação certa desta passagem.

A Origem de um Mal Entendido

Não é um erro, é um simples mal-entendido, mas cujas consequências prejudicam ao culto da Mãe de Jesus.

A maior parte dos tradutores que adotam a versão: *Que há entre mim e ti,* apoiam-se sobre Santo Agostinho.

Este Santo tinha de combater a heresia monstruosa dos maniqueus, cujo erro fundamental consistia em ensinar que a matéria era obra do demônio, como o espírito era obra de Deus.

Querendo provar que Jesus Cristo tinha tomado, não um corpo verdadeiro, mas um corpo aéreo e celeste, estes hereges se aproveitaram deste texto de Jesus à sua Mãe, nas Bodas de Caná: *Que há entre mim e ti,* que traduziam: *Que há de comum entre mim e ti;* como se Jesus quisesse dizer que o seu corpo não era da mesma natureza que o nosso, e que, por isso, não tinha tido Mãe, segundo a sua humanidade.

Santo Agostinho, para precaver os fiéis contra esta heresia, estende-se longamente em provar que Jesus Cristo era verdadeiro Deus e verdadeiro homem, e que Maria Santíssima deu somente à luz a humanidade do Salvador; e que, em consequência, falando como Deus, Ele devia dizer que, como tal, não tinha Mãe, nem *nada de comum com Maria.*

Raciocinando deste modo, Santo Agostinho não pretendia excluir as outras interpretações desta palavra, mas a sua intenção era de responder aos hereges, que abusavam do texto em questão. *Quantum arbitror,* conclui o Santo, *responsum est heretics.*

Quem está um tanto acostumado à leitura dos Santos Padres, sabe que, no intuito de prevenir os fiéis contra a heresia, eles davam frequentemente à Sagrada Escritura um sentido acomodatício, sem pretender dar a significação própria da citação.

Bossuet, grande admirador de Santo Agostinho, não quis adotar este sentido e traduz:

> "*Que nos importa, a vós e a mim?*"

É o que fazem diversos outros intérpretes, entre eles Dionísio, o Cartucho, que acusa de ser bastante obscura a tradução de Santo Agostinho.[148]

O venerável Olier apresenta uma outra interpretação que me parece aproximar-se mais da verdade:

> "*Vós e eu, que podemos nós fazer?* Que poder temos nós sobre isso?"

Ou ainda:

> "*Que poder há em mim que não esteja também em vós?* Que há em mim que eu possa fazer para vós, que não faço? Porém, não chegou ainda a minha hora.
>
> É como se disse à Santíssima Virgem: nem vós, nem eu como homem, não podemos dar, nem operar, por nós mesmos, o bem que quereis que eu faça. Tudo vem de Deus Pai, que quer fazer tudo por nosso intermédio, como pelos órgãos e as raízes, que devem haurir

[148] Dion. Cart. In Evang. C.II.A.7.

> nele a sua seiva e a vida. Vós nada podeis, senão por mim, e eu tenho as mãos ligadas, até que chegue o momento marcado por meu Pai."[149]

São João Crisóstomo traduz a mesma passagem:

> "Que nos importa, a vós e a mim, se aos convivas falta o vinho?"

Dionísio, o Cartucho, prefere ainda outra tradução:

> "Não cabe nem a vós, nem a mim zelar por estas coisas."

Vê-se, por estas citações, que sempre houve um certo desacordo sobre o sentido óbvio e exato desta passagem. É a razão que levou os protestantes a adaptarem-na a seu sentido, mudando-a numa expressão insultuosa dizendo: *Mulher, que tenho eu contigo?* Expressão que é sensivelmente injuriosa e indigna de Jesus, como Deus e como Filho de Maria.

TEXTOS PARALELOS

Chamam-se textos paralelos as expressões usadas na Bíblia, e cuja significação é mais ou menos idêntica em diversos lugares.

A expressão latina: *Quid mihi et tibi,* ou a grega: *Ti emoi kai soi* é uma expressão usada na Sagrada Escritura.

---

[149] Olier Mem. t. 5.

Procuremos uma destas passagens para examinar qual é o sentido geral que os Escritores Sacros lhes atribuem:

1. Em Josué, capítulo 22, versículo 24, lemos:

> "O pensamento e desígnio que tivemos foi porque poderá acontecer que um dia digam os vossos filhos aos nossos: Que tendes vós com o Senhor, Deus de Israel? *Quid robis et Domino Israel?*"

Este texto exprime uma relação de amizade e de participação entre os filhos de Rubem e de Israel.

O sentido é claro: queremos ser unidos, agir de acordo, mas receamos uma desunião da parte de vossos filhos.

2. No livro dos Juízes encontramos a mesma expressão (Jz 11, 12):

> "Jefté, enviou embaixadores ao rei dos filhos de Amon, para que lhe dissessem da sua parte: *Quid mihi et tibi est.* Que tens tu comigo, que vieste contra mim para devastar o meu país."

Há uma variante nesta passagem, que exprime, entretanto, amizade e união; mas ajunta uma queixa de o outro querer romper a união existente.

3. O rei Davi, fugindo diante de Absalão, encontra no caminho Semei que o insulta e amaldiçoa.

Então Abisai quer vingar o seu rei, matando o insultador, mas Davi se opõe, respondendo-lhe:

> "*Quid mihi et tibi est?* Que importa a mim a vós, filho de Sárvia. Deixai que me amaldiçoe, conforme a permissão do Senhor. (2Sm 16, 10)"

O sentido desta passagem tem apenas uma pequena variante, exprimindo de novo uma relação de amizade e de ação combinada. Esta passagem tem muita semelhança com o texto das Bodas de Caná.

4. O profeta Elias na casa da viúva de Sarepta está diante do cadáver do filho desta última: A mãe desolada, dirigindo-se ao profeta lhe diz: *Quid tibi et mihi est:* que te fiz eu, ó homem de Deus?

De novo tal expressão indica a confiança completa da viúva no profeta e contém já implicitamente um pedido, uma súplica, que é logo atendida:

> "Que te fiz eu, ó homem de Deus? Por ventura vieste à minha casa para excitares em mim a memória de meus pecados e matares meu filho? (1Rs 17, 18)"

E Elias disse-lhe:

> "Dá-me o teu filho. E tomou-o em seu regaço e ressuscitou-o. (1Rs 17, 19)"

Esta passagem é uma destas que mais se parecem com a cena de Caná. A mesma expressão da parte da suplicante, e o mesmo gesto da parte do suplicado.

Há um paralelismo perfeito entre os dois passos.

5. No segundo livro dos Reis há outra expressão semelhante, porém, desta vez mais discordante no sentido.

   O rei de Israel foi consultar o profeta Elizeu. Este respondeu-lhe:

   > "*Quid mihi et tibi est*. Que tenho eu contigo? Vai ter com os profetas de teu pai e de tua mãe.
   >
   > E o rei de Israel disse-lhe: Porque juntou o Senhor estes três reis para os entregar nas mãos de Moab?
   >
   > E Elizeu respondeu-lhe: Viva o Senhor dos Exércitos, em cuja presença estou, se não fosse por respeito à pessoa de Josafá, rei de Judá, eu sem dúvida não te atenderia. (2Rs 3, 13)"

   Esta passagem, conservando sempre o sentido de união, exprime aqui uma repulsa; porque o pedido é feito por um rei perverso que não merece resposta. Entretanto, em consideração do piedoso Josafá, o profeta atende ao pedido e o milagre se realiza.

6. Mais outra passagem do livro dos Paralipômenos (Crônicas), palavra grega que significa *coisas omitidas*. É uma espécie de suplemento aos livros dos Reis (2Cr 35, 21).

   O piedoso rei Josias indo ao encontro de Necao, rei do Egito, para impedir que este tomasse as terras de Carcames, este mandou-lhe seus mensageiros dizerem-lhe:

   > "*Quid mihi et tibi est, rex Judá?* Porque te embaraças tu comigo, ó rei de Judá? Não venho contra ti hoje, mas contra ou-

> tra casa, contra a qual me mandou Deus que marchasse a toda pressa."

O sentido é de novo a expressão de amizade e de união, pedindo que não rompesse esta união fazendo guerra sem razão.

7. No Novo Testamento encontramos a mesma expressão, e sempre com a mesma significação (Mt 8, 29).

Dois endemoniados, ou possessos do demônio, foram ao encontro de Jesus e gritaram-lhe:

> "*Quid nobis et tibi, Jesu, Fili Dei?* Que tens tu conosco, Jesus, Filho de Deus? Vieste aqui atormentar-nos antes do tempo? (Em grego: *Ti emin kai soi, viê toro theos?*)"

A mesma expressão reveste-se aqui de uma completa separação entre Jesus e o demônio.

É um brado de terror... é um pedido da parte dos endemoniados, pedido a que Jesus atende permitindo que, ao saírem do corpo destes possessos, entrem no corpo de uma manada de porcos.

8. Outro exemplo ainda encontramos em São Mateus (Mt 27, 19). É o recado que a mulher de Pilatos lhe manda, pedindo que não condenasse Jesus:

> "*Nihil tibi et justo illi.* Nada haja entre ti e esse justo: porque fui hoje muito atormentada em sonhos por causa dele. (Grego: *Medén soi kai ton dikaio ekeinô*)."

De novo, esta expressão traduz aqui um pedido e uma súplica: a de não condenar a Jesus.

9. Mais um exemplo do Evangelho de Marcos (Mc 1, 24). Jesus, entrando na Sinagoga para ensinar o povo, encontrou ali um homem possesso do demônio que lhe disse:

> "*Quid nobis et tibi Jesu Nazarene?* Que tens tu que ver conosco, ó Jesus Nazareno? Mas Jesus o ameaçou, dizendo: Cala-te e sai desse homem. E o demônio saiu dele. (Em grego: *Ti emin kái soi, Jeson Nazarené*)."

A frase exprime aqui uma separação, um medo, sem deixar de ser uma súplica; de não atormentar o possesso, expulsando o demônio.

10. Uma última passagem é de São Lucas (Lc 4, 34). Jesus pregava em Cafarnaum, quando encontrou na Sinagoga um possesso de um demônio imundo, que exclamou em alta voz, dizendo:

> "*Quid nobis et tibi Jesu Nazarene?* Deixa-nos, que tens tu que ver conosco, ó Jesus Nazareno? Vieste para nos perder? Sei quem és: O Santo de Deus! (Em grego: *Eati emin kái soi, Jeson Nazarené*)."

Outro brado de separação, de horror, da parte do demônio; que receia a autoridade de Jesus, não querendo sair do corpo deste possesso.

Tais são as dez principais passagens da Bíblia nas quais encontramos textualmente a mesma expressão de que usou Jesus nas Bodas de Caná: *Quid mihi et tibi est!*

Do confronto destas diversas passagens devemos agora encontrar o seu sentido certo e incontestável.

O Sentido Único

Ao ler com atenção estas dez passagens, vemos logo que o texto autêntico da Vulgata Latina conserva sempre a mesma expressão *quid mihi et tibi est*, como faz também o texto grego: *Ti emin kái soi...* enquanto a tradução em vernáculo muda a expressão, para adaptá-la à ideia que a passagem quer exprimir.

Vê-se o embaraço do tradutor, não encontrando expressão equivalente em nossa língua para traduzir o latinismo ou o helenismo, que, sem mudança de palavras se adapte a cada uma das circunstâncias nas quais é empregado.

É um destes termos genéricos que conforme a entonação ou o gesto significam até duas coisas contrárias, opostas, como quando nós dizemos: *espere lá, já vou*, que pode ser conforme a ocasião, expressão de **união** ou de **vingança.**

A tradução de cada passagem é exata em conformidade com a ideia que domina na narração, porém há possibilidade de unificar o texto, exprimindo, segundo o caso, a variante de sentido com uma palavra suplementar que indica a intenção e o gesto.

As dez citações podem, conforme o sentido, incluir-se em duas categorias:

Sentido de Bondade:

1. Que tendes vós com o Senhor Deus de Israel?

3. Que importa a mim e a vós, filho de Sárvia?

4. Que te fiz eu, ó homem de Deus?

6. Por que te embaraças tu comigo, ó rei de Judá?

8. Nada haja entre ti e esse justo!

Sentido de Rigor:

2. Que tens tu comigo, que vieste contra mim?

5. Que tenho eu contigo?

7. Que tens tu conosco, Jesus, Filho de Deus?

9. Que tens tu que ver conosco, ó Jesus Nazareno?

10. Deixa-nos, que tens tu que ver conosco, ó Jesus Nazareno?

Examinando de perto estas dez locuções, notamos que exprimem um único pensamento; porém, diferentes, segundo os **interlocutores.**

O texto latino da Vulgata, como o texto grego, conservou a unidade de fórmula; enquanto a tradução vernácula adaptou-se às disposições dos interpelantes.

No fundo vê-se que tal expressão corresponde bastante exatamente à nossa locução: **Deixe estar,** eu me encarrego disso; que pode adaptar-

se a cada uma destas expressões, dando-lhe a tonalidade de **bondade** ou de **rigor** que o caso comporta.

De fato, a mesma locução muda completamente segundo a entonação.

Dizendo, por exemplo, a um amigo: *Deixe estar,* amigo: é tomar um compromisso de fazer qualquer coisa.

Como dizendo a um inimigo perverso: *Deixe estar:* é uma ameaça de vingança.

A mesma locução parece corresponder ao *quid mihi et tibi* em latim e ao *ti emin kái soi* em grego.

> 1. Os filhos de Rubem, dizendo aos filhos de Israel: *Pode acontecer que um dia digam os vossos filhos aos nossos:* ***Deixe estar,*** *nós também somos filhos do Deus de Israel,* exprimem a sua união e amizade com eles e temem uma separação.
>
> 3. As palavras de Davi são mais expressivas ainda.
>
> Davi fala a seu amigo e defensor Abisai: ***Deixe estar,*** *amigo Abisai, é Deus que o permite que este homem me amaldiçoe!*
>
> 4. A viúva de Sarepta venerava muito o profeta Elias, e queixa-se amorosamente: ***Deixe estar,*** *homem de Deus, não haveis de permitir que o meu filho morra.*
>
> 6. O rei Necao não era inimigo de Josias e previne-o que é por ordem de Deus que faz a guerra: ***Deixe estar,*** *ó Rei de Judá, não venho contra ti hoje, mas contra outra casa.*

8. A mulher de Pilatos manda-lhe um recado amigável: ***Deixe estar,*** *não faça mal a este justo.*

Estas cinco locuções são as que combinam em sentido com a de Caná; enquanto as outras, pronunciadas entre inimigos, entre Jesus e o demônio, exprimem uma ideia de repulsa.

Parece que para maior uniformidade e maior fidelidade ao texto da Vulgata, se poderia, pois, traduzir esta locução *quid mihi et tibi est?* pela expressão: **Deixe estar,** expressão que elucida perfeitamente a palavra de Jesus à Maria, sem ser obrigado a recorrer a longas e complicadas explicações.

Entre estes diversos passos, vê-se claramente que o termo: *Quid mihi et tibi,* pode ser tomado em sentido *amistoso* e em sentido *pejorativo.*

Entre amigos é uma expressão amistosa, entre inimigos é uma expressão pejorativa.

Davi, dirigindo-se a seu amigo Abisai ou a mulher de Pilatos dirigindo-se ao seu marido, empregam a expressão amistosa; enquanto o demônio dirigindo-se a Jesus, emprega a expressão pejorativa.

Havendo de escolher entre estas expressões, porque os protestantes foram escolher a mesma significação que a do demônio, dirigindo-se a Jesus?

Que tens tu conosco?

Que tens tu que ver conosco?

Não compreendem os pobres protestantes que uma tal expressão sobre os lábios de um filho falando à sua mãe é sumamente revoltante.

Por que não tomaram eles uma das expressões que tem a mesma significação em sentido amistoso?

Há cinco variantes de cada lado.

Não provará isso que eles procuram antes de tudo rebaixar a Mãe de Deus, insultá-la?

Não sendo esta a intenção, deve então ser a consequência da ignorância.

Possam eles compreender esta verdade tão simples, tão clara e tão lógica, e para esta passagem, como para outras mal interpretadas, eles verão mais uma vez os inconvenientes, e até o absurdo da interpretação individual e a necessidade da interpretação autêntica por uma autoridade legítima.

Outras Traduções

As diversas traduções correntes deste passo têm cada uma, a sua significação espiritual, expressiva, apenas pode-se lamentar a falta de unidade no texto.

Uma tradução muito espalhada é a de Santo Agostinho: *Que há entre mim e ti, mulher?*

Notemos que é uma pergunta.

É como se Jesus perguntasse: *Que há entre o filho e a Mãe?*

O que há?

O respeito, o amor, a união mais completa.

Pois bem, minha Mãe, isto existe entre nós, de modo que a vossa vontade é minha vontade.

Que há entre mim e ti?

Jesus conhecia a falta de vinho e talvez projetava fazer o milagre, sem querer adiantar a hora marcada pelo seu Pai, sem uma razão plausível.

O pedido da Mãe apresenta-lhe esta razão.

E Jesus, satisfeito, parece dizer: *Que há entre mim e ti,* para que os mesmos pensamentos e os mesmos desejos nos ocupam ao mesmo tempo?

Que há? É o amor recíproco, é a comunicação da mesma bondade e da mesma solicitude.

Que há entre mim e ti?

Maria Santíssima tinha o poder de fazer milagres, embora não consta que dele tenha feito uso em público.[150]

Nesta ocasião ela poderia realizar o milagre sem recorrer a seu divino Filho.

---

[150] NE: Não por si, o autor quis dizer; mas faria o milagre rogando ao pai.

Jesus lembra-lhe este poder.

É como se dissesse: Entre nós dois, não há separação; somos unidos como mãe e filho; porque, pois, pedir-me um milagre, quando podeis fazê-lo, porque a minha hora não chegou ainda: *que há entre mim e ti,* que não usais do poder que tendes?

Que há?

É a humildade profunda da Virgem Santa, que prefere ficar escondida, para melhor manifestar a glória de Jesus.

Como se vê, Santo Agostinho não adotou tal tradução sem fortes razões, sem ter em vista uma profunda homenagem à gloriosa Mãe de Jesus.

O venerável Olier assinala mais um outro sentido, perfeitamente de acordo com o texto literal e místico, e diz ter recebido de Nosso Senhor tal interpretação: *quid mihi et tibi. O que é meu, é também teu,* isto é: o meu poder está a tua disposição, ó Senhora, embora não tenha chegado ainda a minha hora de fazer milagres.

Este sentido é belo, majestoso e cheio de reverência para Maria Santíssima. Além disso, combina admiravelmente com a continuação do texto.

É certo que esta interpretação não concorda no sentido literal com os lugares paralelos; mas exprime, de certo, o pensamento de Jesus nesta ocasião.

Todas estas traduções concordam mais ou menos com a tradução que indiquei como preferível: **Deixe estar...** ou deixe isso a meu cuidado, embora sejam menos claras e menos simples.

Os protestantes não quiseram adotar nenhuma destas traduções, preferindo inventar uma nova versão, que melhor exprimisse o seu tradicional ódio à Mãe de Jesus.

Todas as expressões acima citadas são respeitosas, calmas, e umas até cheias de ternura; por isso mesmo não servem, e eis que os amigos protestantes inventaram a seguinte: *Mulher, que tenho eu contigo?*

Esta sim deve ser boa, autêntica, pois se distingue de todas as traduções romanas e põe sobre os lábios de Jesus uma frase insultuosa à sua Santa Mãe, a mesma que o demônio dirigiu a Jesus, quando este o ameaçava de expulsá-lo do corpo dos possessos. Isto pelo menos é protestante: logo, deve ser adotado... e foi adotado durante muito tempo. Parece ter por autor o próprio Calvino.

A Cena Encantadora

Reconstituamos agora a cena total das Bodas para recolher as profundas lições que dela emanam.

É uma cena de núpcias com todo o encanto da simplicidade antiga.

É provável que os nubentes fossem parentes de Maria Santíssima ou de São José, e por esta razão foram convidados Jesus e Maria.

Era no começo de sua vida pública e Jesus tinha escolhido apenas uns cinco ou seis discípulos, e assistiu, com eles ao pequeno festim, junto com sua Mãe.

De repente, vem a faltar o vinho, o que prova que os nubentes pertenciam à classe pobre.

Maria Santíssima percebe o embaraço dos nubentes e quer logo poupar-lhes, como aos convidados, um desgosto ou uma contrariedade.

Vê-se nesta solicitude de Maria Santíssima toda a bondade do seu coração. Ela é mulher, é mãe, conhece por experiência estes imprevistos da vida doméstica.

Ela não duvida que o faça a seu pedido.

Acostumada aos seus obséquios de criança, à sua suave submissão, às suas divinas atenções, ela sabe que é bastante dizer uma palavra para ser atendida.

Até hoje Jesus não fizera nenhum milagre exterior que o *manifestasse ao mundo;* havia, pois, razão de hesitar da parte de Maria Santíssima, sabendo que tal hora estava marcada pela vontade do Pai Celeste.

Mas, havia ali uma boa obra a fazer, havia um auxílio a prestar a estes recém-casados; que mereciam, pela sua piedade, este ato de caridosa intervenção.

A Virgem Santa, com este olhar de dona de casa, que penetra nos acontecimentos; e este outro olhar de esposa carinhosa, que advinha a necessidade; compreendeu o embaraço dos casados, e ela não hesitou.

Levantou-se de seu lugar e aproximando-se de Jesus, ela inclina-se a seu ouvido e lhe diz:

> "*Vinun non habent*. Eles não têm mais vinho. (Jo 2, 3)"

Nada mais!

E para que dizer mais?

Esta prece respeitosa, como velada na sombra de uma narração é o bastante. Maria Santíssima não mostra nem precipitação, nem inquietação.

Ela expõe o fato com a plena certeza de ser atendida.

Jesus escutou e, virando levemente a cabeça do lado de sua Mãe, com um suave sorriso Ele responde:

> "Deixe estar, Senhora, cuidarei disso, embora não tenha ainda chegado a minha hora. *Quid mihi et tibi, mulier!*"

Maria Santíssima retribui a resposta graciosa e o sorriso do Filho e dirigindo-se diretamente para os serviçais da mesa, ela lhes diz: Sei que não há mais vinho, mas o meu Filho vai providenciar, *fazei tudo que ele vos disser,* e Maria Santíssima retoma o seu lugar, junto às outras Senhoras convidadas.

Ninguém notara o pequeno incidente.

Em seguida, Jesus levanta-se e dirige-se para o lugar das abluções, onde havia umas urnas de água; ordena aos serviçais que as encham, e muda a água em vinho.

O milagre está feito! **É o primeiro dos milagres** de Jesus, feito a pedido de sua Santa Mãe.

Este milagre *manifestou a sua glória e a do Filho de Deus, e os discípulos creram nele.*

Tal é a bela, a tocante, a significativa cena das Bodas de Caná.

Tudo ali é suave, é divino, e mostra-nos em sua radiante união: o Filho e a Mãe, Jesus e Maria.

A bondade do coração de Maria, sua compadecida vigilância e solicitude, o seu crédito perto de Jesus, e de outro lado o amor de Jesus para sua Mãe, e a pronta deferência que lhe manifesta, fazendo a seu pedido o primeiro milagre, embora não tivesse chegado ainda a hora de manifestar-se publicamente.

O quadro de Caná deve alargar-se.

As gerações dos filhos de Deus virão reconhecer e aprender nos pormenores minuciosamente conservados deste festim o papel de **introdutora,** de iniciadora, de **medianeira,** da Virgem Santíssima perto de seu divino Filho.

Jesus sabia que havia falta de vinho nas Bodas de Caná. O seu olhar penetra o futuro e conhece tudo, porém, Ele quer ser implorado.

É o **direito** de sua Onipotência.

É também o **dever** da nossa inferioridade.

Ele espera que brote uma prece de nosso coração e que esta prece lhe seja apresentada por sua Mãe Santíssima.

Basta a Virgem Santa dizer-lhe: *Vinum non habent.*

Esta alma não tem força, não tem alegria, não tem piedade, não tem perseverança, e logo Jesus responde: *Quid mihi et tibi, mulier.*

Deixe estar, minha Mãe, eu providenciarei a isso!

E o milagre da misericórdia divina será efetuado em nosso favor.

Deus não muda... e tendo feito este primeiro milagre pela intercessão de sua Santíssima Mãe, é uma espécie de **lei,** que todos os outros milagres sejam obtidos pela mesma intercessora.

Esta cena tão bela que tanto realce dá à intercessão da Virgem Santíssima, não podia deixar de suscitar os **protestos** dos protestantes, e ei-los a explorar este fato, procurando destruir a sua significação e desviar as palavras, ao ponto de aproveitar-se daquilo que exalta a Mãe de Deus, para combater o seu culto e fazer acreditar que Jesus lhe dera uma resposta dura, desdenhosa e quase insultante.

Traduzindo este texto como eles fazem, por falta de consultar os textos paralelos, pela locução *Mulher, que tenho eu contigo,* temos verdadeiramente uma palavra de repulsa, uma repreensão, como vimos nas respostas dadas pelo demônio a Jesus.

Ora, Jesus faz imediatamente o milagre pedido; e a Santíssima Virgem, ao ouvir a resposta de seu Filho, compreende perfeitamente que Ele vai operar o milagre. Como conciliar a **negação** e a **afirmação,** a repreensão e a obediência, a dureza primeira e a bondade subsequente?

Seria uma flagrante e inconciliável oposição no modo de dizer e de fazer de Jesus Cristo.

É o bastante para ver que tal interpretação repugna tanto ao bom senso, como à dignidade de Jesus.

Outra Discordância

Basta resolver uma última objeção protestante a respeito do texto estudado.

No Evangelho citado, Maria Santíssima é chamada diversas vezes *Mãe de Jesus* e quando o Salvador lhe dirige a palavra chama-a **Mulher,** em vez de chamá-la *minha Mãe.*

É uma objeção protestante que provém, de novo, da ignorância dos costumes orientais e antigos.

É claro que um livro escrito há 1900[151] anos discorda em certos pontos dos costumes e usos da nossa época.

Entre os orientais, como aliás, em certos países ocidentais, a palavra **Mulher** é um título de nobreza, de dignidade, como a palavra **Homem** exprime valor. Dizer: Fulano de tal é um *homem,* é dizer que é digno e honrado.

---

[151] NE: Levando em conta a data da publicação original, o autor quis dizer mais ou menos o ano 42 DC; quando os primeiros escritos do Novo Testamentos começaram a serem elaborados.

Dizer de uma senhora que é uma *mulher* digna deste nome, é significar que é digna, afetuosa, carinhosa.

A nossa palavra *minha mãe* era só empregada na intimidade e nunca em público.

Entre os árabes, sírios, judeus e outros povos orientais, o filho chama a mãe **Senhora** ou *Mulher.*

Em grego, o substantivo *gyne,* mulher, é um termo completamente honroso.

Xenofonte, na sua Ciropédia, coloca nos lábios de um dos oficiais de Ciro esta expressão:

> "Toma coragem, ó mulher. (O vocativo *gynai,* que é o mesmo do Evangelho)."

Todos sabem que o valor de certas expressões mudam através dos tempos.

Camões chama de *donzela* a uma senhora, mãe de filhos, qual foi Inês de Castro:

> "Tal está morta a pálida donzela. (Donzela era neste tempo uma senhora ainda jovem)."

Do mesmo modo chamavam-se outrora os príncipes de *Mercê,* que hoje humilha a qualquer copeiro.

Em certos lugares, na língua portuguesa, chama-se de *rapariga*[152], uma moça honrada... e em outros lugares é um termo de desprezo.

No tempo de Jesus Cristo, a palavra **Mulher** era um termo de *nobreza.* O anjo empregou-o para exaltar a Virgem Maria:

> "Bendita sois vós entre as mulheres."

O Evangelho não cita um só exemplo de Jesus ter chamado Maria Santíssima de *Minha mãe;* sempre chamava-a de **Mulher.**

Tal vocábulo não se adapta mais aos nossos costumes modernos; entretanto em certas famílias nobres, os filhos dizem ainda: *Senhor, meu pai! Senhora, minha mãe!* E em certos países, na Alemanha, entre outros, a palavra **Mulher** (*Frau*) continua a ser um título de nobreza.

Os protestantes podem verificar na Bíblia que tal expressão, em vez de ser injuriosa ou fria, é ao contrário, um título de respeito e de veneração.

Na hora da morte, como último brado de solicitude e de amor para com sua Santa Mãe, Jesus redirá a mesma palavra:

> "**Mulher,** eis aí o teu filho. (Jo 19, 26)"

---

[152] NE: Isso é claramente visualizado entre Brasil e Portugal; em Portugal significa simplesmente uma moça, enquanto que no Brasil, quase majoritariamente é um termo pejorativo.

Aceitando que a primeira expressão envolve um desrespeito à Santíssima Virgem, é preciso admitir que Jesus, morrendo tenha ainda menosprezado sua Mãe.

E quem ousaria dizê-lo?

Longe disso! A palavra **Mulher** é uma expressão respeitosa e humilde sobre os lábios dos filhos, e nunca tal palavra pode ser tomada como insultuosa.[153]

Eis, pois, resolvida a grande dificuldade que suscitam os protestantes contra a veneração de Maria Santíssima e a resposta clara à objeção que levantam contra a intercessão da pura e Santa Mãe de Jesus.

Devem estar convencidos que tal objeção nasce da ignorância do sentido da Bíblia, como também da tradução pérfida do texto do Evangelho; mal traduzido, deturpado, para fazer-lhe dizer o que não diz, nem pode dizer.

O texto protestante: *Mulher, que tenho eu contigo,* é falso e perverso, e como o provei, não traduz nem o texto hebraico, nem o grego e nem o latino: *Quid mihi et tibi est, mulier!*

O sentido mais exato é: *Deixe estar... eu cuidarei disso.*

Este texto é claro, lógico e expressivo.

---

[153] NE: Também Jesus chamava sua Mãe de mulher para indicar que a Virgem Santíssima era a Mulher da profecia do Gênesis e também a Mulher do Apocalipse, na qual foi representada como Mulher vestida do Sol.

É como se Jesus dissesse: O teu pedido é uma ordem para mim, o que pedires será sempre atendido.

E para prová-lo, Jesus fez o milagre, embora não tivesse chegado ainda a hora de operar milagres.

Isso é claro, insofismável, consolador e honroso para Jesus e para Maria.

FAZEI TUDO O QUE ELE VOS DISSER!

Não devemos terminar esta exposição do mistério de Caná, sem meditar as últimas palavras que formam como que a **chave de ouro** desta deliciosa cena nupcial.

Dirigindo-se aos serviçais, Maria Santíssima lhes diz:

> "Fazei tudo o que ele vos disser!"

Como é curta e como é sublime esta frase!

Maria a repete a todos nós, falando de seu Jesus: *Fazei tudo que ele vos disser...*

É a palavra que conduz a Jesus, que faz escutar a Jesus.

Tal é realmente o papel de **introdutora** da Virgem Santíssima.

Observaram que Maria Santíssima falou apenas quatro vezes durante a sua vida, ela que dera à luz o Verbo Divino?

É por isso mesmo que ela não tinha que falar.

Ela falava interiormente com este Verbo, seu Filho que havia gerado, e que saiu de seu seio, mas permaneceu em sua alma.

Estas duas palavras: *Não tem mais vinho* e *Fazei tudo o que Ele vos disser* exprimem admiravelmente o caráter da intercessão de Maria e o culto que lhe tributamos: caráter de **medianeira** perto do **Mediador**. *Ad Mediatorem mediatrix.*

Pela primeira palavra: *Eles não têm mais vinho,* ela expõe as nossas necessidades com um interesse e uma autoridade maternais, sendo ao mesmo tempo a nossa Mãe e a Mãe de Jesus.

Pela segunda palavra: *Fazei tudo o que ele vos disser,* ela nos ensina a submissão a Jesus, em retribuição da graça que nos alcança. Ela não intercede, senão para nos entregar a Jesus, e ela mesma nos dá o exemplo desta submissão.

Tal é o sentido desta cena evangélica, *em espírito e verdade.*

E o que divinamente completa esta narração é o **modo** como se fez este milagre:

> "Por este modo, deu Jesus princípio aos seus milagres em Caná de Galileia. (Jo 2, 11)"

Notemos bem a expressão empregada pelo Evangelista.

Ele não diz que é o **primeiro milagre** de Jesus, considerado em si, mas sim o **primeiro dos milagres,** ou mais literalmente ainda: *O começo, a abertura dos milagres: Initium signorum.*

Tal expressão indica que o Evangelho, como que juntando todos os milagres de Jesus, os compara e os refere ao milagre de Caná como a sua origem ou a sua **primeira fonte;** do mesmo modo que o curso das graças espirituais que Jesus Cristo devia derramar sobre a humanidade tiveram a sua fonte, o seu **começo,** no milagre da purificação de São João Batista no seio de sua mãe, no dia da **Visitação.**

Ora, no mistério da **Visitação,** é pelo intermédio, como pela voz de Maria que esta primeira graça de santificação foi comunicada por Jesus a seu precursor.

Do mesmo modo, no mistério de **Caná,** é pelo intermédio da *voz de Maria* que Jesus começa o curso de seus milagres.

Resulta desta aproximação e do termo empregado pelo Evangelho que Maria Santíssima nos é intencionalmente recomendada como **instrumento,** o canal, tanto das graças temporais, como das graças espirituais de Jesus, em sua dispensação geral.

É esta toda a doutrina católica a respeito da intercessão da Mãe de Jesus.

Esta doutrina já desprendia do mistério da Encarnação, no qual Deus dá ao mundo todas as graças por Maria na pessoa de Jesus.

É deste fato que Santo Agostinho tira esta admirável e profunda conclusão, que:

> "Deus, nos tendo dado Jesus Cristo por Maria, esta ordem não muda mais, e Maria tendo colaborado com a nossa Salvação, na Encarnação, que é o **princípio universal** da graça, ela deve contribuir em todas as outras operações, que são dependentes desta primeira operação."

Este argumento é uma *dedução teológica*, enquanto a cena de Caná é um **fato evangélico.**

O Evangelho confirma, pois, a doutrina.

De fato, vemos nestes dois fatos evangélicos: a Visitação e Caná, Jesus comunicando as suas graças, tanto espirituais, quanto temporais, pela Santíssima Virgem.

Estes dois fatos são sem réplica; e se os pobres protestantes refletissem, deveriam reconhecer que a cena das Bodas de Caná, longe de deprimir o poder de Maria Santíssima, o exalta e o estende.

CONCLUSÃO

Recolhamos ainda a última frase com que o Evangelista encerra a cena de Caná:

> "Jesus manifestou a sua glória, e seus discípulos creram nele. (Jo 2, 11)"

Trata-se aqui de sua manifestação como Deus pelo poder dos milagres.

Esta hora não tinha chegado ainda, como disse Jesus, mas Ele antecipou-a em consideração ao pedido de sua Santa Mãe.

Reflitamos bem sobre este fato. Que idéia mais sublime, que testemunho mais claro, podia dar-nos Jesus Cristo do **poder de intercessão** de sua Mãe do que este de **antecipar,** em consideração dela, a hora de sua manifestação gloriosa?

Deus não mudou, nem modificou os seus planos; porém, fez entrar neste plano a *suplicação* de Maria, como meio determinado de seus desígnios, os quais, sem este meio não seriam o que são.

Segundo estes desígnios, a hora da manifestação de Jesus Cristo não teria chegado, sem o intermediário de Maria, como a graça de Jesus Cristo não teria descido sobre João Batista, sem a Visitação; como ainda, Jesus Cristo não teria baixado do céu sem o seu consentimento virginal.

Eis uma tríplice e única verdade que convém destacar bem nitidamente e em pleno relevo, pois ela é fundada sobre **fatos evangélicos** claros e positivos. E admitindo estes fatos, é preciso, necessariamente, admitir as suas consequências: e estas consequências constituem a doutrina da **intercessão** da Mãe de Deus.

Reunindo em síntese estes grandes fatos evangélicos e as suas consequências, estamos diante do grande e **único plano** divino, que se estende ao mesmo tempo à ordem da **natureza,** à ordem da **graça** e à ordem da **glória.**

Na ordem da *natureza*, ela dá à luz o Filho de Deus, e dá ao mundo a causa **final** da sua criação.

Na ordem da *graça,* ela nos dá Jesus-Eucaristia, comunicando-nos Aquele que é vida das almas.

Na ordem da *glória*, ela nos manifesta Jesus Cristo e determina a sua glorificação. Os Santos lhe devem a sua glória.

Eis o que nos ensinam os três mistérios evangélicos: a Anunciação, a Visitação e o Milagre de Caná.

O que começou estes três mistérios e o que nos ensinam, deve perpetuar-se através dos séculos. Não são simplesmente três fatos evangélicos, são três **mistérios** que se perpetuam, ou continuam sempre a sua ação misteriosa.

Constantemente Jesus Cristo vem ao mundo *por Maria.* Constantemente Maria o traz à nossas almas, pela *visitação.*

Constantemente Maria manifesta a glória de Jesus pelos *prodígios* que ela alcança de sua misericórdia.

Eis o que é Maria Santíssima na obra salvadora e santificadora do mundo.

Meditem estes mistérios os pobres protestantes transviados pela livre interpretação da Bíblia, e peçam a Deus que lhes dê a graça de compreenderem uma doutrina tão simples, tão lógica, tão consoladora e tão evangélica.

A cena sublime de Caná toma, deste modo, proporções infinitas. Não é mais um simples festim de núpcias, é a imagem do grande festim, ao qual Jesus Cristo nos convida, que Ele preside; mas onde encontramos também a sua Mãe Santíssima para apresentar-nos a Ele, e, se preciso fosse, pedir-lhe um milagre em nosso favor.

Caná é, antes de tudo, a manifestação de *Jesus por Maria,* para que nós, seus discípulos, creiamos n'Ele, como n'Ele creram então os seus discípulos.

13. MORTE E ASSUNÇÃO DE MARIA

Os protestantes, impugnando pelas suas mesquinhas objeções à vida, à santidade, às prerrogativas da Virgem Maria, durante a sua vida terrena, não podiam deixar de persegui-la, com o seu ódio, até na glória do céu.

De fato, não admitem nem a morte gloriosa de amor, nem a R**essurreição,** nem a **Assunção** da Mãe de Deus.

Para eles, pobres e infelizes revoltosos contra a doutrina católica, a Mãe de Jesus, apesar de ter sido o *Tabernáculo Vivo da Divindade,* devia conhecer a podridão do túmulo, a voracidade dos vermes, o esquecimento da morte, o aniquilamento material de sua pessoa.

Jesus Cristo, seu Filho verdadeiro, que preserva da destruição o corpo de centenas de Santos em recompensa das virtudes que praticaram, teria permitido que o corpo puríssimo, do qual Ele tomara o seu próprio corpo, fosse a presa dos vermes, da corrupção, da podridão do túmulo?

Ó! Não, não! A fé do cristão revolta-se diante de uma tal blasfêmia, como o bom senso protesta contra uma tal ideia!

Os corpos de uma Santa Margarida Maria, de uma Santa Catarina de Sena, de um Santo Vigário de Ars[154], de Ozanam, de Bernadete, de centenas de outras almas privilegiadas estão milagrosamente conser-

---

[154] NE: Trata-se de São João Maria Vianney.

vados até em nossos dias, e Deus teria permitido que o corpo da Virgem puríssima ficasse sujeito à lei da corrupção?! Não pode ser!

Examinemos esta questão de perto e refutemos a infame objeção protestante que nega a Ressurreição e a Assunção gloriosa da Mãe de Deus, proclamando bem alto o canto da Liturgia Católica:

> "Maria foi elevada acima dos Coros dos anjos no Reino Eterno."

O Fato Histórico

Antes de discutir os motivos da Assunção Gloriosa de Maria e de refutar as objeções protestantes a este respeito, narremos aqui o fato histórico, tal qual nos foi conservado pelos cristãos dos tempos apostólicos pelos Santos Padres e Doutores da Igreja, formando através dos séculos uma Tradição firme, constante, ininterrupta.

Não é dogma de fé, porém o mundo católico espera ansioso que, apoiado sobre a revelação *implícita* da Assunção na Sagrada Escritura e na **revelação** *explícita* da Tradição, a autoridade suprema proclame esta verdade e adorne com ela o imortal diadema de glória da Imaculada.[155]

Eis, em resumo, o que nos dizem os Santos e os Doutores da primitiva Igreja a este respeito.

---

[155] NE: Este dogma foi proclamado em 1950; portanto, 14 anos após a publicação original deste livro.

Na ocasião de Pentecostes, Maria Santíssima tinha mais ou menos 47 anos de idade.

Permaneceu ainda 25 anos na terra após este fato para educar e formar, por assim dizer, a Igreja nascente; como outrora ela educara, protegera e dirigira a infância do Filho de Deus.

Suas preces e a sua afetuosa caridade foram a consolação dos primeiros fiéis.

Ela terminou a sua carreira mortal na idade de 72 anos, tal é a opinião mais comum.

A morte da Santíssima Virgem foi suave, como tinha sido a sua vida: Ela vivera de amor, ela morreu de amor.

Chegada ao cume da mais incompreensível santidade, a sua alma desapegou-se calmamente de seu santíssimo corpo. O seu último suspiro foi uma aspiração de amor, que a levou como que naturalmente até às alturas do céu.

Os nove Coros dos anjos levaram esta alma incomparável até ao Seio de Deus; onde o Pai Eterno a recebeu como a sua **Filha Amada,** o Filho como a sua **Mãe Querida** e o Espírito Santo como a sua **Esposa Imaculada.**

Parece certo que foi em Jerusalém que Maria Santíssima deixou este mundo para tomar o seu voo para o céu.

Os apóstolos que ainda não tinham sofrido o martírio estavam presentes a esta bem-aventurada morte, exceto o apóstolo São Tomé, ocupado neste tempo a pregar o Evangelho nas Índias.

Jesus quis dar esta suprema consolação à sua Santíssima Mãe e a seus apóstolos.

Aí estavam São Pedro, São João com os outros apóstolos, e diversos discípulos, entre os quais se destaca São Dionísio Areopagita, discípulo de São Paulo e primeiro Bispo de Paris, que nos conservou a narração destes fatos.

Diversos Santos Padres da Igreja narram que os apóstolos foram milagrosamente levados para Jerusalém na noite que precedera o desenlace da bem-aventurada Virgem.

Maria Santíssima os abençoou uma última vez, consolou-os; provavelmente, recebeu das mãos de São Pedro, o adorável Sacramento da Eucaristia, que, até este dia, tinha recebido diariamente das mãos de São João.

Depois, sem moléstia alguma, sem sofrimento, sem agonia, ela entregou a sua alma, toda abrasada de amor, nas mãos de seu Criador e seu Filho.

São João Damasceno, um dos mais ilustres Doutores da Igreja oriental, conta que os fiéis de Jerusalém ao terem notícia do falecimento de sua Mãe querida, como a chamavam, vieram em multidão prestar-lhe as suas homenagens em redor desta relíquia sagrada de seu corpo.

Diversos mortos ressuscitaram; cegos, paralíticos, enfermos de toda espécie foram repentinamente curados ao contato do corpo da Mãe de Jesus.

Quanto aos apóstolos, estavam como que divididos entre a dor e a alegria, ficando em oração perto do Santíssimo Corpo, exaltando com cânticos e louvores as glórias desta Virgem bem-aventurada, que dera à luz a vida do mundo, Jesus Cristo, e que concebera e trouxera em suas entranhas o Filho do Altíssimo.

Sepultaram o Santíssimo Corpo com uma veneração de filhos amorosos, envolvendo-o em alvas mortalhas; seguidos pela multidão dos fiéis acompanhados pelos anjos, foram depositar as preciosas relíquias num túmulo novo, no jardim Getsêmani, onde era a sepultura da sua família, e onde já repousavam os corpos de São Joaquim e Sant'Ana.

Fecharam o sepulcro com uma grande pedra em forma de porta, como era costume neste tempo.

Três dias depois, chegou o apóstolo São Tomé, que a providência divina parecia ter afastado para melhor manifestar a glória de Maria, como outrora tinha se servido de Tomé para manifestar o fato da ressurreição de Jesus.

Tomé pedia com instância, de poder contemplar uma última vez os traços augustos da Mãe de Deus.

São Pedro, São João e outros apóstolos, que ficaram em oração perto do sepulcro sentiram-se felizes em acederem a este desejo, que era também o seu desejo pessoal.

Quebraram os selos da pedra...

Abriram o sepulcro, mas, ó! Prodígio.

No lugar, onde tinha sido depositado por eles mesmos os despojos mortais de Maria Santíssima, não encontraram senão as mortalhas, cuidadosamente dobradas; como outrora no túmulo do Salvador ressuscitado, as Santas Mulheres, São Pedro e São João tinham encontrado as mortalhas dobradas que envolveram o corpo de Jesus.

Um perfume de uma suavidade celestial exalava do túmulo.

Como o seu Filho e pela virtude de seu Filho, a Virgem Santa ressuscitara no terceiro dia.

Os anjos retiraram o seu corpo Imaculado e o transportaram para o céu, onde ele goza de uma glória inefável.

Nada é mais autêntico do que estas antigas tradições da Igreja sobre o mistério da Assunção da Mãe de Deus.

Encontram-se estas narrações nos escritos dos Santos Padres e Doutores da Igreja dos primeiros séculos, e são relatados no Concílio Geral de Calcedônia, em 451.

A MORTE DE MARIA

Os protestantes que não acreditam, senão em si mesmos, não darão fé à estas narrações autênticas dos primeiros séculos, que formam o depósito sagrado da Tradição.

Eles querem provas.

Vamos dar-lhes provas agora, mostrando que estes fatos e verdades resultam direta, embora *implicitamente* do Evangelho.

O fato da morte de Maria é indubitável, embora as circunstâncias fiquem em parte desconhecidas.

Mas como e por que morreu Maria Santíssima?

Tendo sido concebida sem pecado, ela estava isenta da sentença de morte proferida contra a humanidade.

A morte é o castigo do pecado. *Slipendia peccati, mors,* diz o apóstolo (Rm 6, 23). *Stimulus autem mortis, peccatum est* (1Cor 15, 56).

Esta morte, dizem unanimemente os Santos Padres, não foi causada nem pela moléstia, nem pela idade, mas unicamente pela violência do amor divino.

O amor tem uma tríplice influência em nossa vida e morte.

Todos os homens devem morrer **no amor de Deus,** sem isso não há salvação; este amor é a graça de Deus na alma.

Outros morrem **por amor de Deus.** É a morte da falange gloriosa dos nossos mártires que, dando a sua vida por amor de Deus, dão-lhe a suprema prova de amor que o homem é capaz de dar.

Maria Santíssima, morreu **no** amor, morreu **por** amor, mas morreu sobretudo **de** amor.

O amor foi a **causa** da sua morte.

Morrendo *no amor,* Maria morreu como Mãe dos homens.

Morrendo *por amor,* ela morreu como Rainha dos mártires.

Morrendo *de amor,* ela morreu como Mãe de Deus.

É a única morte que lhe convinha e que podia separar a alma de seu corpo virginal.

O sublime Bossuet diz muito bem e as suas palavras são o resumo de toda a tradição católica:

> "Credes-me, almas santas, não procureis outra causa da morte da Virgem Santa: o seu amor era tão ardente e tão inflamado, que não podia mais exalar um suspiro, que não rompesse os laços de seu corpo mortal; não podia formular um pesar que não dissolvesse a harmonia de seu corpo; não podia lançar um suspiro para o céu, que não atraísse a sua alma inteira.
>
> Disse que a sua morte foi um milagre; devo mudar a expressão: não foi milagre, antes foi a cessação do milagre.
>
> O milagre contínuo é que Maria vivia separada de seu querido Jesus.
>
> Ela vivia, entretanto, porque tal foi a vontade de Deus, que fosse conforme a Jesus crucificado, pelo martírio insuportável de uma longa vida, tanto mais penosa, quanto mais necessária foi à Igreja.
>
> Mas como o divino amor reinava em seu coração, sem nenhum obstáculo, ele ia aumentando dia por dia, por si e pelo exercício, ao ponto que chegou a tal intensidade, que a terra foi incapaz de contê-lo.
>
> Tal é a única causa da morte de Maria: a vivacidade de seu amor."[156]

[156] Bossuet II. Sermon sur I'Assomption.

Do que temos dito da Imaculada Conceição, pode-se e deve-se concluir que, a morte sendo um castigo do pecado original, aquele que fosse isento deste pecado, ficaria, pelo fato, isento da morte.

E Maria Santíssima está neste caso. A lei fulminada contra todos não se aplica a ela, como a lei de Assuero não atingiu a Rainha Ester (Est 15, 13).

Recolhamos, sobre o assunto, uma passagem admirável de São Cirilo, confirmada em 1672 pelo Concílio de Jerusalém:

> "Não é o contágio do pecado que se deve atribuir à morte da Virgem Santíssima, mas sim às disposições naturais que estavam no homem antes do pecado.
>
> O homem, de sua natureza, estava sujeito à morte, mas a uma morte benigna.
>
> Deus, por uma graça especial, suspendeu em seu favor, as leis da natureza, e o fez imortal.
>
> Ora, a Santíssima Virgem foi também enriquecida desta prerrogativa. Embora ela fosse cumulada de bênçãos e isenta da menor mancha; entretanto, ela carregava em si, pela humanidade, o gérmen da morte, e devia ficar sujeita a esta morte. Deus, em sua bondade preservou-a, submetendo este privilégio ao consentimento da sua criatura.
>
> Deste modo, ela teria podido ser levada viva ao céu, se o tivesse querido, e se tal houvesse sido o seu bel prazer.
>
> Mas sabemos que ela não quis fruir deste privilégio."

Tal é a melhor explicação deste mistério que hoje todos os teólogos adotam e defendem.

De fato, pode-se considerar a morte do homem sob um **duplo** aspecto: ou como consequência natural da **constituição** de seu corpo, composto de elementos que vão desagregando naturalmente; ou como consequência do **pecado original.**

Se Adão não tivesse cometido o pecado original, o homem, por um privilégio singular entre os demais seres vivos, teria tido uma vida perpétua; pois o fruto da árvore da vida teria sido o suficiente para sustentar as suas forças, que causas internas ou externas poderiam enfraquecer.

Adão pecando, tal privilégio lhe foi retirado; a árvore da vida não lhe deu mais o seu fruto e a natureza retomou os seu direitos: Era preciso morrer.

O pecado original fica destruído em nós pelo batismo, mas as consequências deste pecado permanecem; e uma destas consequências é a falta do fruto da árvore da vida; donde o homem deve morrer. *Morte morieris!*

A Mãe de Jesus, não obstante a sua Imaculada Conceição, não tinha mais o fruto da árvore da vida e como tal ficou sujeita à morte.[157]

[157] B. Angelus de Pas: in expos. Symboli. l lb. 5, C. 622.

Acredita-se, entretanto, que por um privilégio particular, Deus lhe deu o poder de não morrer, se assim o preferisse.

Era apenas um privilégio, não era um direito; e Maria não quis fazer uso deste privilégio.

Quais foram as razões da escolha da morte pela Imaculada?

Podemos assinalar quatro:

1. Para refutar de antemão a heresia dos que mais tarde pretenderiam que Maria não foi uma simples criatura como nós, mas pertencia à natureza angelical.
2. Para em tudo ela assemelhar-se a seu divino Filho tanto quanto o permitisse a diferença de sexo. Ora, Jesus submeteu-se à lei geral da morte. Maria Santíssima quis imitá-lO.
3. Para não perder os merecimentos da aceitação resignada da morte, nem o encanto que a alma experimenta ao ver-se livre da vida mortal para entrar na vida eterna.
4. Para servir-nos de modelo e ensinar a bem morrer, com as disposições de resignação e de total abandono que a vista da morte inspira.

Podemos, pois, resumir esta doutrina dizendo que Deus criou o homem **mortal.**

Elevou-o, por privilégio, à imortalidade pelo **fruto** da árvore da vida.

O pecado original **retirou-lhe** este privilégio.

Maria Santíssima, apesar de Imaculada, não tendo este fruto da árvore da vida, ficou **sujeita** à morte.

Deus concedeu-lhe o privilégio (não o direito) de ser **imortal,** conforme a sua vontade.

Ela preferiu ser semelhante a seu divino Filho, escolhendo voluntariamente a morte e não a sofrendo como castigo do pecado original que nunca tivera.

Quis morrer... e morrer **de amor.**

A SEPULTURA DE MARIA

Não devo deixar passar em silêncio a palavra de uma das testemunhas oculares da morte e ressurreição da Virgem Imaculada.

Juntos com os apóstolos, assistiram à morte de Maria Santíssima: São Timóteo, primeiro Bispo de Éfeso, Dionísio Areopagita e o bem-aventurado Hierotheos.

São Dionísio deixou por escrito esta cena sublime, narrando-a em seu livro *Os Nomes Divinos* e dirigido a São Timóteo. A autenticidade deste livro nunca foi discutida, sendo obra do próprio São Dionísio.

O Santo escreve, pois:

> "Hierotheos, o nosso Mestre sublime brilhava entre os Pontífices inspirados, como vistes, quando juntos nós fomos contemplar, vós e eu, com muitos outros irmãos, o Corpo venerável que produzira a vida e contivera Deus.

Ali encontravam-se Tiago, irmão do Senhor, e Pedro, *Corifeu*[158] *e Chefe supremo* dos teólogos.

Todos os Pontífices quiseram, cada um a seu modo, celebrar a bondade e a onipotência de Deus que se revestira da nossa enfermidade.

Ora, depois dos apóstolos, o nosso Mestre ilustre sobrepujou os outros piedosos doutores, todo encantado e extasiado, fora de si, todo comovido pelas maravilhas que publicava, e estimado por todos aqueles que o conheciam ou ouviam, considerando-o como um homem inspirado do céu, e como o digno panegirista da divindade.

Mas, para que relembrar-vos, o que foi dito nesta assembleia?

Se a minha memória não falhar, parece-me ter ouvido muitas vezes de vossa boca, fragmentos destes divinos louvores. Tão grande era o vosso ardor no que diz respeito às coisas santas.

Deixemos estes místicos anseios, que se não deve divulgar entre os profanos, e que vós conheceis perfeitamente."[159]

Estas palavras, oriundas de uma testemunha ocular, além de relembrar-nos a morte da Virgem Santíssima, constituem uma prova inefável de que o culto de Maria Santíssima foi inaugurado pelos próprios apóstolos.

E com quanto esplendor e entusiasmo!

---

[158] NE: Corifeu é a pessoa de maior destaque ou influência em um grupo.

[159] De Divinis Nominibus C. III. 2. Tradução de Mgr. Darboy.

Os primeiros cristãos não podiam lembrar estes fatos sem profunda emoção.

Os apóstolos, milagrosamente transportados das diversas partes do mundo, os mais ilustres Pontífices da Igreja, um imenso concurso de fiéis, todos ali reunidos, para venerar o corpo que tinha gerado a **Vida** e contido o próprio **Deus.**

Havia ali cânticos, discursos e panegíricos tão eloquentes e comovidos que São Timóteo e São Dionísio os recitavam mais tarde, para sua própria consolação.

Que mais podia fazer a Igreja nascente, apostólica, em louvor da Mãe de Deus?

Por consoladora que fosse para Maria, a presença dos apóstolos, ela esperava com ardor uma outra visita: a de seu divino Filho.

E esta visita não podia faltar-lhe.

São Gregório de Tours resumindo as antigas tradições, escreve:

> "Quando a bem-aventurada Virgem chegou ao termo de sua vida, e que foi chegado o momento de deixar esta terra, todos os apóstolos vindos dos diversos lugares que estavam evangelizando, juntaram-se em sua ermida; e tendo ouvido de seus lábios que ia morrer, velavam com ela.

> E eis que veio o Senhor com seus anjos e, recebendo a alma de sua Santíssima Mãe, confiou-a a São Miguel."[160]

São João Damasceno amplifica ainda esta tradição antiga.

> "Então realizou-se um outro prodígio. O próprio Rei Divino veio ao encontro de sua mãe, para recolher com as suas mãos divinas, a alma Santa e Imaculada de Maria.
>
> Esta bem-aventurada Mãe lhe disse então:
>
> *É em vossas mãos, ó meu Filho, que remeto a minha alma. Dignai-vos acolhê-la, pois ela vos é querida, e ela vos deve o ter sido Imaculada.*
>
> *É em vossas mãos e não à terra que entrego o meu corpo. Preservai da corrupção esta morada que vós dignastes escolher, e à qual, pelo vosso nascimento, comunicastes um princípio de eterna incorruptibilidade.*
>
> *Sede vós mesmo o consolador de meus filhos amados, que dignastes chamar de vossos irmãos. A bênção que eu lhes dou, pela imposição das mãos, juntai novas e abundantes bênçãos.*
>
> Elevando então as mãos, como nos é permitido supor, ela suplicou as bênçãos divinas sobre os apóstolos, e tendo terminado ela, ouviu a voz de seu Filho.
>
> Ó Mãe bendita, levantai-vos, vinde, vós que sois a amiga de meu coração... a mais bela entre as mulheres."

---

[160] Greg. Turon. De Glor. Mart. C. IV.

São João Damasceno nos mostra, depois, o céu inteiro, vindo ao encontro da alma da bem-aventurada Maria... cercando, como uma guarda de honra este Tabernáculo vivo de um Deus vivo.

No dia seguinte, desde a aurora, os apóstolos e os fiéis, conduziram o corpo venerável para o lugar que tinha sido designado pelo próprio Jesus.

O cortejo ia seguindo, numa solene lentidão para o Getsêmani.

Em frente marchava São João, levando a palma sagrada do arcanjo São Gabriel.

Pedro, o Pontífice Supremo, reservara para si o direito de carregar o caixão, e tinha admitido Paulo à honra de servir-lhe de segundo.

Seguiam os outros apóstolos e os discípulos, tendo tochas acesas na mão.[161]

Chegando em Getsêmani, depositaram o caixão diante do túmulo aberto e preparado por eles.

Prostrando-se de joelhos, tributaram-lhe a homenagem de despedida, em meio de suas lágrimas e soluços.

Depositaram-no depois no túmulo, que foi cuidadosamente fechado, selado e guardado, dia e noite, pelos discípulos e os fiéis; até ao dia

---

[161] S. Meliton: de morte B. V. M.

em que São Tomé, chegando atrasado, pediu para ver uma última vez a sua Mãe querida.

Foi nesta ocasião que constataram a ressurreição gloriosa da Mãe de Jesus.

A Ressurreição de Maria

Como já disse, não existe nenhuma prova explícita, sensível, da ressurreição da Virgem Santíssima; porém, notemos que por falta de provas *explícitas*, há outras muitas *implícitas,* de autoridade, que não deixam subsistir nenhuma dúvida a este respeito.

Os apóstolos ao abrirem o túmulo da Mãe de Jesus, para satisfazer a piedade de São Tomé e sua própria piedade, não encontrando mais o corpo sagrado, tiraram uma indução do fato, concluindo a sua ressurreição.

Não era preciso ver Maria ressuscitada e glorificada para crer em sua ressurreição.

A desaparição do corpo, as circunstâncias celestes da sua morte, a sua santidade, a sua dignidade de Mãe de Deus, a sua Imaculada Conceição, a sua união com o Redentor, tudo isso constitui um prova irrefutável de sua Assunção.

A assunção consiste, como o exprime a própria palavra: *assumere,* que a alma da Santíssima Virgem depois de ter-se unido de novo ao corpo por um privilégio particular, foi transportada para o céu pelos anjos.

A **Assunção** de Maria Santíssima difere essencialmente das **Ascenção** de Jesus Cristo (*ascendere*) que sobe ao céu pela sua própria virtude, enquanto Maria é transportada pela vontade de Deus.

Como se pode raciocinar para estabelecer com segurança a Assunção da Virgem Imaculada?

Primeiro Argumento:

Todas as obras de Deus são de uma perfeita harmonia.

O seu fim corresponde ao começo e o conjunto corresponde às diversas partes.

Se, após uma vida tão santa, a morte de Maria Santíssima fosse semelhante à morte dos outros, seria isto um milagre mais admirável que aquele de uma morte análoga a sua vida.

Entrando de modo sobrenatural nesta vida, é necessário sair dela de modo sobrenatural.

Tal sobrenatural torna-se como natural para tal alma.

Ora, como vimos longamente, Maria Santíssima pela sua Imaculada Conceição entrou de modo sobrenatural nesta vida; era preciso, pois, que saísse desta vida de modo sobrenatural; e este modo era a ressurreição e assunção ao céu em corpo e alma.

Segundo Argumento:

A morte deve ser o eco da vida. É a lei fixada por Deus: *Talis vila, mors ita.*

Ora, em Maria Santíssima tudo foi, não simplesmente de uma santidade eminente, mas ela foi em tudo a *mulher bendita,* sem igual, superando todas as mulheres, como lhe anunciou o arcanjo.

Era preciso, pois, que ela fosse também superior a todas as mulheres em sua morte.

Morrer e estar sujeito à destruição do túmulo é a sorte de todos os homens.

E entre os homens, há um certo número, cujo corpo Deus preserva da corrupção, em recompensa de suas virtudes, de sua angélica pureza, sobretudo.

Deus devia elevar Maria até acima destes privilegiados. E como fazê-lo, senão permitindo que, após a morte, a sua alma se reunisse de novo a seu corpo, e fosse logo, em corpo e alma, gozar da felicidade celeste?

Terceiro Argumento:

A dignidade de Mãe de Deus exigia que Deus não deixasse no esquecimento do túmulo àquela de quem tomou a nossa humanidade.

Maria Santíssima foi feita pelo Verbo Divino, em vista de produzi-lo em sua humanidade.

Deus fez a sua Mãe com suas próprias mãos e Ele a fez como quis ser feito por ela.

Deus colocou nesta Mãe privilegiada e única, como que a previsão de todas as propriedades, que dela devia tomar em sua concepção e em seu nascimento.

Ele preparou a sua humanidade física e moral na própria humanidade de Maria.

É o que fez dizer aos Santos que Maria é um como *Jesus Cristo começado.*

> "É o Tabernáculo que não é feito pelas mãos dos homens, isto é, não é desta criação. (Hb 9, 11)"

É esta *Arca da santificação* (Sl 131 (132), 8).

Donde devia surgir *a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade* (Jo 1, 14).

Eis porque Deus devendo sair desta arca bendita, *cheio de graça,* ela Maria devia ser *cheia de graça;* e como Ele devia ser *o fruto bendito* deste seio (Lc 1, 42), *ela foi bendita* para dá-lo à luz (Lc 1,42); como Jesus devia ser *a flor,* ela foi *a haste* (Is 11, 1), de tal modo que se pode dizer que a humanidade inteira do Verbo estava como em **gérmen** na Virgem Santíssima, donde brotou, como a **flor** da sua virgindade.

E depois como é que se poderia conceber que este mesmo seio virginal, radiante de tanta pureza, adornado de tantas graças, cumulado de tantas bênçãos, enriquecido de tanta santidade, sendo como que a substância e a forma do próprio Jesus Cristo, tenha sido entregue à corrupção do túmulo?

Como se pode admitir que este mesmo poder e este mesmo amor que conservaram a sua virginal integridade **antes** do parto, **durante** e **após** o parto, a tenham esquecido ou antes, tenham se esquecido, deixando-a ficar opróbrio da natureza humana e a infâmia da nossa condição no túmulo?

Longe de ter a ousadia de dizê-lo, diz Santo Agostinho, tenho horror ao pensar nisto. *Sentire non valeo, dicere perlimesco.*

Se o Filho de Deus, continua o Santo, tivera o poder de **conservar virgem** o corpo de Maria em sua Conceição, Ele tinha ainda o mesmo poder para **conservá-lo incorruptível** no túmulo.

Se tivera este poder, Ele tivera esta vontade, e se tivera esta vontade, deve tê-lo feito.

Logo, Maria Santíssima devia ressuscitar dos mortos logo após a sua morte.

Quarto Argumento:

A dignidade do Filho de Deus feito Homem exigia que não deixasse no túmulo aquela de quem recebera o seu Corpo Sagrado.

Se Maria Santíssima antes da vinda do Salvador foi, no dizer dos Santos, um como *Cristo começado,* podemos e devemos concluir que, após a Ascensão, Maria Santíssima foi um como *resto de Jesus Cristo.* Tal expressão é tomada num sentido metafórico, sem dúvida, para melhor salientar a união íntima entre Jesus e Maria.

A carne de Jesus tinha sido tomada da carne de Maria. A carne de Jesus não é a carne de Maria, mas a substância da carne do filho é

tirada da substância da carne da mãe. *Caro Jesu, caro Mariae,* ou melhor, *Caro Jesuex carne Mariae.*

A carne de Jesus é tanto mais da carne de Maria, que esta lhe transmitiu virgem, e que Jesus a conservou incorruptível.

Donde se pode concluir que Jesus Cristo é devedor a seu próprio Corpo, o conservar incorruptível o corpo de sua Mãe.

Se assim fosse, Jesus Cristo traria na glória o seu Corpo Sagrado, e enquanto este Corpo seria adorado na glória, a substância de que fora formado este Corpo, estaria sujeito à putrefação do túmulo.

São Bernardo vai além e diz que não somente convinha que Jesus Cristo preservasse da corrupção o corpo de sua Mãe, mas que devia fazê-lo; e o Santo dá como razão que a incorruptibilidade do Corpo de Jesus Cristo procedia de um princípio de incorruptibilidade que recebera de sua Mãe.

> *"Non poterat Sanctum videre corruptionem, quia de incorrupti uteri virore ortum est."*[162]

Privilégio este que, como os demais privilégios, provinha, sem dúvida, de Jesus Cristo como Deus, enquanto Ele o recebia de Maria, como homem; mas que supunha que ela possuía tal privilégio, como a haste possui as propriedades que deve comunicar à flor.

---

[162] Serm. 35 in Cant.

Jesus Cristo devia, pois, preservar a sua Mãe da corrupção do túmulo e glorificar pela ressurreição, esta carne que foi a substância donde Ele tirou a sua própria carne.

Quinto Argumento:

A afeição filial de Jesus para com a sua Mãe exigia que não a deixasse no esquecimento do túmulo.

Pode-se dizer que não há marca de respeito, de obséquio, de dedicação e de amor, que Jesus não tenha prodigalizado à sua Mãe querida, cada vez que se apresentava a ocasião.

Ora, tal dedicação e tal amor não podem conciliar-se com uma demora prolongada de Maria no túmulo.

Uma tal demora pareceria, da parte do Filho, uma espécie de esquecimento e até de abandono.

Seria até absurdo pensar que Jesus não tenha feito para sua Mãe o que qualquer um de nós faria para a nossa própria mãe, se o pudéssemos fazer.

Suponhamos que a sorte de nossa mãe estivesse em nossas mãos e que tivéssemos o poder de realizar para ela tudo o que nos ditasse o nosso coração de filho, que faríamos nós?

Antes de tudo, preservaríamos a nossa mãe da corrupção do túmulo; e não podendo preservá-la da morte, o nosso primeiro cuidado seria ressuscitá-la logo depois.

É lógico que Jesus assim tenha feito.

O amor quer a união.

Jesus permitiu que Maria Santíssima passasse pela porta da morte; mas logo ao passar o limiar desta porta, lá estava Ele para receber a sua Mãe na glória, para uni-la a seu Coração; não somente a sua alma, mas o seu corpo; pois queria a sua Mãe... a sua Mãe inteira... e a alma é apenas uma parte de nós, incompleta em seu *gênero,* aspirando após a reconstituição da sua personalidade, pela ressurreição do corpo.

Sexto Argumento:

A glória da Ascenção de Jesus Cristo, como sendo o fruto de seus sofrimentos, deve haver entre a *ascensão* e a *assunção* a mesma **relação** que há entre a Paixão de Jesus e a compaixão de Maria.

A relação direta da Ascenção e da Paixão do Salvador resulta da Sagrada Escritura; mas foi, de modo especial, promulgada pela palavra que Jesus disse aos discípulos de Emaús:

> “Ó estultos e tardos de coração para crer tudo o que anunciaram os profetas! Porventura, não era necessário que o Cristo sofresse tais coisas e que assim entrasse na sua glória? (Lc 24, 25-26)”

De outro lado, a relação imediata da Paixão do Filho e da compaixão da Mãe foi promulgada, de um modo enérgico, no Evangelho, pela profecia de São Simeão falando do Filho à própria Mãe:

> “Eis que este menino está posto para a ruína e para a ressurreição de muitos em Israel, e para ser alvo de contradição. E uma espada transpassará a tua alma. (Lc 2, 34-35)”

Esta tradução é larga, o texto latino tem uma variante que parece ira além do texto vulgar:

> "*Et tua* ***ipsius*** *animam pertransibit gladius.* O que quer dizer literalmente: O mesmo gládio transpassará a alma dele e a vossa."

É como se a alma do Filho e a da Mãe fossem tão intimamente unidas que o gládio que transpassa uma, transpassasse necessariamente a outra.

É uma união maravilhosa que esgota toda a energia da expressão e cuja justificação nos aparece nesta outra palavra do Evangelho:

> "*Stabat autem juxta crucem Jesu, Mater ejus.* Entretanto estavam de pé junto à cruz de Jesus sua mãe. (Jo 19, 25)"

Esta união admirável, que descobrimos entre a paixão de Jesus e as dores de Maria, deve existir igualmente entre a glória de Jesus e a glória de sua Mãe.

Como seria possível que, tendo sido unidos tão intimamente no sofrimento, o fossem menos na alegria?

E esta alegria não é somente a glória do céu, é também o **modo** de entrar nele.

Jesus ressuscitou no terceiro dia; subiu do túmulo, triunfador da morte, e depois subiu ao céu para ir ocupar o seu lugar ao lado de seu Pai.

Maria também devia ressuscitar ao terceiro dia, triunfadora da morte com o seu Jesus e subir ao céu para ocupar o lugar de honra que lhe

compete como Mãe de Deus, corredentora dos homens, Rainha do Céu e Mãe dos homens.

A ressurreição da Virgem Santa e a sua Assunção no céu, vem, deste modo, completar a união perfeita, indissolúvel, do Filho e da Mãe, para **perpetuar na glória** uma união começada no sofrimento e na morte.

A glória corresponde à graça.

A graça é uma glória começada.

A glória é uma graça consumada.

E Maria, cheia de graça, devia ficar cheia de glória no céu... e para isso, entrar nele com uma majestade que não cabe às simples criaturas, mas só a Jesus e a sua Mãe!

***

Limitemo-nos a estes *seis* argumentos.

Podiam-se formular muitos outros ainda, pois pode-se dizer que toda a vida, todas as prerrogativas, todas as virtudes da Virgem Santíssima exigem a ressurreição de seu corpo e a sua Assunção ao céu!

Repito-o. Não está explicitamente indicado no Evangelho, mas sim *implicitamente;* porém de modo tão convincente, tão certo, tão lógico, que a dúvida a esse respeito é absolutamente impossível.

A Assunção Gloriosa

O corpo da Virgem Santíssima após a sua ressurreição não ficou aqui na terra.

A terra não era digna de possuí-lo; era-lhe mister o céu, com a sua glória e a sua felicidade suprema.

Acompanhada pelos anjos, levada sob as suas asas luminosas, Maria Santíssima brilha com um esplendor incomparável, seu corpo é transfigurado, glorioso, e penetra no céu, no meio das aclamações da corte celeste.

As hierarquias afastam-se diante dela, os serafins abrem as suas falanges amorosas para deixá-la passar; e em presença de toda a corte celeste, Jesus coroa, ao mesmo tempo, os seus privilégios, as suas virtudes e os seus sofrimentos.

Ela é **Rainha,** como Jesus Cristo seu Filho é **Rei.**

Rainha pelo esplendor de sua **perfeição,** pois tudo o que não é Deus, é menos perfeito do que ela.

Rainha pela imensidade de sua **felicidade,** pois toda a felicidade que há nos Santos e em cada um deles, acumula-se e concentra-se em sua alma extasiada.

Rainha pela extensão de seu **poder,** pois o céu inteiro está prestes a obedecer-lhe e desde então as abóbadas celestes começam a repercutir

os ecos deste hino que não terá fim: *A Mãe dolorosa do Cordeiro Imaculado, glória, honra, poder, no século dos séculos.*[163]

É, pois, um ponto de doutrina que o corpo de Maria tendo sido elevado ao céu, ali goza de uma glória incomparável e possui no mais alto grau, todas as perfeições que possuirão os corpos dos outros bem-aventurados após o juízo final.

É um ponto de doutrina que não é ainda **dogma** de fé, mas que não se pode contestar.

A Assunção da Santíssima Virgem foi sempre ensinada em todas as escolas de teologia e não se encontra nenhuma voz discordante entre os Doutores.

A Assunção é como uma consequência da encarnação do Verbo.

De fato, há uma ligação admirável entre os diversos mistérios do cristianismo e a Assunção, como mostrei acima.

---

[163] NE: É Rainha também porque seu Filho Jesus é Rei. Maria é a Rainha Mãe, a figura maternal que aparece junto dos reis ao longo de quase toda a Sagrada Escritura. A instituição da Rainha Mãe surge, pela primeira vez, na descendência da casa da Davi, nos reis que vieram após o seu reinado. Neste tempo, os reis de Israel tinham várias mulheres e era impossível escolher uma delas para reinar ao lado deles; sendo assim, a solução foi reinar junto com as suas respectivas mães.

Portanto, quando o anjo disse que ela seria Mãe do Cristo, ela imediatamente soube que seria Rainha. Apocalipse também mostra Nossa Senhora, numa grande visão no céu, com uma Coroa de Doze Estrelas, ou seja, Rainha.

Se a Virgem Imaculada recebeu outrora o Salvador Jesus, é justo que o Salvador, por sua vez, receba a Virgem Santa.

Jesus, não tendo desdenhado o descer em seio puríssimo, Ele deve elevá-la agora, para partilhar a sua glória.

Não nos admiremos que Maria ressuscite com tanta glória, pois Jesus, a quem ela deu a vida terrestre, lhe restitui hoje o que dela recebera.

E como é próprio de Deus o mostrar-se sempre o mais magnífico, embora tenha recebido dela apenas uma vida mortal, convém que em troca, lhe dê uma vida imortal.

CONCLUSÃO

A conclusão destas considerações pode e deve ser curta.

Para uma alma sincera a discussão é impossível, e perante o bom senso as objeções protestantes se dissipam, porque são sem base e sem resistência.

A Mãe de Jesus, e como tal *Mãe de Deus,* tem um direito a todas as honras e louvores de que somos capazes.

Deus escolheu-a, *entre e acima de todas as mulheres, encheu-a de graça* e dignou-se nascer em seu seio virginal. Depois quis ser por ela educado, dirigido, obedecendo-lhe em tudo, como vemos no Evangelho.

Depois desta elevação de Maria à mais sublime dignidade que pode existir, será possível que Deus a tenha repudiado, destronado, rejeitado?

Sabemos que Maria Santíssima foi sempre fiel a todas as graças, correspondeu fielmente a todos os convites de Deus, de modo que não houve da parte dela a mínima infidelidade. Ela soube manter-se à altura de sua dignidade de *Mãe de Deus.*

Ora, é uma lei básica que nunca Deus **se afasta** de uma alma sem que primeiro esta alma se afaste d'Ele: *Aproximai-vos de Deus e ele se aproximará de vós,* diz São Tiago (Tg 4, 8).

Como podia Ele, pois, rejeitar a sua própria Mãe? Depois de ter se servido dela para a realização dos mais sublimes mistérios, depois de a ter elevado acima de todas as criaturas, Ele não pode desprezá-la e reduzi-la ao nível de qualquer outra mulher.

É impossível!

Seria a maior das ingratidões.

Deus devia, para conservar a harmonia em sua própria obra, continuar a exaltá-la, como Ele começou a fazê-lo desde a predestinação até a hora de sua morte.

Ora, podendo preservar a sua Santa Mãe da corrupção do túmulo, podendo fazê-la ressuscitar e levar ao céu, corpo e alma, Ele devia fazê-lo.

Deus devia **coroar na glória** àquela que Ele já coroara na terra... e conservá-la perto de Si no céu, como a conservara perto de Si aqui na terra.

Maria, não faltando aos deveres de sua alta e sublime vocação de Mãe de Jesus Cristo, Deus também não podia faltar a seus compromissos para com ela.

E não faltou!

Ele se conservou fiel, enriquecendo cada vez mais, aquela que já estava *repleta de graças*, mas cuja plenitude ia se dilatando na medida de sua cooperação às graças divinas.

E eis porque Deus devia, no fim de uma vida tão repleta de santidade como a de sua Mãe, como **consequência** de sua Imaculada Conceição e de sua Maternidade Divina, preservá-la da corrupção do túmulo, fazê-la ressuscitar, levá-la para o céu, para que ali ela continuasse a ser na glória o que era na terra: *A Mãe de Deus e a Mãe dos homens.*

Assim Deus devia fazer.

E Ele o fez.

Maria Santíssima foi levada ao céu em corpo e alma, participando este corpo virginal das prerrogativas dos *corpos glorificados,* e lá na glória gozando da posse de Deus, pela visão intuitiva.

A glória, ou beatitude essencial, consiste na *visão clara, face a face, da divindade,* porém esta visão está **em relação** com a santidade de cada eleito.

Em Maria Santíssima tal visão devia ser incompreensível, imensa, infinita, pois deve corresponder a três coisas:

1. À **dignidade** de Mãe de Deus.

2. Às **graças** recebidas durante a sua vida mortal.
3. À excelência de seus **méritos.**

Ora, a **dignidade** de Maria sendo incompreensível, a sua glória o deve ser sob o mesmo título.

As **graças** de Maria são tão imensas que ultrapassam as graças dadas a todos os Santos juntos.

Os seus **méritos** estão fora e acima de toda a compreensão; pois tendo correspondido a todas as graças, a esta plenitude de graças, corresponde necessariamente uma plenitude de méritos.

Devemos, pois, concluir que a glória concedida por Deus à Maria Santíssima é a glória suprema, que pode convenientemente ser concedida a uma pura criatura.

Pela beatitude de Mãe de Deus, conhecemos melhor a grandeza de Deus, a sua santidade, o seu poder, a sua magnificência, do que pela glorificação de todos os Santos.

Esta beatitude essencial da Mãe de Jesus não difere, quanto à *espécie,* de beatitude dos outros Santos; entretanto, esta glória é tão intensa, que constitui uma como ordem especial que, depois da visão de Deus e de Jesus Cristo, ocasiona aos bem-aventurados maior felicidade que todos os outros bens de que é repleto o céu.

Tal se nos apresenta Maria na glória do céu: *Sentada à direita de seu Filho querido* (1Rs 2, 19), *revestida do sol,* como no-la descreve o Apocalipse (Ap 12, 1) cercada da glória, *como a glória do Filho único de Deus* (Jo 1, 14), pois é a mesma glória que envolve o Filho e a Mãe!

Como Ele é belo nesta glória!

Como é suave o seu sorriso de Mãe!

Como ela nos estende os braços para nos convidar a irmos a ela e partilhar um dia a sua glória!

14. Maria, Medianeira das Graças

Eis um assunto que vai fazer ranger os dentes aos infelizes Batistas.

Maria, Medianeira entre Deus e os homens, bradarão eles, eis o que é o cúmulo, é idolatria, é absurdo, é invenção papal, é pagão... é tudo... é tudo o que há de horrível e execrável, porque não é protestante.

Pobres protestantes! Que nem enxergais a explosão de ódio que se apodera de vós, o que já é uma refutação aos vossos erros, pois o **ódio** nunca foi e nunca será virtude.

Nós refutamos os vossos erros porque são erros, mas refutando-os, demonstramos com provas bíblicas, científicas e de bom senso, a verdade oposta a estes erros; enquanto vós blasfemais, procurais refutar a verdade católica, mas nunca chegais a provar nem um de vossos erros e dar-lhes pelo menos uma aparência de verdade.

É o caso da verdade de Maria, Medianeira das graças. Gritais contra, citais textos, mas todos estes textos nada provam em contrário.

É como se alguém para provar que São João é Santo, citasse textos que Judas é traidor e vice-versa.

Mas que relação têm estes textos? Provam o que não deve ser provado e nada dizem do que deve ser provado.

Examinemos bem, de frente e no âmago, esta grande verdade católica; que Maria é Medianeira das graças e vejamos o ridículo das objeções protestantes.

A Objeção Protestante

Recolho a objeção do Jornal Batista, modelo de ódio anticristão e de cegueira fanática.

Leiam bem o pedacinho e examinem o que provam os argumentos citados:

> "Em que razões se apoia o catolicismo para provar o ofício medianeiro da Virgem Maria? Em puros raciocínios humanos. Entre todas as suas razões, falta justamente a mais necessária e fundamental, a razão bíblica, a razão da carta constitucional do cristianismo, o Novo Testamento.
>
> Esse ensinamento contradiz a Sagrada Escritura que ensina clara e peremptoriamente não só que Cristo é o Mediador, mas que é o único Mediador entre Deus e os homens. Eis apenas algumas passagens:
>
> *O Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido* (Lc 19, 10).
>
> *E os escribas deles e os fariseus murmuravam contra os seus discípulos* (de Jesus) *dizendo: Porque comeis e bebeis com publicanos e pecadores? E Jesus respondendo, disse-lhes: Não necessitam de médico os que estão sãos, mas, sim, os que estão enfermos; eu não vim chamar os justos, mas, sim, os pecadores ao arrependimento* (Lc 5, 30-32).
>
> *Quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará as vossas consciências das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo? E por isso é Mediador de um Novo Testa-*

mento, para que, intervindo a morte para remissão das transgressões, que havia debaixo do primeiro testamento, os chamados recebessem a promessa da herança eterna (Hb 9, 14-15).

E a Jesus, o Mediador de uma Nova Aliança, e ao sangue da aspersão, que fala melhor que o de Abel (Hb 12, 24).

Parte do discurso do apóstolo Pedro no dia de Pentecostes:

Seja conhecido de vós todos, e de todo o povo de Israel que em nome de Jesus Cristo, o nazareno, aquele a quem vós crucificastes, e a quem Deus ressuscitou dos mortos, em nome desse (ex-paralítico) *está são diante de vós: Ele é a pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores, a qual foi posta por cabeça da esquina. E* ***em nenhum outro há salvação,*** *porque também debaixo do céu* ***nenhum outro nome há,*** *dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos* (At 4, 10-12).

Porque há um só Deus, ***e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem*** (1Tm 2, 5)**.**

Eu sou *o bom Pastor: o bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas* (Jo 10, 11).

Eu sou *o caminho, e a verdade e a vida.* ***Ninguém vem ao Pai, senão por mim*** (Jo 14, 6)**.**

E no último dia, o grande dia da festa, Jesus pôs-se em pé, e clamou, dizendo: ***Se alguém tem sede venha a mim e beba.*** *Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios d'água viva correrão do seu ventre. E isso disse ele do Espírito que haviam de receber os que nele cressem* (Jo 7, 37-39).

Naquele dia pedireis (os discípulos) *em meu nome, e não vos digo que eu rogarei por vós ao Pai; pois o mesmo Pai vos ama; visto que vós me amastes, e crestes que saí de Deus* (Jo 16, 26-27).

> Não havendo, pois, na revelação divina passagem alguma que atribua à Virgem Maria a função de Medianeira entre ela e seu Filho, mas muitas militando em contrário, eis a razão dos mestres do catolicismo, que ensinam tal doutrina, se valerem tão somente de raciocínios humanos, tradições humanas, decisões de concílios, etc, etc.
>
> Causa horror o pensar nos resultados funestos de uma doutrina que desvia as almas do único Mediador e Salvador para outra pessoa que embora bem-aventurada, não foi feita por Deus Mediadora, e que também ela mesma nunca se intitulou como tal, e que sentir-se-ia horrorizada, se soubesse que se deva a ela a honra que só ao seu bendito Filho, Homem e Deus, pertence."

Quanta balbúrdia nesta acumulação de textos que nada provam do que se deve provar e nada refutam do que deve ser refutado.

Em tudo isso, qual é a passagem que prova que Maria Santíssima não é Medianeira das graças?

Nenhuma...

Vê-se até claramente que o nosso amigo batista nem sabe exatamente o que é um Mediador; o que é um Mediador principal e o que é um Mediador secundário.

Procuremos lançar um raio de luz neste labirinto protestante.

O Único Medianeiro

Para bem compreender a doutrina católica, é preciso não considerar cada ponto em particular e separado das outras verdades, mas tomar o conjunto das verdades evangélicas.

Uma verdade ilumina outra e muitas vezes, o que é difícil de compreender separadamente torna-se luminoso quando se lhe aproximam outras verdades que se completam e indicam o seu sentido exato.

É o mal do protestantismo.

Ele toma um texto, separa-o do que precede e do que segue e ei-lo a atribuir a tal texto um sentido completamente contrário do que aquele que tinha em vista o autor sagrado.

Os textos assim citados pelo Jornal Batista provam admiravelmente essa asserção.

Por exemplo, ele cita:

Eu sou o bom Pastor.

Eu sou o caminho, a verdade e a vida, etc.

Que provam tais textos contra a mediação da Mãe de Deus?

Absolutamente nada.

O bom Pastor é a imagem da bondade do Salvador.

Ele é o caminho, a verdade e a vida. É certo e claro.

Ninguém duvida disso... por que então provar o que não deve ser provado?

Por que não cita o batista um texto que diga: Maria não é Medianeira das graças?

Não cita tal texto porque não existe.

E existirá um texto contrário?

Perfeitamente! Mas para quem sabe ler e interpretar, não só *a letra que mata, mas o espírito* do texto, que *vivifica.*

O texto mais comprovativo com que os protestantes julgam abater a asserção católica é o de São Paulo:

> "Só há um Deus, e só há um mediador entre Deus e os homens."

Esta verdade é repetida diversas vezes pelo apóstolo (Gl 3,20; Hb 8, 6; 9, 15; 12, 24). E *este Mediador é Jesus Cristo* (1Tm 2, 5).

Ora, este texto de nenhum modo é aplicável a Maria Santíssima, como vou prova-lo aqui.

Nós católicos aceitamos este texto integralmente e em seu sentido claro e positivo.

A Igreja Católica proclama em toda parte que só há um Mediador entre Deus e os homens, e este Mediador é Jesus Cristo, e isto pela razão admiravelmente exposta pelo apóstolo.

O Cristo nos deu um Novo Testamento:

> "Mas onde há um testamento, é necessário que intervenha a morte do testador; pois o testamento não se confirma, senão quanto aos mortos. (Hb 9, 16-17)"

Ora, o Cristo ofereceu-se, morreu, derramando o seu sangue divino.

Logo, *Ele é Mediador do Novo Testamento* (Hb 9, 15).

Até aqui não há discussão: Católicos e protestantes estão de acordo.

Mas os católicos vão adiante e invocam a Imaculada Mãe de Deus como **Medianeira** das graças.

Será possível isso?

Por que não? E os protestantes, refletindo um pouco, serão obrigados a conceder o que ilogicamente combatem.

Maria é Medianeira das graças.

JESUS E MARIA NA MEDIAÇÃO

Procuremos compreender bem a diferença infinita entre a mediação de Jesus Cristo e a de Maria Santíssima.

É a confusão desta diferença que exalta nossos amigos protestantes e lhes dita as ridículas objeções que nos apresentam.

Primeiramente, que é um medianeiro?

É uma pessoa que *está no meio,* entre duas outras pessoas para *uni-las.*

Para isso duas coisas são necessárias: **estar** no **meio,** e ter por ofício **unir** os dois extremos.

Sempre os extremos se unem *no meio*.[164]

Alguém pode exercer este ofício de dois modos:

1. Como agente principal e perfeito (*principaliter et perfecte*).
2. Como encarregado de preparar os caminhos (*ministerialiter et dispositive*).

Vê-se logo a diferença entre estes dois ofícios.

O primeiro é de ser o **meio,** o medianeiro por direito, pela sua própria posição.

O segundo é de ser nomeado para realizar ou preparar uma união.

O primeiro medianeiro é **principal.**

O segundo medianeiro é **secundário.**

O primeiro é **necessário.**

O segundo é **útil.**

Elucidemos isso com um exemplo popular.

Entramos numa casa de comércio e aí encontramos o **dono** da casa e o **caixeiro**[165]**.**

---

[164] S. Thom. Q25 A1.

[165] NE: Caixeiro é um empregado que, numa casa comercial, atende no balcão.

O dono é o medianeiro principal, necessário, perfeito, entre o comprador e a mercadoria a comprar.

O caixeiro está igualmente vendendo mercadorias, mas como medianeiro secundário, como encarregado, útil.

Negociando com um deles, estamos satisfeitos, e nem sequer nos lembramos de que o **dono** é o único *mediador* de compra, e que o seu caixeiro é um mediador *nomeado,* encarregado de vender fazendas[166].

Sentimos ser natural que ao lado do **dono** haja um ajudante e compramos das mãos deste ajudante com a mesma confiança que das mãos do dono.

Pois bem, tal é, com toda a imperfeição da comparação, o ofício do medianeiro principal e do secundário.

Jesus Cristo é o único Medianeiro entre Deus e os homens. É certo: Ele é mais que Medianeiro, Ele é o Senhor, é o Mestre, é Deus.

Fazendo-se homem, lhe aprouve nomear a Virgem Santíssima, a sua auxiliar: auxiliar secundária, não necessária, mas sumamente útil.

Por que os protestantes aceitam tal medianeiro perto dos homens e não a aceitam perto de Deus?

---

[166] NE: Não se trata de propriedade rural. No modo de dizer antigo, fazenda tem aqui o sentido de mercadorias.

A mediação do auxiliar de comércio em nada prejudica, altera ou diminui os direitos e o ofício do **dono** da casa... porque tal auxiliar não age por conta própria, mas sim por conta de seu senhor e segundo as suas ordens.

Assim a Mediação secundária de Maria Santíssima em nada prejudica, altera ou diminui a autoridade de Jesus Cristo, pois ela não age por conta própria, mas de acordo com Jesus e sob a direção de Jesus.

Jesus Cristo fica bem o único Medianeiro entre Deus e os homens, como o dono da casa comercial fica o único dono dos bens de sua casa.

Maria Santíssima é auxiliar, é encarregada por Jesus Cristo deste ofício, ficando em segundo plano, e agindo em tudo de acordo com o seu divino Filho.

Como poderia, pois, a sua *mediação* ser prejudicial à de Jesus Cristo?

É impossível... E até ridículo supô-lo.

Eis o que fazem os protestantes. Não compreendendo nem os termos, nem o ofício, nem a união, começam logo a atacar o que não compreendem.

A Mediação de Maria Santíssima, *ministerialiter et dispositive,* é o complemento natural da Mediação soberana, principal e perfeita de Jesus Cristo.

Estas duas Mediações unem-se para operar a grande reconciliação entre Deus e os homens.

O que acabamos de ver da união de Maria Santíssima com seu divino Filho como Medianeira secundária, de ofício, nos dá a razão porque a Igreja chama-a de Medianeira perto de Cristo Mediador. São as palavras de São Bernardo e de sua Santidade o Papa Pio IX na bula *Inefabilis:*

> "A Virgem Santíssima é quem tem mais poder no mundo inteiro, perto do Unigênito Filho, como Medianeira e Consoladora."

Diz-se que ela é: Medianeira, perto do Cristo Mediador. *Mediatrix ad Christum Mediatorem,* para melhor destacar a Mediação secundária (*ministerialiter et dispositive*).

Pode-se dizer que ela é a Medianeira entre Jesus Cristo e os homens, como Jesus Cristo é o Mediador entre Deus e os homens.

Estas expressões têm necessariamente a mesma significação, pois Jesus Cristo sendo Deus, desde que Maria é Medianeira entre o Cristo e os homens, ela é necessariamente Medianeira entre Deus e os homens.

O termo *entre Jesus Cristo e os homens,* exprime melhor a sua Mediação *ministerial, secundária* e afasta a ideia de querermos igualar a Mediação da Virgem Santa à Mediação de Jesus Cristo.

Jesus Cristo é o Medianeiro, o único Medianeiro, porque só Ele pela sua natureza divina e humana está **no meio** entre Deus e os homens. Só Ele junta em sua **única pessoa** divina os dois extremos: Deus e o homem.

Maria Santíssima é simples criatura, mas uma criatura elevada por Deus à mais sublime honra: à honra de Mãe de Deus, e pela sua Ma-

ternidade Divina ela fica unida a seu Filho para a realização da redenção do mundo...

A consideração desta nova obra vai revelar novas verdades e pôr em nossas mãos novos argumentos, aparentemente desconhecidos pelos protestantes.

MARIA NA OBRA REDENTORA

Os erros dos protestantes a este respeito provêm de uma lamentável confusão na obra da Redenção.

Eles representam a Redenção como sendo obra exclusivamente de Jesus Cristo como Deus, reduzindo a participação de Maria Santíssima à parte que as outras mães tem no nascimento de seus filhos.

Para eles, Jesus nasceu de Maria Santíssima. *Maria, de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus* (Mt 1, 16).

Não negam este ponto fundamental porque está em plenas letras no Evangelho, falsificando, entretanto, a significação do nome: Cristo, para fazer de Maria Santíssima a mãe de um homem e não **Mãe de Deus.** Ora, Jesus Cristo é homem, mas nunca foi *um homem,* faltando-lhe, para isso, a pessoa humana.

Os protestantes pretendem que Maria deu à luz o Cristo, como a mãe de Rui Barbosa deu à luz este filho, ou como Santa Mônica deu à luz Santo Agostinho, ou como Margarethe Lindemann deu à luz Martinho Lutero.

Indiretamente, a mãe de Rui Barbosa teve qualquer influência sobre as letras brasileiras, como Santa Mônica a tem sobre o Tratado da Graça, escrito pelo filho, ou como a mãe de Lutero tem indiretamente uma influência sobre a fundação do protestantismo; e pronto, nada mais.

Jesus nasceu de Maria. O Evangelho no-la mostra na casa de Santa Isabel perto do presépio; em Caná, ao pé da cruz; com os apóstolos no dia de Pentecostes; mas, concluem eles: que relação tem isto com a Redenção e com a Salvação?

Pobres cegos, não enxergam eles que a Redenção é uma obra toda diferente das obras humanas; é uma **obra divina** e, como tal, forma uma **unidade** perfeita em todas as suas partes.

A obra **redentora** (e este ponto é o eixo sobre o qual giram todas as outras obras divinas), a **redenção** não é simplesmente a Paixão e a Morte do Salvador, como o pensam os protestantes; mas é o conjunto de tudo o que se refere a ela, na **preparação,** na **execução** e na **aplicação.**

A obra redentora, nos desígnios divinos, é **uma só:** é a nossa salvação por Jesus Cristo.

A Encarnação e os diversos mistérios de Jesus Cristo são unicamente orientados para a Redenção.

É uma obra única, constando de duas partes.

Há a Encarnação, a Vida e a Morte de Jesus, para resgatar-nos, reconciliar-nos com Deus, e nos merecer as graças necessárias que cada um receberá na hora oportuna durante a vida. Há depois as graças parti-

culares que nos são preparadas, em vista dos méritos de Jesus Cristo, e que formam como que a trama da nossa vida sobrenatural.

Sendo certo que Maria teve a sua parte ao lado de Jesus na *obra redentora,* pelo fato mesmo ela deve ter parte na obra da nossa salvação e em todas as graças que nos são dadas em vista do Redentor, pois tudo isso é uma única e mesma obra redentora.

Nenhum protestante de boa fé pode negar esta **unidade** completa da obra divina!

Tudo isso é ligado à Maternidade Divina.

Na ocasião da Encarnação, que é que o anjo São Gabriel, em nome de Deus, negocia com a Virgem de Nazaré?

Que é que ele propõe a Maria?

Será uma coisa particular, pessoal?

Pede o anjo que Maria consinta em dar à luz o Filho de Deus, ficando este, depois, livre de salvar o mundo como ele entender, tendo sido Maria um instrumento cego, uma espécie de máquina automática, que se rejeita depois, como se corta e rejeita uma bananeira que deu cacho?

Tudo isso seria sumamente ridículo e indigno de Deus... E é o contrário que ressalta da simples leitura do Evangelho.

O anjo não se limita a falar da grandeza pessoal de Jesus, mas o apresenta como Salvador, Messias esperado, Rei da humanidade, Redentor...

> "Este (filho: Jesus) será grande. O Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi... reinará eternamente. Será chamado Filho de Deus. (Lc 1, 32)"

Eis a grandeza pessoal de Jesus.

Na ocasião do nascimento, os anjos diziam aos pastores:

> "Nasceu-vos um Salvador, que é o Cristo Senhor. (Lc 2, 11)"

E São Simeão disse d'Ele:

> "Meus olhos viram a tua Salvação. (Lc 2, 30)"

> "Eis que este menino está posto para ruína e para a ressurreição de muitos em Israel e para ser alvo da contradição. (Lc 2, 34)"

> "Sabemos que este é verdadeiramente o Salvador do mundo. (Jo 4, 42)"

> "Encontramos o Messias, que quer dizer o Cristo. (Jo 1, 41)"

Eis a missão de Jesus.

E Maria, devendo ser a *Mãe de Jesus,* o é necessariamente de **Jesus inteiro,** de Jesus, como *pessoa* e como *enviado* de Deus.

O arcanjo lhe propõe, deste modo, cooperar à Salvação da humanidade, à obra messiânica, ao estabelecimento do reino anunciado, numa palavra: *a obra redentora.*

E tal é a razão, porque Maria é *cheia de graça e bendita entre todas as mulheres* (Lc 1, 28).

Não se pode distinguir em Jesus a **pessoa privada,** da qual Maria seria a Mãe, e a **pessoa pública,** na obra da qual a sua Mãe teria apenas uma ligação indireta e remota, como pretendem os protestantes.

Pelo fato de sua cooperação à Encarnação, Maria Santíssima cooperou à obra redentora, e isso de um modo próximo e direto.

A Encarnação é a Redenção principiada.

Cooperar à Encarnação é, pois, cooperar diretamente à Redenção.

E cooperar à Redenção é cooperar à nossa Salvação.

Deste modo, nós somos devedores à Maria de **Jesus inteiro:** E Jesus como *resgate* e como *fonte* de todas as graças.

Não é a Encarnação que nos salva, sem dúvida; mas, sim, a morte do Verbo Encarnado.

Porém, notemos que o Verbo se encarnou para morrer.

E este *Jesus Encarnado para morrer* nos é dado **por** Maria.

Logo, Deus dando-nos Jesus por Maria, nos dá tudo por Maria e esta é verdadeiramente a Medianeira entre Deus e os homens, ao lado, embora em baixo, de seu Filho Jesus.

Maria na Obra Santificadora

Maria, presente na obra redentora, deve igualmente estar presente na obra santificadora dos homens; pois a segunda obra é a continuação

da primeira, e deve como tal obedecer aos **mesmos princípios** e às mesmas diretivas.

Como acabamos de ver: Maria é indissoluvelmente unida a Jesus na obra da nossa Redenção.

Ora, a influência de Jesus não para na hora de sua morte. Sabemos que no céu, Ele não cessa de oferecer os seus méritos para obter-nos as graças de santificação e de salvação.

Logo, é preciso admitir a ação de Maria perto de Jesus no céu, como ela agia perto d'Ele na terra.

Se assim não fosse, *o termo não corresponderia ao começo*, haveria uma espécie de discordância entre as diversas partes do plano divino, haveria uma cisão em sua **unidade.**

A obra redentora não é uma obra feita de uma vez para sempre pelo Salvador, ficando ao encargo de Deus o distribuir as graças merecidas pelo sangue divino enquanto Jesus Cristo ficaria na glória do céu como indiferente a esta distribuição, e indiferente para as almas que resgatou uma primeira vez.

É outro erro protestante acerca da Salvação.

A verdade é que Jesus Cristo continua a intervir perto de Deus por nós, é Ele quem faz jorrar e quem esparge as ondas da graça sobre as almas resgatadas pelo seu sangue.

Aos que o perseguiam Jesus disse:

> "Meu Pai opera, e eu opero também. (Jo 5, 17)"

> "O Pai ninguém julga, mas deu ao Filho todo o poder de julgar. (Jo 5, 22)"

> "Tudo o que fizer o Pai, o faz igualmente o Filho. (Jo 5, 19)"

Ora, Jesus não estava só nesta primeira parte da obra: Maria estava com Ele. *Erat Jesu ibi* (Jo 2, 1).

Se Ele estivesse só na segunda parte, a unidade do plano divino estaria rompida, o que não pode ser.

Logo, é necessário que a intervenção atual de Maria se una à intervenção atual de Jesus.

Eles estavam juntos no trabalho, juntos devem estar na glória...

Se o Rei do Céu age ainda para nós, a Rainha deve agir junto com Ele.

Uma coisa estranha seria se o papel de Maria terminasse à porta do céu, o que se ali ela fosse de menor importância do que aqui na terra...

Ela seria uma Mãe, que deixa de ser mãe!

Ela seria uma Rainha, sem cetro e sem reino!

Ela, que estava *cheia de graça* na terra, não estaria *cheia de glória* no céu!

Mas caem por terra todos os raciocínios do bom senso, da ciência e as revelações da fé!

A teologia nos ensina que a glória do céu é a coroação da graça, de tal modo que uma plenitude de graça na terra, exige uma plenitude de glória no céu.

E Maria, *Mãe de Deus* na terra, deixaria de o ser no céu?

Neste caso, ela teria sido mais na terra do que no céu e em vez de o céu coroar a sua graça na glória; Ele lhe arrancaria da fronte, o seu diadema mais glorioso!

Ó! Por favor, cale-se, pobre protestante! Deixe de blasfemar... Uma tal suposição é simplesmente horrível, indigna de Deus e indigna de sua Justiça.

Não, não! Nunca uma tal blasfêmia pode ser aceita por um homem de bom senso, por um cristão.

Aliás, o próprio Evangelho nos insinua claramente o contrário, mostrando-nos que Maria Santíssima continua no céu o que ela já fez na terra.

Deus não a utilizou somente na Encarnação e no Calvário. É carregado nos braços de sua Mãe e como pela sua voz, que Jesus faz sentir as suas primeiras influências santificando São João Batista.

Ela está ao lado do presépio para receber e introduzir os primeiros adoradores.

Ela está em Caná para obter de Jesus o primeiro milagre, que confirmou os seus primeiros discípulos.

Ela está no Cenáculo, o berço da Igreja nascente, como Rainha e Mestra dos apóstolos.

Vemo-la em todas as fases importantes da vida de Jesus Cristo, nas quais Ele comunica as suas graças e atrai as almas a Deus.

Não é isso um sinal bastante claro dos desígnios de Deus?

A Tradição Católica, apoiada sobre os fatos evangélicos, nunca hesitou, e nestes fatos ela reconhece os indícios da verdade, para afirmar publicamente a intervenção de Maria Santíssima na distribuição das graças; em outros termos, ela aclama a Virgem Santa como **Medianeira** de todas as graças.

DUPLA MEDIAÇÃO DE MARIA

Maria é, pois, verdadeiramente a nossa Medianeira, e isto em dois sentidos.

Num primeiro sentido para salientar, de um modo geral, que ela está **ao lado do Mediador,** que é Jesus Cristo, na obra da nossa reconciliação com Deus, de nossa santificação e da nossa salvação.

Num segundo sentido, como Medianeira **entre Jesus e nós,** para darnos Jesus, e com Jesus dar-nos todas as graças da Redenção; para conduzir-nos a Jesus, interceder por nós e atrair sobre nós a sua misericórdia e os seus favores.

Tal é o duplo sentido da Mediação da Virgem Santa:

Uma mediação **geral,** com Jesus entre:

1. Deus e os homens.
2. Uma mediação **particular,** entre Jesus e os homens.

Para refutar os erros protestantes a este respeito, repitamos que isso não significa, de modo algum, que nós aceitamos um Mediador, ao

lado do Mediador único; ou que a Mediação de Jesus nos parece insuficiente, ou que atribuímos qualquer coisa a Maria, fora de Jesus.

Nada de tudo isso, Maria está ao lado de Jesus Mediador, para constituí-lo *Mediador perfeito* neste sentido que ela ocupa na obra da Mediação **da vida** a parte que Deus lhe outorgou; como Eva estava ao lado de Adão na mediação **da morte.**

Em ambos os sentidos aqui indicados, o nome de **Medianeira** inclui para Maria Santíssima, a dupla cooperação à obra redentora acima exposta: cooperação pela **sua ação** na terra, cooperação pela sua **intercessão** no céu.

Estas duas Mediações são universais, como é universal a Mediação de Jesus, e se estendem a todas as graças que nos são concedidas em vista de Jesus.

Compreende-se logo esta *universalidade,* lembrando-se da **unidade** da obra redentora, e da união indissolúvel entre Maria e Jesus no plano da Redenção e Salvação pelo Filho de Deus.

Quem nos deu Jesus como autor de todas as graças, nos deu, pelo fato, todas as graças que Jesus veio merecer-nos.

Quem teve um tal papel no grande dom de Deus, não pode ficar sem *influência atual* na distribuição da graça, pois a graça é como a extensão e o prolongamento de Jesus até nós.

Quem, em toda parte, foi Medianeira com Jesus, não pode cessar de unir a sua ação ao próprio ato pelo qual Jesus exerce a sua Mediação.

De qualquer lado que se contemple a Mediação de Jesus Cristo, na terra como no céu, no resgate ou no merecimento, encontra-se a **mediação** de Maria, unida à Mediação de Jesus Cristo.

Tal é a bela e consoladora doutrina que nos transmitem os Santos Padres e Doutores da Igreja, e o fazem com uma firmeza, uma convicção que mostram que tal foi sempre a Tradição Católica; e uma Tradição tão universal, que muito raramente foi contestada, senão por hereges.

Numa das orações da festa da medalha milagrosa, a Igreja adota integralmente esta opinião, dizendo:

> "Senhor, Deus onipotente, que quisestes que recebamos todos os bens pela Mãe Imaculada de vosso Filho, concedei-nos, pelo auxílio de uma Mãe tão poderosa, etc."[167]

São conhecidas as belas palavras de São Bernardo, que resumem toda esta doutrina:

> "Deus pôs em Maria a plenitude de todo bem; em consequência não esqueçamos que toda a nossa esperança, de graça, e de salvação, nos vêm dela; e que é como a da super-plenitude deste canal de bênção que se derrama sobre nós."[168]

Citemos ainda este belo trecho de São Bernardino de Sena, que resume todo o mecanismo da transmissão da graça:

---

[167] Festa da medalha milagrosa – 27 Nov. – Postcom.

[168] Serm. Aquaeducta n. 6.

> "Todas as graças transmitidas aos homens neste mundo lhes chegam por uma tríplice processão: Elas vão do Pai ao Cristo, do Cristo à Virgem Santa, da Virgem Santa a nós.
>
> De fato, desde o momento em que Maria concebeu em seu seio o Filho de Deus, ela goza de uma espécie de jurisdição ou de autoridade sobre todas as processões temporais do Espírito Santo, de modo que nenhuma criatura recebe de Deus graças, senão pela mediação de Maria."

É o que a piedade cristã exprime neste axioma clássico: *Tudo para Jesus, nada sem Maria.*

CONCLUSÃO

Grandes e sublimes verdades passaram diante de nosso espírito.

Verdades certas, irrefutáveis, mas que, entretanto, não constituem dogma de fé, porque a Igreja não as definiu ainda.

Convém notar que uma verdade não é menos certa e menos provada por não ser ainda declarada dogma de fé pela autoridade infalível da Igreja.

A Igreja não a definiu ainda porque não há discussão a dirimir sobre este ponto. Poucos são os inimigos, fora os protestantes, que contestam este título de Maria como Medianeira de todas as graças.

Os dogmas desenvolvem-se *subjetivamente,* isto é, pelo conhecimento mais amplo e mais profundo que vamos adquirindo deles pelo estudo, os ataques e as discussões; embora fiquem imutáveis *objetivamente,* isto é, tais quais são em si mesmos.

Entre as verdades mais proximamente definíveis figuram, de certo, a **Mediação** universal de Maria e a sua gloriosa **Assunção.**[169]

Estas verdades *explicitamente* transmitidas pela Tradição estão *implicitamente* contidas no dogma da Imaculada Conceição e da Maternidade Divina e espiritual de Maria, donde se vão separando, à medida que são estudados com mais profundidade pelos teólogos.

Terminemos este capítulo resumindo em poucas palavras o modo pelo qual se faz a Mediação da Virgem Santa.

A intervenção atual de Maria em nosso favor, não tem por efeito **produzir** a graça, o que só pertence a Deus, mas sim de **obtê-la** e de **contribuir** para isto.

Tal intervenção não se exerce senão na ordem da Salvação.

Quando se lhe pede e dela alcança favores temporais, a influência de Maria é sempre de conduzir os homens ao seu fim sobrenatural.

E como exercer esta influência salutar de Maria?

Principalmente por modo de **intercessão,** pelas suas preces.

É pelas suas súplicas, sobretudo, que a Virgem Imaculada inclina continuadamente o coração do Filho a aplicar os frutos de seu sangue,

---

[169] NE: O dogma da Mediação de Todas as Graças ainda não foi definido, porém o da Assunção de Nossa Senhora o foi em 1950.

e a misericórdia do Pai, em infundir nas almas os dons do Espírito Santo.

E estas súplicas da Mãe de Deus se apoiam sobre um duplo motivo: primeiramente, sobre os **merecimentos de seu Filho** e, secundariamente, sobre seus **próprios merecimentos.**

Podemos nos aproximar de Deus com confiança, tendo o Filho por Mediador perto do Pai e Maria por Medianeira perto do Filho.

O Filho mostra ao Pai as suas chagas e o leu lado aberto.

A Mãe apresenta ao Filho as entranhas que o geraram, o seio que o alimentou; súplica esta que supera as súplicas dos anjos e dos homens.

A súplica de Maria apoia-se secundariamente sobre os seus próprios merecimentos. Não sobre novos merecimentos que ela adquire no céu, pois os Santos no céu são incapazes de méritos; mas, sim, sobre os merecimentos adquiridos por ela, durante a sua vida terrestre, e que ao deixar este mundo, ela apresentou a Deus.

Tais méritos já receberam uma recompensa pela sua entrada no céu, porém, das três partes de que é composto o mérito: parte meritória, satisfatória e impetratória, só a parte *meritória* recebeu esta recompensa, de modo que ela continua a interceder para os homens, pela parte *satisfatória* e *impetratória* de seus merecimentos.

Os caracteres distintivos desta intercessão é de ser irresistível ou **onipotente,** de tal modo que os Santos chamam Maria *Omnipotencia supplex,* a onipotência suplicante.

Em segundo lugar, a Mediação de Maria é **universal,** não conhecendo limites, nem para o tempo, nem para o espaço, nem para o número, nem para a espécie de graças.

Os seus benefícios se estendem a todos, diz a Igreja em uma de suas antífonas: *Sentiant omnes tuum juvamen!*

Eis, em síntese, a bela e harmoniosa doutrina da Mediação universal de Maria Santíssima.

Se os amigos protestantes, escutando menos o ódio de sua seita do que o bom senso de sua razão e a narração evangélica, meditassem bem esta doutrina, eles compreenderiam quanto ela se afasta da mesquinha e odienta concepção que eles tem de tal Mediação.

Compreenderiam que os católicos, longe de contrariar o texto de São Paulo que proclama que só há um *mediador entre Deus e os homens,* destacam este texto e põe-no em plena luz, admitindo o único **mediador** entre Deus e os homens, Jesus Cristo, o único Redentor da humanidade.

Mas, do mesmo modo que Deus colocou ao lado deste único Redentor a Virgem Imaculada, como a auxiliar ministerial desta Redenção, fazendo dela, não uma Redentora, mas uma auxiliar ou *corredentora;* assim na obra da santificação das almas Deus colocou a mesma Virgem como auxiliar, ou *comedianeira,* entre Deus e os homens, e como Medianeira especial entre Jesus Cristo e os homens.

Tal é a doutrina lógica, suave, racional e bíblica que a Igreja professa, e que é como a base do culto de amor e de confiança, que os seus filhos dedicam à Virgem Santíssima.

Ó! Em vez de blasfemardes a bondade de Deus, que nos deu uma intercessora tão poderosa e tão carinhosa, invocai-a, implorai-a, pobres protestantes, para que ela dissipe as trevas de vosso espírito, e faça brilhar diante de vosso coração este amor divino que Jesus vem trazer ao mundo, mas que Ele comunica pelo intermédio de sua Mãe querida.

15. Uma Síntese Final

Embora cada capítulo, como sendo a refutação de um erro determinado e a exposição da verdade oposta, tenha a sua conclusão própria; o conjunto destas refutações exige uma conclusão, uma breve síntese final das polêmicas, para que o leitor possa abranger, num relance, toda a doutrina aqui exposta.

Não pretendo repetir as teses neste capítulo, mas apenas assinala-las, para que o leitor possa imediatamente encontra-las no capítulo indicado.

Uma tese não se resume, sem perder a força e a coesão de sua argumentação.

Este capítulo terá, entretanto, a vantagem de relembrar em substância a tese já lida, e reavivar as primeiras impressões desta leitura, nas horas que não seria possível relê-las em inteiro.

O Ódio Protestante

É triste escrever um tal livro para refutar erros, não somente grotescos e absurdos, mas sobretudo erros voluntários, inventados pelo ódio, pela inveja e pela mais estupenda contradição com o bom senso.

Que os protestantes levados pela sua ilusão ignorante ataquem a Igreja Católica, caluniem o papa e os padres, ridicularizam o culto, os Sacramentos e as cerimônias... é tristemente ridículo, porém há uma **explicação** plausível.

Eles **atacam** o que ignoram!

Eles **blasfemam** o que não compreendem!

Eles **ridicularizam** o que é exterior, sem penetrar no espírito que vivifica.

Há uma explicação para tudo isso; pois os pastores protestantes, desde Lutero até hoje, acumularam tantas calúnias, escreveram tantas mentiras e falsificaram tantos fatos, que um pobre protestante sincero, para desvencilhar-se de tantos preconceitos, precisa ser portador de uma inteligência pouco comum, de uma perspicácia muito penetrante e de um amor à verdade, que supere todos os interesses; senão ele será a **vítima,** talvez involuntária, de seus pais e irmãos na fé.

Mas o que é triste... tristíssimo, é que tais protestantes atacam a própria **Mãe de Deus!**

Atacar, blasfemar, rebaixar a Mãe deste Jesus Cristo que pretendem adorar!

Isto é o cúmulo da insensatez!

Querer agradar a Jesus Cristo e conspirar contra a sua Mãe puríssima!

Que contra bom senso!

Aclamar o Filho e lançar no lodo a Mãe!

É um mistério de perversidade!

Ó! Pobres protestantes... refleti, refleti... lede o Evangelho; mas lede inteiro, tal qual ele é, deixando-lhe o seu sentido claro, positivo, e não

lhe dando uma interpretação que o deturpe e o faça dizer o que pensais vós, e não o que pensa, nem disse o Espírito Santo.

Que mal vos fez a Mãe de Jesus?

Por que este ódio contra uma criatura elevada por Deus, exaltada por Ele, aclamada por Ele, e posta por Ele diante da humanidade sofredora, para consola-la, sustenta-la e leva-la a Deus?

Por que este ódio contra a Virgem puríssima?

Por que não atacais São Paulo, os apóstolos, Madalena, Marta, Lázaro, Zaqueu, Nicodemos, as Santas Mulheres?

Por que escolhestes aquela que é tão intimamente unida a Jesus Cristo, aquela de quem Ele tomou o corpo e o sangue que devia imolar para a Salvação do mundo?

Por que concentrar o vosso ódio sobre a cabeça aureolada de pureza, de amor e de glória desta **mulher bendita?**

Que mistério tenebroso é este?

Recitais o *Pai Nosso,* porque está no Evangelho e rejeitais como blasfematória a *Ave Maria,* que também está no Evangelho.

Por que isso?

Por que razão um seria menos digno do que o outro, desde que ambas estas preces caíram dos lábios do Espírito Santo?

Por que, após a recitação do *Pai Nosso,* não juntais, como nós o fazemos, esta bela saudação transmitida por São Lucas?

> "Ave, cheia de graças, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres, e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. (Lc 1, 28.42)"

Recitai esta prece e serei católicos.

Rejeitando-a, não passais de pobres hereges, pois rejeitais o Evangelho.

Realização de uma Profecia

Deus é justo, e esta justiça estende-se a todas as criaturas e através de todos os tempos.

Há mais de 19 séculos, que se encontraram um dia, perto de Hebron, duas primas, sendo uma delas senhora idosa, já no declive da vida; e a outra uma jovem, pura, formosa, revestida de todos os encantos da terra e do céu, da natureza e da graça.

Saudaram-se afetuosamente, quando de repente, a mais idosa fica repleta do Espírito Santo e exclama:

> "Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre. Donde me vem a dita que a mãe do meu Senhor venha ter comigo? (Lc 1, 22)"

Era Isabel, a esposa de Zacarias, a mãe do precursor João Batista.

Diante desta saudação tão extraordinária, tão estranha, a jovem de 17 anos não se perturba, não se admira... ao contrário, ela se sente digna destes louvores e, com a mesma firmeza, com a mesma convicção que a sua prima idosa, esta menina de 17 anos, que ignora ainda o que é a vida e o que é o futuro, esta menina cândida, inspirada pelo mesmo

Espírito Santo, lança para o céu, e através dos séculos, esta estupenda profecia:

> "Eis que, de hoje em diante todas as gerações me chamarão bem-aventurada. (Lc 1, 48)"

Ouvistes, pobres e infelizes protestantes?

Todas as gerações deverão aclamar a Virgem Santíssima, pois é ela que proferiu esta inefável profecia... ou melhor: foi o Espírito Santo que a pôs sobre os seus lábios.

Maria Santíssima tem que ser chamada bem-aventurada por todas as gerações.

Como tenho provado neste livro, desde esta hora, desde a voz de Isabel, que ecoou através do vale de Hebron, e acima das montanhas da Judéia, até aos nossos dias, um brado uníssono, imenso, penetrante, ecoa por cima deste mundo, proclamando a glória da Mãe de Deus.

Os primeiros séculos, desde os apóstolos até Lutero, estão repletos de hinos em honra de Maria Imaculada.

Lede os primeiros capítulos deste livro...

Escutai os brados de amor dos Santos Padres exaltando a **Mulher Bendita!**

Recolhei as inúmeras passagens em que os Santos de todos os séculos aclamam a Virgem Santíssima!

É a realização da profecia citada!

Mas, para que a plena luz ilumine as verdades, é preciso que haja sombras que a façam destacar, lhe deem relevo, saliência, vida.

E isto se faz pelos erros, pelas heresias.

Nos primeiros séculos, os corações pareciam iluminar a fronte da Imaculada.

Os erros nascem, como sombras, num quadro cheio de luz. A refutação a estes erros fez descobrir novas verdades, fez compreender melhor as verdades já conhecidas, e pôs em pleno relevo verdades um tanto esquecidas.

É o que aconteceu com a Virgem Santíssima.

O protestantismo levantou sua mão sacrílega contra a Virgem Imaculada negando a sua pureza virginal, a sua dignidade de Mãe de Deus e dos homens, a sua Mediação universal, a sua Assunção gloriosa, o seu poder perto do seu Filho.

Quiseram os pobres infelizes arrancar o diadema glorioso que Deus pusera sobre a fronte da sua Mãe, e eis que a catolicidade, eis que a Igreja, amorosa e ciosa da grandeza da Mãe de Deus e Mãe sua, levanta-se em peso, para repelir os ataques, refutar as heresias e fazer resplandecer mais radiantes as prerrogativas da Virgem Santíssima.

Deste modo, os infelizes protestantes se tornaram o **panegiristas involuntários** e indiretos do Culto da Mãe de Deus.

Quiseram rebaixar a excelsa Rainha do Céu, mas os súditos desta última explicaram a doutrina verdadeira, abrindo aos olhos de todos novos tesouros, fazendo resplandecer novos títulos.

Os protestantes também são, deste modo, obrigados a proclamar **bem-aventurada** aquela que Deus proclamou *bendita entre todas as mulheres!*

Que terrível castigo para sua bárbara impiedade!

Foi neste ambiente e sob este impulso que nasceu o presente livro.

Ele é uma **resposta** à impiedade e à ignorância protestante.

Em meus outros livros recolhi as objeções feitas por eles contra o culto da Mãe de Deus, e dei-lhes, à medida que se apresentaram, a resposta necessária.

Tais respostas receberam contra-respostas, mostrando cada vez mais o ódio acumulado, concentrado, contra a Virgem Santíssima.

Deus o permitiu, para decidir-me a dar-lhes uma resposta completa, doutrinal, tomando o assunto pela base e de frente, e refutando, uma por uma, todas as heresias que a ignorância e o ódio lançam contra o trono da Imaculada.

A BASE DA VERDADE

O leitor terá notado que dei lugar saliente ao grande dogma da Imaculada Conceição, provando completamente este grande aspecto e sublime verdade, sob os diversos aspectos que se apresenta.

Depois de ter mostrado no primeiro capítulo que o Culto de Maria Santíssima é um Culto completamente *evangélico*, praticado pelos apóstolos, pela primitiva Igreja e pelos Cristãos dos primeiros séculos,

concentro a atenção sobra a Imaculada Conceição de Maria, por ser esta verdade como o **fundamento** de todos os seus privilégios.

Poderá ainda haver dúvida no espírito do leitor sincero?

Parece-me impossível.

Esta verdade provada pela teologia (Cap. A Imaculada Conceição segundo a Teologia), pela Sagrada Escritura (Cap. A Imaculada Conceição segundo a Sagrada Escritura), pelas palavras do arcanjo (Cap. A Imaculada Conceição segundo as Palavras do arcanjo), pela Tradição (Cap. A Imaculada Conceição segundo a Tradição); forma o pedestal granítico, inabalável do grande dogma católico, exposto e discutido no Capítulo A Imaculada Conceição segundo o Dogma Católico.

É impossível percorrer estas provas, ler estas citações tão belas e luminosas dos Santos Padres, sem sentir e como que apalpar a verdade sempre ensinada, defendida e proclamada solenemente pela Igreja Católica.

Tal é a base de toda a polêmica a respeito da Mãe de Jesus.

Provado que Maria foi preservada do pecado original, em previsão da sua Maternidade Divina, provadas estão a sua pureza perpétua e todas as outras prerrogativas que adornam a sua fronte virginal.

Aliás, como se pode ver no Capítulo A Perpétua Virgindade de Maria, os próprios protestantes inteligentes e sinceros fazem-se os defensores desta verdade, condenando seus próprios irmãos de heresia, e tratando-os de hereges e obcecados.

Cito aqui mais uma vez este belo soneto doutrinal, escrito pelo próprio demônio, por ordem de dois Santos religiosos.

É um monumento único, sublime, do dogma da Imaculada Conceição:

Filho,

Mãe verdadeira eu sou, de um Deus que é

E d'Ele filha sou, bem que sua Mãe;

Ab aeterno, nasceu, mas é meu Filho,

Bem que nasci no tempo, eu sou sua Mãe.

Ele é meu Criador, mas é meu Filho,

Sou criatura sua, e sua Mãe;

Prodígio foi divino, ser meu Filho,

Um Deus eterno e ser eu sua Mãe.

Comum é quase o ser, à Mãe e ao Filho;

Porque do Filho, teve o ser a Mãe,

E da Mãe teve o ser também o Filho.

Ora, se o ser do Filho teve a Mãe;

Ou se dirá que foi manchado o Filho,

Ou sem labéu se há de dizer a Mãe.

ERROS E CONTRADIÇÕES

A impiedade protestante, no intuito miserável de rebaixar a Virgem Santíssima e de contradizer a Igreja Católica, foi inventando os *irmãos* de Jesus, baseando-se sobre a palavra *irmão* empregada no Evangelho, e esquecendo-se que tal palavra é um termo genérico que abrange todos e quaisquer parentes.

O Capítulo Os Pretensos Irmãos de Jesus refuta definitivamente esta heresia, mostrando clara e irrefutavelmente que Maria Santíssima era Virgem antes, durante e depois do parto de seu Filho único: Jesus.

Admitida a Imaculada Conceição, tal verdade é, aliás, um corolário desta prerrogativa.

Deus teria feito um milagre inaudito em favor da sua futura Mãe, preservando-a de toda mancha do pecado, para que, Virgem de corpo e alma, ela fosse uma digna Mãe de seu Filho; e depois Ele permitiria que este *santuário vivo* de pureza, fosse violado por um homem, tirando-lhe a virgindade tão cuidadosamente preservada?

Seria isso uma contradição intolerável na obra divina!

Mas os pobres protestantes, jogando com os textos da Escritura, como se joga com uma bola, tecem-lhe os sentidos e comentários mais absurdos, que até aos seus próprios olhos não têm outro mérito, senão de contradizer o ensino católico.

O que eles querem é fazer acreditar que tudo o que a Igreja Católica ensina está errado...

Nas outras seitas protestantes que são perto de 900, afora uns erros, eles aceitam uma parte verdadeira; só na Igreja Católica nada há que se aproveite; tudo, absolutamente tudo aí está *errado.*

Tal é a ideia protestante. Desde que a Igreja Católica diz: *sim,* eles bradam: *não.* Se a Igreja disser: *branco,* eles dirão: *preto;* e se fosse possível a Igreja mudar o seu ensino, o que não faz, pois a verdade é imutável, os protestantes mudariam imediatamente o seu e adotariam a opinião contrária à opinião católica.

Vê-se logo que em todas estas objeções, não há nenhuma sinceridade; só há ódio... e o ódio sempre foi e sempre será *vício,* e nunca será virtude.

O que tenho desenvolvido nos capítulos Novos Erros Protestantes e Morte e Assunção de Maria deste livro, prova admiravelmente esta asserção.

Os protestantes destacam palavras da Sagrada Escritura, como as de *Até que, Primogênito* e outras, dando-lhes uma significação que aberra de todas as leis da gramática, da lógica e da hermenêutica; mas que tem para eles o mérito de ensinar o contrário da Igreja Católica.

Lendo a refutação a estas interpretações, fica-se pasmado ao ver tanta ignorância de um lado, e tanta obcecação de outro.

A Mãe de Deus

Estamos aqui diante do cúmulo da ignorância e do absurdo.

O protestantismo admite que *Maria é Mãe de Jesus*. *Maria de quem nasceu Jesus* (Mt 1, 16) e não admite que Maria é *Mãe de Deus*.

Como explicar tais contradições?

É a renovação do erro de Nestório, condenado no quinto século pelo Concílio de Éfeso, no ano 431.

Pretendia esse heresiarca que em Jesus Cristo havia duas pessoas: uma divina e outra humana. A primeira, sendo Filho do Pai Eterno, a segunda, sendo Filho de Maria.

Neste caso, Maria Santíssima seria Mãe de uma pessoa humana, e nada teria com a pessoa divina em Jesus Cristo.

Ora, isto é um absurdo que amplamente refuto no Capítulo Maria, Mãe de Deus.

Não pode haver duas pessoas em Jesus Cristo. Há uma pessoa única, embora haja duas *naturezas* unidas nesta pessoa única, divina.

Entre as criaturas, chama-se pessoa: *uma substância singular, completa, livre e inteligente.*

Em Deus, a personalidade entende-se no mesmo sentido, porém de um modo *mais excelente,* como aliás tudo o que nós atribuímos a Deus é mais excelente do que quando é atribuído às criaturas.

Ora, admitindo em Jesus Cristo duas pessoas, ou duas substâncias singulares, completas, livres e inteligentes, vê-se logo que Ele seria um ser dividido e, portanto, um ser incompleto; pois todo ser dividido é necessariamente incompleto em sua espécie.

A pessoa divina faria uma coisa e a pessoa humana a coisa contrária, pois sendo independente uma de outra, não haveria nenhuma ligação entre as duas personalidades.

Isto é impossível. É uma contradição... É a destruição da divindade.

Há, pois, uma **única pessoa** em Jesus Cristo, unindo as duas naturezas, divina e humana, e conservando cada natureza as suas operações próprias.

Deste modo há em Jesus Cristo uma inteligência divina e humana, um amor divino e humano; porque tais faculdades pertencem à *natureza* e não à pessoa; mas tudo isso fica unido numa única pessoa, e esta pessoa em Jesus Cristo é **divina.**

Ora, a progenitora de um homem não é a mãe da natureza, mas a mãe da **pessoa** de seu filho.

O homem é composto de um corpo e de uma alma.

A nossa progenitora não é mãe da nossa alma; mas sim da **nossa pessoa,** composta de corpo e alma.

Maria Santíssima, do mesmo modo, é Mãe, não somente do corpo de Jesus Cristo, mas da **sua pessoa.**

Ora, esta pessoa é uma pessoa divina.

Logo, Maria é Mãe da pessoa divina de Jesus Cristo; em outros termos, ela é **Mãe de Deus.**

É simples, é lógico, é certo.

Mas o pobre protestantismo prefere renovar erros antigos, reabilitar heresias condenadas há 16 séculos antes que adotar a doutrina católica.

A Mãe dos Homens

Como corolário lógico da Maternidade Divina de Maria Santíssima, o catolicismo deduz que Maria Santíssima é também *Mãe dos homens.*

O protestantismo, rejeitando a primeira verdade, deve rejeitar também a segunda.

Negando a Maternidade Divina, os pobres hereges negam a maternidade espiritual da Virgem Santa.

Deste modo, eles não conservam nada mais da Mãe de Deus, nem em sua crença, nem em seu culto. É uma ruína completa... É um cristianismo truncado, falsificado, incompleto.

Maria é para eles uma criatura estranha, desconhecida, até inimiga.

Pobre cegueira, pobre ódio!

O Capítulo Maria, Mãe dos Homens é a exposição completa desta bela e consoladora verdade, da maternidade espiritual de Maria.

Nas horas de desalento, releiam os católicos esta exposição, cheia de luz, de encanto e de doçura, e encontrarão nesta verdade um estimulo e um reconforto na prática da santa religião.

O próprio dos pais é *dar a vida.*

Dar a vida é ser mãe.

Maria nos deu a vida da alma.

Logo, ela é a nossa Mãe.

Há, de fato, **duas vidas** em nós: uma vida *material* e uma vida *espiritual,* porque o homem é um composto de corpo e alma, e ambos estes componentes têm uma vida própria.

A vida do *corpo* é uma vida **natural** que recebe da alma.

A vida da *alma* é uma vida **sobrenatural** que recebe de Deus.

Chama-se a vida do corpo **vida humana.**

Chama-se a vida da alma **vida divina.**

Cada uma destas vidas têm uma origem diferente.

A *vida humana* provém da união do **corpo e da alma.**

A *vida divina* provém da união da **alma com Deus.**

Sabemos donde nos vem a vida do corpo: de nossos pais.

A vida de nossa alma vem de Deus; por isso, Ele é nosso Pai, porém Ele nos vem pela Santíssima Virgem Maria; por isso, ela é nossa Mãe.

Deus é a **fonte.**

Maria é o **canal.**

Ambos, Jesus e Maria, cooperam na vida da nossa alma.

Logo, se Deus é nosso Pai, Maria Santíssima é nossa Mãe!

Cinco razões principais confirmam a doutrina da Maternidade **espiritual** de Maria, razões expostas e comentadas no mesmo Capítulo Maria, Mãe dos Homens que se pode sintetizar neste raciocínio:

O Cristo é a nossa vida, como diz São Paulo (Fl 1, 21).

Ora, Maria é a Mãe desta vida.

Logo, ela é também a nossa Mãe.

Eis porque o Evangelho diz que Maria deu à luz o seu filho *primogênito* (Mt 1, 25).

Este primogênito é *único* na ordem natural; na ordem espiritual Ele é o primeiro entre muitos irmãos. *Ut sit ipse primogenitus in multis fratribus,* como diz o apóstolo (Rm 8, 29).

AS BODAS DE CANÁ

É uma das cenas mais encantadoras do Evangelho, e que põe em pleno relevo a **mediação** universal da Virgem Santíssima.

É a razão porque os protestantes falsificaram o texto que exprime claramente a **missão** da Mãe de Jesus.

É o que está exposto no Capítulo Maria, Medianeira das Graças, mostrando pelos textos paralelos, o sentido verdadeiro deste passo.

É uma simples festa de núpcias de um parente de Maria Santíssima ou de São José.

Maria estava ali presente.

Haviam sido convidados também Jesus e seus discípulos.

No meio da festa, falta o vinho.

Maria, com este olhar de Mãe e de dona de casa, percebe o embaraço dos serventes da mesa e sem que estes lhe exponham o seu embaraço, ela se dirige a Jesus, e lhe murmura aos ouvidos:

> "Eles não têm mais vinho."

Nada mais.

Jesus ouviu e compreendeu, é o bastante.

Virando levemente a cabeça para o lado de sua Mãe extremosa, Ele responde sorrindo suavemente:

> "Deixe estar, Senhora, cuidarei disso, embora não tenha chegado ainda a minha hora."

Maria retribui o sorriso de seu Filho, e dirigindo-se diretamente para os serviçais lhes diz, transmitindo visivelmente uma recomendação de seu Filho:

> "Fazei tudo o que ele vos disser."

Em seguida, Jesus levanta-se, manda encher as urnas de ablução com água... e, a pedido da sua Mãe, muda a água em vinho, fazendo deste modo, o *primeiro* de seus milagres.

> "Manifestou a sua glória e os seus discípulos creram nele. (Jo 2, 11)"

Esta cena não é simplesmente um fato, é **uma lei.**

A lei, promulgada por Jesus, que todas as suas graças hão de passar pelas mãos da sua Mãe Santíssima.

Ele, o Cristo, é o **princípio** e a fonte de todas as graças; Maria é o seu **canal** transmissor.

É a conclusão que Santo Agostinho tira deste fato:

> "Deus, tendo-nos dado Jesus Cristo por Maria, esta ordem não muda mais, e Maria tendo colaborado para a nossa Salvação na Encarnação, que é o **princípio universal** da graça, deve contribuir em todas as outras operações, que são dependentes desta primeira."

Para provar esta dedução **teológica,** temos três **fatos** evangélicos, sem réplica.

Todas as graças dadas aos homens se referem à esta tríplice manifestação de Deus: à *Encarnação,* à *Visitação* e ao milagre de *Caná.*

Constantemente Jesus Cristo vem ao mundo, **por Maria.**

Constantemente Maria nos traz seu Jesus, pela **Visitação.**

Constantemente Deus dá suas graças, pela **intercessão** de Maria.

É uma lei geral, confirmada por estes três fatos evangélicos; ou melhor, é a **conclusão** destes três fatos.

A cena de Caná não é, pois, uma simples festa de núpcias, é a imagem do grande festim ao qual Jesus Cristo nos convida, a que Ele mesmo preside, mas onde encontramos também a sua Mãe Santíssima, para apresentar-nos a Ele, e se preciso fosse, pedir-lhe um milagre em nosso favor.

A cena de Caná é, pois, a manifestação de **Jesus por Maria** para que o mundo creia n'Ele, como por este fato os discípulos creram em Jesus.

MORTE E ASSUNÇÃO DE MARIA

É o assunto do Capítulo Morte e Assunção de Maria.

É outro ataque do protestantismo.

Não negam, de certo, a morte da Mãe de Jesus, mas atribuem-lhe uma morte natural, como a qualquer outra criatura vivente.

Quanto à *Assunção* ao céu em corpo e alma, eles a negam redondamente.

Ficou provado neste capítulo, porque e como Maria Santíssima morreu.

Tendo sido preservada do pecado original, ela não estava sujeita à lei geral da morte, como sendo esta lei o castigo do pecado, mas estava sujeita à morte pela sua **natureza** humana que era mortal.

Por um privilégio especial, Deus isentou da morte a Virgem Santa como no paraíso terrenal, por privilégio especial, isentara da morte os nossos primeiros pais.

A rebelião de Adão e Eva lhes fez perder este privilégio e ficaram eles, em castigo da sua desobediência, condenados à morte.

Deus restituiu este privilégio à sua Mãe Santíssima: ela, porém, para assemelhar-se mais ao seu divino Filho, não quis fruir deste privilégio e preferiu passar pela porta da morte, para entrar na glória.

Maria morreu, como todos nós devemos morrer: **no amor** de Deus.

Ela morreu, como morrem os mártires, **por amor.**

E ela morreu como convinha que morresse a Mãe de Deus: **de amor.**

Uma tal morte exigia a **Assunção.**

O amor é eterno, é indestrutível, como diz o apóstolo.

E Maria Santíssima era toda amor.

Ela não podia ficar sujeita à putrefação do túmulo.

Seis belos argumentos provam esta grande verdade.

São belos demais para resumi-los; é preciso relê-los todos no Capítulo Morte e Assunção de Maria deste livro.

Maria devia, o mais possível, tornar-se semelhante a seu Filho.

Jesus ressuscitou no terceiro dia para subir ao céu e ocupar o seu trono ao lado do Pai Eterno.

Maria Santíssima também devia ressuscitar no terceiro dia, e subir ao céu, para ocupar o lugar de honra que lhe competia, como Mãe de Deus, corredentora dos homens, Rainha do Céu e Mãe dos homens.

Jesus devia **coroar na glória** aquela que já coroara na terra, e devia conservá-la perto de Si no céu, como a conservara perto de Si aqui na terra.

A glória da Virgem Mãe no céu, devia corresponder a estas três coisas incomensuráveis:

1. À **dignidade** de Mãe de Deus.
2. Às **graças** recebidas durante a sua vida mortal.
3. À excelência de seus **méritos.**

Três abismos insondáveis para nós... envolvendo a impenetrável grandeza da Virgem Imaculada e exigindo a sua ressurreição e a sua Assunção ao céu.

A MEDIANEIRA DAS GRAÇAS

É o último capítulo expositivo deste trabalho, destruindo a grande objeção protestante contra a **mediação** universal de Maria na **distribuição** das graças e sentando esta verdade sobre a base indestrutível do Evangelho, da lógica e do bom senso.

> "Só há um mediador entre Deus e os homens e este mediador é Jesus Cristo. (1Tm 2, 5)"

A Igreja Católica ensina e defende esta verdade, e nunca procurou colocar outro *Mediador* entre Deus e os homens.

Convém, pois, notar que do mesmo modo que há **um só Redentor,** embora haja ao lado deste Redentor a sua Mãe Santíssima unida a Ele, sofrendo com Ele, e resgatando o mundo com Ele; do mesmo modo há **um só Mediador,** embora haja ao lado dele, a sua Mãe Santíssima, ajudando neste ofício da distribuição das graças, como o ajudou em sua aquisição.

Há um duplo modo de ser *Mediador:*

1. Como **agente** principal, necessário.
2. Como **encarregado** de preparar os caminhos.

O primeiro mediador é **principal.**

O segundo é **secundário.**

O primeiro é *necessário.*

O segundo é *útil.*

Maria Santíssima é a auxiliar encarregada deste ofício por Jesus Cristo, ficando em segundo plano e agindo em tudo de acordo com o seu divino Filho.

A sua Mediação é *instrumental, ministerial,* e não prejudica em nada a Mediação *essencial* de Jesus Cristo, de quem ela depende, como o encarregado de um negócio depende em tudo do dono deste negócio.

Esta Mediação *secundária* de Maria é dupla:

1. **Geral,** com Jesus, entre Deus e os homens.
2. **Particular,** entre Jesus e os homens.

Jesus Cristo é o Mediador único, porque só Ele, pela sua natureza divina e humana está no **meio,** entre Deus e os homens, podendo deste modo servir de laço de reconciliação e de união entre ambos.

Maria é simples **criatura,** porém elevada à dignidade de Mãe de Deus; e pela sua Maternidade Divina, ela está **unida a seu Filho,** para a realização da Redenção do mundo.

Sendo certo que Maria teve parte ativa ao lado de Jesus na obra **redentora,** pelo fato mesmo, ela deve ter parte na obra da nossa **Salvação,** e em todas as graças que nos são dadas em vista do Redentor, pois tudo isso é uma única e mesma obra redentora.

Jesus e Maria estavam juntos no trabalho, juntos devem estar na glória.

Podemos, pois, e devemos tirar esta bela conclusão de São Bernardino, que resume tudo:

> "Todas as graças transmitidas aos homens neste mundo, lhes chegam por uma tríplice processão: Elas vão do Pai ao Cristo, do Cristo à Virgem Santa, da Virgem Santa a nós."

CONCLUSÃO

Terminando estas páginas de defesa dos privilégios da Virgem Santíssima, sinto a necessidade de recolher-me, de depor um instante a espada de dois gumes da polêmica, para dirigir à carinhosa Mãe de Jesus e nossa Mãe uma prece fervorosa pelos pobres e infelizes protes-

tantes, que fecham o coração ao amor de sua querida Mãe celeste para deixar penetrar nele o ódio da serpente antiga.

Deste modo, mau grado seu, eles realizam mais uma profecia que diz respeito à Virgem Imaculada e aos seus detratores.

Dirigindo-se à serpente maldita que acabava de perder os nossos primeiros pais, Deus lhe disse:

> "Porei inimizades entre ti e a mulher, entre a tua posteridade e a posteridade dela. (Gn 3, 15)"

A mulher de que se trata ali é visivelmente a **mulher bendita.**

A posteridade desta mulher são aqueles que a honram e invocam, que a proclamam **bem-aventurada,** conforme a sua própria profecia e ao exemplo de Santa Isabel.

A serpente é o demônio, o anjo das trevas, o pai do erro e da mentira.

A posteridade desta serpente são aqueles que se revoltam contra esta *mulher bendita,* continuando, deste modo, através dos séculos, a eterna separação entre Deus e o demônio, entre Maria e a serpente.

Triste profecia, que vemos realizada no desprezo que os infelizes protestantes votam à Mãe de Jesus.

Ó Mãe querida! Mãe de misericórdia, iluminai os pobres e infelizes transviados, e que sobre eles também se estendam a vossa mão materna, para alcançar-lhes a graça da conversão.

Nestas páginas combati os seus erros, unicamente com o intuito de mostrar-lhes a luz e o amor que ignoram, como também fazer firmar e estender o amor que católicos vos consagram.

Possam estas páginas serem portadoras de luz para os primeiros e de amor para todos.

É a única aspiração do autor.

P. Julio Maria